

NICHOLAS SPARKS

— *Romance* —

DEI-TE O MELHOR DE MIM

Nunca se esquece o primeiro amor



ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NICHOLAS SPARKS

— *Romance* —

DEI-TE O MELHOR DE MIM

Nunca se esquece o primeiro amor



NICHOLAS SPARKS

DEI-TE O MELHOR
DE MIM

Ficha Técnica

Título: DEI-TE O MELHOR DE MIM

Título original: THE BEST OF ME

Autor: Nicholas Sparks

Tradução: Isabel Veríssimo

Revisão: Carolina Matias

Capa: Maria Manuel Lacerda

ISBN: 9789892350806

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, Nicholas Sparks

© 2021, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

Epílogo - Dois anos mais tarde

Agradecimentos

*Para o Scott Schwimer,
um amigo maravilhoso*



As alucinações de Dawson Cole começaram depois da explosão na plataforma, no dia em que devia ter morrido.

Trabalhava há catorze anos em plataformas petrolíferas e estava convencido de que já vira de tudo um pouco. Em 1997, um helicóptero perdera o controlo no momento em que se preparava para pousar e despenhara-se no convés, transformando-se numa abrasadora bola de fogo, e Dawson sofrera queimaduras de segundo grau nas costas quando tentara um salvamento. Treze pessoas tinham perdido a vida, a maioria no interior do aparelho. Quatro anos mais tarde, quando um guindaste da plataforma tombara, um destroço de metal com o tamanho de uma bola de basquetebol fora projetado e quase lhe arrancara a cabeça. Em 2004, era um dos poucos trabalhadores que ainda se encontravam na plataforma quando o furacão Ivan a atingira, com ventos que sopravam a mais de cento e sessenta quilómetros por hora e ondas tão altas que ele equacionara a hipótese de ir buscar um para-quedas para a eventualidade de a plataforma colapsar. E aqueles perigos não eram os únicos. Pessoas escorregavam e sofriam fraturas, e cortes e hematomas eram uma constante entre a tripulação. Dawson perdera a conta aos ossos partidos que já vira, passara por dois surtos de intoxicação alimentar que tinham afetado toda a equipa e dois anos antes, em 2007, assistira ao naufrágio de um navio de abastecimento no momento em que se afastava da plataforma e vira os tripulantes serem resgatados no último minuto por uma lancha da guarda costeira que se encontrava nas imediações.

Contudo, a explosão foi uma coisa diferente. Como não houve uma fuga de petróleo – nessa circunstância, os dispositivos de segurança e os seus sistemas de reforço evitaram um grande derrame –, a história quase não foi referida nos noticiários nacionais e alguns dias depois já estava esquecida. No entanto, tinha sido um

verdadeiro pesadelo para as pessoas que se encontravam no local, incluindo ele. Até àquele momento, fora uma manhã sem incidentes. Dawson estava a monitorizar a casa das bombas quando um dos tanques de armazenamento de petróleo explodiu de repente. Antes de ele ter tempo sequer de perceber o que estava a acontecer, o impacto da explosão atirou-o contra uma arrecadação a alguma distância. Depois disso, o fogo espalhou-se. Coberta de massa lubrificante e de petróleo, num piscar de olhos toda a plataforma se transformou num inferno de chamas que engoliram tudo. Duas outras fortes explosões sacudiram a estrutura com uma violência ainda maior. Dawson lembrava-se de arrastar alguns corpos para longe das chamas, mas uma quarta explosão, mais intensa que as anteriores, atirou-o ao ar pela segunda vez. Tinha uma vaga lembrança de cair em direção à água, uma queda que, para todos os efeitos, devia tê-lo matado. Quando recuperou os sentidos, estava a boiar no golfo do México, cerca de cento e cinquenta quilómetros a sul de Vermilion Bay, no Luisiana.

Como a maioria dos colegas, não tivera tempo de vestir o fato de sobrevivência nem de pegar numa boia, mas entre as ondas avistou um homem de cabelo escuro a acenar ao longe, como se estivesse a fazer-lhe sinal para nadar para ele. Exausto e tonto, Dawson seguiu naquela direção, a lutar contra as ondas do oceano. As roupas e as botas arrastavam-no para baixo e quando os braços e as pernas começaram a ceder soube que ia morrer. Parecia-lhe que estava a aproximar-se, se bem que as ondas tornassem impossível ter a certeza. Nesse momento, viu um colete de salvação a flutuar no meio de alguns destroços e usou a pouca força que lhe restava para o alcançar. Mais tarde, soube que estivera na água mais de quatro horas e que se afastara mais de um quilómetro e meio da plataforma antes de ser resgatado por um navio de abastecimento que se dirigira rapidamente para o local. Foi puxado para bordo, transportado para o convés inferior e reunido com outros sobreviventes. Dawson tremia de hipotermia e estava atordoado. Embora a sua visão estivesse desfocada – mais tarde ser-lhe-ia diagnosticado um ligeiro traumatismo craniano –, reconheceu a sorte que tivera. Viu homens com queimaduras graves nos braços e nos ombros e outros a sangrar dos ouvidos ou com ossos partidos. Conhecia a maioria pelo nome. Não havia muitos lugares para onde ir na plataforma – no fundo, era uma pequena aldeia no meio do oceano – e, mais cedo ou mais tarde, todos acabavam por se encontrar no refeitório, na sala de convívio ou no ginásio. No entanto, um homem que o olhava do outro lado da divisão cheia de gente só lhe parecia vagamente familiar. Com cabelo escuro e cerca de quarenta anos, usava um casaco impermeável azul que algum tripulante do navio lhe devia ter emprestado. Dawson pensou que ele estava deslocado, pois parecia um empregado de escritório, não um operário de uma plataforma petrolífera. O homem acenou-lhe, trazendo a lembrança da figura que avistara na água – *era* ele – e Dawson sentiu que os cabelos da nuca se eriçavam. Antes de conseguir identificar a origem daquela inquietação, puseram-lhe uma manta sobre os ombros e levaram-no para um canto onde um médico esperava para o examinar.

Quando voltou para o seu lugar, o homem de cabelo escuro tinha desaparecido.

Durante a hora seguinte, mais sobreviventes foram trazidos para bordo, mas à medida que o corpo voltava a aquecer Dawson começou a imaginar o que teria acontecido ao resto da tripulação. Não via colegas com quem trabalhava há anos. Mais

tarde, ficaria a saber que tinham morrido vinte e quatro pessoas. A maioria dos corpos acabaria por ser encontrada, mas alguns nunca apareceram. Enquanto convalescia no hospital, não conseguia deixar de pensar que algumas famílias não teriam uma verdadeira forma de se despedirem.

Depois da explosão começou a ter dificuldade dormir, não porque tivesse pesadelos, mas porque não conseguia livrar-se da sensação de estar a ser observado. Sentia-se... *assombrado*, por muito ridículo que isso pudesse parecer. Dia e noite, havia momentos em que notava algum movimento pelo canto do olho, mas quando se virava nunca via nada nem ninguém que pudesse explicar aquela sensação. Perguntou a si mesmo se estaria a enlouquecer. O médico sugeriu que ele estava a ter uma reação pós-traumática ao stress do acidente e que o seu cérebro talvez ainda não estivesse inteiramente restabelecido do traumatismo craniano. Aquela explicação fazia sentido e parecia lógica, mas não o convenceu. De qualquer maneira, acenou com a cabeça. O médico prescreveu-lhe comprimidos para dormir, mas ele nem sequer se deu ao trabalho de os comprar.

Recebeu uma licença remunerada de seis meses enquanto as rodas da justiça começavam a movimentar-se. Três semanas mais tarde, a empresa propôs-lhe um acordo e ele assinou os documentos. Nessa altura já fora contactado por meia dúzia de advogados, todos ansiosos para serem os primeiros a mover uma ação coletiva, mas não queria passar por esse incómodo. Aceitou a indemnização que lhe ofereceram e depositou o cheque no dia em que o recebeu. Com dinheiro suficiente na conta para algumas pessoas pensarem que era rico, foi ao banco e transferiu a maior parte para uma conta nas ilhas Caimão. Dali, o montante foi enviado para a conta de uma empresa no Panamá que fora aberta quase sem burocracia, antes de ser transferido para o destino final. Como sempre, seria virtualmente impossível seguir o seu rasto.

Ficou apenas com o suficiente para pagar a renda e para algumas outras despesas. Não precisava de muito. E não queria muito. Vivia numa casa pré-fabricada móvel no fundo de uma estrada de terra nos arredores de Nova Orleães e as pessoas que a viam provavelmente pensavam que o seu maior mérito era não ter sido inundada pelo furacão Katrina em 2005. Com o revestimento exterior de plástico estalado e desbotado, a casa estava pousada sobre tijolos de cimento, alicerces temporários que se tinham tornado permanentes com o passar do tempo. Tinha um quarto, uma casa de banho, uma atravancada sala de estar e uma cozinha onde mal cabia um pequeno frigorífico. O isolamento térmico era quase inexistente e com o passar dos anos a humidade empenara o chão, dando-lhe a impressão de que estava sempre a andar num declive. O linóleo da cozinha estava estalado nos cantos, o tapete minúsculo estava muito puído e a casa fora mobilada com peças que comprara ao longo dos anos em lojas de artigos em segunda mão. Não havia uma única fotografia nas paredes. Embora vivesse ali há quase quinze anos, era mais um sítio onde comia, dormia e tomava duchas do que um lar.

Apesar da idade, a habitação estava quase sempre tão impecável como as casas do Garden District. Dawson era, e sempre fora, um pouco obcecado com a organização. Duas vezes por ano reparava as fendas e calafetava as junções para impedir a entrada de roedores e insetos, e sempre que estava a preparar-se para voltar para a plataforma esfregava o chão da cozinha e da casa de banho com desinfetante e retirava dos

armários qualquer coisa que pudesse estragar-se ou ganhar bolor. Regra geral, trabalhava trinta dias e tinha trinta dias de folga e qualquer coisa que não estivesse numa lata estragava-se em menos de uma semana, sobretudo durante o verão. Quando voltava, esfregava de novo a casa de cima a baixo enquanto a arejava, tentando livrar-se do cheiro a mofo.

No entanto, era tranquila, e não precisava de mais nada. Estava a quatrocentos metros da estrada principal e ainda mais distante do vizinho mais próximo. Depois de passar um mês na plataforma, era exatamente o que queria. Uma das coisas a que nunca se acostumara na plataforma era o ruído incessante. Um ruído que não era natural. Desde as gruas a reposicionarem continuamente suprimentos aos rotores de helicópteros, às bombas de extração de petróleo, ao bater constante de metal contra metal, a cacofonia nunca parava. As plataformas extraíam petróleo vinte e quatro horas por dia, o que significava que o clamor continuava mesmo enquanto tentava dormir. Ele procurava ignorá-lo enquanto estava na plataforma, mas sempre que voltava para a casa móvel ficava impressionado com o silêncio quase impenetrável quando o sol estava alto no céu. De manhã ouvia os pássaros nas árvores e ao anoitecer escutava como os grilos e as rãs sincronizavam por vezes o seu ritmo alguns minutos depois de o sol se pôr. Normalmente era relaxante, mas de vez em quando aquele som fazia-lhe lembrar a cidade onde crescera e quando isso acontecia ia para dentro de casa e obrigava as recordações a desaparecer. Para esquecer, tentava concentrar-se nas rotinas simples que dominavam a sua vida quando estava em terra firme.

Comia. Dormia. Corria, levantava pesos e arranjava o carro. Dava longos passeios de carro sem destino. Ocasionalmente, ia à pesca. Lia todas as noites e de vez em quando escrevia uma carta para Tuck Hostetler. E nada mais. Não possuía televisão nem rádio e, embora tivesse um telemóvel, só havia números de trabalho na lista de contactos. Comprava mercearias e produtos essenciais e entrava na livraria uma vez por mês, mas, tirando isso, nunca ia a Nova Orleães. Em catorze anos, nunca fora a Bourbon Street nem passeara pelo bairro francês; nunca bebera um café no Café Du Monde nem bebera um *hurricane* no bar Lafitte's Blacksmith Shop. Em vez de frequentar um ginásio, fazia exercício nas traseiras da casa móvel, sob uma velha lona que pendurara entre a casa e algumas árvores próximas. Não ia ao cinema nem passava as tardes de domingo em casa de amigos quando havia jogos dos Saints. Tinha quarenta e dois anos e desde a adolescência que não saía com uma mulher.

A maior parte das pessoas não queria ou não conseguiria viver assim, mas não o conheciam. Não sabiam quem fora nem o que fizera, e ele preferia que as coisas se mantivessem assim.

Depois, a meio de uma tarde quente em meados de junho, recebeu um telefonema inesperado e as lembranças do passado voltaram à tona. Dawson estava de licença há quase nove semanas. Pela primeira vez em cerca de vinte anos, ia voltar a casa. A ideia deixou-o apreensivo, mas sabia que não tinha escolha. Tuck fora mais do que um amigo; fora um verdadeiro pai. No silêncio, enquanto refletia sobre o ano que fora o ponto de viragem da sua vida, viu de novo um clarão de movimento. Quando se virou, não havia absolutamente nada ali e perguntou uma vez mais a si mesmo se estaria a enlouquecer.

O telefonema foi feito por Morgan Tanner, um advogado de Oriental, uma cidade da Carolina do Norte, para o informar que Tuck Hostetler tinha falecido.

– Há algumas providências que têm de ser tomadas pessoalmente – explicou-lhe Tanner.

Depois de desligar, o seu primeiro instinto foi reservar o voo e um quarto numa pensão, e em seguida telefonou para uma florista e encomendou uma entrega de flores.

Na manhã seguinte, depois de fechar a porta da casa móvel à chave, dirigiu-se para as traseiras, para o barracão de zinco onde guardava o carro. Era quinta-feira, 18 de junho de 2009, e ele levava consigo o único fato que tinha e uma mochila cilíndrica que preparara a meio da noite, quando não conseguia dormir. Abriu o cadeado e empurrou a porta para cima, observando a luz do sol incidir sobre o carro que restaurava e reparava desde os tempos do liceu. Era um *fastback*¹ de 1969, o tipo de carro que fazia virar cabeças quando Nixon era presidente e ainda causava o mesmo efeito. Parecia acabado de sair da linha de montagem e ao longo dos anos inúmeros desconhecidos tinham tentado comprá-lo. Dawson recusara todas as ofertas. «É mais do que um carro», dizia, sem dar mais explicações. Tuck teria compreendido exatamente o que ele queria dizer.

Dawson atirou a mochila cilíndrica para o banco do passageiro e pousou o fato em cima antes de se sentar atrás do volante. Quando rodou a chave na ignição, o motor ganhou vida com um forte ronco e ele avançou devagar para o caminho de gravilha antes de sair para fechar a porta do barracão. Enquanto isso, recapitulou uma lista mental para garantir que tinha tudo. Passados dois minutos estava na estrada principal e meia hora mais tarde estacionou o carro no parque de estacionamento de longa duração do aeroporto de Nova Orleães. Detestava deixá-lo ali, mas não tinha escolha. Pegou na bagagem e dirigiu-se para o terminal, onde um bilhete o esperava no balcão da companhia aérea.

O aeroporto estava muito movimentado. Homens e mulheres caminhavam de braço dado, famílias iam visitar os avós ou ao parque de diversões da Disney, estudantes viajavam entre as suas casas e universidades. Homens de negócios puxavam malas de cabina com rodas enquanto falavam ao telemóvel. Dawson colocou-se na lenta fila e esperou até haver um lugar livre no balcão. Mostrou a identificação e respondeu ao questionário básico de segurança antes de receber os cartões de embarque. Faria apenas uma escala de pouco mais de uma hora em Charlotte. Não era mau. Depois de aterrar em New Bern e ir buscar o carro que alugara, ainda teria quarenta minutos de viagem. Se não houvesse atrasos, estaria em Oriental ao fim da tarde.

Dawson só percebeu como estava cansado quando se sentou no avião. Não sabia bem a que horas tinha finalmente adormecido – a última vez que olhara para o relógio eram quase quatro da manhã –, mas pensara que poderia dormir no avião. Além disso, não teria muito que fazer quando chegasse à cidade. Era filho único, a mãe abandonara-o quando ele tinha três anos e o pai fizera um favor ao mundo ao beber até morrer. Dawson não falava com ninguém da sua família há anos e não pretendia reatar os contactos.

Seria uma viagem rápida, chegar e partir. Faria o que tinha a fazer e não pretendia demorar-se mais do que o necessário. Podia ter crescido em Oriental, mas no fundo nunca pertencera àquele lugar. A cidade que ele conhecia não se assemelhava em nada à alegre imagem que era publicitada pelo gabinete de turismo da região. Para a maioria das pessoas que passava uma tarde ali, Oriental era uma pitoresca cidadezinha, apreciada por artistas, poetas e reformados que não queriam nada mais a não ser passar os últimos anos de vida a velejar no rio Neuse. Tinha o indispensável bonito centro onde não faltavam antiquários, galerias de arte e cafés, e eram realizados ali mais festivais por semana do que parecia possível numa cidade com menos de mil habitantes. Porém, a verdadeira Oriental, a que ele conhecera na infância e na adolescência, era a que era habitada por famílias cujos antepassados residiam na região desde os tempos coloniais. Pessoas como o juiz McCall e o xerife Harris, Eugenia Wilcox e as famílias Collier e Bennett. Essas pessoas eram as que sempre tinham sido as proprietárias da terra e a cultivavam, que vendiam a madeira e criavam os negócios. Eram a poderosa influência invisível numa cidade que sempre lhes pertencera. E mantinham-na como queriam.

Dawson descobriu isso em primeira mão aos dezoito anos e novamente aos vinte e três, quando partiu para nunca mais voltar. Não era fácil ser um Cole no condado de Pamlico, sobretudo em Oriental. Tanto quanto sabia, todos os Cole até ao seu bisavô tinham estado presos em algum momento da vida. Vários membros da família tinham sido condenados por tudo, desde insulto e agressão até fogo posto, tentativa de homicídio e homicídio qualificado, e a propriedade de solo rochoso e pinhal onde a família alargada vivia era um verdadeiro país com as suas próprias leis. Um punhado de decrépitas barracas, casas móveis e celeiros cheios de lixo erguiam-se na propriedade a que a família chamava casa e, a menos que não tivesse alternativa, até o xerife evitava aquele lugar. Os caçadores mantinham-se longe, presumindo, com toda a razão, que a placa onde se lia OS INTRUSOS SERÃO RECEBIDOS A TIRO não era um simples aviso, mas uma promessa. Os Cole eram contrabandistas de bebidas alcoólicas, traficantes de droga, alcoólatras, batiam nas mulheres, pais e mães agrediam os filhos, eram ladrões e proxenetas e, acima de tudo, eram patologicamente violentos. Segundo um artigo publicado numa revista que já não existia, a dada altura chegaram a ser considerados a família mais violenta e vingativa a leste de Raleigh. O pai de Dawson não era exceção. Entre os vinte e os trinta anos, estivera preso por vários crimes, como apunhalar um homem com um picador de gelo por se ter atravessado à sua frente na estrada. Fora julgado e absolvido duas vezes por homicídio, depois de as testemunhas desaparecerem, e até o resto da família tinha plena consciência de que não devia irritá-lo. Dawson não conseguia perceber como, nem porque, é que a sua mãe se casara com ele. Não a culpava por ter fugido. Ele próprio quisera fazer o mesmo durante a maior parte da infância. Também não a culpava por não o ter levado. Os homens da família Cole eram estranhamente possessivos em relação aos filhos e não tinha qualquer dúvida de que o pai a teria perseguido e o teria trazido de volta. Ele dissera-lhe isso mesmo mais do que uma vez e Dawson não se atrevera a perguntar-lhe o que teria feito se ela se recusasse a entregá-lo. Já conhecia a resposta.

Perguntou a si mesmo quantos membros da família ainda viveriam na propriedade. Quando se fora embora, além do pai viviam lá um avô, quatro tios, três tias e dezasseis

primos. Agora, com os primos crescidos e com filhos, deviam ser mais, mas ele não estava interessado em descobrir. Aquele podia ter sido o mundo em que crescera, mas, à semelhança do que sentia em relação a Oriental, nunca pertencera àquela família. Talvez a mãe, fosse ela quem fosse, tivesse alguma coisa a ver com isso, mas não era igual a eles. Ao contrário dos primos, nunca se metia em brigas, e tirava notas razoáveis na escola. Mantinha-se longe de drogas e bebida, e durante a adolescência evitava os primos quando eles andavam pela cidade à procura de confusão. Nessas ocasiões, dizia-lhes que tinha de vigiar o alambique ou ajudar a dismantelar um carro que alguém da família roubara. Não levantava ondas e esforçava-se ao máximo para não dar nas vistas.

Tentava agradar a gregos e a troianos. Os Cole podiam ser um bando de criminosos, mas isso não significava que fossem burros, e Dawson sabia instintivamente que tinha de disfarçar as suas diferenças o melhor possível. Devia ser o único miúdo na história da sua escola que estudava o suficiente para ter negativa num teste de propósito, e aprendeu a falsificar os boletins escolares para que as notas parecessem piores do que eram. Aprendeu a esvaziar uma lata de cerveja às escondidas quando alguém virava as costas, furando-a com uma faca, e quando usava o trabalho como desculpa para evitar os primos labutava muitas vezes até de madrugada. Tudo isto resultou durante algum tempo, mas depois começaram a surgir fendas na fachada. Um dos seus professores comentou com um amigo de copos do pai que Dawson era o melhor aluno da turma e as tias e os tios começaram a aperceber-se de que ele era o único dos primos que se mantinha dentro dos limites da lei. Ele era diferente numa família que valorizava acima de tudo a lealdade e a conformidade, e não existia pecado pior do que esse.

O pai ficou furioso. Embora Dawson estivesse acostumado a levar tareias desde muito pequeno – o pai gostava de usar cintos e correias –, aos doze anos os espancamentos tornaram-se pessoais. O pai batia-lhe até as costas e o peito ficarem negros e voltava uma hora depois para se concentrar no rosto e nas pernas. Os professores sabiam o que se passava, mas temiam pelas suas famílias e ignoravam a situação. O xerife fingia não ver os hematomas e os vergões quando Dawson voltava para casa depois das aulas. O resto da família não via qualquer problema nisso. Abee e Ted Tarado, os primos mais velhos, batiam-lhe com alguma frequência, espancando-o com tanta crueldade como o pai – Abee porque pensava que Dawson merecia e Ted Tarado por pura diversão. Alto e entroncado, com punhos enormes, Abee era violento e irritadiço, mas era mais inteligente do que dava a entender. Por outro lado, Ted já nascera mau. No jardim de infância, espetara um lápis num colega enquanto brigavam por um *Twinkie*, e antes de ser por fim expulso da escola no quinto ano, já tinha mandado outro colega de turma para o hospital. Diziam que tinha matado um drogado quando era adolescente. Dawson achava que era melhor não ripostar. Em vez disso, aprendeu a proteger-se enquanto recebia os golpes, até os primos se fartarem, ou se cansarem, ou as duas coisas.

No entanto, não se envolveu nos esquemas da família e decidiu que nunca o faria. Com o tempo, percebeu que quanto mais gritava mais o pai lhe batia, por isso mantinha a boca fechada. Por muito violento que o pai fosse, também era um rufião, e Dawson percebeu instintivamente que os rufiões só travavam as batalhas que sabiam

que podiam vencer. Tinha plena consciência de que um dia deixaria de ter medo dele e seria suficientemente forte para lhe fazer frente. Debaixo da uma saraivada de golpes, tentava imaginar a coragem que a mãe tivera ao cortar todos os laços com a família.

Fez o seu melhor para acelerar o processo. Amarrou um saco cheio de trapos a uma árvore e passava horas a dar-lhe socos todos os dias. Levantava pedras e peças de motor sempre que podia. Fazia elevações, flexões e abdominais ao longo do dia. Antes de fazer treze anos, ganhara quatro quilos e meio de massa muscular, e aos catorze já conseguira mais nove. Também estava a crescer. Aos quinze anos, era quase tão alto como o pai. Um mês depois de completar dezasseis anos, o pai atirou-se a ele com um cinto depois de uma noite de bebedeira e Dawson levantou-se, arrancou-lho da mão e disse-lhe que o mataria se alguma vez lhe voltasse a tocar.

Nessa noite, sem ter para onde ir, refugiara-se na oficina de Tuck. Quando o mecânico o encontrou na manhã seguinte, o rapaz pediu-lhe trabalho. Não havia nenhum motivo para que ele o ajudasse, pois era não apenas um desconhecido, mas um Cole. Tuck limpou as mãos no lenço que guardava no bolso de trás das calças e observou-o antes de pegar nos cigarros. Na época, tinha sessenta e um anos e era viúvo há dois. Quando falou, Dawson sentiu o cheiro a álcool no seu hálito e a voz soou áspera dos resíduos dos *Camel* sem filtro que fumava desde criança. O seu sotaque, como o de Dawson, era totalmente provinciano.

– Calculo que sabes dismantelá-los, mas fazes ideia de como se montam?

– Sim, senhor – respondeu Dawson.

– Tens escola hoje?

– Sim, senhor.

– Então, vem para cá depois das aulas e vou ver do que és capaz.

Dawson apareceu e esforçou-se ao máximo para provar o seu valor. Depois do trabalho choveu durante a maior parte da noite e, quando voltou às escondidas para a oficina para se abrigar da tempestade, Tuck estava à sua espera.

O mecânico não disse nada. Deu uma longa passa no cigarro, olhou de soslaio para o rapaz sem falar e acabou por voltar para casa. Dawson nunca mais passou outra noite na propriedade da família. Tuck não lhe cobrava renda e Dawson comprava a sua própria comida. Com o passar dos meses, começou a pensar no futuro pela primeira vez na vida. Poupava o mais que podia, permitindo-se apenas o luxo de comprar o *fastback* num ferro-velho e embalagens de quatro litros de chá doce na tasca. À noite, depois do trabalho, restaurava o carro enquanto bebia o chá e sonhava ir para a faculdade, uma coisa que nenhum Cole alguma vez fizera. Pensou na possibilidade de se alistar no exército ou de alugar simplesmente uma casa, mas antes de ter tempo de tomar uma decisão o pai apareceu de repente na oficina. Vinha acompanhado de Ted Tarado e Abee. Ambos traziam tacos de basebol e ele viu o contorno de uma faca no bolso de Ted.

– Dá-me o dinheiro que tens ganhado – disse-lhe o pai sem rodeios.

– Não – respondeu Dawson.

– Eu sabia que ias dizer isso, rapaz. Foi por isso que trouxe o Ted e o Abee. Eles podem dar-te uma tarefa e eu tiro-to na mesma, ou podes dar-me o que me debes por teres fugido.

Dawson ficou calado. O pai palitou os dentes.

– Basta cometer um crime na cidade para acabar com esta tua vidinha. Talvez um roubo ou um incêndio. Quem sabe? Depois, é só plantar umas provas falsas, fazer um telefonema anónimo para o xerife e deixar a lei fazer o seu trabalho. Tu estás aqui sozinho à noite e não tens um álibi, e por mim podes passar o resto da vida a apodrecer na cadeia, rodeado de ferro e betão. Estou-me completamente nas tintas. O melhor que tens a fazer é entregar-me o dinheiro.

Dawson sabia que o pai não estava a fazer *bluff*. Mantendo uma expressão impassível, tirou o dinheiro da carteira. Depois de contar as notas, o pai cuspiu o palito para o chão e sorriu.

– Volto na próxima semana.

Dawson remediava-se como podia. Conseguia guardar algum do dinheiro que ganhava para continuar a consertar o carro e comprar chá doce, mas a maior parte ia para o pai. Embora desconfiasse que Tuck sabia o que se passava, ele nunca lhe disse nada diretamente. Não por ter medo dos Cole, mas porque não era da sua conta. No entanto, começou a preparar demasiada comida ao jantar para comer sozinho.

– Sobrou um pouco, se quiseres – dizia, entrando na oficina com um prato. A maior parte das vezes, voltava para casa sem dizer mais nada. Era o tipo de relação que tinham, e Dawson respeitava isso. Respeitava Tuck. À sua maneira, aquele homem tornara-se a pessoa mais importante da sua vida e ele não conseguia imaginar nada que pudesse mudar isso.

Até ao dia em que Amanda Collier entrou no seu mundo.

Embora conhecesse Amanda há anos – existia apenas uma escola secundária no condado de Pamlico e tinham sido colegas a maior parte da vida –, só na primavera do décimo primeiro ano é que trocaram mais do que algumas palavras. Dawson sempre a achara bonita, e não era o único. Amanda era popular, o tipo de rapariga que estava sempre rodeada de amigas no refeitório enquanto os rapazes competiam pela sua atenção, e era a delegada de turma e a líder da claqué. Além disso, era rica e tão inacessível para Dawson como uma atriz de televisão. Ele nunca lhe dirigira a palavra, até os dois passarem a ser colegas de laboratório na aula de química.

Nesse semestre, enquanto manuseavam tubos de ensaio e estudavam juntos para os testes, Dawson percebeu que ela era totalmente diferente do que imaginara. Em primeiro lugar, o facto de ela ser uma Collier e ele ser um Cole não parecia fazer a menor diferença para Amanda, o que o surpreendeu. Ela tinha uma gargalhada rápida e contagiante e o seu sorriso era travesso, como se soubesse alguma coisa que todos ignoravam. O cabelo possuía um rico tom de louro da cor do mel, os olhos eram azuis como os quentes céus de verão e por vezes, enquanto resolviam equações nos cadernos, ela tocava-lhe no braço para lhe chamar a atenção, e a sensação daquele toque mantinha-se durante horas. À tarde, enquanto estava a trabalhar na oficina, Dawson percebia que não conseguia deixar de pensar nela. Só na primavera é que se encheu de coragem para a convidar para comer um gelado e pouco antes do fim do ano letivo começaram a passar cada vez mais tempo juntos.

Corria o ano de 1984 e ele tinha dezassete anos. Quando o verão chegou ao fim, soube que estava apaixonado, e quando o ar ficou frio e as folhas de outono começaram a cobrir o chão com tiras de vermelho e amarelo, teve a certeza de que queria passar o resto da vida com ela, por mais louco que isso pudesse parecer.

Continuaram juntos no ano seguinte, tornando-se cada vez mais próximos e passando todos os momentos possíveis na companhia um do outro. Com Amanda, era fácil para Dawson ser ele mesmo; com Amanda, era feliz pela primeira vez na vida. Mesmo depois de tanto tempo, às vezes a única coisa em que conseguia pensar era naquele último ano que tinham passado juntos.

Ou, melhor dizendo, a única coisa em que conseguia pensar era em Amanda.

Dawson instalou-se confortavelmente no avião. Tinha um lugar à janela, sensivelmente a meio do aparelho, ao lado de uma jovem: ruiva, trinta e poucos anos, pernas compridas e alta. Não era propriamente o seu tipo, mas era bastante bonita. A mulher inclinou-se para o seu lado enquanto procurava o cinto de segurança e desculpou-se com um sorriso.

Dawson acenou com a cabeça, mas, ao perceber que ela estava prestes a meter conversa, voltou-se para a janela. Enquanto observava a carrinha das bagagens a afastar-se do avião deixou-se levar, como tantas vezes, para distantes lembranças de Amanda. Recordou as ocasiões em que iam nadar no rio Neuse naquele primeiro verão, com os corpos escorregadios a roçarem um no outro; ou como Amanda costumava empoleirar-se na bancada na oficina de Tuck enquanto ele trabalhava no seu carro, com os joelhos abraçados contra o peito e fazendo-o pensar que o que mais queria era vê-la sentada assim para sempre. Em agosto, conseguiu por fim pôr o carro a trabalhar e levou-a à praia. Estenderam-se nas toalhas com as mãos entrelaçadas enquanto conversavam sobre os seus livros preferidos, sobre os filmes de que gostavam, sobre seus segredos e sonhos para o futuro.

Também discutiam, e nessas ocasiões Dawson apercebia-se da sua natureza impetuosa. Os desentendimentos não eram constantes, mas também não eram raros. Surpreendentemente, por mais depressa que os ânimos se exaltassem, acalmavam quase sempre com igual rapidez. Às vezes, era por coisas sem importância – Amanda era muito teimosa –, e discutiam furiosamente durante algum tempo, regra geral sem chegarem a um consenso. Mesmo quando ficava irritado de verdade, Dawson não conseguia deixar de admirar a franqueza dela, uma franqueza enraizada no facto de gostar mais dele que qualquer outra pessoa na sua vida.

Além de Tuck, ninguém compreendia o que ela via em Dawson. Apesar de terem tentado esconder a relação no início, Oriental era uma cidade pequena e as pessoas começaram inevitavelmente a comentar. Todas as amigas de Amanda se afastaram dela e foi apenas uma questão de tempo até os pais dela descobrirem o motivo. Ele era um Cole e ela uma Collier, o que era mais do que suficiente para causar consternação. Num primeiro momento, os pais de Amanda agarraram-se à esperança de que ela estava apenas a passar por uma fase de rebeldia e tentaram ignorar o assunto. Quando a estratégia não resultou, as coisas ficaram mais difíceis para ela. Os pais tiraram-lhe a carta de condução e proibiram-na de usar o telefone. Durante o outono, passou várias semanas seguidas de castigo e foi proibida de sair aos fins de semana. Dawson nunca foi autorizado a entrar na casa da família e a única vez em que o pai de Amanda lhe dirigiu a palavra foi para lhe chamar «pobretanas desprezível». A mãe implorou-lhe

que terminasse o namoro e em dezembro daquele ano o pai deixou de lhe falar.

A hostilidade que os cercava só contribuiu para os aproximar ainda mais e, quando Dawson começou a dar-lhe a mão em público, Amanda apertava-a com força, desafiando qualquer um a mandá-la soltá-la. Mas Dawson não era ingênuo; por mais que gostasse de Amanda, teve sempre a sensação de que os seus dias estavam contados. Tudo e todos pareciam conspirar contra eles. Quando o pai dele descobriu a respeito de Amanda, começou a fazer-lhe perguntas quando vinha buscar o dinheiro. Embora não houvesse nada claramente ameaçador no seu tom de voz, o simples facto de ouvi-lo dizer o nome dela deixava Dawson com o estômago embrulhado.

Em janeiro, Amanda fez dezoito anos, mas, por mais que estivessem furiosos com o namoro, os pais não a expulsaram de casa. Nessa altura, ela já não se importava com o que eles pensavam – pelo menos, era o que dizia sempre a Dawson. Por vezes, depois de mais uma intensa discussão com eles, escapulia-se pela janela do quarto a meio da noite e ia para a oficina. Muitas vezes ele estava à sua espera, mas de vez em quando acordava com Amanda a empurrá-lo enquanto se deitava ao seu lado na esteira que ele estendia no chão da oficina. Iam até ao riacho e Dawson abraçava-a enquanto se sentavam num dos ramos baixos de um antigo carvalho. Ao luar, enquanto os ruivos saltavam na água, Amanda contava-lhe as discussões com os pais, por vezes com a voz entrecortada, mas tendo sempre o cuidado de não ferir os seus sentimentos. Dawson amava-a por isso, mas sabia muito bem o que os pais dela pensavam a seu respeito. Uma noite, enquanto ela chorava depois de mais uma discussão, sugeriu com suavidade que talvez fosse melhor deixarem de se ver.

– É o que tu queres? – murmurou ela em voz rouca.

Dawson puxou-a para si e rodeou-a com os dois braços.

– Eu só quero que sejas feliz – sussurrou.

Amanda encostou-se a ele e pousou a cabeça no seu ombro. Enquanto a abraçava, Dawson odiou-se mais do que nunca por ter nascido na família Cole.

– É quando estou contigo que sou mais feliz – murmurou ela por fim.

Mais tarde nessa noite, fizeram amor pela primeira vez. E nas duas décadas seguintes, e mais ainda, ele trouxe dentro de si aquelas palavras e as lembranças daquela noite, sabendo que ela falara pelos dois.



Depois de aterrar em Charlotte, Dawson colocou o saco de lona e o fato ao ombro e atravessou o terminal, mal reparando nas movimentações à sua volta enquanto relembrava episódios do último verão que passara com Amanda. Na primavera desse ano, ela soube que tinha sido aceite na Universidade de Duke, um sonho que tinha desde a infância. O espectro da partida, aliado ao isolamento da família e dos amigos, só aumentou o desejo de estarem o máximo de tempo possível juntos. Passavam horas na praia, davam longos passeios de carro com o rádio no máximo ou ficavam apenas na oficina de Tuck. Juraram que pouco mudaria quando ela partisse para a faculdade. Ele iria de carro até Durham ou ela viria visitá-lo. Amanda não duvidava de que arranjariam uma forma de manter a relação.

No entanto, os pais tinham outros planos. Num sábado de manhã em agosto, pouco

mais de uma semana antes da partida para Durham, confrontaram-na antes de ela poder sair casa. A mãe foi a única a falar, embora Amanda soubesse que o pai estava de acordo com tudo o que foi dito.

– Isto já foi longe de mais – começou a mãe e, num tom de voz surpreendentemente calmo, disse a Amanda que se ela continuasse a encontrar-se com Dawson teria de sair de casa em setembro e começar a pagar as suas contas. Além disso, também não lhe pagariam a faculdade.

– Porque haveríamos de gastar dinheiro com a universidade quando estás a dar cabo da tua vida?

Quando Amanda começou a protestar, a mãe falou por cima dela.

– Ele vai arrastar-te para a lama, Amanda, mas tu és demasiado jovem para perceberes isso. Se queres ter a liberdade de ser adulta, terás de assumir as responsabilidades. Se queres ficar com o Dawson e estragar a tua vida... nós não vamos impedir-te. Mas também não te vamos ajudar.

Amanda saiu de casa a correr e só pensava em encontrar Dawson. Quando chegou à oficina, chorava tanto que não conseguia falar. Ele abraçou-a com força, deixando os fragmentos da história saírem a pouco e pouco até os soluços pararem por fim.

– Podemos viver juntos – disse ela, com o rosto ainda molhado.

– Onde? – perguntou-lhe Dawson. – Aqui? Na oficina?

– Não sei. Havemos de arranjar alguma coisa.

Dawson ficou calado, a olhar para o chão.

– Tu tens de ir para a universidade – disse-lhe por fim.

– Não quero saber da universidade – protestou Amanda. – Só tu me importas.

Ele deixou cair os braços ao longo do corpo.

– Eu também me importo contigo. E não te posso tirar isso.

Amanda abanou a cabeça, perplexa.

– Tu não me estás a tirar nada. Os meus pais, sim. Tratam-me como se ainda fosse uma criança.

– É por minha causa e ambos sabemos disso. – Deu um pontapé na terra. – Quando se ama uma pessoa, devemos deixá-la ir, certo?

Pela primeira vez, os olhos de Amanda chisparam.

– E se ela voltar é porque estava destinado? É o que pensas que isto é? Algum tipo de cliché? – Agarrou-lhe no braço e enterrou os dedos na pele dele. – Nós não somos um cliché – continuou. – Vamos encontrar uma maneira de isto resultar. Posso arranjar um emprego a servir às mesas ou uma coisa do género e podemos arrendar uma casa.

Dawson manteve a voz calma e desejou que não falhasse.

– Como? Achas que o meu pai vai parar o que está a fazer?

– Podemos sair daqui.

– E ir para onde? Com quê? Eu não tenho nada. Não percebes isso? – Deixou as palavras no ar e, quando ela não respondeu, disse: – Só estou a tentar ser realista. Estamos a falar da tua vida. E... não posso continuar a fazer parte dela.

– O que estás a dizer?

– Estou a dizer que os teus pais têm razão.

– Não estás a falar a sério.

Dawson ouviu algo muito parecido com medo na voz de Amanda. Por mais que

quisesse abraçá-la, recuou deliberadamente um passo.

– Vai para casa.

Ela aproximou-se dele.

– Dawson...

– Não! – exclamou ele com brusquidão, e afastou-se rapidamente. – Tu não estás a ouvir-me. Acabou, está bem? Tentámos, mas não resultou. A vida continua.

Ela ficou pálida, o rosto quase sem vida.

– Então, é assim?

Em vez de responder, Dawson obrigou-se a virar-lhe as costas e voltar para a oficina. Sabia que bastaria olhar uma única vez para Amanda e mudaria de ideias, e não podia fazer-lhe isso. Não lhe faria isso. Inclinou-se sobre o capô do *fastback* para não deixar que ela visse as suas lágrimas.

Quando Amanda se foi finalmente embora, Dawson deslizou para o sujo chão de betão e ficou ali durante horas, até Tuck sair de casa e se sentar ao seu lado. Ele manteve-se em silêncio durante muito tempo.

– Acabaste tudo com ela – disse por fim.

– Teve de ser. – Dawson mal conseguia falar.

– Pois. – Tuck acenou com a cabeça. – Também ouvi isso.

O sol estava alto no céu, cobrindo tudo no exterior da oficina com uma quietude que lembrava a morte.

– Fiz a coisa certa?

Tuck enfiou a mão no bolso e tirou um maço de cigarros, a ganhar tempo antes de responder. Por fim, pegou num *Camel*.

– Não sei. Há uma grande magia entre os dois e é impossível negar isso. E essa magia torna mais difícil esquecer. – Bateu-lhe nas costas e levantou-se para se ir embora. Nunca tinha falado tanto com Dawson sobre Amanda. Enquanto o mecânico se afastava, Dawson semicerrou os olhos contra o sol e as lágrimas recomeçaram a cair. Sabia que Amanda seria sempre a melhor parte de si, o «eu» que ele passaria a vida a querer conhecer.

O que não sabia era que não voltaria a vê-la nem a falar com ela. Na semana seguinte, Amanda mudou-se para uma residência na Universidade de Duke e um mês depois ele foi preso.

E passou os quatro anos seguintes atrás das grades.

1 Carro com a parte de trás alongada que desce desde o tejadilho até ao para-choques. (*N. da T.*)



Amanda saiu do carro e observou a pequena casa nos arredores da cidade que fora o lar de Tuck. Tinha passado três horas a conduzir e soube-lhe bem esticar as pernas. O pescoço e os ombros continuavam tensos em resultado da discussão que tivera com Frank nessa manhã. Ele não compreendera a insistência dela em ir ao funeral e, pensando bem, talvez tivesse alguma razão. Em quase vinte anos de casamento, nunca lhe falara sobre Tuck Hostetler. Se estivesse no lugar dele, era muito provável que também tivesse ficado irritada.

Contudo, a discussão não fora por causa de Tuck nem dos seus segredos, nem mesmo porque passaria mais um fim de semana prolongado longe da família. Muito no fundo, os dois sabiam que era apenas a continuação da discussão que vinham tendo ao longo da maior parte dos últimos dez anos e que seguira o padrão habitual. Não fora inflamada nem violenta – graças a Deus, o marido não era desse tipo –, e no fim Frank tinha balbuciado um seco pedido de desculpas antes de sair para o trabalho. Como sempre, Amanda passara o resto da manhã e toda a tarde a tentar esquecer o que acontecera. Afinal de contas, não podia fazer nada, e com o tempo aprendera a anestesiar-se da raiva e da ansiedade que se tinham tornado uma constante no seu casamento.

Durante a viagem até Oriental, os dois filhos mais velhos, Jared e Lynn, tinham ligado e aquela distração fora uma bênção. Era verão e eles estavam de férias, e nas últimas semanas a casa enchera-se da incessante algazarra que era apanágio dos adolescentes. O funeral de Tuck não podia ter acontecido em melhor altura. Jared e Lynn já tinham planos para passar o fim de semana com amigos – Jared com uma rapariga chamada Melody e Lynn com uma amiga do liceu, para passearem de barco no lago Norman, onde a família tinha uma casa. Annette – o «maravilhoso acidente»,

como Frank lhe chamava – estava a passar duas semanas numa colónia de férias. Era muito provável que também lhe tivesse ligado se os telemóveis não estivessem proibidos, o que até era bom, senão a sua pequena tagarela passaria o tempo todo a telefonar, de manhã, à tarde e à noite.

Pensar nos filhos trouxe-lhe um sorriso aos lábios. Apesar do trabalho de voluntariado no Centro de Oncologia Pediátrica do Hospital Universitário Duke, a sua vida girava quase exclusivamente em torno deles. Desde o nascimento de Jared que era mãe a tempo inteiro e, embora tivesse aceitado de bom grado aquele papel e o adorasse, houvera sempre uma parte de si que se irritava com as suas limitações. Amanda gostava de pensar que era mais que uma simples esposa e mãe. Fizera um curso superior para ser professora e chegara a equacionar um doutoramento e a fazer planos para lecionar numa das universidades da região. Quando terminara o curso, dera aulas a alunos do terceiro ano... e depois a vida mudara-lhe os planos. Agora, aos quarenta e dois anos, por vezes surpreendia-se ao dizer em tom de brincadeira que mal podia esperar para crescer e descobrir o que queria fazer na vida.

Poder-se-ia dizer que era uma crise meia-idade, mas Amanda não sabia se era bem isso. Não sentia vontade de comprar um carro desportivo, de consultar um cirurgião plástico nem de fugir para uma ilha das Caraíbas. Também não era uma questão de tédio; só Deus sabia como os filhos e o hospital a mantinham ocupada. Era mais uma sensação de que, de alguma forma, perdera de vista a pessoa que em tempos queria ser e não sabia muito bem se conseguiria voltar a encontrá-la.

Durante muito tempo, considerara-se uma mulher de sorte, em grande parte por causa de Frank. Tinham-se conhecido numa festa numa república durante o seu segundo ano na Universidade de Duke. Apesar do caos da festa, conseguiram encontrar um canto sossegado onde conversaram até de madrugada. Dois anos mais velho que Amanda, Frank era sério e inteligente, e mesmo naquela primeira noite ela soube que ele teria sucesso em tudo o que decidisse fazer. Bastou aquele encontro para começarem a sair juntos. Em agosto, ele foi para a Faculdade de Medicina Dentária em Chapel Hill, mas continuaram a namorar nos dois anos seguintes. O noivado foi o desfecho esperado, e em julho de 1989, poucas semanas depois de Amanda terminar a licenciatura, casaram-se.

Após uma lua de mel nas Bahamas, começara a dar aulas numa escola do primeiro ciclo, mas quando Jared nasceria, no verão seguinte, tirara uma licença sabática. Lynn nasceu passados dezoito meses e a licença sabática tornou-se permanente. Nessa altura, Frank conseguira um empréstimo para abrir um consultório e comprar uma pequena casa em Durham. Foram anos difíceis. Frank queria vencer sozinho e recusou-se a aceitar ajuda das duas famílias. Depois de pagarem as contas, quase nunca sobrava dinheiro para alugarem um filme ao fim de semana. Raramente jantavam fora e quando o carro avariou Amanda passou um mês inteiro sem sair de casa, até poderem pagar o arranjo. Dormiam com mais cobertores na cama para reduzir a despesa com o aquecimento e, apesar de terem sido anos stressantes e esgotantes, quando parava para pensar na sua vida Amanda sabia que tinham sido alguns dos mais felizes do casamento.

O número de clientes no consultório de Frank foi crescendo e em muitos aspetos as suas vidas seguiram um padrão previsível. Frank trabalhava e ela tomava conta da

casa e dos filhos. Depois, quando venderam a primeira casa e se mudaram para uma maior que tinham mandado construir numa zona mais nobre da cidade, tiveram a terceira filha, Bea. A partir desse momento, a vida ficou ainda mais ocupada. O consultório de Frank começou a ter muito sucesso. Amanda levava e ia buscar Jared à escola e levava Lynn a parques e a festas, sempre com Bea numa cadeirinha de bebê entre os dois. Foi durante esses anos que começou a pensar em voltar a estudar. Até analisou alguns programas de mestrado, pensando que talvez se inscrevesse quando Bea fosse para o jardim de infância. Todavia, quando Bea morreu, as suas ambições esmoreceram. Discretamente, arrumou os livros para os exames de admissão e guardou os impressos de candidatura numa gaveta da secretária.

A gravidez inesperada de Annette fortaleceu a sua decisão de não voltar a estudar. Aquela gravidez fez despertar em si uma vontade renovada de se concentrar na reconstrução da família, e dedicou-se com afinco às atividades e rotinas dos filhos, quanto mais não fosse para impedir que a dor a destroçasse. À medida que os anos foram passando e as lembranças da irmã mais nova começaram a desaparecer, as vidas de Jared e Lynn voltaram a pouco a pouco à normalidade e Amanda estava grata por isso. A otimista Annette trouxe um novo tipo de alegria ao lar e de vez em quando Amanda quase conseguia fingir que eram uma família completa e unida que nunca fora atingida pela tragédia.

Não era tão fácil fingir o mesmo em relação ao casamento.

Amanda não tinha, e nunca tivera, a ilusão de que o casamento era uma relação caracterizada por felicidade e romance eternos. Juntem-se duas pessoas, acrescentem-se os inevitáveis altos e baixos, agite-se vigorosamente a mistura e são inevitáveis algumas acesas discussões, por mais que o casal se ame. O tempo também trouxe outros desafios. O conforto e a familiaridade eram maravilhosos, mas também entorpeciam a paixão e o entusiasmo. A previsibilidade e o hábito tornavam as surpresas quase impossíveis. Não havia histórias novas para contar, muitas vezes conseguiam terminar as frases um do outro e tanto ela como Frank tinham chegado a um ponto em que um único olhar estava repleto de significado suficiente para dispensar palavras. Todavia, a perda de Bea mudara-os. No caso de Amanda, a morte da filha levava-a a dedicar-se incondicionalmente ao trabalho de voluntariado no hospital; Frank, por outro lado, deixara de beber apenas ocasionalmente para se tornar um verdadeiro alcoólatra.

Amanda conhecia a diferença, e nunca fora pudica em relação à bebida. Bebera de mais em várias festas da faculdade e ainda gostava de beber um copo de vinho ao jantar. Por vezes até bebia um segundo copo, mas era quase sempre suficiente. Porém, no caso de Frank, o que começara como uma forma de anestesiá-la a dor transformara-se em algo que ele já não conseguia controlar.

Em retrospectiva, por vezes pensava que devia ter previsto aquilo. Na universidade, ele gostava de assistir a jogos de basquetebol enquanto bebia com os amigos e na faculdade de medicina dentária costumava descontraí-los com duas ou três cervejas a seguir às aulas. No entanto, durante os terríveis meses da doença de Bea, duas ou três cervejas por noite passaram a meia dúzia. Depois de ela falecer, Frank começou a beber doze. No segundo aniversário da morte de Bea, com Annette já a caminho, bebia de mais mesmo quando tinha de trabalhar na manhã seguinte. Ultimamente,

embebedava-se quatro ou cinco noites por semana, e na noite anterior não fora diferente. Entrara no quarto a cambalear, já depois da meia-noite, mais embriagado do que nunca, e começara a ressonar tão alto que Amanda tivera de ir dormir para o quarto de hóspedes. Tinha sido a bebida, não Tuck, o verdadeiro motivo da discussão dessa manhã.

Ao longo dos anos, Amanda vira um pouco de tudo, desde a fala um pouco entaramelada à hora do jantar ou num churrasco até um desmaio no chão do quarto de tanto beber. Porém, como era considerado por todos um excelente dentista, raramente faltava ao trabalho e pagava sempre as contas, Frank não considerava que a bebida fosse um problema. Como nunca se tornava agressivo ou violento, não acreditava que tinha um problema. Como geralmente era apenas cerveja, não podia ser um problema.

Mas era um problema, porque aos poucos ele fora-se transformando no tipo de homem com quem ela jamais se teria imaginado a casar. Amanda perdera a conta às vezes que tinha chorado por causa disso. E conversado com ele, pedindo-lhe que pensasse nos filhos. Suplicara-lhe que fossem a consultas de terapia de casais para procurarem uma solução e revoltara-se com o seu egoísmo. Ignorara-o dias a fio, obrigara-o a dormir no quarto de hóspedes durante semanas e rezara fervorosamente a Deus. Cerca de uma vez por ano, Frank levava as suas súplicas a sério e deixava de beber durante algum tempo. Depois, passadas algumas semanas, bebia uma cerveja ao jantar. Apenas uma. E nessa noite não era um problema. E talvez não fosse um problema na vez seguinte em que só bebia uma. Mas abrira a porta para o demónio entrar e o consumo voltava a ficar descontrolado. E ela voltava a repetir as mesmas perguntas que fizera no passado. Porque é que, quando sentia vontade de beber, não dava simplesmente meia volta? E porque é que se recusava a reconhecer que a bebida estava a destruir o casamento?

Não sabia. Só sabia que era esgotante. Durante a maior parte do tempo, tinha a sensação de que era a única dos dois capaz de cuidar dos filhos. Jared e Lynn podiam ter idade para conduzir, mas o que aconteceria se um deles sofresse um acidente enquanto Frank estava a beber? Ele seria capaz de entrar no carro, prender Annette no banco de trás e ir para o hospital? E se alguém adoecesse? Já acontecera. Não com os miúdos, mas com ela. Alguns anos antes, comera marisco estragado e passara horas a vomitar na casa de banho. Na época, Jared tinha uma licença de aprendizagem que não lhe permitia conduzir à noite, e Frank tinha estado a beber sem parar. Por volta da meia-noite, quando estava à beira da desidratação, Jared acabara por levá-la para o hospital enquanto Frank ia refastelado no banco de trás, a fingir-se mais sóbrio do que estava na realidade. Embora estivesse quase a delirar, Amanda percebeu que Jared olhava constantemente pelo espelho retrovisor, com decepção e raiva a contorcerem-lhe o rosto. Por vezes, pensava que ele perdera grande parte da sua inocência naquela noite, um filho a confrontar os horríveis defeitos do pai.

Aquela situação era uma constante e desgastante fonte de ansiedade e estava cansada de se preocupar com o que os filhos pensavam ou sentiam quando viam o pai cambalear pela casa. Ou de ficar apreensiva porque Jared e Lynn pareciam ter perdido o respeito por ele. Ou de se inquietar com a possibilidade de, no futuro, Jared, Lynn ou Annette começarem a imitá-lo, refugiando-se no álcool, em comprimidos ou sabe Deus em que mais, até destruírem as suas vidas.

Também não encontrara grande ajuda. Não precisava dos Alcoólicos Anônimos para perceber que não podia fazer nada para obrigar Frank a mudar, que enquanto ele não admitisse que tinha um problema, e se concentrasse em melhorar, continuaria a ser um alcoólatra. E, no entanto, o que significava isso para ela? Significava que tinha de fazer uma *escolha*. Que tinha de *decidir* se queria ou não continuar a aguentar aquilo. Que tinha de elaborar uma lista de *consequências* e analisá-las. Em teoria, era fácil. Porém, na prática só servia para deixá-la zangada. Se o problema era de Frank, porque continuava ela a assumir a responsabilidade? E, se o alcoolismo era uma doença, não significava que Frank precisava da sua ajuda, ou pelo menos da sua lealdade? Como podia ela – a mulher que prometera ficar ao seu lado na saúde e na doença – justificar o fim o casamento e a dissolução da família depois de tudo o que tinham passado juntos? Seria ou uma mãe e uma esposa desumana ou uma fraca facilitadora, quando tudo o que queria era o homem que acreditara que ele era.

Era isso que tornava cada dia tão difícil. Não queria divorciar-se dele e separar a família. Por mais comprometido que o casamento estivesse, uma parte de si ainda acreditava nos votos que fizera. Amava o homem que ele fora e amava o homem que sabia que ele poderia ser, mas naquele momento, parada diante da casa de Tuck Hostetler, sentiu-se triste e sozinha e não pôde deixar de perguntar a si mesma como é que a sua vida chegara àquele ponto.



Amanda sabia que a mãe a esperava, mas ainda não se sentia preparada para a enfrentar. Precisava de mais alguns minutos, e quando a noite começou a cair atravessou o pátio com vegetação demasiado crescida e dirigiu-se para a atravancada oficina onde Tuck passava os dias a restaurar carros antigos. Estacionado no interior encontrava-se um *Corvette Stingray*, um modelo que pensou que seria da década de 1960. Enquanto passava a mão pelo capô, foi fácil imaginar que Tuck voltaria para a oficina a qualquer momento, com a silhueta curvada delineada pelo sol que desaparecia no horizonte. Usaria um fato-macaco manchado, o ralo cabelo grisalho mal lhe cobrindo a cabeça e as rugas no rosto tão fundas que quase pareciam cicatrizes.

Apesar das insistentes perguntas que Frank lhe fizera sobre Tuck nessa manhã, Amanda pouco dissera, limitando-se a descrevê-lo como um velho amigo da família. Não era toda a verdade, mas que mais poderia dizer? Ela própria reconhecia que a sua amizade com Tuck era estranha. Conhecera-o quando andava no liceu, mas só voltara a vê-lo há seis anos, quando tinha trinta e seis. Na altura estava em Oriental a visitar a mãe e, enquanto tomava um café no Irvin's, ouvira um grupo de idosos numa mesa próxima falar sobre ele.

– Aquele Tuck Hostetler continua a ser um prodígio com os carros, mas está malquinho de todo – comentou um deles, a rir e a abanar a cabeça. – Falar com a falecida mulher é uma coisa, mas jurar que ela lhe responde é completamente diferente.

O amigo resmungou.

– A verdade é que ele sempre foi um bocado estranho.

Amanda pensou que não parecia ser o homem que ela conhecera, e depois de pagar o café entrou no carro e percorreu a quase esquecida estrada de terra batida que levava à casa de Tuck. Acabaram por passar a tarde inteira sentados nas cadeiras de baloiço no decrépito alpendre da frente e desde então acostumara-se a passar por lá sempre que estava na cidade. No começo, era apenas uma ou duas vezes por ano – não aguentava visitar a mãe mais do que isso –, mas ultimamente ia a Oriental e visitava Tuck mesmo quando a mãe não estava na cidade. Muitas vezes, também lhe preparava o jantar. Tuck estava a ficar velho e, por mais que gostasse de dizer a si mesma que ia apenas ver como estava um velhote, ambos conheciam o verdadeiro motivo das suas visitas.

De certa forma, os homens no restaurante tinham razão. Tuck estava diferente. Já não era a figura calada e misteriosa, por vezes brusca, de que Amanda se lembrava, mas também não estava louco. Sabia distinguir entre fantasia e realidade e sabia que a mulher falecera há muito tempo. Por fim, concluiu que Tuck era capaz de tornar uma coisa real desejando que ela existisse. Pelo menos para ele era real. Quando, por fim, lhe perguntou sobre as «conversas» com a falecida mulher, ele respondeu-lhe num tom neutro que Clara ainda andava por ali e andaria sempre. Não só conversavam, confessou-lhe, como também a via.

– Está a dizer-me que ela é um fantasma? – perguntou-lhe Amanda.

– Não – respondeu Tuck. – Só estou a dizer que ela não quer que eu esteja sozinho.

– Ela está aqui agora?

Tuck olhou por cima do ombro.

– Não a vejo, mas oiço-a a andar pela casa.

Amanda escutou com atenção, mas só ouviu o chiar das cadeiras de baloiço nas tábuas do alpendre.

– Ela já andava por cá... naquele tempo? Quando o conheci?

Tuck inspirou fundo e falou com uma voz cansada.

– Não. Mas naquela altura eu não tentava vê-la.

Havia algo de inegavelmente comovente, quase romântico, na sua convicção de que os dois se amavam o suficiente para encontrarem uma maneira de continuarem juntos, mesmo depois de ela partir. Quem não teria achado isso romântico? Todos queriam acreditar na possibilidade de um amor eterno. Ela própria acreditara, quando tinha dezoito anos. Contudo, sabia que, como a vida, o amor era complicado. Sofria reviravoltas que as pessoas não podiam prever nem sequer compreender, deixando atrás de si um longo rasto de mágoa. E essas mágoas suscitavam quase sempre perguntas do tipo *e se* que nunca teriam uma resposta. *E se* Bea não tivesse morrido? *E se* Frank não se tivesse tornado um alcoólatra? *E se* ela se tivesse casado com o seu verdadeiro amor? Conseguiria reconhecer a mulher que a olhava agora ao espelho?

Encostada ao carro, perguntou a si mesma o que teria Tuck pensado das suas reflexões. Tuck, que comia ovos com papas de milho no Irvin's todas as manhãs e deitava amendoins torrados nos copos de *Pepsi* que bebia. Tuck, que vivera quase setenta anos na mesma casa e só saíra do estado uma vez, quando fora convocado para o serviço militar durante a segunda guerra mundial. Tuck, que ouvia rádio ou fonógrafo, em vez de ver televisão, porque era o que sempre fizera. Ao contrário do que acontecia consigo, Tuck parecia aceitar de bom grado o papel que o mundo lhe destinara. Amanda reconheceu que aquela aceitação inabalável era provavelmente um

tipo de sabedoria, mesmo que nunca fosse capaz de a alcançar.

Era evidente que Tuck tinha Clara, e talvez isso fosse uma explicação. Eles tinham-se casado com dezassete anos e passado quarenta e dois anos juntos. Enquanto conversavam, ela fora conhecendo a história das vidas dos dois. Numa voz serena, ele contara-lhe que Clara sofrera três abortos espontâneos, o último dos quais provocara graves complicações. Segundo Tuck, quando o médico a informara de que nunca poderia ter filhos, Clara chorara todas as noites durante quase um ano. Amanda também ficara a saber que Clara tinha uma horta e certa vez vencera um concurso estadual com a maior abóbora, e vira a desbotada fita azul que ainda estava pendurada no espelho do quarto. Tuck contara-lhe que, depois de montar o seu negócio, tinham construído uma casinha num pequeno terreno na margem do rio Bay, perto de Vandemere, uma cidade que fazia Oriental parecer uma grande metrópole, e passavam ali algumas semanas todos os anos porque Clara achava que era o lugar mais belo do mundo. Descrevera-lhe como Clara costumava cantarolar ao som do rádio quando limpava a casa e até lhe revelara que, de vez em quando, a levava a dançar ao Red Lee's Grill, um lugar que Amanda frequentara durante a adolescência.

Acabara por chegar à conclusão de que fora uma vida vivida num meio termo, em que havia contentamento e amor nos mais ínfimos pormenores das vidas dos dois. Fora uma vida digna e honrada, onde não tinham faltado tristezas, mas gratificante de uma maneira que poucas conseguiam ser. E sabia que Tuck compreendia isso melhor que ninguém.

«Com a Clara foi sempre bom», resumira ele certa vez.

Talvez fosse a natureza intimista daquelas histórias, ou a solidão crescente de Amanda, mas com o tempo Tuck também se tornou uma espécie de confidente, algo que ela jamais teria imaginado. Foi a Tuck que confessou a dor e a tristeza provocadas pela morte de Bea e foi no seu alpendre que conseguiu extravasar a raiva que sentia de Frank. Foi a ele que confessou as preocupações em relação aos filhos e a convicção cada vez mais forte de que em algum momento seguira um caminho errado na vida. Partilhou com ele as histórias de inúmeros pais atormentados e crianças incrivelmente otimistas que conhecia no Centro de Oncologia Pediátrica e, embora nunca lhe tivesse dito, Tuck parecia compreender que ela encontrava uma espécie de salvação naquele trabalho. Acima de tudo, Tuck segurava-lhe a mão entre os dedos nodosos e manchados de massa lubrificante, acalmando-a com o seu silêncio. Acabara por se tornar o seu melhor amigo e Amanda passara a sentir que Tuck Hostetler a conhecia, o seu verdadeiro eu, melhor do que qualquer outra pessoa na sua vida atual.

Porém, agora o seu amigo e confidente partira. Já a sentir a sua falta, contemplou o *Stingray* enquanto perguntava a si mesma se ele sabia que aquele seria o último carro em que trabalharia. Tuck nunca comentara nada, mas, pensando bem, era possível que tivesse suspeitado. Na sua última visita dera-lhe uma chave da casa e, com um piscar de olho, dissera-lhe, «se perderes esta chave podes ter de partir um vidro». Amanda guardara-a no bolso sem pensar muito no assunto, pois nessa noite ele dissera outras coisas curiosas. Lembrava-se de procurar nos armários da cozinha alguma coisa para o jantar enquanto ele permanecia sentado à mesa, a fumar um cigarro.

– Gostas de vinho tinto ou branco? – perguntou-lhe Tuck de repente, sem nenhum motivo aparente.

– Depende – respondeu ela, a observar as latas. – Às vezes bebo um copo de vinho tinto ao jantar.

– Eu tenho vinho tinto – anunciou ele. – Está no armário do fundo.

Amanda virou-se.

– Quer que abra uma garrafa?

– Nunca gostei muito de vinho. Prefiro a minha *Pepsi* e amendoins. – Sacudiu a cinza do cigarro para dentro de uma chávena de café lascada. – Também tenho sempre bifés frescos. O homem do talho vem trazê-los todas as segundas-feiras. Na prateleira de baixo do frigorífico. O grelhador está nas traseiras.

Amanda deu um passo em direção ao frigorífico.

– Quer que lhe prepare um bife?

– Não. Costumo guardá-los mais para o fim da semana.

Ela hesitou, sem saber onde é que ele queria chegar com aquilo.

– Então... está só a informar-me?

Quando Tuck acenou com a cabeça e não disse mais nada, Amanda atribuiu o episódio à velhice e ao cansaço. Acabou por lhe fazer uns ovos com toucinho fumado e depois limpou a casa enquanto ele ouvia rádio sentado na poltrona ao lado da lareira com uma manta sobre os ombros. Não pôde deixar de notar que ele parecia franzino, incomensuravelmente mais pequeno que o homem que conhecera na juventude. Quando se preparava para se ir embora, aconchegou-lhe o cobertor, pensando que ele tinha adormecido. A sua respiração era pesada e difícil. Ela inclinou-se e deu-lhe um beijo no rosto.

– Adoro-o, Tuck – sussurrou.

Ele mexeu-se um pouco, talvez a sonhar, mas quando Amanda se virou para se ir embora, ouviu-o suspirar.

– Tenho saudades tuas, Clara – murmurou ele.

Foram as últimas palavras que o ouviu proferir. Naquelas palavras sentiu uma dor de solidão e de repente compreendeu o que o levava a acolher Dawson há tanto tempo. Pensou que Tuck também se sentia sozinho.



Depois de telefonar a Frank para o avisar que tinha chegado – a sua voz já estava entaramelada –, Amanda desligou com algumas palavras secas e agradeceu a Deus por os filhos terem outros compromissos naquele fim de semana.

Na bancada de trabalho encontrou o bloco de notas com mola da oficina e perguntou a si mesma o que faria com o carro. Uma inspeção rápida revelou que o *Stingray* pertencia a um defeso dos Carolina Hurricanes e tomou uma nota mental para falar sobre o assunto com o advogado de Tuck. Pousou o bloco de notas e deu por si a pensar em Dawson. Ele também fazia parte do seu segredo. Se falasse a Frank sobre Tuck teria de lhe falar sobre Dawson, e não queria fazer isso. Tuck sempre soubera que Dawson era o verdadeiro motivo das suas visitas, sobretudo no início. Ele não se importava, pois compreendia melhor do que ninguém o poder da memória. Por vezes, quando a luz do sol atravessava a copa das árvores, banhando o pátio com uma suave névoa de fim de verão, quase sentia a presença de Dawson ao seu lado. Esses

momentos serviam para lhe recordar de novo que Tuck era tudo menos louco. Como o fantasma de Clara, o de Dawson estava em toda a parte.

Embora soubesse que era inútil tentar imaginar como a sua vida poderia ter sido diferente se ela e Dawson tivessem ficado juntos, nos últimos tempos sentia necessidade de voltar àquele lugar com uma regularidade cada vez maior. E, quanto mais o visitava, mais intensas se tornavam as lembranças, e acontecimentos e sensações há muito esquecidos ressurgiram das profundezas do passado. Ali, era fácil recordar como se sentia forte quando estava com Dawson e como ele sempre a fizera sentir-se especial e linda. Lembrava-se com total nitidez da certeza de que Dawson era a única pessoa no mundo que a compreendia de verdade. Porém, acima de tudo, lembrava-se de como o amara de forma incondicional e da paixão sincera que ele sentia por ela.

Com a calma que o caracterizava, Dawson fizera-a acreditar que tudo era possível. Enquanto andava pela atravancada oficina, com o cheiro a gasolina e a óleo ainda a pairar no ar, sentiu o peso das centenas de fins de tarde que passara ali. Passou os dedos pela bancada onde costumava sentar-se durante horas a contemplar Dawson debruçado sobre o capô levantado do *fastback*, a rodar a chave inglesa de vez em quando, com as unhas pretas de massa lubrificante. Mesmo naquela época, o seu rosto não tinha nenhuma da suave ingenuidade que via noutros jovens da idade dele e, sempre que os músculos definidos do seu antebraço se fletiam para pegar numa ferramenta, Amanda via os membros e a forma do homem que ele já estava a tornar-se. Como todos os habitantes de Oriental, sabia que pai o espancara muitas vezes e quando ele trabalhava sem camisa via-lhe as cicatrizes nas costas, sem dúvida causadas pela fivela de um cinto. Não sabia ao certo se Dawson ainda tinha consciência daquelas marcas, o que de alguma forma tornava ainda mais doloroso vê-las.

Ele era alto e magro, com cabelo escuro que caía sobre olhos ainda mais escuros, e mesmo naquela época Amanda percebera que ele ficaria mais bonito com o passar do tempo. Não era parecido com os outros Cole e certa vez, quando estavam sentados no carro enquanto gotas de chuva batiam contra o para-brisas, perguntara-lhe se era parecido com a mãe. O seu tom de voz, como o de Tuck, era quase sempre suave e os seus modos, calmos.

– Não sei – respondeu ele, a desembaciar o vidro com a mão. – O meu pai queimou todas as fotografias.

Quando o primeiro verão que passaram juntos estava a chegar ao fim, desceram até ao pequeno embarcadouro no riacho muito depois de o sol se pôr. Dawson ouvira dizer que haveria uma chuva de meteoros e, depois de estenderem uma manta sobre as tábuas do embarcadouro, observaram em silêncio as luzes que cruzavam o céu. Amanda sabia que os pais ficariam furiosos se descobrissem onde ela estava, mas naquele momento nada importava a não ser as estrelas cadentes, o calor do corpo de Dawson e a suavidade com que ele a abraçava, como se não conseguisse imaginar um futuro sem ela.

Seriam todos os primeiros amores assim? De certa forma, duvidava. Mesmo depois de tanto tempo, aquele amor parecia-lhe mais real que qualquer outra coisa que conheceria. Por vezes ficava triste ao pensar que nunca mais sentiria aquela sensação,

mas depois a vida encarregava-se de extinguir a intensidade da paixão e ela aprendera à sua custa que o amor nem sempre bastava.

Ainda assim, ao olhar para o pátio que se estendia para lá da oficina, não conseguia deixar de sentir curiosidade sobre se Dawson teria sentido novamente uma paixão assim e se era feliz. Queria acreditar que sim, mas a vida nunca era fácil para um ex-presidiário. Tanto quanto sabia, ele podia estar preso, viciado em drogas ou até morto, mas não conseguia relacionar essas imagens com a pessoa que tinha conhecido. Em parte, era por isso que nunca perguntara a Tuck o que lhe acontecera. Tinha receio do que ele poderia contar-lhe e o seu silêncio só reforçava as suspeitas que tinha. Preferia a incerteza, mesmo que fosse apenas porque lhe permitia lembrar-se de Dawson como ele era. Todavia, de vez em quando perguntava a si mesma o que sentiria quando pensava no ano que tinham passado juntos, se ficava maravilhado com o que tinham partilhado ou até se ainda pensava nela.



O voo aterrou em New Bern horas depois de o sol ter iniciado a lenta descida para o horizonte, a oeste. No carro alugado, Dawson atravessou o rio Neuse para Bridgeton e entrou na estrada nacional 55. Dos dois lados da estrada, viam-se casas de quinta ao longe, intercaladas por antigos celeiros de tabaco em ruínas. A planície brilhava ao sol da tarde e ele teve a impressão de que nada mudara desde a sua partida há tantos anos, ou talvez mesmo em cem anos. Passou por Grantsboro, Alliance, Bayboro e Stonewall, cidades ainda mais pequenas que Oriental, e ficou surpreso ao perceber que o condado de Pamlico parecia um lugar perdido no tempo, uma página esquecida num livro abandonado.

Mas também era o lugar onde tinha crescido e, embora muitas das lembranças fossem dolorosas, fora ali que Tuck se tornara seu amigo e onde conhecera Amanda. Um por um, começou a reconhecer os pontos de referência da sua infância e, no silêncio do carro, perguntou a si mesmo quem se teria tornado se Tuck e Amanda nunca tivessem entrado na sua vida. Porém, mais do que isso, perguntou a si mesmo se a sua vida teria sido diferente se o Dr. David Bonner não tivesse saído de casa para correr na noite de 18 de setembro de 1985.

O Dr. Bonner mudara-se para Oriental em dezembro do ano anterior com a mulher e dois filhos pequenos. Durante anos, não houvera um médico na cidade. O último reformara-se e fora viver para a Flórida em 1980, e desde então o conselho municipal de Oriental tinha tentado substituí-lo sem sucesso. A necessidade era desesperada, mas, apesar dos muitos incentivos oferecidos pela cidade, poucos candidatos decentes para o lugar estavam interessados em ir viver para o que era, basicamente, um fim de mundo. Por sorte, Marilyn, a mulher do Dr. Bonner, crescera na zona e, como Amanda, era considerada quase realza. Os seus pais, os Bennett, cultivavam maçãs,

pêssegos, uvas e mirtilos num enorme pomar nos arredores da cidade, e, quando concluiu o internato, David Bonner mudou-se para a cidade natal da mulher e abriu um consultório.

E não lhe faltavam clientes. Cansados da viagem de quarenta minutos até New Bern, as pessoas começaram a ir ao consultório do novo médico, mas o Dr. Bonner não tinha a ilusão de que ficaria rico. Não seria possível numa pequena cidade de um condado pobre, por mais movimento que o consultório tivesse e apesar de a família ser bem relacionada. Embora mais ninguém na cidade soubesse, o pomar estava fortemente hipotecado e, no dia em que David se mudara para a cidade, o sogro pedira-lhe dinheiro emprestado. Não obstante, mesmo depois de ajudar financeiramente os sogros, o baixo custo de vida da região ainda lhe permitiu comprar uma casa colonial com quatro quartos e vista para o rio Creek, e a mulher estava encantada por estar de volta à cidade onde nascera. Acreditava que Oriental era o lugar ideal para criar os filhos, e até certo ponto estava certa.

O Dr. Bonner adorava atividades ao ar livre. Surfava, nadava, andava de bicicleta e corria. Era comum ser visto a correr em Broad Street depois do trabalho, chegando a passar a curva nos limites da cidade. As pessoas buzonavam e diziam-lhe adeus, e ele respondia com um aceno de cabeça sem diminuir o ritmo. Às vezes, após um dia particularmente longo, o Dr. Bonner só fazia exercício ao anoitecer e foi exatamente o que aconteceu no dia 18 de setembro de 1985. Saiu de casa no momento em que o lusco-fusco começava a escurecer a cidade. Não sabia, mas as estradas estavam escorregadias. Chovera durante a tarde, uma chuva suficientemente intensa para trazer à superfície o óleo acumulado no asfalto, mas não em quantidade suficiente para o remover.

O médico seguiu o trajeto habitual, que demorava cerca de trinta minutos, mas naquela noite não voltou para casa. Quando a lua surgiu no céu, Marilyn começou a ficar preocupada e, depois de pedir a uma vizinha para tomar conta dos filhos, entrou no carro e foi à sua procura. A seguir à curva nos limites da cidade, perto de uma zona de vegetação rasteira, viu uma ambulância, juntamente com o xerife e um grupo cada vez maior de curiosos. E ficou a saber que fora ali que o seu marido morrera quando o condutor de uma carrinha de caixa aberta perdera o controlo do veículo e se despiستara.

Marilyn foi informada de que a carrinha pertencia a Tuck Hostetler. O condutor, que em breve seria acusado de homicídio involuntário, tinha dezoito anos e já estava algemado.

Chamava-se Dawson Cole.

A pouco mais de três quilómetros da entrada de Oriental – e da curva que nunca esqueceria –, Dawson avistou o velho desvio de gravilha para a propriedade da família e pensou automaticamente no pai. Certo dia, quando estava na prisão do condado a aguardar julgamento, um guarda veio dizer-lhe que tinha uma visita. Um minuto depois, o pai apareceu à sua frente a mastigar um palito.

– Foges de casa, namoras com aquela ricaça, fazes planos. E onde é que acabas? Na cadeia. – Dawson viu a maliciosa alegria na expressão do pai. – Achas-te melhor

do que eu, mas não és – continuou ele. – És igualzinho a mim.

Dawson ficou calado no canto da cela e sentiu algo muito semelhante a ódio enquanto fuzilava o pai com o olhar. Naquele momento, jurou a si mesmo que, acontecesse o que acontecesse, nunca mais lhe dirigiria a palavra.

Não houve julgamento. Contrariando a recomendação do advogado oficioso, Dawson declarou-se culpado, e contrariando a recomendação do advogado do Ministério Público, foi condenado à pena máxima. No Estabelecimento Prisional Caledonia em Halifax, na Carolina do Norte, trabalhou na horta da prisão, ajudando a cultivar milho, trigo, algodão e soja, a suar sob um sol abrasador durante a colheita ou a congelar com a fria nortada enquanto lavrava a terra. Embora se correspondesse com Tuck, não recebeu uma única visita em quatro anos.

Quando saiu, ficou em liberdade condicional e voltou para Oriental. Trabalhava para Tuck e, das poucas vezes que saía para comprar material na loja de peças de automóveis, ouvia as pessoas sussurrarem. Sabia que era um pária, um Cole que não prestava e que matara o homem que era o genro dos Bennett e o único médico da cidade, e a culpa que sentia era esmagadora. Nesses momentos, ia a uma florista em New Bern e mais tarde passava pelo cemitério de Oriental, onde o médico estava enterrado. Deixava as flores sobre a campa ao início da manhã ou à noite, já tarde, quando não havia muita gente por perto. Por vezes ficava ali mais de uma hora, a pensar na mulher e nos filhos que o Dr. Bonner deixara. Excetuando este ritual, Dawson passou aquele ano praticamente nas sombras, a tentar ao máximo não ser visto.

No entanto, a sua família não o deixou em paz. Quando o pai apareceu na oficina para recomeçar a receber o dinheiro de Dawson, levou Ted consigo. O pai trazia uma caçadeira e Ted, um taco de baseball, mas foi um erro não trazerem Abee. Quando Dawson os mandou sair da propriedade, Ted não foi suficientemente rápido a atacar: quatro anos a trabalhar ao sol nos campos tinham endurecido Dawson e ele estava pronto para os enfrentar. Partiu o nariz e o maxilar de Ted com um pé de cabra e desarmou o pai antes de lhe partir as costelas. Enquanto eles estavam caídos no chão, apontou-lhes a caçadeira e avisou-os para não voltarem. Ted gemeu que haveria de o matar. O pai limitou-se a lançar-lhe um olhar carrancudo. Depois desse dia, Dawson passou a dormir com a caçadeira ao seu lado e raramente saía da propriedade. Sabia que os dois poderiam vir atrás dele a qualquer momento, mas o destino é imprevisível. Menos de uma semana depois, Ted Tarado esfaqueou um homem num bar e foi detido. E, por qualquer razão, o pai nunca mais voltou. Dawson não quis saber porquê. Em vez disso, contou os dias que faltavam para poder sair por fim de Oriental e, quando o período de liberdade condicional chegou ao fim, embrulhou a caçadeira numa lona, guardou-a numa caixa e enterrou-a ao pé de um carvalho ao lado da casa. Em seguida, guardou os seus pertences no carro, despediu-se de Tuck e fez-se à estrada, acabando por ir parar a Charlotte. Arranjou um trabalho como mecânico e à noite tinha aulas de soldadura numa escola profissional. Dali, foi para o Luisiana e começou a trabalhar numa refinaria. E esse emprego levou-o para as plataformas.

Desde que saíra da prisão, procurava não dar nas vistas e estava quase sempre sozinho. Nunca visitava amigos, porque não tinha nenhum. Não saíra com ninguém depois de Amanda porque, mesmo agora, não conseguia tirá-la do pensamento.

Aproximar-se de alguém, fosse quem fosse, significaria permitir que essa pessoa descobrisse o seu passado e esse pensamento fazia-o recuar. Era um ex-presidiário nascido numa família de criminosos e matara um homem bom. Apesar de ter cumprido a pena e tentado corrigir o seu erro, sabia que nunca se perdoaria pelo que fizera.



Dawson estava cada vez mais perto. Aproximava-se do local onde o Dr. Bonner morreria. Apercebeu-se vagamente de que as árvores perto da curva tinham sido substituídas por um prédio baixo com um parque de estacionamento de gravilha à frente. Manteve os olhos na estrada, recusando-se a olhar.

Menos de um minuto mais tarde, estava em Oriental. Passou pelo centro e atravessou a ponte que se estendia sobre a confluência dos riachos Greens e Smith. Quando era criança, sempre que queria estar longe da família, costumava sentar-se perto da ponte e ficava a observar os barcos à vela e a imaginar os portos distantes que teriam visitado e os lugares onde gostaria de ir um dia.

Abrandonou o carro, tão fascinado com a paisagem como no passado. A marina estava cheia e as pessoas iam e vinham nos seus barcos, transportando geleiras e desamarrando as cordas que mantinham os barcos atracados. Olhou para as árvores e percebeu pelos ramos a abanar que havia vento suficiente para manter as velas enfunadas, mesmo que quisessem navegar até à costa.

Pelo espelho retrovisor viu a pensão onde reservara um quarto, mas ainda não se sentia preparado para se registar. Em vez disso, estacionou o carro perto da ponte e saiu, aliviado por esticar as pernas. Perguntou a si mesmo se as flores que encomendara teriam chegado, mas pensou que depressa descobriria. Virou-se para o rio Neuse e recordou que era o rio mais largo dos Estados Unidos quando chegava ao estreito de Pamlico, um facto que poucas pessoas conheciam. Dawson ganhara muitas apostas com essa trivialidade, sobretudo nas plataformas, onde quase todos pensavam que era o rio Mississípi. Mesmo na Carolina do Norte, a informação não era do conhecimento de todos; fora Amanda quem lhe dissera.

Como sempre, Dawson pensou em Amanda: o que estaria a fazer, onde viveria, como seria o seu dia a dia. Não tinha dúvida de que se casara e muitas vezes tentava imaginar que tipo de homem teria escolhido. Embora a tivesse conhecido muito bem, não conseguia imaginá-la a rir ou a dormir ao lado de outro homem. No fundo, não importava. Só é possível fugir do passado quando se encontra algo melhor, e Dawson pensava que fora isso que ela fizera. Afinal, era o que todas as pessoas faziam. Toda a gente sofria desgostos e toda a gente cometia erros, mas o seu erro era diferente. Teria de o carregar às costas para sempre e pensou mais uma vez no Dr. Bonner e na família que destruíra.

Olhou para a água e de repente arrependeu-se da decisão de regressar. Sabia que Marilyn Bonner ainda vivia na cidade, mas não queria encontrá-la, nem mesmo por acaso. E, embora a sua família acabasse sem dúvida por saber que ele voltara, também não queria vê-los.

Não havia nada para si ali. Compreendia que Tuck tivesse pedido ao advogado para o avisar do seu falecimento, mas não percebia o desejo expresso de que voltasse

àquela cidade. Desde que recebera a mensagem, não parava de pensar no assunto, mas não fazia sentido. Tuck nunca lhe pedira que viesse visitá-lo, pois sabia melhor que ninguém o que ele deixara para trás. Tuck também nunca fora ao Luisiana e, embora Dawson lhe escrevesse com frequência, recebia poucas respostas. Estava convencido de que ele tinha os seus motivos, mas naquele momento não conseguia imaginar quais seriam.

Preparava-se para voltar para o carro quando vislumbrou o movimento súbito que já lhe era familiar, fora do seu ângulo de visão. Virou-se, a tentar sem sucesso localizar a origem, mas, pela primeira vez desde que fora resgatado no dia do acidente, os cabelos da nuca começaram a eriçar-se. De repente, teve a certeza de que estava ali alguma coisa, apesar de a sua mente não a conseguir identificar. O sol poente reluzia na água e o brilho intenso obrigou-o a semicerrar os olhos. Dawson protegeu-os com a mão enquanto perscrutava a marina e assimilava o cenário. Avistou um homem idoso a puxar um barco à vela para um espaço vazio com a ajuda da mulher. A meio do cais, um homem em tronco nu espreitava para um compartimento de motor. Observou mais algumas outras pessoas: um casal de meia-idade a deambular no convés de um barco e um grupo de adolescentes a descarregar uma geleira depois de um dia passado na água. Ao fundo da marina, outro veleiro começava a afastar-se, aproveitando a brisa do fim da tarde – nada fora do comum. Dawson preparava-se para voltar de novo as costas quando avistou um homem de cabelo escuro com um impermeável azul a olhar na sua direção. O homem estava parado ao fundo do cais e, como Dawson, protegia os olhos com a mão. Quando Dawson baixou a mão sem pressa, os movimentos do homem de cabelo escuro imitaram os seus. Dawson recuou rapidamente um passo. O desconhecido fez o mesmo. Dawson ficou sem fôlego e sentiu o coração bater com força no peito.

Isto não é real. Não pode estar a acontecer.

O sol estava baixo atrás dele, o que não lhe permitia descortinar as feições do desconhecido, mas, apesar da luz fraca, teve a certeza de que era o homem que vira pela primeira vez no mar e mais tarde no navio de abastecimento. Pestanejou rapidamente, para tentar ver melhor o homem. No entanto, quando a visão finalmente ficou nítida, só viu o contorno de um pilar no cais, com cordas gastas amarradas no topo.



Aquela visão abalou-o e sentiu uma necessidade súbita de ir diretamente para a casa de Tuck. Muitos anos antes tinha sido o seu refúgio, e de repente lembrou-se da sensação de paz que lá costumava encontrar. Não sentia vontade de se registar na pensão e ter de fazer conversa de circunstância. Queria estar sozinho para refletir sobre a visão do homem de cabelo escuro. Ou o traumatismo craniano fora pior do que os médicos suspeitavam ou tinham razão sobre o stress. Enquanto voltava para a estrada, decidiu marcar uma nova consulta quando voltasse para o Luisiana, embora suspeitasse que os médicos repetiriam o que já lhe tinham dito.

Afastou os perturbadores pensamentos e baixou o vidro da janela, inspirando o cheiro intenso dos pinheiros e da água salobra enquanto a estrada serpenteava por entre

as árvores. Poucos minutos depois, virou para a propriedade de Tuck. O carro oscilou na esburacada estrada de terra batida e a casa surgiu à sua frente depois da curva. Ficou surpreso ao ver um *BMW* parado à porta. Sabia que não pertencia a Tuck. Antes de mais, estava demasiado limpo, mas acima de tudo porque ele jamais conduziria um carro estrangeiro, não por desconfiar da qualidade do veículo, mas porque não teria as ferramentas adequadas para o reparar. Além disso, Tuck sempre preferia carrinhas de caixa aberta, em especial as que tinham sido fabricadas no início da década de 1960. Ao longo da vida, ele devia ter comprado e restaurado meia dúzia, conduzindo-as durante algum tempo antes de vender a quem lhe fizesse uma oferta. Para Tuck, o importante não era o dinheiro, mas o restauro.

Dawson estacionou ao lado do *BMW* e saiu do carro, surpreso ao ver que estava tudo praticamente na mesma. A casa nunca fora muito melhor do que um casebre, mesmo quando Dawson vivia lá, e o exterior tinha uma aparência meio acabada e a necessitar de obras. Para dar um pouco de vida ao lugar, certa vez Amanda oferecera-lhe uma floreira que continuava no canto do alpendre, embora as flores tivessem murchado há muito tempo. Lembrava-se de como ela estava entusiasmada quando lhe ofereceram o presente, embora ele não soubesse muito bem o que fazer com aquilo.

Dawson observou a zona e viu um esquilo a correr pelo ramo de um cornizo. Um cardeal piou um alerta das árvores, mas, excetuando isso, o lugar parecia deserto. Dawson começou a contornar a casa, dirigindo-se para a oficina. Estava mais fresco ali, à sombra dos pinheiros. Quando fez a curva e entrou numa zona banhada pela luz do sol viu uma mulher parada no interior da oficina, a examinar o que devia ter sido o último automóvel clássico que Tuck restaurara. O seu primeiro pensamento foi que só podia ser do escritório do advogado e preparava-se para a cumprimentar de longe quando ela se virou de repente. A sua voz ficou presa na garganta.

Mesmo à distância, era mais bela do que Dawson se lembrava e durante o que lhe pareceu uma eternidade não conseguiu dizer nada. Ocorreu-lhe que talvez fosse mais uma alucinação, mas pestanejou devagar e percebeu que estava enganado. Ela era real e estava ali, no refúgio que um dia pertencera aos dois.

E foi quando Amanda o olhou depois de tantos anos que Dawson compreendeu por fim porque é que Tuck Hostetler insistira para que ele voltasse à cidade.



Nenhum deles conseguiu mexer-se ou falar enquanto a surpresa se foi transformando a pouco e pouco em reconhecimento. O primeiro pensamento de Dawson foi que Amanda era muito mais intensa em pessoa do que nas lembranças que tinha dela. O seu cabelo louro refletia a luz do fim da tarde como ouro polido e os olhos azuis eram elétricos, mesmo à distância. Porém, enquanto continuava a olhar, começou a aperceber-se de algumas diferenças subtis. Reparou que o seu rosto perdera a suavidade da juventude. Os ângulos das maçãs do rosto eram mais visíveis do que antes e os olhos pareciam mais fundos, emoldurados por pequenas rugas nos cantos. Percebeu que os anos tinham sido mais do que bondosos: desde a última vez que a vira, ela transformara-se numa madura e notável beldade.

Amanda também tentava assimilar o que via. Dawson tinha a camisa cor de areia descontraidamente enfiada nas calças de ganga desbotadas, o que realçava as ancas ainda estreitas e os ombros largos. O sorriso era igual, mas usava o cabelo escuro mais comprido do que quando era adolescente e reparou que começava a ficar grisalho nas têmporas. Os olhos escuros eram tão impressionantes como se recordava, mas pareceu-lhe detetar neles uma circunspeção que não tinham antes, um sinal de alguém que vivera uma vida mais difícil do que era esperado. Talvez fosse por vê-lo ali, naquele lugar onde tinham partilhado tanto, mas no súbito turbilhão de emoções não conseguiu lembrar-se de alguma coisa para dizer.

– Amanda? – perguntou ele por fim, e começou a dirigir-se para ela.

Amanda apercebeu-se da surpresa na voz de Dawson ao proferir o seu nome e foi isso, mais que qualquer outra coisa, que lhe disse que ele era real. *Ele está aqui*, pensou, *é mesmo ele*, e enquanto Dawson percorria a distância que os separava sentiu

que os anos desapareciam lentamente, por muito impossível que parecesse. Dawson parou junto dela, abriu os braços e ela refugiou-se naturalmente neles, como fazia tantos anos antes. Ele puxou-a para si, apertando-a como os namorados que tinham sido, e ela encostou-se a ele, sentindo-se de novo com dezoito anos.

– Olá, Dawson – sussurrou.

Ficaram abraçados durante muito tempo, a apertarem-se com força sob o sol que desaparecia no horizonte, e por um instante Dawson teve a impressão de que ela estava a tremer. Quando se afastaram por fim, Amanda percebeu a sua muda emoção.

Observou-o de perto, reparando nas mudanças que se tinham operado com o passar dos anos. Agora, Dawson era um homem. O seu rosto estava desgastado pelo tempo e bronzeado, como o rosto de alguém que passava muitas horas ao sol, e o cabelo era um pouco menos espesso.

– O que fazes aqui? – perguntou-lhe ele, tocando-lhe no braço como se quisesse certificar-se de que ela era real.

A pergunta ajudou-a a recuperar o controlo, lembrando-lhe quem era agora, e deu um minúsculo passo atrás.

– Provavelmente, o mesmo que tu. Quando é que chegaste?

– Agora mesmo – respondeu ele, a pensar no impulso que o levava a fazer aquela visita não planeada à casa de Tuck. – Não posso acreditar que estás aqui. Estás... fantástica.

– Obrigada. – Amanda não conseguiu impedir o rubor que lhe tingiu as faces. – Como é que soubeste que eu estaria aqui?

– Não sabia – respondeu ele. – Senti vontade de passar por cá e vi o carro diante da casa. Dei a volta para as traseiras e...

Quando ele se calou, Amanda terminou a frase.

– E aqui estava eu.

– Sim. – Dawson acenou com a cabeça e olhou-a nos olhos pela primeira vez. – E aqui estavas tu.

A intensidade do seu olhar não tinha mudado e Amanda recuou mais um passo, esperançada de que o espaço tornasse tudo mais fácil. Esperançada de que ele não ficasse com a impressão errada. Apontou para a casa.

– Estavas a pensar ficar cá?

Dawson contemplou a casa com os olhos semicerrados antes de se voltar de novo para ela.

– Não. Reservei um quarto na pensão do centro. Tu?

– Vou ficar com a minha mãe. – Quando reparou no olhar intrigado de Dawson, explicou: – O meu pai faleceu há onze anos.

– Lamento – disse ele.

Amanda acenou com a cabeça sem dizer mais nada, e Dawson lembrou-se de que no passado era assim que ela encerrava um assunto. Quando ela olhou para a oficina, Dawson deu um passo para a porta.

– Importas-te? – perguntou-lhe. – Não entro ali há anos.

– Claro que não – respondeu Amanda. – Vai.

Sentiu os ombros relaxarem quando Dawson passou por ela e percebeu que tinham estado contraídos. Ele espreitou para o pequeno e atravancado escritório antes de

passar a mão pela bancada de trabalho e por uma enferrujada alavanca para desmontar pneus. A avançar sem pressa, observou as paredes de tábuas, o teto aberto com vigas de madeira, o bidão de aço no canto onde Tuck despejava o óleo em excesso. Na parede do fundo, atrás de uma pilha de pneus, viu um macaco hidráulico e um carro de ferramentas. Uma lixadeira elétrica e equipamento de soldar ocupavam o lado oposto da bancada de trabalho. Viu uma ventoinha coberta de pó num canto, perto da pistola de pintura, as lâmpadas penduradas em fios e peças de automóveis espalhadas em todas as superfícies.

– Parece exatamente na mesma – comentou.

Amanda seguiu-o para o interior da oficina, ainda um pouco abalada, a tentar manter uma distância confortável entre ambos.

– Provavelmente, está na mesma. Ele era meticoloso na arrumação das ferramentas, sobretudo nos últimos anos. Penso que tinha consciência de que estava a começar a esquecer-se das coisas.

– Tendo em conta a sua idade, não posso acreditar que ele continuava a arranjar carros.

– Tinha abrandado muito o ritmo. Um ou dois por ano, e só quando tinha a certeza de que conseguiria fazer o trabalho. Já não fazia grandes restauros. Este é o primeiro carro que vejo aqui desde há algum tempo.

– Parece que passavas muito tempo com ele.

– Nem por isso. Via-o mais ou menos de dois em dois meses. Mas perdemos o contacto durante muito tempo.

– Ele nunca te mencionou nas suas cartas – disse Dawson, pensativo.

Amanda encolheu os ombros.

– Também nunca falou em ti.

Ele acenou com a cabeça antes de voltar a concentrar-se na bancada de trabalho. Muito bem dobrada na ponta estava uma das bandanas de Tuck. Dawson pegou nele e bateu com o dedo na superfície de madeira.

– As iniciais que gravei ainda estão aqui. As tuas também.

– Eu sei – disse ela. Também sabia que por baixo estavam as palavras *para sempre*. Cruzou os braços, a tentar não olhar para as mãos dele. Eram calejadas e fortes, as mãos de um operário, mas ao mesmo tempo eram finas e graciosas.

– Não consigo acreditar que ele partiu – disse Dawson.

– Eu também não.

– Disseste que ele estava esquecido?

– Apenas pequenas coisas. Tendo em conta a sua idade e o muito que fumava, a última vez que o vi estava bastante bem de saúde.

– Quando foi isso?

– Em fevereiro passado, talvez.

Dawson apontou para o *Stingray*.

– Sabes alguma coisa a respeito disto?

Ela abanou a cabeça.

– Só que o Tuck estava a trabalhar nele. Há uma ordem de serviço no bloco de notas com anotações feitas por ele sobre o carro, mas para além do nome do proprietário não percebo nada do que está escrito. Está ali.

Dawson pegou no bloco de notas e leu a lista com atenção antes de inspecionar o carro. Amanda viu-o abrir o capô e inclinar-se para olhar, com a camisa muito apertada à volta dos ombros, e virou-se para que ele não percebesse que tinha reparado. Passados alguns instantes, Dawson olhou para as pequenas caixas que estavam em cima da bancada de trabalho. Destapou-as, a acenar com a cabeça enquanto mexia nas peças, com a testa franzida.

– Que estranho – disse.

– O quê?

– Não era um restauro. É só mecânica, e nada de especial. O carburador, a embraiagem e mais algumas coisas. Ele devia estar à espera de que as peças chegassem. Por vezes, com estes carros antigos, pode demorar algum tempo.

– O que significa isso?

– Entre outras coisas, significa que o proprietário não o poderá levar daqui.

– Vou pedir ao advogado para entrar em contacto com ele. – Amanda afastou uma madeixa de cabelo dos olhos. – De qualquer maneira, vou encontrar-me com ele amanhã.

– Com o advogado?

– Sim – respondeu ela. – Foi ele que me ligou a avisar do falecimento do Tuck. Disse que era importante que eu viesse.

Dawson fechou o capô.

– Por acaso ele chama-se Morgan Tanner?

– Sabes quem ele é? – perguntou Amanda, surpreendida.

– Não, mas amanhã também tenho uma reunião com ele.

– A que horas?

– Às onze. E calculo que seja a hora da tua marcação, certo?

Amanda demorou alguns instantes a perceber o que Dawson já concluía – que Tuck tinha obviamente planeado aquele reencontro. Se não se tivessem encontrado lá em casa, era inevitável que se vissem no dia seguinte. Quando a implicação se tornou clara, de repente Amanda pensou que não sabia se gostaria de lhe dar um murro no braço ou um beijo.

O seu rosto devia ter expressado os seus pensamentos porque Dawson declarou:

– Presumo que não fazias ideia do que o Tuck andava a tramar.

– Não.

Um bando de estorninhos levantou voo das árvores e Amanda viu-os mudar de direção, traçando padrões abstratos no céu. Quando olhou de novo para Dawson, ele estava encostado à bancada de trabalho, com o rosto meio oculto na sombra. Naquele lugar, rodeados de tantas recordações, ela poderia jurar que via o jovem que Dawson fora em tempos, mas tentou lembrar a si mesma que agora eram pessoas diferentes. Na verdade, eram dois desconhecidos.

– Passou muito tempo – disse ele, quebrando o silêncio.

– É verdade.

– Tenho mil perguntas para te fazer.

Amanda ergueu uma sobrancelha.

– Só mil?

Ele soltou uma gargalhada, mas Amanda ficou com a impressão de que tinha um

fundo de tristeza.

– Eu também tenho perguntas – continuou ela –, mas antes disso... quero que saibas que sou casada.

– Eu sei – replicou ele. – Vi a tua aliança. – Enfiou um polegar no bolso antes de se encostar à bancada de trabalho e cruzar uma perna sobre a outra. – Há quanto tempo estás casada?

– Vinte anos, no próximo mês.

– Filhos?

Amanda fez uma pausa, a pensar em Bea, pois nunca sabia como responder àquela pergunta.

– Três – respondeu por fim.

Dawson apercebeu-se da hesitação, sem saber o que pensar.

– E o teu marido? Eu gostaria dele?

– O Frank? – Pensou nas angustiadas conversas que tivera com Tuck sobre Frank e perguntou a si mesma quanto é que Dawson já sabia. Não por não confiar que ele guardaria as suas confidências, mas porque teve a súbita impressão de que Dawson perceberia logo se mentisse. – Estamos juntos há muito tempo.

Dawson pareceu avaliar a sua escolha de palavras antes de se afastar da bancada de trabalho. Passou por ela e começou a dirigir-se para a casa, movendo-se com a fluida graciosidade de um atleta.

– Suponho que o Tuck te deu uma chave? Preciso de beber alguma coisa.

Amanda pestanejou, surpreendida.

– Espera! O Tuck disse-te isso?

Dawson virou-se e continuou a caminhar de costas.

– Não.

– Então, como é que sabias?

– Porque não me mandou uma, e um de nós tem de a ter.

Amanda parou, hesitante, ainda a tentar perceber como é que ele sabia, e depois seguiu-o pelo carroiro.

Ele subiu os degraus do alpendre num único movimento fluido e parou à porta. Amanda tirou a chave da carteira e tocou-lhe de raspão quando a enfiou na fechadura. A porta abriu-se com um rangido.

Estava maravilhosamente fresco lá dentro e o primeiro pensamento de Dawson foi que o interior era uma extensão da floresta: madeira, terra e manchas naturais. As paredes de tábuas e o soalho de pinho tinham perdido o brilho e estalado com o passar dos anos e as cortinas castanhas não escondiam as infiltrações por baixo das janelas. Os braços e as almofadas do sofá de tecido aos quadrados estavam quase completamente puídos. A argamassa da lareira começara a estalar e os tijolos em volta da abertura estavam pretos com os restos de fuligem de mil fogueiras crepitantes. Perto da porta havia uma mesinha com uma pilha de álbuns de fotografias, um gira-discos que devia ser mais velho do que Dawson e uma instável ventoinha de aço. O ar tresandava a fumo de muitos cigarros e, depois de abrir uma das janelas, Dawson ligou a ventoinha e escutou o seu barulho. A base oscilava um pouco.

Entretanto, Amanda aproximara-se da lareira e olhava fixamente para a fotografia que estava em cima da prateleira. Tuck e Clara, tirada no dia em que tinham feito vinte

e cinco anos de casados.

Dawson acercou-se de Amanda e parou ao seu lado.

– Lembro-me da primeira vez que vi essa fotografia – voluntariou ele. – Já cá estava há cerca de um mês quando o Tuck me deixou entrar em casa, e lembro-me de lhe perguntar quem era. Nem sequer sabia que ele tinha sido casado.

Amanda sentiu o calor que irradiava do corpo de Dawson e tentou ignorá-lo.

– Como é que podias não saber?

– Eu não o conhecia. Até vir para cá naquela noite, nunca tinha trocado uma palavra com ele.

– Então, porque é que vieste?

– Não sei – respondeu Dawson, a abanar a cabeça. – E também não sei porque é que ele me deixou ficar.

– Porque te queria aqui.

– Foi ele que te contou?

– Não me disse explicitamente. Mas a Clara não tinha falecido há muito tempo quando tu apareceste aqui e penso que foste precisamente o que ele precisava.

– E eu que estava convencido de que foi apenas porque ele tinha bebido naquela noite. Aliás, a maioria das noites.

Amanda fez um esforço de memória.

– O Tuck não era um alcoólatra, pois não?

Dawson tocou na fotografia na sua simples moldura de madeira, como se ainda estivesse a tentar assimilar um mundo sem Tuck.

– Foi antes de tu o conheceres. Naquela época, ele tinha uma predileção especial por *Jim Beam* e de vez em quando aparecia a cambalear na oficina com a garrafa meio vazia na mão. Limpava o rosto com a bandana e dizia-me que era melhor eu escolher outro sítio onde ficar. Deve ter repetido isto todas as noites durante os primeiros seis meses que dormi aqui. E eu deitava-me todas as noites com a esperança de que na manhã seguinte ele se tivesse esquecido do que me tinha dito. E depois, um dia, deixou de beber e nunca mais me disse aquilo. – Virou-se para ela, com o rosto a escassos centímetros do dela. – Ele era um homem bom – disse.

– Eu sei – concordou Amanda. Dawson estava suficiente perto dela para sentir o seu cheiro; uma mistura de sabonete e almíscar. Demasiado perto. – Também sinto a sua falta.

Afastou-se e esticou o braço para ajeitar uma das gastas almofadas do sofá, criando distância de novo. Lá fora, o sol desaparecia atrás das árvores, tornando a pequena sala de estar ainda mais escura. Ouviu Dawson pigarrear.

– Vamos lá beber essa bebida. Tenho a certeza de que o Tuck tem chá doce no frigorífico.

– O Tuck não bebe chá doce. Mas é capaz de ter *Pepsi*.

– Vamos ver – disse Dawson, e começou a dirigir-se para a cozinha.

Amanda reparou que ele se movia com a graciosidade de um atleta e abanou ligeiramente a cabeça, a tentar expulsar aquele pensamento da cabeça.

– Tens a certeza de que devíamos fazer isto?

– Tenho quase a certeza de que era o que ele queria.

Como a sala de estar, a cozinha parecia ter estado fechada numa cápsula do tempo,

com eletrodomésticos saídos de um catálogo *Roebuck* da Sears da década de 1940, uma torradeira do tamanho de um micro-ondas e até um volumoso frigorífico com um puxador de trinco. O tampo de madeira da bancada estava preto com manchas de água ao pé do lava-loiça e a tinta branca dos armários tinha saltado junto dos puxadores. As cortinas com flores – sem dúvida ali penduradas por Clara – tinham um desbotado tom amarelo-acinzentado, manchadas pelo fumo dos cigarros de Tuck. Havia uma mesinha para duas pessoas feita com o tampo de um barril, com um monte de guardanapos por baixo para evitar que oscilasse. Dawson rodou o puxador do frigorífico e retirou um jarro com chá. Amanda entrou no momento em que ele o pousava em cima da bancada.

– Como é que sabias que o Tuck tinha chá doce? – perguntou-lhe.

– Da mesma maneira que soube que tu tinhas as chaves – replicou ele enquanto abria o armário e tirava dois frascos de compota vazios.

– O que queres dizer com isso?

Dawson encheu os frascos.

– O Tuck sabia que acabaríamos por vir cá e lembrou-se de que eu gosto de chá doce. Por isso, certificou-se de que haveria algum no frigorífico.

Claro que sim. Do mesmo modo que combinara tudo com o advogado. Contudo, Amanda não teve tempo para continuar a pensar naquilo porque Dawson lhe estendeu o chá, trazendo-a de volta para o presente. Os dedos de ambos tocaram-se quando ela pegou no frasco.

Dawson ergueu o seu chá num brinde.

– Ao Tuck – disse.

Amanda bateu com o frasco no dele e tudo aquilo – estar perto de Dawson, as reminiscências do passado, o que sentira quando ele a abraçara, os dois sozinhos lá em casa – foi quase insuportável. Uma vizinha dentro de si segredou-lhe que tivesse cuidado pois dali não viria nada de bom, e lembrou a si mesma que tinha marido e filhos. Mas isso só tornou tudo ainda mais confuso.

– Com que então, vinte anos? – perguntou Dawson, por fim.

Estava a referir-se ao casamento, mas Amanda estava tão distraída que demorou algum tempo a perceber.

– Quase. E tu? Chegaste a casar?

– Não creio que estivesse escrito nas estrelas.

Amanda olhou-o por cima do rebordo do frasco.

– Continuas sem compromissos sérios?

– Nos últimos tempos, tenho estado muito sozinho.

Amanda encostou-se à bancada, sem saber o que pensar daquela resposta.

– Onde vives agora?

– No Luisiana. Num bairro nos arredores de Nova Orleães.

– E gostas?

– Não é mau. Até voltar para cá, nem me tinha apercebido de como é parecido com Oriental. Há mais pinheiros aqui e mais barbas-de-velho lá, mas para além disso não existem grandes diferenças.

– Excetuando os aligátors.

– Sim, excetuando isso. – Dawson esboçou um pequeno sorriso. – Agora é a tua

vez. Onde é que vives?

– Em Durham. Fui viver para lá depois de me casar.

– E voltas algumas vezes por ano para visitar a tua mãe?

Amanda acenou com a cabeça.

– Quando o meu pai era vivo, eles costumavam visitar-nos por causa dos miúdos. Mas depois da morte do meu pai passou a ser mais complicado. A minha mãe nunca gostou de conduzir. Por isso, agora venho eu cá. – Bebeu um gole antes de indicar a mesa com um aceno de cabeça. – Importas-te que me sente? Doem-me imenso os pés.

– Claro que não me importo. Eu vou ficar mais um pouco de pé. Passei o dia inteiro dentro de um avião.

Amanda pegou no frasco com o chá e aproximou-se da mesa, sentindo os olhos de Dawson pregados nela.

– E o que fazes no Luisiana? – perguntou-lhe enquanto se sentava.

– Sou operador de grua numa plataforma petrolífera, o que, basicamente, significa que dou apoio ao perfurador. Ajudo a introduzir e a retirar o tubo de perfuração no elevador, verifico se todas as ligações estão em ordem e vigio as bombas para garantir que estão a funcionar bem. Talvez não faça muito sentido porque nunca deves ter estado numa plataforma, mas não é fácil explicar sem te mostrar.

– É muito diferente de reparar carros.

– É menos diferente do que pensas. Basicamente, trabalho com motores e máquinas. E continuo a trabalhar em carros, sobretudo nos tempos livres. O *fastback* está como novo.

– Ainda o tens?

Dawson esboçou um enorme sorriso.

– Gosto daquele carro.

– Não – provocou-o ela –, tu *adoras* aquele carro. Eu tinha de te afastar dele sempre que vinha cá. E a maior parte das vezes não conseguia. Fico surpreendida por não teres uma fotografia dele na carteira.

– Tenho.

– A sério?

– Estava a brincar.

Amanda riu-se, com a mesma irreverente gargalhada de antigamente.

– Há quanto tempo trabalhas em plataformas petrolíferas?

– Há catorze anos. Comecei como estivador, depois passei a ser faz-tudo e agora sou operador de grua.

– De estivador para faz-tudo e agora operador de grua?

– O que posso dizer? No oceano, falamos uma língua específica. – Passou distraidamente o dedo por um dos sulcos da velha superfície da bancada. – E tu? Trabalhas? Dizias que querias ser professora.

Amanda bebeu um gole de chá e acenou com a cabeça.

– Dei aulas durante um ano, mas depois nasceu o Jared, o meu filho mais velho, e quis ficar em casa com ele durante os primeiros tempos. A seguir nasceu a Lynn e depois... tivemos alguns anos em que aconteceram muitas coisas, incluindo o falecimento do meu pai. Foi um período muito difícil. – Calou-se, consciente de quanto estava a omitir, mas sabendo que não era o momento nem o local para lhe falar

sobre Bea. Endireitou-se e manteve a voz firme. – Dois anos depois disso nasceu a Annette e nessa altura não havia motivo para voltar a trabalhar. No entanto, nos últimos dez anos tenho passado muito tempo como voluntária no Hospital Universitário Duke. Também organizo alguns almoços de angariação de fundos para eles. Por vezes é complicado, mas sinto que faço uma pequena diferença.

– Que idade têm os teus filhos?

Amanda enumerou-os pelos dedos.

– O Jared faz dezanove em agosto e terminou o primeiro ano da faculdade. A Lynn tem dezassete e está a terminar o ensino secundário. E a Annette, que tem nove, acabou o terceiro ano. É uma menina doce e despreocupada. Em contrapartida, o Jared e a Lynn estão naquela idade em que pensam que sabem tudo e que eu, como é óbvio, não sei nada.

– Ou seja, estás a dizer que são um pouco como nós éramos?

Amanda refletiu durante alguns momentos, com uma expressão quase nostálgica.

– Talvez.

Dawson calou-se e espreitou pela janela, e Amanda seguiu o seu olhar. O riacho estava da cor de ferro e a água que corria sem pressa refletia o céu cada vez mais escuro. O velho carvalho junto da margem não mudara muito desde a última vez que ele estivera ali, mas o ancoradouro apodrecera e só restavam as estacas.

– Há ali muitas recordações, Amanda – comentou ele em voz suave.

Talvez fosse o tom com que proferiu aquelas palavras, mas ela sentiu um clique dentro de si ao ouvi-las, como uma chave a abrir uma fechadura distante.

– Eu sei – respondeu por fim. Calou-se e abraçou-se, e durante algum tempo o zumbido do frigorífico foi o único som que se ouviu na cozinha. A luz do teto emitia um brilho amarelado nas paredes, projetando os seus perfis em sombras abstratas. – Quanto tempo pensas ficar cá? – perguntou por fim.

– Tenho um voo na segunda-feira ao início da manhã. E tu?

– Não vou ficar muito tempo. Prometi ao Frank que voltaria no domingo. Por vontade da minha mãe, tinha passado o fim de semana todo em Durham. Ela avisou-me de que não era boa ideia vir ao funeral.

– Porquê?

– Porque não gostava do Tuck.

– O que queres dizer é que não gostava de mim.

– Ela nunca te conheceu – replicou Amanda. – Nunca te deu uma oportunidade. Teve sempre ideias sobre como eu devia viver a minha vida. O que eu queria nunca foi importante para ela. Apesar de eu já ser adulta, ainda tenta dizer-me o que fazer. Não mudou absolutamente nada. – Passou o dedo pelo líquido no frasco de compota. – Há alguns anos cometi o erro de lhe dizer que tinha ido visitar o Tuck e foi como se tivesse acabado de cometer um crime. Fez um verdadeiro escândalo e quis saber porque é que o tinha ido visitar, de que tínhamos falado, sempre a ralhar-me como se eu ainda fosse uma criança. Depois disso, deixei de lhe contar. Dizia-lhe que ia fazer compras ou que queria almoçar com a minha amiga Martha na praia. A Martha e eu fomos colegas de quarto na residência universitária e ela vive em Salter Path, mas, apesar de falarmos, não nos vemos há anos. Não quero ter de aguentar as perguntas da minha mãe, por isso minto-lhe.

Dawson rodou o chá no copo e ficou a ver o líquido imobilizar-se enquanto pensava no que Amanda acabara de dizer.

– Enquanto vinha para cá, não conseguia parar de pensar no meu pai e na sua necessidade de controlar tudo. Não estou a dizer que a tua mãe é como ele, mas talvez seja a forma que encontrou de tentar que não cometes um erro.

– Estás a dizer que foi um erro visitar o Tuck?

– Não para o Tuck – respondeu ele. – Mas para ti? Depende do que esperavas encontrar aqui, e apenas tu podes responder a isso.

Amanda sentiu-se momentaneamente na defensiva, mas antes de conseguir responder, a sensação desapareceu quando reconheceu o padrão das conversas que tinham muitos anos antes. Um deles fazia uma afirmação para provocar o outro, o que dava muitas vezes origem a uma acesa discussão, e apercebeu-se de que sentira muitas saudades daqueles momentos. Não por discutirem, mas pela confiança que estava implícita e pelo perdão que se seguia inevitavelmente. Porque, no fim, acabavam sempre por se perdoar.

Uma parte de si desconfiou que Dawson estava a testá-la, mas ignorou o seu comentário. Surpreendendo-se a si mesma, inclinou-se sobre a mesa e as palavras seguintes foram quase automáticas.

– Onde vais jantar esta noite?

– Não tenho planos. Porquê?

– Há bifes no frigorífico, se quiseres comer aqui.

– E a tua mãe?

– Posso telefonar-lhe a avisar que saí mais tarde.

– Tens a certeza de que é boa ideia?

– Não – respondeu Amanda. – Neste momento não tenho a certeza de nada.

Dawson deslizou um polegar pelo copo e observou-a em silêncio.

– Está bem – concordou. – Vamos comer os bifes. Partindo do princípio de que não estão estragados.

– Foram entregues na segunda-feira – disse ela, recordando-se do que Tuck lhe contara. – O grelhador está lá fora, se quiseres acendê-lo.

Dawson saiu alguns instantes depois, mas a sua presença ainda se sentia na cozinha quando ela tirou o telemóvel da carteira.



Quando as brasas ficaram prontas, Dawson entrou para ir buscar os bifes que Amanda já barrara com manteiga e temperara. No momento em que abriu a porta, viu-a olhar fixamente para o armário enquanto segurava distraidamente numa lata de carne de porco com feijão.

– O que foi?

– Estava a tentar encontrar alguma coisa para comermos com os bifes, mas não há grande coisa – disse, erguendo a lata – além disto.

– Quais são as nossas opções? – perguntou ele enquanto lavava as mãos no lava-loiça.

– Além do feijão há aveia, um frasco de molho para massas, farinha para panquecas, uma caixa meio vazia de *penne* e *Cheerios*. No frigorífico há manteiga e condimentos. Oh, e chá doce, claro.

Dawson sacudiu o excesso de água das mãos.

– *Cheerios* é sempre uma possibilidade.

– Acho que prefiro a massa – replicou Amanda, a revirar os olhos. – E não devias estar lá fora a grelhar os bifes?

– És capaz de ter razão – respondeu ele, e Amanda teve de reprimir um sorriso. Pelo canto do olho, viu-o pegar na travessa e sair, fechando a porta com um suave clique.

O céu enchera-se de um intenso e aveludado tom de roxo e as estrelas já brilhavam. Atrás do vulto de Dawson, o riacho não passava de uma tira preta e as copas das árvores começavam a brilhar em tons de prata à medida que a lua ia subindo lentamente no céu.

Amanda encheu uma panela com água, colocou um pouco de sal e acendeu o gás

antes de ir buscar a manteiga ao frigorífico. Quando a água começou a ferver, acrescentou a massa e passou os minutos seguintes à procura do escorredor até o encontrar, por fim, no fundo de um armário perto do fogão.

Quando a massa ficou pronta, escorreu-a e voltou a colocá-la na panela juntamente com a manteiga, alho em pó e uma pitada de sal e pimenta. Aqueceu rapidamente a lata de feijão e terminou no preciso momento em que Dawson entrou com a travessa.

– Cheira muito bem – comentou ele, sem se preocupar em esconder a surpresa.

– Manteiga e alho – disse ela, acenando com a cabeça. – Resulta sempre. Como estão os bifes?

– Um médio mal e o outro médio. Para mim, é-me indiferente, mas não sabia muito bem como querias o teu. Posso sempre voltar a pôr um deles na grelha durante mais alguns minutos.

– Médio está bom – concordou ela.

Dawson pousou a travessa em cima da mesa e começou a procurar nos armários e nas gavetas, retirando pratos, copos e talheres. Amanda viu dois copos de vinho no armário aberto e recordou-se do que Tuck lhe dissera durante a última visita.

– Queres um copo de vinho? – perguntou.

– Só se me fizeres companhia.

Amanda acenou com a cabeça e abriu o armário que Tuck lhe indicara, onde havia duas garrafas. Retirou o *cabernet* e abriu a garrafa enquanto Dawson acabava de pôr a mesa. Depois de encher os dois copos, estendeu-lhe um.

– Se quiseres, há um frasco de molho para bifes no frigorífico – disse.

Dawson foi buscar o molho enquanto Amanda colocava a massa numa tigela e o feijão noutra. Chegaram à mesa ao mesmo tempo e, enquanto ambos inspecionavam o cenário do jantar íntimo, Amanda apercebeu-se da respiração suave de Dawson ao seu lado. Ele interrompeu o momento e foi buscar a garrafa de vinho que estava em cima da bancada. Ela abanou a cabeça antes de se sentar.

Amanda bebeu um gole de vinho e o sabor perdurou no fundo da garganta. Depois de se servirem, Dawson hesitou, a olhar para o prato.

– Está tudo bem? – perguntou ela, franzindo a testa.

O som da voz dela trouxe-o de volta para a realidade.

– Só estava a tentar lembrar-me da última vez que fiz uma refeição assim.

– Bife? – perguntou ela, a cortar a carne e a espetar um pedaço no garfo.

– Tudo. – Dawson encolheu os ombros. – Na plataforma, costumo comer na cantina com um monte de homens e em casa sou só eu, por isso acabo por preparar alguma coisa simples.

– E quando vais comer fora? Há imensos restaurantes ótimos em Nova Orleães.

– Raramente vou à cidade.

– Nem com uma namorada? – perguntou ela, entre dentadas.

– Não costumo ter namoradas – respondeu ele.

– Nunca?

Dawson começou a cortar o bife.

– Não.

– Porque não?

Dawson sentiu que ela o observava enquanto bebia um gole de vinho, à espera de

uma resposta, e mexeu-se na cadeira.

– É melhor assim – respondeu.

O garfo de Amanda parou no ar.

– Não é por minha causa, pois não?

Ele manteve a voz firme.

– Não sei o que queres que te diga.

– Com certeza não estás a sugerir... – começou Amanda.

Como ele não respondeu, fez mais uma tentativa.

– Estás mesmo a tentar dizer-me que... que não namoraste com mais ninguém desde que nos separámos?

Dawson continuou em silêncio e Amanda pousou o garfo. Sentiu uma ponta de beligerância na voz.

– Estás a dizer que sou a causa desta... desta vida que escolheste?

– Mais uma vez, não sei muito bem o que queres que te diga.

Os olhos de Amanda semicerraram-se.

– Então também não sei o que é suposto dizer.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer que até parece que sou a razão de estares sozinho. Que... que de certa forma *a culpa é minha*. Fazes ideia de como isso me faz sentir?

– Eu não disse aquilo para te magoar. Só queria dizer...

– Eu sei exatamente o que querias dizer – retorquiu Amanda. – E sabes que mais?

Naquele tempo eu amava-te tanto como tu me amavas, mas por algum motivo não estava destinado a acontecer e acabou. Mas eu não acabei. E tu também não. – Pousou as palmas das mãos em cima da mesa. – Achas mesmo que me quero ir embora daqui a pensar que vais passar o resto da vida sozinho? Por *minha* causa?

Dawson olhou-a fixamente.

– Nunca te pedi que tivesses pena de mim.

– Então porque é que disseste uma coisa destas?

– Eu não disse grande coisa – afirmou ele. – Nem sequer respondi à pergunta. Tu interpretaste como quiseste.

– Estava enganada?

Em vez de lhe responder, Dawson pegou na faca.

– Nunca te disseram que se não estás preparada para ouvir a resposta é melhor não perguntares?

Apesar de ele ter respondido à sua pergunta com outra pergunta – tivera sempre um talento especial para isso –, Amanda não conseguiu conter-se.

– Bem, mesmo assim a culpa não é minha. Se queres estragar a tua vida, estás à vontade. Quem sou eu para te impedir?

Dawson surpreendeu-a com uma gargalhada.

– É bom constatar que não mudaste nem um pouco.

– Acredita que mudei.

– Não muito. Continuas disposta a dizer-me exatamente o que pensas, seja o que for. Mesmo que penses que estou a arruinar a minha vida.

– É óbvio que precisas que alguém te diga.

– Vou tentar deixar-te mais tranquila, está bem? Eu também não mudei. Estou

sozinho porque sempre estive sozinho. Antes de me conheceres, fazia tudo o que podia para manter a minha família de doidos à distância. Quando vim para cá, às vezes o Tuck passava dias sem falar comigo e depois de te ires embora estive na prisão de Caledonia. Quando saí, ninguém na cidade me queria por perto, por isso fui-me embora. Acabei a trabalhar vários meses por ano numa plataforma petrolífera no meio do oceano, que não é propriamente um lugar propício para relações... vejo isso em primeira mão. É verdade que alguns casais conseguem resistir a esse tipo de separação regular, mas também há uma grande quantidade de corações partidos. É mais fácil assim, e além disso estou acostumado.

Amanda analisou a resposta que ele lhe dera.

– Queres saber se penso que estás a dizer-me toda a verdade?

– Nem por isso.

Ela não conseguiu conter uma gargalhada.

– Posso fazer-te outra pergunta? Não tens de responder, se preferires não falar no assunto.

– Podes perguntar o que quiseses – disse ele, levando um pedaço de bife à boca.

– O que aconteceu na noite do acidente? A minha mãe contou-me algumas coisas, mas nunca conheci a história toda e não sabia em que acreditar.

Dawson mastigou em silêncio antes de responder.

– Não há muito que contar – disse por fim. – O Tuck tinha encomendado um jogo de pneus para um *Impala* que estava a restaurar, mas houve um engano e os pneus foram entregues numa loja em New Bern. Ele pediu-me para ir buscá-los e eu fui. Tinha chovido um pouco e já estava escuro quando voltei para a cidade.

Fez uma pausa, tentando mais uma vez perceber o impossível.

– Um carro em sentido contrário vinha em excesso de velocidade. Nunca soube se era conduzido por um homem ou por uma mulher. Fosse quem fosse, passou para a minha faixa no momento em que eu vinha a passar e guinei para não lhe bater. No instante seguinte, o carro passou por mim a voar e a carrinha de caixa aberta estava a sair da estrada. Vi o Dr. Bonner, mas... – As imagens continuavam nítidas, as imagens eram *sempre* nítidas, um pesadelo que não mudava. – Foi como se acontecesse tudo em câmara lenta. Travei a fundo e continuei a virar o volante, mas a estrada e a erva estavam escorregadias e depois...

Calou-se. No silêncio, Amanda tocou-lhe no braço.

– Foi um acidente – murmurou.

Dawson não respondeu, mas quando mexeu os pés Amanda perguntou o óbvio.

– Porque é que foste preso? Se não tinhas bebido nem ias em excesso de velocidade?

Quando Dawson encolheu os ombros, ela percebeu que já sabia a resposta. A condenação fora determinada pelo seu apelido.

– Lamento – disse, mas as palavras pareceram inadequadas.

– Eu sei. Mas não tenhas pena de mim – replicou ele. – Tem pena da família do Dr. Bonner. Por minha causa, ele nunca chegou a casa. Por minha causa, os seus filhos cresceram sem pai. Por minha causa, a sua mulher continua a viver sozinha.

– Não sabes – replicou ela. – Pode ter voltado a casar-se.

– Não voltou – declarou Dawson. Antes de ela ter tempo para lhe perguntar como

é que sabia, ele baixou os olhos para o prato. – E tu? – perguntou-lhe abruptamente, como se estivesse a arrumar a conversa anterior numa caixa e a fechar a tampa, fazendo-a arrepende-se de ter falado no assunto. – Conta-me o que tens feito desde a última vez que nos vimos.

– Nem saberia por onde começar.

Dawson pegou na garrafa de vinho e encheu os copos de ambos.

– E se começasses pela faculdade?

Amanda capitulou e contou-lhe a sua vida, inicialmente em traços largos. Dawson ouviu com atenção e faz-lhe perguntas, para saber mais pormenores. As palavras começaram a sair com mais facilidade. Amanda falou-lhe sobre as colegas de quarto, sobre a aulas e sobre os professores que mais a tinham inspirado. Confessou que o ano em que dera aulas fora muito diferente do que esperava, talvez porque ainda não se tinha acostumado à ideia de que já não era estudante. Contou-lhe como conhecera Frank, embora se tivesse sentido estranhamente culpada ao proferir o seu nome e não voltasse a mencioná-lo. Falou-lhe um pouco sobre as amigas e sobre alguns dos lugares que conhecera ao longo dos anos, mas falou-lhe acima de tudo sobre os filhos, descrevendo as suas personalidades e desafios, e esforçando-se para não se gabar demasiado das suas realizações.

De vez em quando, concluíam um pensamento e perguntava a Dawson como era a sua vida na plataforma ou como preenchia os seus dias quando estava em casa, mas ele desviava a conversa para ela. Parecia genuinamente interessado na sua vida e ela sentiu que era estranhamente natural falar com ele, quase como se estivessem a retomar uma conversa interrompida há muito tempo.

Mais tarde, tentou recordar a última vez conversara assim com Frank, mesmo quando estavam sozinhos. Agora, Frank bebia e encarregava-se da maioria da conversa; quando falavam sobre os filhos, era sempre sobre o desempenho escolar ou quaisquer problemas que pudessem estar a enfrentar e qual seria a melhor maneira de os resolver. As suas conversas eram eficientes e tinham um objetivo, e ele raramente lhe perguntava como corria o seu dia ou quais eram os seus interesses. Em parte, sabia que era endémico em qualquer casamento de muitos anos; havia poucas coisas novas para comentar. Porém, de certa forma sentia que a sua ligação a Dawson sempre fora diferente, e isso fê-la perguntar a si mesma se a vida também teria acabado por desgastar a relação se tivesse ficado com ele. Não queria pensar que sim, mas como poderia ter a certeza?

Conversaram pela noite fora, com as estrelas a brilhar tenuemente através da janela da cozinha. Levantara-se uma brisa que agitava as folhas das árvores como se fossem ondas do oceano. A garrafa de vinho estava vazia e Amanda sentia-se quente e relaxada. Dawson levou os pratos para o lava-loiça e ficaram lado a lado enquanto ele lavava e ela limpava. De vez em quando, apanhava-o a observá-la enquanto lhe passava um dos pratos e, embora em muitos sentidos se tivesse passado uma vida inteira desde que se tinham visto pela última vez, estranhamente era como se nunca tivessem perdido o contacto.

Quando acabaram de arrumar a cozinha, Dawson apontou para a porta das traseiras.

– Ainda tens alguns minutos?

Amanda olhou para o relógio e, apesar de saber que seria melhor ir-se embora, deu por si a dizer:

– Tenho. Mas só alguns.

Dawson segurou a porta aberta e ela passou por ele e desceu os degraus de madeira que chiavam. A lua aparecera por fim no céu e o seu reflexo conferia uma estranha e exótica beleza à paisagem. Um orvalho prateado cobria a vegetação rasteira, molhando-lhe os dedos dos pés nas sandálias, e o cheiro a pinheiros impregnava o ar. Caminharam lado a lado e o som dos seus passos perdeu-se no meio do canto dos grilos e do sussurrar das folhas.

Perto da margem, um velho carvalho estendia os ramos baixos e a sua imagem refletia-se na água. O rio galgara parte da margem e era quase impossível aproximarem-se dos ramos sem se molharem, por isso pararam.

– Era ali que costumávamos sentar-nos – disse ele.

– Era o nosso sítio – replicou ela. – Sobretudo depois de eu discutir com os meus pais.

– Espera. Nessa altura discutias com os teus pais? – Dawson fingiu surpresa. – Não era por minha causa, pois não?

Amanda deu-lhe um pequeno encontrão com o ombro.

– Que engraçadinho. Costumávamos sentar-nos num ramo e tu abraçavas-me e eu chorava e berrava e tu deixavas-me queixar-me sobre como eles eram injustos até me acalmar. Eu era bastante melodramática naquela altura, não era?

– Não reparei.

Amanda conteve uma gargalhada.

– Lembras-te dos saltos que os ruivos davam? Às vezes eram tantos que parecia que estavam a exhibir-se para nós.

– Tenho a certeza de que vão saltar esta noite.

– Eu sei, mas não será a mesma coisa. Quando vínhamos para cá, eu precisava de os ver. Era como se eles soubessem sempre que eu precisava de alguma coisa especial para me sentir melhor.

– Pensei que era eu que te fazia sentir melhor.

– Eram, sem dúvida, os ruivos – disse Amanda num tom de provocação.

Ele sorriu.

– Tu e o Tuck costumavam vir para cá?

Amanda abanou a cabeça.

– A encosta era um pouco íngreme de mais para ele. Mas eu vim. Ou, pelo menos, tentei.

– Como assim?

– Acho que queria saber se este lugar ainda tinha o mesmo efeito sobre mim, mas nem sequer vim tão longe. Não que tenha visto ou ouvido alguma coisa quando vinha para cá, mas comecei a pensar que poderia estar alguém escondido no pinhal e a minha imaginação acabou por... fugir comigo. Apercebi-me de que estava completamente sozinha e se acontecesse alguma coisa aqui não poderia fazer nada. Depois destes

pensamentos, dei meia-volta e nunca mais voltei.

– Até agora.

– Não estou sozinha. – Amanda observou os remoinhos na água, esperançada de que algum ruivo saltasse, mas não viu qualquer movimento. – É difícil acreditar que passou tanto tempo – murmurou. – Éramos tão jovens.

– Não demasiado jovens. – Dawson falou em voz baixa, mas com uma estranha certeza.

– Éramos uns miúdos, Dawson. Na altura não parecia, mas depois de termos filhos a nossa perspetiva muda. Quero dizer, a Lynn tem dezassete anos e não consigo imaginá-la a sentir o que eu sentia naquela época. Ela nem sequer tem namorado. E, se se escapulisse pela janela do quarto a meio da noite, é muito provável que eu tivesse a mesma reação que os meus pais.

– Se não gostasses do namorado, é isso?

– Mesmo que o considerasse perfeito para ela. – Voltou-se para o olhar. – Em que é que estávamos a pensar?

– Não pensávamos – respondeu ele. – Estávamos apaixonados.

Amanda fitou-o e os seus olhos refletiram raios de luar.

– Desculpa não te ter visitado nem escrito. Depois de te mandarem para Caledonia...

– Não faz mal.

– Faz, sim. Mas pensei no que aconteceu... em nós. O tempo todo. – Amanda estendeu o braço para tocar no carvalho, a tentar retirar força dele antes de continuar. – Sentia-me paralisada sempre que me sentava para escrever. Por onde poderia começar? Devia falar-se sobre as aulas ou sobre as minhas colegas de quarto? Ou perguntar-te como eram os teus dias? Sempre que começava a escrever alguma coisa, lia o que tinha escrito e não me parecia bem. Por isso, rasgava tudo e prometia que recomençaria no dia seguinte. Mas os dias foram passando. E depois tinha passado demasiado tempo e...

– Eu não estou zangado – disse ele. – E naquela altura também não fiquei.

– Porque já me tinhas esquecido?

– Não – respondeu ele. – Porque naquela altura mal conseguia olhar-me ao espelho. E foi muito importante saber que tinhas seguido em frente. Queria que tivesses o tipo de vida que eu nunca te poderia dar.

– Não estás a falar a sério, pois não?

– Estou – respondeu Dawson.

– Estás redondamente enganado. Todas as pessoas têm coisas no seu passado que gostariam de poder mudar, Dawson. Até eu. E a minha vida também não tem sido perfeita.

– Queres falar sobre isso?

Anos antes teria conseguido contar-lhe tudo, e, apesar de ainda não estar preparada, sentiu que seria apenas uma questão de tempo até isso voltar a acontecer. A consciência desse facto assustou-a, e admitiu que Dawson despertara dentro de si algo que não sentia há muito, muito tempo.

– Ficavas zangado se te dissesse que ainda não me sinto preparada para falar no assunto?

– Claro que não.

Amanda esboçou o vestígio de um sorriso.

– Nesse caso, vamos só aproveitar isto mais alguns minutos, está bem? Como costumávamos fazer? Este sítio é tão tranquilo.

A lua continuava a lenta subida no céu, conferindo um tom etéreo à paisagem que os envolvia; longe do seu brilho, estrelas cintilavam tenuemente, como minúsculos prismas. Parados ao lado um do outro, Dawson perguntou a si mesmo quantas vezes teria ela pensado nele ao longo dos anos. Certamente, menos do que ele pensara nela, mas tinha a impressão de que se sentiam ambos sozinhos, se bem que de maneiras diferentes. Ele era uma figura solitária numa vasta paisagem deserta, enquanto ela era um rosto no meio de uma multidão anónima. Mas não fora sempre assim, mesmo quando eram adolescentes? Fora isso que os unira, e tinham encontrado felicidade um com o outro.

Ouviu Amanda suspirar na escuridão.

– Acho que é melhor ir andando – disse ela.

– Eu sei.

Amanda sentiu alívio ao ouvir aquela resposta, mas também ficou um pouco desapontada. Viraram as costas ao riacho e voltaram em silêncio para casa, ambos embrenhados nos seus pensamentos. No interior, Dawson apagou as luzes e ela fechou tudo antes de se dirigirem sem pressa para os respetivos carros. Dawson estendeu a mão para lhe abrir a porta.

– Encontramo-nos amanhã no escritório do advogado – disse.

– Às onze.

Ao luar, o cabelo de Amanda parecia uma cascata prateada e ele resistiu ao impulso de passar os dedos por ele.

– Gostei imenso desta noite. Obrigado pelo jantar.

Parada à sua frente, de repente Amanda teve o louco pensamento de que ele talvez tentasse beijá-la e, pela primeira vez desde os tempos da faculdade, quase se sentiu sem fôlego ao ser olhada por alguém. No entanto, virou-se antes de ele poder sequer tentar.

– Foi bom ver-te, Dawson.

Sentou-se ao volante e suspirou de alívio quando ele lhe fechou a porta. Ligou o motor e engrenou a marcha-atrás.

Dawson acenou enquanto ela recuava e dava a volta, e viu-a afastar-se pelo acesso de gravilha. As luzes traseiras vermelhas oscilaram ligeiramente até o carro descrever uma curva e desaparecer da vista.

Depois, voltou devagar para a oficina. Acendeu o interruptor e, quando a única lâmpada no teto acendeu, sentou-se em cima de um monte de pneus. O silêncio era absoluto e nada se mexia a não ser uma solitária traça noturna que esvoaçou para a luz. Enquanto a traça colidia com a lâmpada, Dawson refletiu sobre o facto de Amanda ter seguido em frente com a sua vida. Independentemente das tristezas ou dos problemas que escondia – e sabia que existiam –, conseguira construir o tipo de vida que sempre quisera. Tinha um marido, filhos e uma casa na cidade, e agora as suas recordações eram dessas coisas, exatamente como devia ser.

Sentado sozinho na oficina de Tuck, percebeu que mentira a si mesmo ao

convencer-se de que também tinha seguido com a sua vida. Não tinha. Presumira sempre que Amanda o esquecera, mas agora tinha a confirmação. Algures dentro de si, sentiu uma coisa mexer-se e soltar-se. Despedira-se há muito tempo desse passado e desde então quisera acreditar que fizera a coisa certa. Todavia, naquele momento, iluminado pela luz amarela e silenciosa de uma oficina abandonada, não teve tanta certeza. Amara Amanda em tempos e nunca deixara de a amar, e o tempo que passara com ela nessa noite não mudara essa simples verdade. Porém, quando pegou nas chaves, teve consciência de outra coisa, uma coisa que não esperava.

Levantou-se, apagou a luz e dirigiu-se para o carro, sentindo-se estranhamente vazio. Afinal, uma coisa era saber que o que sentia por Amanda não tinha mudado; outra muito diferente era encarar o futuro com a certeza de que nunca mudaria.



As cortinas do quarto da pensão eram finas e a claridade acordou Dawson poucos minutos depois de o dia nascer. Ele virou-se para o outro lado, na esperança de voltar a adormecer, mas não conseguiu. Levantou-se e passou alguns minutos a espreguiçar-se. De manhã tudo lhe doía, sobretudo as costas e os ombros. Perguntou a si mesmo durante quantos anos conseguiria continuar a trabalhar na plataforma; o seu corpo acumulara um grande desgaste e cada ano que passava parecia agravar as lesões.

Pegou na mochila cilíndrica, retirou o equipamento de corrida, vestiu-se e desceu as escadas sem fazer barulho. A pensão correspondera às suas expectativas: quatro quartos no primeiro andar e uma cozinha, uma sala de refeições e uma sala de estar no rés do chão. Sem surpresa, os proprietários tinham optado por um tema náutico na decoração; miniaturas de barcos à vela de madeira adornavam as mesas de apoio e nas paredes viam-se quadros com escunas. Por cima da lareira havia um leme antigo e na porta tinha sido colado um mapa do rio com os canais assinalados.

Os proprietários ainda não estavam acordados. Na noite anterior, quando fizera o registo, tinham-lhe dito que a encomenda de flores estava no seu quarto e que o pequeno-almoço era às oito horas. Teria tempo suficiente para fazer o que precisava antes da reunião com o advogado.

No exterior, a manhã já estava clara. Uma fina camada de neblina pairava sobre o rio como uma nuvem baixa, mas o céu tinha um azul brilhante em todas as direções. O ar já estava quente, prenunciando mais calor. Dawson rodou os ombros algumas vezes e começou a correr devagar antes de chegar à rua. Passados alguns minutos o seu corpo começou a soltar-se e ele adotou um ritmo moderado.

A rua estava vazia quando entrou no pequeno centro de Oriental. Passou por dois antiquários, uma loja de ferragens e algumas agências imobiliárias. Do outro lado da

rua, o restaurante Irvin's já estava aberto e havia alguns carros estacionados à frente. Atrás de si, a neblina que pairava sobre o rio começou a dissipar-se, e ao inspirar fundo sentiu um forte cheiro a sal e a pinheiros. Perto da marina, passou por um café muito movimentado e alguns minutos depois, quase sem rigidez, pôde aumentar o ritmo. Na marina, as gaivotas descreviam círculos e piavam enquanto pessoas transportavam geleiras para os seus barcos à vela, e, sempre a correr, passou por uma rústica loja de isco.

Ao passar pela Primeira Igreja Batista, maravilhou-se com os vitrais e tentou recordar-se se alguma vez reparara neles quando era criança. Depois, procurou o escritório de Morgan Tanner. Sabia a morada e por fim avistou a placa num pequeno edifício de tijolo entalado entre uma farmácia e um negociante de moedas. Na placa via-se o nome de outro advogado, se bem que não parecessem partilhar as instalações. Perguntou a si mesmo o que levava Tuck a escolher Tanner. Até receber o telefonema, nunca ouvira falar no homem.

Quando chegou ao fim do centro da cidade, saiu da estrada principal e começou a percorrer ruas secundárias, a correr sem um destino específico.

Não dormira bem. A sua mente alternara interminavelmente entre Amanda e os Bonner. Na prisão, para além de Amanda, só conseguia pensar em Marilyn Bonner. Ela testemunhara na audiência de atribuição da pena e o seu testemunho sublinhara o facto de que Dawson não só a privara do homem que amava e do pai dos seus filhos, como destruíra todo o seu estilo de vida. Com a voz embargada, admitira que não sabia como conseguiria sustentar a família nem o que lhes aconteceria. O Dr. Bonner não fizera um seguro de vida.

Marilyn Bonner acabou por perder a casa e foi viver com os pais no pomar, mas a sua vida continuou a ser uma luta. O pai já estava reformado e tinha um enfisema em fase inicial. A mãe sofria de diabetes e as prestações do empréstimo sobre a propriedade levavam quase todo o dinheiro que o pomar rendia. Como, entre os dois, os pais necessitavam de cuidados praticamente a tempo inteiro, Marilyn só podia trabalhar em tempo parcial. Mesmo quando juntava o seu pequeno salário às pensões de reforma dos pais, o dinheiro mal chegava para pagar as despesas básicas e por vezes nem sequer para isso. A velha casa onde viviam começava a cair aos pedaços e as prestações da hipoteca sobre o pomar acabaram por ficar em atraso.

Na altura em que Dawson saiu da prisão, a família Bonner encontrava-se numa situação desesperada. Dawson só soube isso no dia em que foi lá a casa pedir desculpa quase seis meses mais tarde. Quando Marilyn lhe abriu a porta, quase não a reconheceu; o seu cabelo estava grisalho e a pele tinha um aspeto macilento. Em contrapartida, Marilyn sabia bem quem Dawson era e, antes de ele ter tempo de proferir uma só palavra, começara aos gritos e mandara-o embora, acusando-o de lhe ter estragado a vida, declarando que ele lhe matara o marido e que não tinha dinheiro suficiente para consertar as infiltrações no telhado nem para contratar os trabalhadores de que necessitava. Aos gritos, disse-lhe que o banco ameaçava executar a hipoteca sobre o pomar e ameaçou-o de que ia chamar a polícia. Avisou-o que não queria voltar a vê-lo ali. Dawson foi-se embora, mas naquela mesma noite voltou lá a casa para observar a estrutura em mau estado e depois percorreu as filas de pessegueiros e macieiras. Na semana seguinte, depois de receber o ordenado que Tuck lhe pagava,

dirigiu-se ao banco e pediu que enviassem um cheque a Marilyn Bonner com quase a totalidade do valor, juntamente com todo o dinheiro que conseguira poupar desde que saíra da prisão, sem qualquer bilhete com uma explicação.

A vida de Marilyn melhorou nos anos seguintes. Os pais faleceram e ela herdou a casa da quinta e o pomar; embora por vezes fosse difícil, conseguiu pagar as prestações em atraso efetuar as reparações necessárias. Agora, era proprietária de uma terra sem hipotecas. Tinha criado um negócio de venda postal alguns anos depois de Dawson sair da cidade, vendendo compotas artesanais. Com a ajuda da Internet, o negócio expandiu-se tanto que já não tinha de se preocupar com o pagamento das contas. Apesar de não ter voltado a casar-se, mantinha há quase dezasseis anos uma relação com um contabilista chamado Leo.

Quanto aos filhos, Emily tinha feito uma licenciatura na Universidade da Carolina Oriental e acabou por se mudar para Raleigh, onde trabalhava como gerente de uma grande loja, preparando-se, muito provavelmente, para assumir as rédeas do negócio da mãe no futuro. Alan vivia no pomar, numa casa móvel que a mãe lhe comprara, e não quisera tirar um curso superior. Contudo, tinha um emprego estável e, nas fotografias que lhe eram enviadas, parecia sempre feliz.

Uma vez por ano, as fotografias chegavam ao Luisiana acompanhadas de uma breve atualização sobre Marilyn, Emily e Alan. O detetive particular que ele contratara era sempre minucioso, mas nunca invadia demasiado a privacidade da família.

Por vezes sentia-se culpado por ter mandado vigiar os Bonner, mas tinha de saber se conseguia fazer nem que fosse uma ínfima diferença positiva nas suas vidas. Era tudo o que queria desde a noite do acidente e era por isso que enviara cheques mensais durante as últimas décadas, quase sempre através de contas bancárias anónimas em paraísos fiscais. Afinal de contas, tinha sido responsável pela maior perda que aquela família sofrera, e enquanto corria pelas ruas sossegadas soube que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para os compensar.

A febre que Abee Cole sentia dentro de si fazia-o sentir-se doente e, apesar do calor, tinha arrepios de frio. Dois dias antes, aparecera com o bastão de basebol à frente de um indivíduo que o provocara e o tipo surpreendera-o com um x-ato. Um objeto sujo que lhe deixara um feio golpe aberto na barriga. No princípio da manhã, apercebera-se de que saía pus verde da ferida, que cheirava como um cano de esgoto, apesar dos medicamentos que era suposto ajudarem. Se a febre não cedesse em breve, tencionava ir à procura do primo Calvin com o bastão, pois ele garantiria-lhe que o antibiótico que roubara do consultório do veterinário resolveria o problema.

No entanto, naquele momento distraiu-se ao ver Dawson passar a correr do outro lado da rua, e pensou no que faria com ele.

Ted estava na loja de conveniência atrás de si e Abee perguntou a si mesmo se ele o teria visto. Talvez não. Se tivesse visto, teria saído disparado da loja como um javali. Desde que soubera que Tuck batera as botas, Ted estava à espera que Dawson aparecesse. Provavelmente, enquanto afiava as facas e carregava as armas e verificava as granadas, ou bazucas ou as armas que guardava naquele pardieiro onde vivia com

Ella, a sua rameira ordinária.

Ted não regulava muito bem da cabeça. Nunca regulara. Era uma pilha de raiva, pronta para explodir. E os nove anos que passara na prisão não tinham servido de nada para o controlar. Nos últimos anos, a situação chegara a um ponto em que era quase impossível mantê-lo na linha, mas, como Abee costumava pensar, nem sempre era uma coisa má. Tornava-o um executor eficaz, garantindo que todos os intervenientes na produção de cristal na propriedade cumpriam as suas regras. Toda a gente tinha medo dele, incluindo a família, e isso era muito bom para Abee. Não metiam o nariz nos seus negócios e faziam o que lhes mandavam. Embora não gostasse especialmente do irmão mais novo, ele era-lhe muito útil.

Mas agora Dawson voltara à cidade e era impossível saber o que Ted faria. Abee já calculava que Dawson viria por causa do falecimento de Tuck, mas alimentara a esperança de que ele tivesse o bom senso de lhe prestar homenagem e partir antes que se soubesse que voltara à cidade. Era o que uma pessoa com um mínimo de bom senso teria feito, e estava convencido de que Dawson era suficientemente inteligente para saber que Ted queria matá-lo sempre que se olhava ao espelho e via aquele nariz torto.

Abee estava-se nas tintas para o que pudesse acontecer a Dawson, fosse o que fosse. Todavia, não queria que Ted se metesse desnecessariamente em sarilhos. Já era complicado manterem as coisas em funcionamento com a polícia federal e estadual e o xerife a meterem o nariz nos negócios da família. Longe ia o tempo em que as autoridades tinham medo deles. Agora, a polícia tinha helicópteros, cães, infravermelhos e bufos em toda a parte. Abee tinha de pensar nessas coisas e era o único que conseguia fazer planos para as evitar.

Era preciso ter em conta que Dawson era muito mais inteligente do que os agarrados a metanfetaminas a quem Ted costumava tratar da saúde. Dissessem o que dissessem sobre Dawson, a verdade é que ele dera uma valente tarefa a Ted e ao pai quando ambos estavam armados, e era importante não esquecer isso. Dawson não tinha medo de Ted nem de Abee e estaria preparado. Ele podia ser implacável quando era necessário e isso deveria ser o suficiente para Ted pensar duas vezes. Mas não seria, porque Ted não pensaria de uma forma lógica.

A última coisa de que precisava era que Ted fosse preso outra vez. Ele fazia-lhe falta, tendo em conta que metade da família estava agarrada a metanfetaminas e tinha tendência para fazer coisas estúpidas. No entanto, se não conseguisse impedir que Ted se passasse quando visse Dawson, talvez ele acabasse por ter de ir de novo a tribunal. A ideia causou-lhe um ardor no estômago que agravou a náusea.

Abee inclinou-se, vomitou no asfalto e limpou a boca com as costas da mão no momento em que Dawson desapareceu por fim na esquina. Ted ainda não tinha saído. Abee soltou um suspiro mental de alívio e decidiu não lhe contar o que vira. Foi acometido de outro arrepio e sentiu as entranhas arder. Céus, estava mesmo mal. Quem poderia imaginar que o tipo andava com um x-ato?

Abee não queria matá-lo – só queria dar-lhe um recado, a ele e a todos os que tivessem ideias a respeito de Candy. Porém, da próxima vez não correria riscos. Quando comesse a rodar o taco, não pararia. Seria cuidadoso – era sempre cuidadoso quando sabia que poderia ter problemas com a justiça –, mas todos tinham de compreender que a sua namorada pertencia-lhe a ele e a mais ninguém. Era bom que

os outros tipos não olhassem para ela, nem falassem com ela, e que não se pusessem com ideias de lhe saltar para as cuecas. Candy talvez ficasse zangada, mas tinha de perceber que agora lhe pertencia. Não lhe apetecia nada ter de desfigurar aquela sua cara linda para que não restassem quaisquer dúvidas.



Candy não sabia muito bem o que fazer em relação a Abee Cole. Era certo que tinham saído algumas vezes e era provável que ele pensasse que podia mandar nela. Mas era um homem e há muito que ela sabia lidar com eles, mesmo os que eram casmurros como ele. Candy podia ter apenas vinte e quatro anos, mas estava por sua conta desde os dezassete e aprendera que, enquanto usasse o cabelo louro comprido e olhasse para os tipos com *aquele olhar*, era fácil conseguir que fizessem tudo o que queria. Sabia fazer um homem sentir-se fascinante, por muito bronco que ele fosse. E nos últimos sete anos tudo lhe corra de feição. Possuía um *Mustang* descapotável, oferecido por um velho em Wilmington, e uma pequena estatueta de Buda que colocava no parapeito da janela, supostamente de ouro e que pertencera a um simpático chinês de Charleston. Sabia que, se dissesse a Abee que estava a ficar sem dinheiro, era muito possível que ele lhe desse algum e que se sentisse um verdadeiro rei.

Pensando bem, talvez não fosse grande ideia. Ela não era daquelas bandas e nunca ouvira falar nos Cole até chegar a Oriental alguns meses antes. Quanto mais sabia sobre eles, mais hesitava em deixar que Abee se aproximasse demasiado. Não por ele ser um criminoso. Andara alguns meses com um traficante de cocaína em Atlanta por cerca de vinte mil dólares e ambos tinham ficado encantados com o arranjo. Não, uma parte do problema era Ted e o desconforto que sentia quando estava perto dele.

Eles estavam muitas vezes juntos quando Abee aparecia e, sinceramente, Ted assustava-a. Não era apenas o rosto picado pelas bexigas ou os dentes castanhos que a assustavam; era mais a sua... *vibração*. Quando lhe sorria, o seu sorriso tinha uma alegre malevolência, como se não fosse capaz de decidir se lhe apetecia estrangulá-la ou beijá-la, embora pensasse que as duas coisas seriam igualmente divertidas.

Ted horrorizava-a desde o primeiro momento, mas tinha de admitir que, quanto melhor conhecia Abee, mais se preocupava por ver que os dois eram farinha do mesmo saco. Nos últimos tempos, Abee estava a ficar um pouco... *possessivo* e isso começava a assustá-la. Com toda a franqueza, era capaz de estar na hora de se ir embora. Seguir para norte, para a Virgínia, ou para sul, para a Florida, era indiferente. Partiria já amanhã, mas ainda não tinha dinheiro suficiente para a viagem. Nunca fora boa a poupar, mas pensou que se conseguisse dar bem a volta aos clientes do bar nesse fim de semana e jogasse bem os seus trunfos, conseguiria ganhar dinheiro suficiente até domingo para se pôr a andar dali para fora antes que Abee Cole percebesse que ela tinha desaparecido.



O camião de distribuição desviou-se do eixo da via para a berma e voltou para o

centro porque Alan Bonner estava a tentar tirar um cigarro enquanto batia com o maço na coxa, ao mesmo tempo que tentava não entornar o copo de café que prendera entre as pernas. No rádio ouvia-se uma canção *country* aos berros, alguma coisa sobre um homem que perdera o cão ou queria um cão ou gostava de cães, ou uma coisa desse género, mas a letra nunca era tão importante como a melodia e aquela tinha *imenso* ritmo. Além disso era sexta-feira, o que significava que só tinha mais sete horas de trabalho antes do longo e glorioso fim de semana, e já estava de bom humor.

– Não devias baixar isso? – perguntou-lhe Buster.

Buster Tibson era o novo estagiário da empresa, o único motivo por que estava no camião, e passara a semana inteira a queixar-se disto ou a fazer perguntas sobre aquilo. Dava cabo da paciência a um santo.

– O quê? Não gostas desta canção?

– O manual diz que ouvir rádio muito alto provoca distrações. O Ron referiu isso especificamente quando me contratou.

Era outra das coisas irritantes em Buster. Atribuía demasiada importância às regras. Talvez fosse por isso que Ron o contratara.

Alan conseguiu tirar o cigarro e enfiou-o entre os dentes enquanto procurava o isqueiro. O problema era que ele estava no fundo do bolso, e foi necessária alguma concentração para não entornar o café quando começou a tentar tirá-lo.

– Não te preocupes com isso. É sexta-feira, lembra-te?

Buster pareceu insatisfeito com a resposta e, quando olhou para o colega, Alan apercebeu-se de que ele tinha engomado a camisa nessa manhã. Sem dúvida, fizera de tudo para que Ron reparasse. Provavelmente, também entrara no escritório com um bloco de apontamentos e uma caneta, para poder anotar tudo o que o chefe dizia, ao mesmo tempo que elogiava a sua sabedoria.

E o nome do tipo? Era outra coisa. Que pais se lembrariam de dar ao filho o nome Buster?

O camião de distribuição guinou de novo para a berma quando Alan conseguiu pegar, por fim, no isqueiro.

– Hei, porque raio é que te deram o nome Buster? – perguntou-lhe.

– É um nome de família. Do lado da minha mãe. – Buster franziu o sobrolho. – Quantas entregas foram feitas hoje?

Buster levava a semana inteira a fazer aquela pergunta e Alan ainda não percebera porque é que o número específico era tão importante. Distribuíam bolachas, frutos secos, batatas fritas, aperitivos e carne seca em estações de serviço e lojas de conveniência, mas o segredo era não fazer a volta muito depressa, caso contrário Ron acrescentaria mais paragens. Alan aprendera essa lição no ano anterior e não voltaria a cometer o mesmo erro. A sua zona abrangia todo o condado de Pamlico, o que significava que tinha de percorrer infinitamente as estradas mais aborrecidas da história da humanidade. Ainda assim, este era, de longe, o melhor emprego que já tivera. Muito melhor do que as obras ou a jardinagem, ou lavar carros, ou tudo o que fizera desde que terminara o ensino secundário. Ali, havia ar fresco a entrar pela janela, ouvia música tão alto quanto lhe apetecia e não tinha o chefe constantemente à perna. E o ordenado também não era mau.

Alan colocou as mãos em concha, conduzindo com os cotovelos enquanto acendia

o cigarro. Expeliu o fumo pela janela aberta.

– Bastantes. Será uma sorte se conseguirmos terminar.

Buster voltou-se para a janela do seu lado, a falar entredentes.

– Nesse caso, talvez não devêssemos fazer almoços tão demorados.

O miúdo era extremamente irritante. E era isso que ele era – um miúdo, embora, tecnicamente, fosse mais velho do que ele. Ainda assim, a última coisa que queria era que ele fosse queixar-se a Ron de que ele andava a trabalhar menos do que devia.

– Não tem nada a ver com os almoços – retorquiu Alan, a tentar fazer um ar sério. – É uma questão de serviço de apoio ao cliente. Não se pode simplesmente entrar e sair a correr. Temos de conversar com as pessoas. Faz parte do nosso trabalho certificarmos de que os clientes estão satisfeitos. É por isso que tenho sempre o cuidado de cumprir as regras.

– Como fumar? Sabes que não é suposto fumar na cabina.

– Cada um tem o seu vício.

– E o rádio em altos berros?

Ups. Era óbvio que o miúdo estivera a fazer uma lista e Alan tinha de pensar depressa.

– Só fiz isto para ti. Uma espécie de comemoração, percebes? É o fim da tua primeira semana e fizeste um excelente trabalho. E hoje, quando acabarmos o trabalho, vou dizer isso mesmo ao Ron.

Mencionar Ron daquela maneira foi o bastante para Buster se calar durante alguns minutos, o que não parecia muito, mas depois de uma semana com ele no camião qualquer momento de silêncio era bem-vindo. Mal podia esperar pelo fim do dia, e na semana seguinte voltaria a ter o camião só para si. Graças a Deus.

E esta noite? O importante era começar bem o fim de semana, o que significava esforçar-se ao máximo para esquecer Buster. Nessa noite iria ao Tidewater, uma tasca à entrada da cidade que era praticamente o único sítio nas redondezas que tinha algum tipo de animação noturna. Beberia cerveja, jogaria bilhar e, se tivesse sorte, talvez lá estivesse aquela empregada gira. Ela usava calças de ganga justas que se colavam a todos os sítios certos e inclinava-se para a frente com aquele top minúsculo para o servir, o que fazia a cerveja saber muito melhor. Faria o mesmo no sábado à noite e no domingo à noite, partindo do princípio de que a mãe tinha planos com o namorado de longa data, Leo, e não ia passar pela sua casa móvel como fizera na noite anterior.

Não percebia porque é que ela não se casava simplesmente com Leo. Talvez assim tivesse coisas melhores para fazer e deixasse de controlar o filho adulto. Naquele fim de semana, não queria que a mãe estivesse à espera de que ele lhe fizesse companhia, porque isso não ia acontecer. E que importava se estivesse um pouco estragado na segunda-feira? Nessa altura, Buster já andaria no seu camião de distribuição e não havia melhor motivo de celebração do que esse.

✧

Marilyn Bonner preocupava-se com Alan.

Nem sempre, claro, e esforçava-se por manter as preocupações controladas. Afinal, Alan era adulto, e ela sabia que ele tinha idade suficiente para tomar as suas decisões.

Porém, era a mãe dele e estava convencida de que o principal problema de Alan era escolher sempre o caminho mais fácil, que não levava a lado nenhum, em vez do caminho mais difícil, que poderia ser melhor. Incomodava-a que ele vivesse a vida mais como um adolescente do que como um homem de vinte e sete anos. Na noite anterior, quando passara pela casa móvel, ele estava a jogar um videojogo e a sua primeira reação fora perguntar-lhe se queria experimentar. Enquanto estava parada à porta, perguntara a si mesma como pudera ter criado um filho que parecia não a conhecer minimamente.

Contudo, sabia que podia ser pior. Muito pior. A verdade é que Alan acabara por se safar. Era boa pessoa, tinha um emprego, nunca se metia em sarilhos e isso era bastante bom nos tempos que corriam. No entanto, Marilyn lia os jornais e ouvia os mexericos que circulavam pela cidade. Sabia que muitos amigos do filho, homens adultos que conhecia desde que eram crianças, alguns até das *melhores* famílias, tinham-se tornado toxicodependentes, ou bebiam de mais, ou estavam na prisão. Fazia sentido, tendo em conta o lugar onde viviam. Demasiadas pessoas glorificavam as pequenas cidades da América, pintando-as como um quadro do Norman Rockwell, mas a realidade era inteiramente diferente. Com exceção de médicos, advogados ou empresários, não existiam empregos bem remunerados em Oriental, nem em qualquer outra cidade pequena. E embora fosse, em muitos aspetos, um lugar ideal para criar filhos pequenos, havia muito poucas perspetivas para os jovens adultos. Não havia, nem nunca haveria, cargos de quadros médios em cidades pequenas, nem muito que fazer aos fins de semana, nem sequer pessoas novas para conhecer. Não percebia porque é que ele continuava a querer viver ali, mas, desde que fosse feliz e independente, estava disposta a facilitar-lhe a vida, nem que isso tivesse implicado a compra daquela casa móvel que fora colocada perto da casa da quinta para que ele pudesse viver a sua vida.

Não, não tinha quaisquer ilusões quanto ao tipo de cidade que Oriental era. Nesse aspeto, não era como as outras boas famílias da cidade, mas o facto de ter perdido o marido muito jovem e ter ficado com dois filhos pequenos a seu cargo levava-a a ajustar a sua perspetiva. O facto de ser uma Bennett e ter frequentado a Universidade da Carolina do Norte não impedira o banco de tentar executar a hipoteca sobre o pomar. E o apelido e os conhecimentos também não tinham ajudado a sustentar a família em dificuldades. Nem sequer a conceituada licenciatura em economia servira para alguma coisa.

No fim, tudo se resumia a dinheiro. Tudo se resumia àquilo que uma pessoa *fazia* na realidade, por oposição a quem pensavam que *eram*, e era por isso que já não aguentava o *status quo* de Oriental. Atualmente, preferia contratar um trabalhador imigrante do que uma beldade da alta sociedade com um diploma da UCN ou de Duke que acreditava que o mundo tinha a obrigação de lhe proporcionar uma boa vida. Provavelmente, essa noção seria vista como uma blasfémia para pessoas como Evelyn Collier ou Eugenia Wilcox, mas há muito que considerava Evelyn e Eugenia, e outras da mesma laia, dinossauros, apegadas a um mundo que já não existia. Numa reunião municipal recente dissera isso mesmo. No passado, tais palavras teriam causado agitação, mas o seu negócio era um dos poucos que se encontravam em fase de expansão na cidade e ninguém podia dizer grande coisa – incluindo Evelyn Collier e

Eugenia Wilcox.

Depois do falecimento de David, passara a prezar a independência que conquistara com grandes dificuldades. Aprendera a confiar nos seus instintos e tinha de confessar que lhe agradava ter o controlo da sua vida sem estar limitada pelas expectativas de alguém. Talvez fosse por esse motivo que recusara os inúmeros pedidos de casamento de Leo. Contabilista em Morehead City, Leo era um homem inteligente, remediado, e ela gostava da companhia dele. E o mais importante era que ele a respeitava e os filhos dela sempre o tinham adorado. Emily e Alan não conseguiam compreender porque é que a mãe continuava a recusar.

Contudo, Leo sabia que ela nunca aceitaria e não se importava, porque a verdade é que se sentiam ambos confortáveis com aquele estado de coisas. Nessa noite de sábado talvez vissem um filme e no domingo ela iria à missa e a seguir passaria pelo cemitério para visitar a campa de David, como fazia todos os fins de semana há quase um quarto de século. Mais tarde, jantaria com Leo. À sua maneira, amava-o. Talvez não fosse o tipo de amor que os outros compreendiam, mas não importava. O que ela e Leo tinham era bastante bom para ambos.

Do outro lado da cidade, Amanda estava sentada à mesa da cozinha a beber café e a esforçar-se por ignorar o silêncio intencional da mãe. Na noite anterior, quando entrara em casa, ela estava à sua espera na sala de estar e o interrogatório começara antes mesmo de ter tempo de se sentar.

Onde estiveste? Porque é que chegaste tão tarde? Porque é que não telefonaste?

Eu telefonei, lembrou-lhe Amanda, mas, em vez de se deixar arrastar para a acusatória conversa que a mãe queria, murmurou que lhe doía a cabeça e que tinha de se ir deitar. Se a atitude da mãe nessa manhã era um indício, ela estava sem dúvida zangada. Para além de um rápido bom dia quando entrou na cozinha, não dissera mais nada. Dirigiu-se para a torradeira e, depois de interromper o silêncio com um suspiro, colocou uma fatia de pão na ranhura. Enquanto o pão torrava, a mãe suspirou de novo, desta vez um pouco mais alto.

Amanda sentiu vontade de lhe dizer, *Já percebi. Estás zangada. Ainda não chega?* Contudo, bebeu o café sem pressa, decidida a não entrar na discussão, por mais que a mãe a provocasse.

Amanda ouviu a torrada saltar. A mãe abriu a gaveta e retirou uma faca antes de a fechar ruidosamente. Começou a barrar a torrada com manteiga.

– Sentes-te melhor? – perguntou-lhe por fim, sem se virar.

– Sim, obrigada.

– Já me podes contar o que se passa? Ou onde estiveste?

– Já te disse. Saí mais tarde. – Amanda esforçou-se para manter a voz calma.

– Tentei ligar-te, mas ia sempre para a caixa de mensagens.

– Fiquei sem bateria. – Ocorrerá-lhe aquela mentira na noite anterior, quando ia para casa. A mãe era completamente previsível.

Evelyn pegou no prato.

– Foi por isso que não telefonaste ao Frank?

– Eu falei com ele ontem, cerca de uma hora depois de ele chegar a casa do trabalho. – Pegou no jornal e olhou para a primeira página com uma descontração deliberada.

– Bem, ele também telefonou para cá.

– E?

– Ficou surpreso por ainda não teres chegado – disse a mãe com uma fungadela. – Disse-me que, tanto quanto sabia, tinhas saído por volta das duas.

– Tive de tratar de uns assuntos antes de vir – explicou Amanda. Pensou que as mentiras saíam com demasiada facilidade, mas a verdade é que tinha muita prática.

– Ele parecia preocupado.

Não. Parecia ter estado a beber, pensou Amanda, e duvido que se lembre. Levantou-se da mesa e encheu de novo a chávena com café.

– Eu ligo-lhe mais tarde.

A mãe sentou-se.

– Ontem à noite fui convidada para jogar *bridge*.

Então era por isso, pensou Amanda. Ou pelo menos em parte. A mãe era viciada no jogo e jogava com o mesmo grupo de mulheres há quase trinta anos.

– Devias ter ido.

– Não podia, porque sabia que vinhas e pensei que jantaríamos juntas. – A mãe sentou-se, tensa. – A Eugenia Wilcox teve de me substituir.

Eugenia Wilcox vivia ao fundo da rua, noutra mansão histórica tão linda como a de Evelyn. Apesar de serem supostamente amigas – a sua mãe e Eugenia tinham-se conhecido a vida inteira –, existira sempre uma rivalidade tácita entre ambas que abrangia tudo, desde quem tinha a melhor casa e o melhor jardim a tudo o resto, inclusivamente qual delas fazia o melhor bolo *red velvet*.

– Desculpa, mãe – disse Amanda, voltando a sentar-se. – Devia ter-te ligado mais cedo.

– A Eugenia não percebe nada de leilões e estragou o jogo todo. A Martha Ann já me ligou a queixar-se. De qualquer maneira, contei-lhe que estavas cá e ela convidou-nos para jantar lá em casa esta noite.

Amanda fez uma careta e pousou a chávena de café.

– Não aceitaste, pois não?

– Claro que aceitei.

Veio-lhe à lembrança uma imagem de Dawson.

– Não sei se vou ter tempo – improvisou. – Pode haver um velório esta noite.

– Pode haver um velório? O que significa isso? Ou há velório ou não há.

– Estou a dizer que não tenho a certeza. Quando o advogado telefonou, não me deu pormenores sobre o funeral.

– Isso é um pouco estranho, não achas? Ele não te ter dito nada?

Talvez, pensou Amanda. Mas não mais estranho que o Tuck ter deixado tudo preparado para que o Dawson e eu jantássemos na sua casa ontem à noite.

– Tenho a certeza de que está apenas a cumprir as disposições do Tuck.

Ao ouvir o nome de Tuck, a mãe levou a mão ao colar de pérolas que usava. Amanda nunca a vira sair do quarto sem maquilhagem e joias e essa manhã não foi exceção. Evelyn Collier sempre personificara o espírito do Velho Sul e continuaria

sem dúvida a fazê-lo até ao dia da sua morte.

– Continuo sem perceber porque é que tiveste de vir cá para isto. Até parece que conhecias bem o homem.

– Conhecia, mãe.

– Conheceste há muitos anos. Se tivesses continuado a viver aqui na cidade, eu talvez conseguisse perceber. Mas não havia nenhum motivo para vires cá de propósito para isso.

– Vim despedir-me dele.

– Ele não tinha a melhor das reputações, sabes? Imensas pessoas diziam que era louco. E o que vou dizer às minhas amigas quando me perguntarem o que vieste cá fazer?

– Não sei porque tens de lhes dar explicações.

– Porque sei que me vão perguntar o que te trouxe cá.

– E porque haveriam de perguntar?

– Porque te consideram *interessante*.

Amanda notou algo no tom de voz da mãe que não conseguiu compreender. Enquanto tentava perceber o que seria, juntou um pouco de natas ao café.

– Não sabia que era um tema quente de conversa – observou.

– Se pensares bem, não devia surpreender-te. Já quase nunca trazes o Frank nem os miúdos quando cá vens. Não posso fazer nada se elas acham estranho.

– Já falámos sobre isso – replicou Amanda, sem conseguir disfarçar a exasperação.

– O Frank trabalha e os miúdos estão na escola, mas isso não significa que eu não possa vir. Por vezes, as filhas fazem isso. Vão visitar as mães.

– E às vezes nem sequer veem a mãe. No fundo, é isso que elas acham interessante, se queres saber a verdade.

– Estás a falar sobre o quê? – Amanda semicerrou os olhos.

– Estou a falar sobre o facto de vires a Oriental quando sabes que eu não estou cá. E de ficares na minha casa sem sequer me avisares. – Não se preocupou em disfarçar a hostilidade antes de prosseguir. – Julgavas que eu não percebia, não é? Como quando fui fazer o cruzeiro no ano passado? Ou quando fui visitar a minha irmã a Charleston um ano antes disso? Vivemos numa cidade pequena, Amanda. As pessoas viram-te. As minhas amigas viram-te. Só não percebo porque é que pensaste que eu não descobriria.

– Mãe...

– Não digas nada – declarou ela, erguendo uma mão impecavelmente arranjada. – Sei exatamente porque é que vieste. Posso estar mais velha, mas isso não significa que esteja senil. Que outro motivo terias para vir ao funeral? É óbvio que vinhas visitá-lo. E era onde ias todas as vezes que me dizias que ias fazer compras, não é verdade? Ou quando me dizias que ias visitar a tua amiga à praia? Mentiste-me durante todo este tempo.

Amanda baixou os olhos e não falou. A verdade é que não podia dizer nada. Ouviu um suspiro no meio do silêncio. Quando a mãe continuou por fim, a sua voz tornara-se menos incisiva.

– Sabes que mais? Eu também tenho mentido por ti, Amanda, e estou farta. Mas ainda sou tua mãe e podes falar comigo.

– Sim, mãe. – Ouviu na sua voz o eco petulante dos tempos de adolescente e

detestou-se por isso.

– Passa-se alguma coisa com os miúdos que eu deva saber?

– Não. Os miúdos estão ótimos.

– É o Frank?

Amanda rodou a asa da chávena de café para o outro lado.

– Queres falar sobre o assunto? – perguntou-lhe a mãe.

– Não – respondeu Amanda num tom decidido.

– O que se passa contigo, Amanda?

Por algum motivo, a pergunta fê-la pensar em Dawson e por um instante voltou para a cozinha de Tuck, onde adorara a atenção dele. E apercebeu-se de que aquilo que mais queria era voltar a vê-lo, independentemente das consequências.

– Não sei – murmurou por fim. – Gostava de saber, mas não sei.



Depois de Amanda subir para tomar um duche, Evelyn Collier parou no alpendre das traseiras e contemplou a fina camada de neblina que pairava sobre o rio. Normalmente, era um dos seus momentos preferidos do dia, e sempre fora, desde criança. Nessa altura não vivia à beira-rio; vivia perto da fábrica do pai, mas aos fins de semana costumava ir até à ponte, onde por vezes ficava sentada horas a fio a ver o sol dissipar a pouco e pouco o nevoeiro. Harvey sabia que ela sempre quisera viver junto do rio e comprara a casa alguns meses depois de se casarem. Evidentemente que a comprara ao pai por uma bagatela – nessa altura os Collier possuíam imensas propriedades – e não fora um grande sacrifício, mas isso não era importante. O importante era o facto de ele ter tido esse cuidado, e desejou que ainda ali estivesse, quanto mais não fosse para falar com ele sobre Amanda. Quem sabia o que se passava com a filha nos últimos tempos? Pensando bem, Amanda sempre fora um enigma, mesmo quando era criança. Possuía ideias próprias a respeito das coisas e desde que começara a andar sempre fora teimosa como uma porta empenada num húmido dia de verão. Se a mãe a mandava ficar por perto, Amanda afastava-se na primeira oportunidade. Se lhe dizia para vestir uma roupa bonita, descia as escadas com uma peça que estava no fundo do armário. Quando era muito pequena, fora possível controlá-la até certo ponto e mantê-la nos eixos. Afinal de contas, era uma Collier e as pessoas tinham expectativas. Mas durante a adolescência? Parecia estar possuída pelo diabo. Primeiro, Dawson Cole – um *Cole*! – e depois as mentiras, as saídas às escondidas, as birras intermináveis e as respostas tortas sempre que tentava incutir-lhe algum juízo. De tanto stress o cabelo de Evelyn começara a ficar grisalho, e, apesar de Amanda ignorar, não sabia muito bem como teria conseguido aguentar aqueles anos horríveis sem uns bons copos de uísque.

A situação começou a melhorar quando que conseguiram separá-la do rapaz Cole e ela foi para a universidade. Houve alguns anos bons e estáveis e os netos eram um encanto, claro. Fora uma pena a morte da bebé, que começava a dar os primeiros passos e era uma criatura linda, mas o Senhor nunca prometia a ninguém uma vida livre de sofrimento. Ora essa, ela própria sofrera um aborto espontâneo um ano antes de Amanda nascer. No entanto, estava satisfeita por a filha ter conseguido reerguer-se

depois de um considerável período de tempo – só Deus sabia como a família precisava dela – e até se dedicava a um meritório trabalho de voluntariado. Evelyn teria preferido uma coisa um pouco menos *exigente*, como a Junior League, talvez, mas o Hospital Universitário Duke era uma excelente instituição e ela não se importava de falar às amigas sobre os almoços de angariação de fundos que Amanda organizava, nem sobre o seu trabalho de voluntariado.

Recentemente, Amanda parecia estar a retomar os velhos hábitos – a mentir como uma adolescente, imagine-se! Oh, elas nunca tinham sido muito próximas e Evelyn há muito que se resignara com a ideia de que provavelmente nunca seriam. Era um mito todas as mães e filhas serem melhores amigas, mas a amizade era muito menos importante do que a família. Os amigos iam e vinham; a família ficava sempre. Não, não faziam confidências uma à outra, mas confidenciar era muitas vezes sinónimo de lamúrias, o que constituía uma perda de tempo. A vida era complicada. Sempre fora e sempre seria, e era assim mesmo, por isso não valia a pena lamentarem-se. Ou se fazia alguma coisa em relação a isso ou não, e depois vivia-se com a escolha feita.

Não era preciso ser-se um génio para perceber que Amanda e Frank tinham problemas. Ela quase não vira Frank nos últimos anos, pois normalmente Amanda vinha sozinha, mas recordava-se de que ele gostava um pouco de mais da sua cerveja. Pensando bem, o próprio pai de Amanda adorava um bom uísque, e nenhum casamento era completamente feliz. Houvera anos em que mal suportava a presença de Harvey, quanto mais permanecer casada com ele. Se Amanda lhe tivesse perguntado, Evelyn teria admitido isso e também teria dito à filha que todos os casais tinham problemas. Contudo, a geração mais jovem não compreendia que uma relação tinha de ser trabalhada, o que significava que tanto Frank como Amanda tinham de tentar entender-se se queriam que a situação melhorasse. Mas Amanda não tinha perguntado.

O que era uma pena, porque Evelyn percebia que ela só estava a criar mais problemas num casamento já complicado – e as mentiras faziam parte. Porque se Amanda andava a mentir à mãe, não era difícil concluir que também mentia a Frank. E, quando que as mentiras começavam, onde é que terminavam? Não tinha a certeza, mas era óbvio que Amanda estava confusa, e as pessoas cometiam erros quando estavam confusas. Isso significava que teria de estar muito atenta durante o fim de semana, quer a filha gostasse quer não.



Dawson estava de volta à cidade.

Ted Cole estava parado nos degraus da frente da barraca a fumar um cigarro enquanto olhava ociosamente para as árvores da carne, que era o que sempre lhes chamava quando os rapazes voltavam da caça. Duas carcaças de veado, estripadas e esfoladas, estavam penduradas nos ramos descaídos e moscas zumbiam e andavam por cima da carne enquanto as entranhas se acumulavam no chão, por baixo dos animais mortos.

A brisa matinal fazia as carcaças putrefactas rodarem ligeiramente e Ted deu mais uma passa no cigarro. Vira Dawson e sabia que Abee também o vira. No entanto, Abee mentira, o que o deixava quase tão irritado como o ar atrevido de Dawson.

Começava a ficar um bocado farto do irmão. Estava cansado de receber ordens e de não saber para onde ia todo o dinheiro da família. Não faltava muito para o velho Abee dar por si a olhar para a extremidade errada da *Glock*. Ultimamente, o seu querido irmão andava a cometer deslizes. O tipo do x-ato por pouco não o matara, uma coisa que nunca teria acontecido alguns anos antes. Não teria acontecido se Ted lá estivesse, mas Abee não lhe contara o que andava a planear e era mais um sinal de que estava a ficar desleixado. Aquela nova miúda dera-lhe a volta à cabeça – Candy, ou Cammie, ou lá como raio se chamava. Sim, tinha um palminho de cara e um corpinho que ele próprio não se importaria de perder algum tempo a explorar, mas era uma mulher e as regras eram simples: se querias alguma coisa delas, conseguias, e se ficassem zangadas ou se fossem descaradas bastava metê-las na ordem. Podiam ser necessárias algumas lições, mas, no fim, todas as mulheres acabavam por perceber. Abee parecia ter-se esquecido de tudo isso.

E mentira-lhe descaradamente. Ted atirou a beata para o alpendre e pensou que não faltava muito para ele e Abee terem um pequeno ajuste de contas. Mas tudo a seu tempo: Dawson tinha de morrer. Há muito tempo que esperava por isto. Por sua causa, tinha o nariz torto e o maxilar preso com arames; por sua causa, aquele tipo tinha gozado com a sua cara, Ted não deixara passar e nove anos da sua vida tinham-se esfumado. Ninguém o lixava e escapava impune. Ninguém. Nem Dawson, nem Abee. Ninguém. Além disso, há muito tempo que esperava ansiosamente por aquele momento.

Ted virou-se e entrou. A barraca fora construída no virar do século e a única lâmpada que pendia de um fio mal conseguia vencer as sombras. Tina, a sua filha de três anos, estava sentada no sofá em mau estado à frente da televisão, a ver alguma coisa da *Disney*. Ella passou pela menina sem dizer nada. Na cozinha, a frigideira tinha uma espessa camada de gordura de toucinho fumado e Ella voltou para dar de comer ao bebé, que gritava na cadeirinha alta, com o rosto coberto com algo amarelo e viscoso. Ella tinha vinte anos, ancas estreitas, fino cabelo castanho e muitas sardas no rosto. O vestido que usava não escondia o alto na barriga. Estava grávida de sete meses e sentia-se cansada. Sentia-se sempre cansada.

Ted pegou nas chaves que estavam em cima da bancada e ela virou-se.

– Vais sair?

– Não metas o nariz nos meus assuntos – disse Ted. Quando ela se virou, fez uma festa na cabeça do bebé antes de ir ao quarto. Pegou na *Glock* que guardava debaixo da almofada e enfiou-a no cós das calças, sentindo-se excitado, como se tudo estivesse bem no mundo.

Chegara o momento de resolver aquele assunto de uma vez por todas.



Quando Dawson voltou da corrida, vários hóspedes bebiam café na sala de estar da pensão enquanto liam exemplares gratuitos do *USA Today*. Ao subir as escadas para o quarto sentiu o aroma de toucinho fumado e ovos que vinha da cozinha. Depois de tomar um duche, vestiu um par de calças de ganga e uma camisa de manga curta antes de descer para tomar o pequeno-almoço.

Quando se sentou à mesa, a maioria dos hóspedes já tinha acabado de comer e ele tomou o pequeno-almoço sozinho. Apesar da corrida, não tinha muita fome, mas a dona da pensão – uma mulher de sessenta e poucos anos chamada Alice Russell, que se mudara para Oriental quando se reformara oito anos antes – encheu-lhe o prato e Dawson ficou com a impressão de que ela ficaria desapontada se não comesse tudo. Havia alguma coisa nela que lhe fazia lembrar uma avó, incluindo o avental e a bata aos quadrados.

Enquanto comia, Alice explicou-lhe que, como muitos outros, ela e o marido tinham vindo para Oriental depois de se reformarem, para andar de barco. No entanto, o marido começara a ficar entediado e tinham acabado por comprar aquela pensão há alguns anos. Para sua surpresa, ela tratava-o por «Mr. Cole», sem qualquer sinal de reconhecimento, mesmo depois de ele lhe dizer que crescera naquela cidade. Era evidente que continuava a ser uma forasteira na cidade.

Porém, a sua família andava por ali. Vira Abee na loja de conveniência e, mal virara a esquina, escondera-se entre umas casas e voltara para a pensão, evitando a rua principal sempre que possível. A última coisa que queria era arranjar problemas com a família, sobretudo com Ted e Abee, mas teve um inquietante pressentimento de que as coisas não estavam bem resolvidas.

Ainda assim, tinha de fazer uma coisa. Depois de tomar o pequeno-almoço, pegou

no ramo de flores que encomendara ainda no Luisiana para ser entregue na pensão e entrou no carro alugado. Enquanto conduzia, manteve-se atento ao espelho retrovisor para se assegurar de que ninguém o seguia. No cemitério, andou por entre as lápides que conhecia bem até chegar à campa do Dr. David Bonner.

Como esperava, o cemitério estava deserto. Pousou as flores na campa e rezou uma pequena oração pela família. Ficou apenas alguns minutos e voltou para a pensão. Quando saiu do carro, olhou para o céu, de um azul que se estendia até ao horizonte, e sentiu o calor que começava a fazer-se sentir. Como a manhã estava demasiado bela para ser desperdiçada, decidiu ir a pé.

O sol refletia-se nas águas do rio Neuse e ele pôs os óculos escuros. Atravessou a rua e inspecionou o bairro. Embora as lojas estivessem abertas, os passeios estavam praticamente vazios e deu por si a pensar como conseguiriam as lojas manter-se em funcionamento.

Olhou para o relógio e reparou que ainda faltava meia hora para a reunião com o advogado. Mais adiante, avistou o café por onde passara mais cedo durante a corrida e, embora não lhe apetecesse mais café, decidiu que queria uma garrafa de água. Sentiu uma brisa levantar-se enquanto olhava para o café e viu a porta abrir-se. Alguém saiu e ele começou a sorrir quase imediatamente.



Amanda estava ao balcão do Bean, a pôr leite e açúcar num copo de café etíope. O Bean, em tempos uma casinha com vista para o porto, oferecia cerca de vinte variedades de café e deliciosos bolos e Amanda gostava de ir lá sempre visitava a cidade. Como o Irvin's, era um lugar onde os habitantes da cidade se reuniam para saber o que estava a acontecer na cidade. Atrás de si, ouviu murmúrios de conversas. Embora a grande afluência da manhã já tivesse passado há muito, o café estava mais cheio do que esperava. A rapariga de vinte e poucos anos que estava atrás do balcão ainda não parara de andar de um lado para o outro desde que Amanda entrara.

Precisava desesperadamente de um café. A troca de palavras com a mãe nessa manhã deixara-a sem energia. Enquanto estava no duche, pensara por breves instantes voltar à cozinha e tentar ter uma conversa a sério com a mãe. No entanto, depois de se limpar já tinha mudado de ideia. Embora sempre tivesse esperado que ela se tornasse a mãe solidária e compreensiva que desejara muitas vezes, era mais fácil imaginar a sua expressão chocada e desiludida quando ouvisse o nome de Dawson. Depois disso, começaria com uma das suas tiradas, sem dúvida uma repetição dos sermões indignados e condescendentes que lhe pregava quando ela era adolescente. Afinal, a mãe era uma mulher de valores antiquados. As decisões eram boas ou más, as escolhas eram certas ou erradas e havia limites que não podiam ser ultrapassados. Havia códigos de conduta que não eram negociáveis, sobretudo no que dizia respeito à família. Amanda sempre conhecera as regras, sempre soubera aquilo em que a mãe acreditava. A mãe realçava a responsabilidade, acreditava em consequências e era pouco tolerante a queixas. Amanda sabia que isso nem sempre era mau; adotara um pouco dessa mesma filosofia com os próprios filhos e sabia que eles eram melhores por isso.

A diferença era que a mãe parecia sempre muito segura em relação a tudo. Fora sempre confiante em relação a quem era e às escolhas que fazia, como se a vida fosse uma canção e ela tivesse apenas de andar ao seu ritmo, sabendo que tudo correria de acordo com os planos. Amanda pensava muitas vezes que a mãe não se arrependia de nada.

Porém, ela não era assim. Nunca conseguira esquecer a crueldade da reação da mãe à doença e ao falecimento de Bea. Expressara o seu pesar, é claro, e ficara para tomar conta de Jared e Lynn durante muitas das suas frequentes visitas ao Centro de Oncologia Pediátrica Duke. Até lhes preparara algumas refeições nas semanas após o funeral. No entanto, Amanda nunca conseguiu compreender muito bem o estoicismo com que a mãe aceitara a situação nem suportara o sermão que ela lhe pregara três meses depois do falecimento de Bea acerca de como tinha de «retomar a sua vida» e «deixar de sentir pena» de si mesma. Como se perder Bea não passasse de um feio rompimento com um namorado. Ainda sentia uma onda de raiva sempre que pensava nisso e por vezes perguntava a si mesma se a mãe seria capaz de sentir alguma forma de compaixão.

Expirou e tentou recordar a si mesma que o mundo da mãe era diferente do seu. A mãe nunca frequentara a universidade, nunca vivera noutra lugar a não ser em Oriental, e talvez isso influenciasse as suas atitudes. Aceitava as coisas porque não tinha termo de comparação. E a sua própria família fora tudo menos carinhosa, segundo o pouco que lhe contara sobre a sua educação. Mas quem podia dizer? A única coisa que sabia com certeza absoluta era que contar à mãe traria mais problemas do que valia a pena e naquele momento não estava preparada para isso.

Enquanto tapava o café, o telemóvel tocou. Vendo que era Lynn, saiu para o pequeno alpendre para atender e passaram os minutos seguintes a conversar. Depois, ligou para o telemóvel de Jared, acordando-o e ouvindo os seus resmungos ensonados. Antes de desligar, ele disse que estava ansioso para vê-la no domingo. Desejou poder ligar também a Annette, mas consolou-se com o conhecimento de que ela estaria certamente a divertir-se imenso na colónia de férias.

Após alguma hesitação, também telefonou para o consultório de Frank. Não tivera oportunidade de o fazer nessa manhã, apesar do que dissera à mãe. Como sempre, teve de esperar até ele ter um minuto livre entre consultas.

– Olá – disse Frank quando atendeu o telefone. Enquanto falavam, Amanda deduziu que ele não se recordava de ter telefonado lá para casa na noite anterior. No entanto, pareceu contente por ouvir a sua voz. Perguntou-lhe como estava a mãe e ela contou-lhe que iam jantar mais tarde; ele disse-lhe que tinha planos para ir jogar golfe no domingo de manhã com o seu amigo Roger e que depois talvez ficassem a ver o jogo dos Braves no clube de campo. A experiência dizia-lhe que essas atividades envolveriam, inevitavelmente, muita bebida, mas tentou conter um ataque de fúria, sabendo que não adiantaria nada confrontá-lo. Frank perguntou-lhe pelo funeral e que mais pensava fazer na cidade. Embora Amanda respondesse às perguntas com sinceridade – que ainda não sabia grande coisa –, sentiu que estava a evitar referir o nome de Dawson. Frank não pareceu reparar em nada fora do habitual, mas quando acabaram de falar Amanda sentiu um nítido e desconfortável *frisson* de culpa. Juntamente com raiva que sentia, foi o suficiente para a deixar estranhamente inquieta.

Dawson esperou à sombra de uma magnólia até Amanda guardar o telemóvel na carteira. Pareceu-lhe ver uma expressão perturbada, mas, depois de ajeitar a alça no ombro, o seu rosto ficou de novo impenetrável.

Amanda também vestia calças de ganga, e quando Dawson avançou na sua direção reparou que a blusa azul-turquesa lhe realçava a cor dos olhos. Perdida nos seus pensamentos, Amanda sobressaltou-se quando o reconheceu.

– Olá – disse com um sorriso. – Não esperava ver-te aqui.

Dawson subiu para o alpendre e viu-a passar a mão pelo rabo de cavalo.

– Quero comprar uma garrafa de água antes da nossa reunião.

– Não queres café? – Amanda apontou para trás de si. – É o melhor da cidade.

– Já bebi ao pequeno-almoço.

– Foste ao Irvin's? O Tuck adorava aquele lugar.

– Não. Comi na pensão onde estou hospedado. O pequeno-almoço está incluído no preço do quarto e a Alice já tinha tudo pronto.

– A Alice?

– É uma supermodelo de fatos de banho que por acaso também é dona da pensão. Não tens motivos para sentir ciúmes.

Ela riu-se.

– Tenho a certeza que não. Como foi a tua manhã?

– Boa. Fiz uma agradável corrida e pude observar as mudanças por aqui.

– E?

– É como entrar numa distorção temporal. Sinto-me como o Michael J. Fox no

Regresso ao Futuro.

– É um dos encantos de Oriental. Quando estamos cá, é fácil fingirmos que o resto do mundo não existe e que todos os nossos problemas vão desaparecer.

– Pareces um anúncio publicitário para a Câmara do Comércio.

– É um dos *meus* encantos.

– Entre muitos outros, tenho a certeza.

Quando ele disse aquilo, Amanda ficou uma vez mais impressionada com a intensidade do seu olhar. Não estava acostumada a ser observada daquela forma – pelo contrário, muitas vezes sentia-se virtualmente invisível quando cumpria o gasto ritual das rotinas diárias. Antes de ter tempo de analisar o seu constrangimento, Dawson apontou com a cabeça para a porta.

– Vou buscar a tal garrafa de água, se não te importas.

Entrou, e da sua posição estratégica Amanda viu como a linda empregada de vinte e poucos anos que estava na caixa registadora tentava não o olhar fixamente enquanto ele se dirigia para o frigorífico. Quando Dawson se aproximou do fundo da loja, ela olhou-se ao espelho para ver como estava e depois cumprimentou-o na caixa com um caloroso sorriso. Amanda virou-se rapidamente, antes que Dawson a apanhasse a espreitar.

Ele saiu um minuto depois, ainda a tentar terminar a conversa com a empregada. Amanda obrigou-se a manter uma expressão neutra e saíram do alpendre sem falar, acabando por ir para um local com uma vista melhor da marina.

– A empregada estava a atirar-se a ti – comentou ela.

– É simpática, nada mais.

– Foi bastante óbvio.

Dawson encolheu os ombros enquanto abria a garrafa.

– Na verdade, nem reparei.

– Como pudeste não reparar?

– Estava a pensar noutra coisa.

Pela forma como falou, Amanda percebeu que havia mais alguma coisa e esperou.

Dawson franziu os olhos e contemplou a fila de barcos que flutuavam na marina.

– Esta manhã vi o Abee – disse por fim. – Quando fui correr.

Amanda ficou tensa ao ouvir aquele nome.

– Tens a certeza de que era ele?

– É meu primo, lembras-te?

– O que aconteceu?

– Nada.

– Isso é bom, não é?

– Ainda não sei.

Amanda ficou tensa.

– O que significa isso?

Dawson não respondeu logo. Em vez disso, bebeu um gole de água e ela quase conseguiu ouvir as engrenagens do seu cérebro a rodar.

– Calculo que significa que devo manter-me fora da vista tanto quanto possível.

Tirando isso, acho que vou agir à medida que as coisas forem acontecendo.

– Talvez eles não façam nada.

– Talvez – concordou ele. – Por enquanto, está tudo bem, certo? – Voltou a enroscar a tampa da garrafa e mudou de assunto. – O que achas que o Dr. Tanner nos vai dizer? Ele foi bastante misterioso quando falámos ao telefone. Não quis dizer-me nada acerca do funeral.

– Também não me disse grande coisa. A minha mãe e eu falámos sobre isso esta manhã.

– Sim? Como está a tua mãe?

– Neste momento, está um pouco irritada porque perdeu o seu jogo de *bridge* ontem à noite. Para compensar, teve a gentileza de me obrigar a ir jantar com ela a casa de uma amiga esta noite.

Dawson sorriu.

– Então... isso significa que estás livre até ao jantar?

– Porquê? O que tens em mente?

– Não sei. Primeiro vamos saber o que o Dr. Tanner tem para nos dizer. Por falar nisso, é melhor irmos andando. O escritório é no fundo do quartoirão.

Amanda tapou o copo de café e começaram a caminhar pelo passeio, deslocando-se de uma mancha de sombra para outra.

– Lembras-te de quando me perguntaste se podias oferecer-me um gelado? – perguntou ela. – Daquela primeira vez?

– Lembro-me de ficar a pensar por que razão tinhas aceitado.

Amanda ignorou o comentário.

– Levaste-me à loja, aquela com o dispensador de refrigerantes antiquado e um balcão comprido, e comemos gelado de caramelo com molho de chocolate quente. Os gelados eram artesanais e continuam a ser os melhores que já comi. Não posso acreditar que acabaram por demolir o prédio.

– Quando foi isso?

– Não sei. Talvez há uns seis ou sete anos. Um dia, numa das minhas visitas, reparei que tinha desaparecido. Deixou-me um pouco triste. Costumava levar lá os meus filhos quando eles eram pequenos e era sempre muito divertido.

Dawson tentou imaginar os filhos sentados ao seu lado na velha loja, mas não conseguiu atribuir-lhes rostos. Seriam parecidos com ela ou com o pai? Teriam a sua impetuosidade, o seu coração generoso?

– Achas que os teus filhos teriam gostado de crescer aqui? – perguntou-lhe.

– Quando eram pequenos, sim. É uma cidade linda, com muitos sítios para brincar e explorar. Mas quando ficaram mais velhos é provável que a tivessem considerado limitadora.

– Como tu?

– Sim – respondeu Amanda. – Como eu. Mal podia esperar para sair daqui. Não sei se te lembras, mas candidatei-me à Universidade de Nova Iorque e à Universidade de Boston só para poder ter a experiência de viver numa cidade a sério.

– Como poderia esquecer? Todos esses sítios me pareciam tão longínquos – disse Dawson.

– Sim, bem... o meu pai estudou na Duke e eu cresci a ouvir falar na Duke, e até via os jogos da sua equipa de basquetebol na televisão. Acho que estava praticamente predestinado que iria para lá, se conseguisse entrar. E acabou por ser a escolha certa porque a universidade era ótima, fiz imensos amigos e cresci enquanto lá estive. Além disso, não sei se teria gostado de viver em Nova Iorque ou em Boston. No fundo, continuo a ser uma rapariga do campo. Gosto de ouvir os grilos quando vou dormir.

– Então, ias gostar do Luisiana. É a capital mundial dos insetos.

Amanda sorriu antes de beber mais um gole de café.

– Lembras-te de quando fomos de carro até à costa quando o furacão Diana se aproximava? Lembras-te de como eu não parava de te implorar que me levasse e tu estavas sempre a tentar convencer-me a desistir dessa ideia?

– Eu achava que eras louca.

– Mas ainda assim levaste-me. Só porque eu queria que me levasse. Quase não conseguimos sair do teu carro, tal era a força do vento, e o mar estava simplesmente... bravo. Só se via espuma até ao horizonte e tu abraçaste-me, a tentar convencer-me a voltar para o carro.

– Não queria que te magoasses.

– Há tempestades assim quando estás na plataforma?

– São menos frequentes do que seria de esperar. Se estamos na trajetória prevista regra geral somos evacuados.

– Regra geral?

Dawson encolheu os ombros.

– Por vezes, os meteorologistas enganam-se. Já estive na orla de alguns furacões e é assustador. Estamos completamente à mercê do tempo e só nos resta protegemo-nos

enquanto a plataforma baloiça, sabendo que ninguém nos virá salvar se ela cair. Já vi tipos perderem completamente o juízo.

– Acho que eu seria como esses tipos que perdem o juízo.

– Não te assustaste quando o furacão Diana se aproximava – realçou Dawson.

– Isso foi porque tu estavas lá. – Amanda abrandou o ritmo. O seu tom era sério. – Sabia que não deixarias que nada me acontecesse. Sentia-me segura sempre que estavas perto de mim.

– Mesmo quando o meu pai e os meus primos apareciam em casa do Tuck? Quando vinham buscar o seu dinheiro?

– Sim – respondeu Amanda. – Mesmo nessas alturas. A tua família nunca me incomodou.

– Tiveste sorte.

– Não sei – disse ela. – Quando estávamos juntos, eu via o Ted ou o Abee na cidade, e às vezes também via o teu pai. Eles lançavam-me sorrisinhos maliciosos se nos cruzávamos por acaso, mas nunca me deixavam nervosa. E mais tarde, quando eu vinha para cá no verão depois de o Ted ser preso, o Abee e o teu pai mantinham-se sempre à distância. Acho que sabiam o que lhes farias se me acontecesse alguma coisa.

– Parou à sombra de uma árvore e olhou-o. – Por isso, não, nunca tive medo deles. Nem uma única vez. Porque te tinha a ti.

– Estás a dar-me demasiado crédito.

– A sério? Estás a dizer-me que os deixarias fazerem-me mal?

Dawson não precisou de responder. A sua expressão mostrou-lhe que estava certa.

– Eles sempre tiveram medo de ti, sabes? Até o Ted. Porque te conheciam tão bem como eu.

– Tu tinhas medo de mim?

– Não foi isso que eu quis dizer. Sabia que me amavas e que farias tudo por mim. E esse foi um dos motivos porque me doeu tanto quando acabaste com o namoro, Dawson. Porque na altura eu já sabia como é rara essa espécie de amor. Só as pessoas com mais sorte o sentem.

Durante alguns instantes, Dawson pareceu incapaz de falar.

– Lamento – disse por fim.

– Também eu – replicou ela, sem se preocupar em esconder a velha tristeza. – Eu fui uma dessas pessoas com sorte, lembras-te?

✧

Depois de chegarem ao escritório de Morgan Tanner, Dawson e Amanda sentaram-se na pequena sala de espera com soalho de pinho gasto, mesas de apoio com pilhas de revistas antigas e cadeiras com os estofos esfiapados. A rececionista, que parecia ter idade para estar reformada há anos, estava a ler um romance. E não havia muito mais para fazer. O telefone nunca tocou durante os dez minutos que estiveram à espera.

Por fim, a porta abriu-se e viram um homem idoso de cabelo branco, sobrancelhas que mais pareciam lagartas cinzentas e um fato amachucado. O advogado fez-lhes sinal para entrarem no escritório.

– Presumo que sejam a Amanda Ridley e o Dawson Cole? – Apertou a mão a ambos. – Sou o Morgan Tanner e gostaria de vos dar as minhas condolências. Sei que deve estar a ser difícil.

– Obrigada – disse Amanda. Dawson limitou-se a acenar com a cabeça.

Tanner indicou-lhes um par de poltronas de costas altas.

– Sentem-se, por favor. Isto não deve demorar muito.

O escritório era muito diferente da sala de espera, com estantes de mogno onde se viam centenas de livros de direito perfeitamente alinhados e uma janela voltada para a rua. Em cima de secretária, uma antiguidade com ornamentados entalhes nos cantos, via-se o que parecia ser um candeeiro *Tiffany*. No centro, havia uma caixa de noqueira voltada para as poltronas de couro.

– Antes de mais, as minhas desculpas pela demora. Estava ocupado com um telefonema, a tratar de alguns pormenores de última hora. – Continuou a falar enquanto mexia em papéis na secretária. – Devem estar intrigados com todo este secretismo à volta dos preparativos, mas foi o desejo do Tuck. Ele insistiu bastante nisso e tinha ideias muito concretas sobre como tudo isto devia processar-se. – Observou-os sob as densas sobrancelhas. – Mas suponho que os dois já sabem isso.

Amanda olhou de soslaio para Dawson quando Tanner se sentou e pegou numa pasta que estava à sua frente.

– Também quero agradecer-vos por terem conseguido vir. Depois de ouvir o Tuck falar sobre os dois, sei que ele também vos agradeceria. Com certeza terão perguntas, por isso vamos começar. – Brindou-os com um breve sorriso, revelando dentes surpreendentemente alinhados e brancos. – Como sabem, o corpo do Tuck foi encontrado na manhã de terça-feira pelo Rex Yarborough.

– Quem? – perguntou Amanda.

– O carteiro. Ao que parece, ele fazia questão de passar pela casa do Tuck com bastante regularidade. Quando bateu à porta, ninguém respondeu. No entanto, a porta estava aberta e quando entrou encontrou-o na cama. Telefonou para o xerife, que deliberou que não houve um crime. E depois o xerife ligou-me.

– Porque é que ele lhe ligou? – perguntou Dawson.

– Porque o Tuck lhe pediu. Ele avisou na esquadra que eu era o executor testamentário e que deveria ser contactado depois de ele falecer.

– Até parece que sabia que estava a morrer.

– Penso que ele teve um pressentimento de que a morte estava próxima – declarou Tanner. – O Tuck Hostetler era um homem idoso e não tinha medo de encarar as realidades da sua idade avançada. – Abanou a cabeça. – Só espero ser tão organizado e decidido quando se aproximar o meu dia.

Amanda e Dawson entreolharam-se, mas não falaram.

– Insisti com ele para vos comunicar os seus últimos desejos e planos, mas ele quis mantê-los em segredo por algum motivo. Ainda não consigo explicar. – Tanner pareceu quase paternal. – Também deixou bastante claro que gostava muito dos dois.

Dawson inclinou-se para a frente na cadeira.

– Eu sei que não é importante, mas como é que vocês se conheceram?

Tanner acenou com a cabeça, como se esperasse aquela pergunta.

– Conheci o Tuck há dezoito anos, quando lhe levei um *Mustang* clássico para ele

restaurar. Na altura, era sócio de uma grande firma em Raleigh. Era lobista, se querem saber a verdade. Trabalhava muito na área da agricultura. Mas, resumindo, fiquei cá durante alguns dias para verificar o progresso. Conhecia o Tuck apenas de reputação e não confiava nele para lhe deixar o meu carro. Seja como for, começámos a conhecer-nos melhor e percebi que gostava do ritmo de vida desta cidade. Passadas algumas semanas vim buscar o carro e ele não me cobrou sequer perto do que eu estava à espera. Além disso, fiquei pasmado com o seu trabalho. Avancemos quinze anos no tempo. Estava a sentir-me exausto e por capricho decidi mudar-me para cá e reformar-me. No entanto, não foi como eu esperava. Cerca de um ano mais tarde abri um pequeno escritório. Nada de especial, sobretudo testamentos e um ou outro contrato de compra e venda de propriedades. Não preciso de trabalhar, mas mantém-me ocupado. E a minha mulher não poderia estar mais feliz por me ver fora de casa durante algumas horas por semana. Uma manhã, encontrei o Tuck por acaso no Irvin's e disse-lhe que poderia contar comigo se alguma vez precisasse de alguma coisa. E no mês de fevereiro passado, para minha surpresa, ele decidiu aproveitar a minha oferta.

– Porquê o senhor e não...

– Outro advogado da cidade? – disse Tanner, terminando a frase. – Fiquei com a impressão de que ele queria um advogado que não tivesse raízes profundas nesta cidade. Não tinha grande fé no sigilo profissional entre advogado e cliente, nem mesmo quando lhe garanti que era absoluto. Há mais alguma coisa que posso acrescentar e que me escapou?

Quando Amanda abanou a cabeça, ele puxou a pasta para si e colocou um par de óculos de ver ao perto.

– Então, vamos começar. O Tuck deixou instruções sobre como queria que eu tratasse de tudo enquanto seu executor testamentário. Devo informar-vos que esses desejos incluíam o facto de não querer um funeral tradicional. Em vez disso, pediu-me que tratasse de tudo para a cremação e, conforme os seus desejos em relação ao tempo, o Tuck Hostetler foi cremado ontem. – Apontou para a caixa que estava em cima da secretária, não deixando margem para dúvida de que continha as cinzas de Tuck.

Amanda empalideceu.

– Mas nós chegámos ontem.

– Eu sei. Ele pediu-me para tratar disso antes de vocês chegarem.

– Ele não nos queria na cremação?

– Não queria ninguém.

– Porquê?

– A única coisa que posso dizer é que as suas instruções foram muito específicas. Mas, se querem saber a minha opinião, penso que ele achava que poderia ser difícil para vocês terem de tratar de tudo. – Tirou uma folha da pasta e mostrou-a. – Ele disse, e passo a citar, «não há qualquer motivo para a minha morte ser um fardo para eles». – Tanner tirou os óculos e recostou-se na cadeira, a tentar avaliar as reações dos dois.

– Por outras palavras, não vai haver funeral? – perguntou Amanda.

– Não no sentido tradicional.

Amanda voltou-se para Dawson e depois de novo para o advogado.

– Então, porque é que ele quis que viéssemos cá?

– Pediu-me para vos contactar na esperança de que fizessem outra coisa por ele,

uma coisa mais importante do que a cremação. Basicamente, queria que vocês espalhassem as suas cinzas num lugar que disse que era muito especial para ele, um lugar que parece que nenhum de vocês conhece.

Amanda só precisou de um momento para saber onde era.

– A casa de campo em Vandemere?

Tanner acenou com a cabeça.

– Isso mesmo. Amanhã seria ideal, à hora que vocês decidirem. Claro que, se a ideia vos incomodar, eu próprio tratarei do assunto. De qualquer maneira, tenho de lá ir.

– Pode ser amanhã – replicou Amanda.

Tanner pegou num papel.

– Está aqui a morada e tomei a liberdade de imprimir as indicações. Fica um pouco desviada do caminho principal, como provavelmente sabem. E há mais uma coisa: ele pediu-me para vos entregar isto – disse, retirando da pasta três envelopes fechados. – Podem ver que dois deles têm os vossos nomes. Ele pediu que lessem primeiro em voz alta o que não tem destinatário, antes da cerimónia.

– Cerimónia? – repetiu Amanda.

– Refiro-me ao espalhar das cinzas – explicou Tanner, entregando-lhes as indicações e os envelopes. – E, claro, sintam-se à vontade para acrescentar o que quiserem.

– Obrigada – disse ela, pegando nas cartas. Os envelopes eram estranhamente pesados, carregados de mistério. – E quanto aos outros dois?

– Presumo que deverão lê-los depois.

– Presume?

– O Tuck não foi específico a esse respeito e disse apenas que depois de lerem a primeira carta saberiam quando deveriam abrir as outras duas.

Amanda guardou os envelopes na carteira enquanto tentava assimilar tudo o que Tanner lhes dissera. Dawson parecia igualmente perplexo.

Tanner voltou a inspecionar a pasta

– Alguma pergunta?

– Ele deu alguma indicação específica sobre onde queria que espalhássemos as cinzas em Vandemere?

– Não – respondeu Tanner.

– Como saberemos, se nunca lá estivemos?

– Fiz-lhe a mesma pergunta, mas ele parecia seguro de que vocês saberiam o que fazer.

– Ele tinha alguma hora do dia em mente?

– Mais uma vez, deixou isso ao vosso critério. Contudo, foi inflexível quanto ao desejo de que fosse uma cerimónia privada. Pediu-me, por exemplo, para garantir que nenhuma informação relativa à sua morte era publicada no jornal, nem sequer para um obituário. Fiquei com a impressão de que ele não queria que ninguém, com exceção de nós três, soubesse sequer que ele tinha morrido. E, tanto quanto possível, cumpri os seus desejos. É evidente que, apesar dos meus esforços, as pessoas acabaram por saber, mas quero garantir-vos que fiz tudo o que estava ao meu alcance.

– Ele disse porquê?

– Não – respondeu Tanner. – E eu não lhe perguntei. Pensei que o mais certo seria não me dizer. – Olhou para Amanda e Dawson, à espera de mais perguntas. Como eles continuaram calados, virou a primeira página que estava na pasta. – Passando para a questão dos bens, ambos sabem que o Tuck não tinha familiares vivos. Apesar de compreender a vossa tristeza e de ter plena consciência de que pode não ser a altura mais oportuna para discutir o testamento, ele pediu-me para vos informar das suas disposições enquanto estivessem ambos aqui. Não se importam? – Quando ambos acenaram com a cabeça, o advogado prosseguiu. – Os bens do Tuck não eram poucos. Ele possuía uma grande quantidade de terra e dinheiro em diversas contas. Ainda estou a avaliar os números, mas posso informá-los desde já do seguinte: ele disse que podem ficar com qualquer dos seus bens pessoais que quiserem, nem que seja apenas um objeto. Se houver algum desentendimento em relação a alguma coisa, pediu apenas que resolvam o problema entre ambos enquanto estão cá. Nos próximos meses vou homologar o testamento, mas basicamente o que resta dos seus bens será vendido e os lucros reverterão a favor do Centro de Oncologia Pediátrica do Hospital Pediátrico Duke. – Tanner sorriu para Amanda. – Ele achou que a senhora gostaria de saber.

– Não sei o que dizer. – Amanda sentiu a silenciosa atenção de Dawson ao seu lado. – É muito generoso da parte dele. – Hesitou, mais comovida do que queria admitir. – Ele... creio que ele sabia o que isso significaria para mim.

Tanner acenou com a cabeça antes de reorganizar os papéis e os guardar.

– Creio que é tudo, a não ser que se lembrem de mais alguma coisa.

Não havia mais nada e, após as despedidas, Amanda levantou-se enquanto Dawson pegava na caixa de noqueira que estava em cima da secretária. Tanner levantou-se, mas não os acompanhou à porta. Amanda seguiu Dawson para a saída e percebeu que ele começava a franzir a testa. Antes de chegarem à porta, parou e voltou-se para trás.

– Dr. Tanner?

– Sim.

– O senhor disse uma coisa que me deixou curioso.

– Sim?

– Disse que amanhã seria ideal. Presumo que disse amanhã por oposição a hoje.

– Sim.

– Pode dizer-me porquê?

Tanner empurrou a pasta para o canto da secretária.

– Lamento, mas não posso – disse.



– Para que foi aquela pergunta? – inquiriu Amanda.

Dirigiam-se para o carro, que continuava estacionado diante do café. Em vez de responder, Dawson enfiou a mão no bolso.

– O que vais fazer ao almoço? – perguntou.

– Não vais responder à minha pergunta?

– Não sei bem o que dizer. O Tanner não me disse nada.

– Mas porque é que lhe perguntaste aquilo?

– Porque sou uma pessoa curiosa – respondeu ele. – Sempre fui curioso acerca de

tudo.

Amanda atravessou a rua.

– Não – disse por fim –, não concordo. Dir-se-ia até que viveste a tua vida com uma aceitação quase estoica das coisas. Mas sei muito bem o que estás a fazer.

– E o que estou a fazer?

– Estás a tentar mudar de assunto.

Dawson não se deu ao trabalho de negar e enfiou a caixa debaixo do braço.

– Tu também não respondeste à minha pergunta.

– Que pergunta?

– Perguntei-te se tens planos para o almoço. Porque, se estiveres livre, conheço um sítio fantástico.

Ela hesitou, a pensar nos mexericos de cidade pequena, mas, como sempre, Dawson conseguiu ler os seus pensamentos.

– Confia em mim – disse. – Tenho o sítio ideal.

Meia hora mais tarde estavam de novo na casa de Tuck, sentados na margem do riacho em cima de uma manta que Amanda tirara do armário. Pelo caminho, Dawson tinha ido buscar sanduíches e algumas garrafas de água ao restaurante Brantlee's Village.

– Como é que sabias? – perguntou Amanda, voltando à velha conversa abreviada. Com Dawson, lembrou-se de como era os seus pensamentos serem adivinhados antes sequer de os expressar. Quando eram adolescentes, muitas vezes bastava um olhar fugaz ou o mais subtil dos gestos para revelar um mundo de pensamentos e emoções.

– A tua mãe e todas as pessoas que ela conhece continuam a viver na cidade. És casada e eu pertenço ao teu passado. Não foi muito difícil perceber que talvez não fosse boa ideia sermos vistos a passar a tarde juntos.

Amanda ficou contente por Dawson compreender, mas ainda assim sentiu uma ponta de culpa enquanto ele tirava duas sanduíches do saco. Disse a si mesma que estavam apenas a almoçar, mas não era bem verdade, e sabia.

Dawson pareceu não reparar.

– Com salada de peru ou de frango? – perguntou, estendendo-lhe as duas sanduíches.

– É indiferente. – Depois, mudou de ideias e disse: – Salada de frango.

Dawson passou-lhe a sanduíche e uma garrafa de água. Amanda observou as redondezas enquanto saboreava aquela paz. Nuvens finas e esfumadas pairavam sobre eles, e perto da casa viu um par de esquilos perseguirem-se um ao outro enquanto subiam pelo tronco de um carvalho envolto em barbas-de-velho. Uma tartaruga estava ao sol em cima de um tronco caído na outra margem do riacho. Aquele era o ambiente onde tinha crescido, mas que acabara por se tornar estranhamente desconhecido para ela, um mundo radicalmente diferente daquele onde vivia agora.

– O que achaste da reunião? – perguntou ele.

– O Tanner parece ser um tipo decente.

– E quanto às cartas que o Tuck escreveu? Fazes ideia do que dizem?

– Depois do que ouvi esta manhã? Não faço a mínima ideia.

Dawson acenou com a cabeça enquanto desembalava a sua sanduíche e Amanda fazia o mesmo.

– O Centro de Oncologia Pediátrica?

Ela acenou com a cabeça e pensou automaticamente em Bea.

– Eu disse-te que sou voluntária no Hospital Universitário Duke. E também faço algumas angariações de fundos para eles.

– Sim, mas não mencionaste em que parte do hospital trabalhavas – declarou Dawson, com o pão desembalhado na mão, ainda intacto. Amanda percebeu a pergunta na sua voz e soube que ele estava à espera de uma resposta. Distraída, rodou a tampa da garrafa de água.

– O Frank e eu tivemos outra filha três anos depois de a Lynn nascer. – Calou-se, a reunir forças para falar, mas percebeu que não seria estranho nem doloroso dizer aquelas palavras a Dawson, como acontecia muitas vezes com outras pessoas. – Foi-lhe diagnosticado um tumor no cérebro quando tinha dezoito meses. Era inoperável e ela faleceu seis meses mais tarde, apesar dos esforços da incrível equipa de médicos e funcionários do Centro de Oncologia Pediátrica. – Olhou para o antigo riacho e sentiu aquela dor familiar e enraizada, uma tristeza que sabia que nunca desapareceria.

Dawson estendeu o braço e apertou-lhe a mão.

– Como se chamava ela? – perguntou em voz suave.

– Bea.

Nenhum dos dois falou durante muito tempo e os únicos sons que se ouviam eram o borbulhar do riacho e o restolhar das folhas nas árvores por cima das suas cabeças. Amanda sentiu que não precisava de dizer mais e que Dawson não esperava que o fizesse. Soube que ele compreendia perfeitamente o que ela sentia e teve a sensação de que ele também sentia dor, nem que fosse por não poder ajudá-la.

A seguir ao almoço, arrumaram os restos do piquenique, dobraram a manta e voltaram para casa. Dawson seguiu Amanda para o interior, vendo-a desaparecer numa esquina para arrumar a manta. Ela estava um pouco retraída, como se receasse ter ultrapassado algum limite implícito. Dawson tirou copos de um armário e encheu-os com chá frio. Quando Amanda voltou para a cozinha, ofereceu-lhe um.

– Estás bem? – perguntou.

– Sim – respondeu ela, pegando no copo.

– Desculpa se te perturbei.

– Não me perturbaste – disse Amanda. – Mas às vezes ainda é difícil falar sobre a Bea. E tem sido... um fim de semana inesperado.

– Para mim também – concordou ele. Encostou-se à bancada. – Como é que queres fazer isto?

– O quê?

– Ver o que há cá em casa. Decidir se queres levar alguma coisa.

Amanda suspirou, esperando que o seu nervosismo não fosse demasiado óbvio.

– Não sei. De certa forma, parece-me errado.

– Não devia parecer. Ele queria que nos lembrássemos dele.
– Vou lembrar-me dele, aconteça o que acontecer.
– Então, o que achas disto? Ele quer ser mais do que uma simples lembrança. Quer que fiquemos com uma parte dele e também deste lugar.

Amanda bebeu um gole de chá, sabendo que ele provavelmente tinha razão. No entanto, a ideia de remexer nas coisas de Tuck para encontrar uma lembrança parecia-lhe um pouco de mais.

– Vamos esperar um pouco. Pode ser?

– Tudo bem. Quando estiveres preparada. Queres sentar-te lá fora um bocado?

Amanda concordou e seguiu-o para o alpendre das traseiras, onde se sentaram nas velhas cadeiras de baloiço de Tuck. Dawson apoiou o copo na coxa.

– Imagino que o Tuck e a Clara faziam isto com frequência – comentou. – Sentavam-se aqui fora a ver o mundo passar.

– Provavelmente.

Dawson voltou-se para ela.

– Ainda bem que vinhas visitá-lo. Eu detestava pensar que ele estava sempre sozinho.

Amanda pegou no copo e sentiu a humidade que molhava o vidro.

– Sabes que ele costumava ver a Clara, não sabes? Depois de ela morrer.

Dawson franziu a testa.

– Como assim?

– Ele jurava que ela continuava por cá.

Durante alguns instantes, lembrou-se das imagens e movimentos que via nos últimos tempos.

– O que queres dizer com ele via-a?

– Apenas o que disse. Ele via-a e falava com ela – disse Amanda.

Dawson pestanejou.

– Estás a dizer-me que o Tuck acreditava que estava a ver um fantasma?

– O quê? Ele nunca te contou?

– Ele nunca falava sobre a Clara, ponto final.

Os olhos de Amanda abriram-se muito.

– Nunca?

– A única coisa que me disse foi o seu nome.

Amanda pôs o copo e começou a contar-lhe algumas das histórias que Tuck partilhara consigo ao longo dos anos. Contou-lhe que ele desistira da escola aos doze anos e começara a trabalhar na oficina do tio; que conhecera Clara na igreja aos catorze anos e nesse momento soubera que se casaria com ela; que toda a sua família, incluindo o tio, se mudara para o norte à procura de trabalho alguns anos depois do início da Grande Depressão e nunca mais tinham voltado. Contou-lhe como tinham sido os primeiros anos de Tuck com Clara, incluindo o primeiro aborto espontâneo e o trabalho extenuante que ele fazia para o pai de Clara na quinta da família, enquanto continuava a construir a sua casa à noite. Contou-lhe que Clara sofrera mais dois abortos espontâneos depois da guerra e convencera Tuck a construir a oficina antes de ele começar a reparar carros no princípio da década de 1950, incluindo um *Cadillac* cujo proprietário era um cantor em ascensão chamado Elvis Presley. Quando chegou à

parte do falecimento de Clara, e de como Tuck falava com o seu fantasma, Dawson já tinha bebido o seu chá e olhava fixamente para o copo, sem dúvida a tentar associar aquelas histórias ao homem que conhecera.

– Não posso acreditar que ele não te contou nada disto – espantou-se Amanda.

– Devia ter os seus motivos. Talvez gostasse mais de ti.

– Duvido – disse Amanda. – Conheci-o numa fase mais tardia da vida, foi só isso.

Tu conheceste-o quando ele ainda estava a sofrer.

– Talvez – disse Dawson, parecendo pouco convencido.

Amanda continuou.

– Tu eras importante para ele. Afinal, deixou-te viver aqui. Não apenas uma, mas duas vezes. – Quando Dawson acenou por fim com a cabeça, ela pousou o copo. – Mas posso fazer-te uma pergunta?

– O que quiseses.

– De que é que vocês *falavam*?

– Carros. Motores. Correias de transmissão. Às vezes falávamos sobre o tempo.

– Devia ser brilhante – ironizou ela.

– Não fazes ideia. Mas naquela época eu também não era um grande conversador.

Amanda inclinou-se para ele com súbita determinação.

– Muito bem. Agora ambos conhecemos a história do Tuck e também já conheces a minha. Mas eu ainda não sei nada sobre a tua.

– Claro que sabes. Ontem falei-te sobre mim. Trabalho numa plataforma petrolífera? Vivo numa casa móvel no meio do campo? Ainda conduzo o mesmo carro? Não tenho namoradas?

Num gesto lânguido, Amanda deixou cair o rabo de cavalo sobre um ombro num movimento quase sensual.

– Conta-me uma coisa que eu não saiba – incentivou-o. – Conta-me alguma coisa sobre ti que ninguém saiba. Uma coisa que me surpreenda.

– Não há muito para contar – disse ele.

Amanda observou-o.

– Porque é que não acredito em ti?

Porque, pensou ele, nunca consegui esconder nada de ti.

– Não sei – respondeu.

Amanda ficou calada, a tentar resolver outra questão na sua mente.

– Ontem disseste uma coisa que me deixou curiosa. – Confrontada com a expressão inquisitiva de Dawson, continuou: – Como é que sabes que a Marilyn Bonner nunca voltou a casar-se?

– Simplesmente sei.

– Foi o Tuck que te disse?

– Não.

– Então como é que soubeste?

Dawson entrelaçou os dedos e recostou-se na cadeira de baloiço, sabendo que ela voltaria a perguntar se não lhe respondesse. Era outra das suas características que não tinha mudado.

– O melhor é começar pelo princípio – disse com um suspiro. Contou-lhe tudo sobre os Bonner: sobre a visita muitos anos antes à degradada casa da quinta onde

Marilyn vivia, os anos de luta da família e como começara a enviar-lhes dinheiro de forma anónima quando saíra da prisão. E, por fim, confidenciou-lhe que ao longo dos anos tinha contratado detetives particulares para o manterem informado sobre a situação da família. Quando terminou, Amanda manteve-se calada, visivelmente a debater-se para dizer alguma coisa.

– Não sei o que dizer – declarou por fim.

– Já sabia que ias dizer isso.

– Estou a falar a sério, Dawson – afirmou ela com uma indignação evidente. – Bem sei que há uma certa nobreza no que estás a fazer, e tenho a certeza de que teve impacto na vida deles. Mas... também há uma certa tristeza em tudo isso porque não consegues perdoar-te pelo que foi sem dúvida um acidente. Todos cometemos erros, mesmo que alguns sejam mais graves do que outros. Acidentes acontecem. Mas mandar alguém segui-los? Para saber exatamente o que está a acontecer nas suas vidas? Isso é errado.

– Tu não compreendes... – começou ele.

– Não, *tu* é que não compreendes – interrompeu-o ela. – Não achas que eles merecem a sua privacidade? Tirar fotografias, bisbilhotar as suas vidas privadas...

– Não é assim – protestou Dawson.

– Claro que é! – Amanda bateu no braço da cadeira de baloiço. – E se eles descobrissem? Imaginas como seria terrível? Como se sentiriam traídos e invadidos? – Surpreendendo-o, pousou-lhe a mão no braço e apertou-o com força e insistência para ter a certeza de que ele estava a ouvi-la. – Não estou a dizer que concordo com o que estás a fazer. O que fazes com o teu dinheiro é contigo. Mas o resto? Os detetives? Tens de parar com isso. Tens de me prometer que fazes isso, está bem?

Dawson sentiu o calor que irradiava do seu toque.

– Está bem – concordou por fim. – Prometo que não volto a fazê-lo.

Amanda observou-o para se assegurar de que ele estava a dizer a verdade. Pela primeira vez desde que se tinham conhecido, Dawson parecia quase cansado. A sua postura tinha um ar um pouco derrotado e Amanda deu por si a pensar no que lhe teria acontecido se ela não tivesse partido naquele verão. Ou se tivesse ido visitá-lo à prisão. Queria acreditar que talvez tivesse feito alguma diferença, que Dawson poderia ter tido uma vida menos assombrada pelo passado. Que, mesmo que não fosse feliz, poderia ter encontrado pelo menos alguma paz de espírito. Para ele, a paz fora sempre fugidia.

Mas, afinal de contas, ele não era o único a querer paz de espírito, pois não? Não era o que toda a gente queria?

– Tenho outra confissão a fazer – disse ele. – A respeito dos Bonner.

Amanda sentiu o ar sair dos pulmões.

– Mais?

Dawson coçou o nariz com a mão livre, como se quisesse ganhar tempo.

– Esta manhã fui pôr um ramo de flores na campa do Dr. Bonner. Era uma coisa que costumava fazer quando saí da prisão. Quando as coisas se tornavam insuportáveis, percebes?

Amanda olhou-o, sem saber se ele se preparava para revelar mais alguma surpresa, mas não.

– Isto não está ao mesmo nível das outras coisas que tens feito.

– Eu sei. Mas achei que devia contar-te.

– Porquê? Porque agora queres a minha opinião?

Dawson encolheu os ombros.

– Talvez.

Amanda manteve-se calada durante alguns momentos.

– Acho que as flores são uma coisa boa – acabou por dizer –, desde que não exageres. Na verdade é... apropriado.

Ele voltou-se para ela.

– Achas?

– Sim – respondeu ela. – Pôr flores numa campã tem significado, mas não é invasivo.

Dawson acenou com a cabeça, mas não falou. No silêncio, Amanda aproximou-se ainda mais.

– Sabes no que estou a pensar? – perguntou.

– Depois de tudo o que te disse, quase tenho medo de adivinhar.

– Acho que tu e o Tuck eram mais parecidos do que imaginas.

Dawson voltou-se para ela.

– E isso é bom ou mau?

– Ainda estou aqui contigo, não estou?



Quando o calor se tornou sufocante mesmo à sombra, Amanda tomou a iniciativa de entrar em casa. A porta de rede fechou-se com um suave baque atrás deles.

– Estás preparada? – perguntou ele, a olhar para a cozinha.

– Não – respondeu Amanda. – Mas suponho que temos de fazer isto. Continuo a dizer que me parece errado. Nem sequer sei por onde começar.

Dawson foi até ao fundo da cozinha antes de se voltar para olhar para Amanda.

– Muito bem, vamos fazer assim: quando pensas na última visita que lhe fizeste, o que te vem à ideia?

– Foi como sempre. Falámos sobre a Clara e depois fiz-lhe o jantar. – Encolheu levemente os ombros. – Pus-lhe uma manta sobre as costas quando ele adormeceu na cadeira.

Dawson levou-a para a sala de estar e apontou com a cabeça para a lareira.

– Então talvez devesse levar a fotografia.

Amanda abanou a cabeça.

– Não posso fazer isso.

– Preferes que vá para o lixo?

– Não, claro que não. Mas devias ser tu a levá-la. Conhecia-lo melhor que eu.

– Nem por isso – replicou Dawson. – Ele nunca me falou sobre a Clara. E, bem vistas as coisas, vais lembrar-te dos dois, não apenas dele, e foi por isso que ele te falou sobre ela.

Quando Amanda hesitou, ele dirigiu-se para a lareira e pegou na moldura com cuidado.

– Ele queria que isto fosse importante para ti. Queria que fossem os dois

importantes para ti.

Amanda pegou na fotografia e observou-a.

– Mas, se eu levar isto, o que fica para ti? Quero dizer, não há grande coisa aqui.

– Não te preocupes. Há uma coisa que vi antes e que gostaria de guardar. – Aproximou-se da porta. – Vem.

Amanda desceu os degraus atrás dele. Quando se aproximaram da oficina, de repente percebeu: se a casa fora o local onde ela e Tuck tinham criado laços, a oficina desempenhara o mesmo papel para Dawson e Tuck. E, antes mesmo de ele encontrar o que procurava, ela já sabia o que ele queria.

Dawson pegou na desbotada bandana que estava muito bem dobrada em cima da bancada de trabalho.

– Era isto que ele queria que eu levasse – disse.

– Tens a certeza? – Amanda olhou de soslaio para o quadrado de tecido vermelho. – Não é grande coisa.

– É a primeira vez que vejo uma limpa aqui, por isso tem de ser para mim. – Sorriu. – Sim, tenho a certeza. Para mim, isto é o Tuck. Acho que nunca o vi sem uma. Sempre da mesma cor, é claro.

– Claro – concordou Amanda. – Estamos a falar do Tuck, certo? O senhor Constante-em-Tudo?

Dawson enfiou a bandana no bolso de trás das calças.

– Não é uma coisa assim tão má. As mudanças nem sempre são para melhor.

As palavras pareceram pairar no ar e Amanda não respondeu. Em vez disso, quando se encostou-se ao *Stingray* lembrou-se de alguma coisa e deu um passo para ele.

– Esqueci-me de perguntar ao Tanner o que fazer com o carro.

– Eu estava a pensar que podia arranjá-lo. Depois o Tanner pode ligar ao proprietário para o vir buscar.

– A sério?

– Tanto quanto percebo, todas as peças estão aqui e tenho a certeza de que o Tuck teria desejado que eu o arranjasse. Além disso, tu vais jantar com a tua mãe e eu não tenho mais nada para fazer esta noite.

– Quanto tempo vais demorar? – Amanda olhou para as caixas de peças.

– Não sei. Algumas horas, talvez.

Ela olhou de novo para o carro, caminhando ao seu lado antes de se virar de novo para Dawson.

– Está bem – disse. – Precisas de ajuda?

Dawson sorriu com ironia.

– Aprendeste a arranjar motores desde a última vez que te vi?

– Não.

– Posso ocupar-me disto depois de te ires embora – disse ele. – Não é nada de mais. – Virou-se e apontou para a casa. – Podemos voltar para dentro, se preferires. Está muito calor aqui fora.

– Não quero que tenhas de trabalhar até tarde – disse ela e, como se redescobrisse um velho hábito, ocupou o lugar de antigamente. Afastou uma alavanca para desmontar pneus cheia de ferrugem e sentou-se descontraidamente na bancada de

trabalho. – Amanhã temos um grande dia. E, além disso, sempre gostei de te ver trabalhar.

Dawson pensou detetar uma espécie de promessa naquelas palavras e de repente percebeu que os anos pareciam estar a retroceder para os dois, permitindo-lhe revisitar o tempo e o lugar onde fora mais feliz. Virou-se e lembrou a si mesmo que Amanda era casada. A última coisa de que ela precisava agora era do tipo de complicação resultante da tentativa de reescrever o passado. Inspirou lenta e deliberadamente e estendeu o braço para pegar numa caixa do outro lado da bancada de trabalho.

– Vais aborrecer-te. Isto vai demorar um bocado – disse, a tentar disfarçar os seus pensamentos.

– Não te preocupes comigo. Estou habituada.

– A ficar aborrecida?

Amanda levantou as pernas e abraçou-as pelos joelhos.

– Costumava ficar horas aqui sentada à espera de que tu acabasses para podermos sair e divertir-nos.

– Devias ter dito alguma coisa.

– Quando não aguentava mais, dizia. Contudo, se te arrastasse daqui para fora demasiadas vezes, já sabia que depois o Tuck não me deixaria vir para cá. Também era por isso que não estava o tempo todo a conversar contigo.

O seu rosto estava parcialmente na sombra e a voz soou como um sedutor chamamento. Demasiadas memórias, com ela ali sentada como antigamente, a falar-lhe naquele tom. Dawson tirou o carburador da caixa e inspecionou-o. Tinha sido restaurado, mas fora sem dúvida um trabalho bem feito. Pousou-o e deu uma vista de olhos à ordem de serviço.

Dirigiu-se para a parte da frente do carro e abriu o capô para inspecionar o motor. Quando a ouviu pigarrear, espreitou.

– Bem, como o Tuck não está por perto – disse ela –, suponho que já podemos falar à vontade, embora estejas a trabalhar.

– Está bem. – Dawson endireitou-se e aproximou-se da bancada de trabalho. – De que queres falar?

Amanda pensou no assunto.

– Bem, que tal isto? De que é que te lembras melhor do verão que passámos juntos?

Dawson pegou num conjunto de chaves inglesas enquanto pensava na pergunta.

– Lembro-me de pensar porque diabo querias passar tempo comigo.

– Estou a falar a sério.

– E eu também. Eu não tinha nada e tu tinhas tudo. Podias ter o namorado que quisesses. E, embora tentássemos não dar nas vistas, na altura já sabia que só te traria problemas. Não fazia sentido para mim.

Amanda pousou o queixo nos joelhos e abraçou-os com força contra o corpo.

– Sabes do que me lembro? Lembro-me daquela vez em que fomos de carro para Atlantic Beach. Quando vimos todas aquelas estrelas-do-mar? Foi como se tivessem dado todas à costa ao mesmo tempo e percorremos a praia inteira para as atirar de novo para a água. E depois partilhámos um hambúrguer e batatas fritas e ficámos a ver o pôr do sol. Devemos ter falado umas doze horas seguidas.

Amanda sorriu antes de continuar, sabendo que ele também estava a recordar.

– Era por isso que adorava estar contigo. Fazíamos coisas muito simples, como atirar estrelas-do-mar para o oceano e dividir um hambúrguer, e nessas alturas sabia que era uma pessoa de sorte. Porque tu foste o primeiro rapaz que não estava sempre a tentar impressionar-me. Aceitavas-te como eras, mas, mais do que isso, aceitavas-me por aquilo que eu era. E nada mais importava... nem a minha família, nem a tua família, nem mais ninguém no mundo. Éramos apenas nós. – Fez uma pausa. – Acho que nunca me senti tão feliz como naquele dia, mas era sempre assim quando estávamos juntos. Nunca quis que acabasse.

Dawson olhou-a nos olhos.

– Talvez não tenha acabado.

Foi então que ela percebeu, com o distanciamento trazido pela idade e pela maturidade, o quanto ele a amara naquela altura. *E ainda amava*, sussurrou uma vozinha dentro de si, e de repente teve a estranha impressão de que tudo o que tinham partilhado no passado não passara dos capítulos iniciais de um livro cujo desfecho ainda estava por escrever.

Aquela ideia devia tê-la assustado, mas não assustou, e ela passou a palma da mão sobre o contorno das iniciais de ambos, gravadas tantos anos na antes bancada de trabalho.

– Vim para cá quando o meu pai morreu.

– Para onde? Para aqui? – Quando ela acenou com a cabeça, Dawson pegou de novo no carburador. – Pensei que tinhas dito que só tinhas começado a visitar o Tuck há alguns anos.

– Ele não soube. Nunca lhe disse que tinha vindo cá.

– Porque não?

– Não consegui. Foi o que me ocorreu para não desmoronar, e só me apetecia estar sozinha. – Calou-se. – Foi cerca de um ano depois do falecimento da Bea e eu continuava a fazer um grande esforço para seguir em frente quando a minha mãe me telefonou a dizer que o meu pai tivera um ataque cardíaco. Não fez qualquer sentido. Ele e a minha mãe tinham-nos visitado em Durham na semana anterior, mas muito pouco tempo depois estávamos a pôr os miúdos no carro para ir ao seu funeral. A viagem durou a manhã inteira, e quando entrei a minha mãe estava muito bem vestida e começou logo a explicar-me como seria o funeral. Quase não mostrou emoção. Parecia estar mais preocupada em arranjar o tipo certo de flores para a cerimónia e garantir que eu telefonava para toda a família. Foi um verdadeiro pesadelo e no fim desse dia sentia-me tão... sozinha. Foi por isso que saí de casa a meio da noite e dei algumas voltas de carro. E, não sei porquê, acabei por estacionar na estrada e vim a pé até aqui. Não consigo explicar. Sentei-me aqui e devo ter passado horas a chorar. – Expirou, e a maré de memórias voltou. – Sei que o meu pai nunca te deu uma oportunidade, mas, no fundo, não era má pessoa. Sempre me dei melhor com ele do que com a minha mãe e tornámo-nos mais próximos à medida que fui ficando mais velha. Ele adorava os miúdos... sobretudo a Bea. – Calou-se e esboçou um sorriso triste. – Achas estranho? Eu ter vindo para cá depois de o meu pai morrer?

Dawson refletiu.

– Não – respondeu. – Não acho nada estranho. Eu também voltei para cá quando

saí da prisão.

– Não tinhas outro sítio para onde ir.

Dawson ergueu uma sobrancelha.

– Tu tinhas?

Dawson estava certo, claro: embora a casa de Tuck fosse um lugar de memórias idílicas, também era o lugar para onde ela vinha sempre chorar.

Amanda apertou os dedos com mais força, a tentar afastar aquela recordação, e instalou-se para o ver montar o motor. À medida que a tarde foi passando, falaram descontraidamente sobre coisas banais, passadas e presentes, contando coisas das suas vidas e trocando opiniões sobre tudo, desde livros até lugares que sempre tinham sonhado visitar. Amanda teve uma sensação de *déjà vu* ao ouvir os estalidos familiares da chave de porcas quando ele a usava. Viu-o esforçar-se para soltar um parafuso, cerrando os maxilares até conseguir desprendê-lo, e pousando-o com cuidado. Como acontecia quando eram adolescentes, de vez em quando Dawson parava o que estava a fazer, lembrando-lhe que estava a ouvir atentamente tudo o que ela dizia. De repente, com uma intensidade quase dolorosa, também se apercebeu de que ele fazia isso para lhe mostrar, discretamente, que ela sempre fora e sempre seria importante para ele. Mais tarde, quando ele fez uma pausa no trabalho e foi a casa buscar dois copos de chá frio, houve um momento, um momento fugaz, em que ela conseguiu imaginar uma vida diferente que poderia ter tido, o tipo de vida que sabia que sempre quisera.



Quando o sol desceu atrás dos pinheiros ao fim da tarde, saíram por fim da oficina e dirigiram-se sem pressa para o carro de Amanda. Algo mudara entre eles nas últimas horas – um frágil ressurgimento do passado, talvez –, algo que a deixou entusiasmada e apavorada. Enquanto caminhavam lado a lado, Dawson ansiava por abraçá-la, mas conteve-se, pressentindo a sua confusão.

Amanda esboçou um sorriso hesitante quando chegaram ao carro. Olhou para ele, reparando nas pestanas grossas e abundantes, o tipo de pestanas que causavam inveja a qualquer mulher.

– Quem me dera não ter de ir – admitiu.

Dawson apoiou-se ora num pé ora no outro.

– Tenho a certeza de que tu e a tua mãe se vão divertir.

Talvez, pensou ela, mas é provável que não.

– Fechas a porta à chave quando saíres?

– Claro – respondeu Dawson, reparando que a luz do sol incidia na sua pele radiosa, nas madeixas de cabelo que esvoaçavam ao sabor da suave brisa. – Como queres fazer amanhã? Encontramo-nos lá ou preferes que vá atrás de ti?

Amanda pensou nas opções, sentindo um conflito interior.

– Não há motivo para levarmos dois carros, não achas? – acabou por perguntar. – E se nos encontrássemos aqui por volta das onze horas e fôssemos juntos?

Dawson concordou e olhou para ela. Nenhum dos dois se mexeu. Por fim, ele recuou um pouco, quebrando o feitiço, e Amanda expirou. Não tinha percebido que estava a conter a respiração.

Entrou no carro e Dawson fechou a porta. O contorno do seu corpo desenhava-se contra a luz do sol poente e Amanda quase teve a impressão de que ele era um desconhecido. Atrapalhada, procurou as chaves na carteira e reparou que as suas mãos tremiam.

– Obrigada pelo almoço – disse.

– Sempre às ordens.

Enquanto se afastava, espreitou pelo espelho retrovisor e viu que Dawson estava parado no mesmo sítio, como se esperasse que ela mudasse de ideias e voltasse para trás. Sentiu os primeiros sinais de uma coisa perigosa, uma coisa que andara a tentar negar.

Ele ainda a amava, agora tinha a certeza, e essa consciência era inebriante. Sabia que aquele sentimento era errado e tentou afastá-lo, mas Dawson e o passado tinham voltado e já não podia negar a simples verdade de que, pela primeira vez em anos, sentia que voltara por fim para casa.



Ted observou a jeitosa chefe da claque entrar na estrada à frente da casa de Tuck e decidiu que estava muitíssimo bem conservada para a idade. Mas a verdade é que ela sempre fora uma brasa, e nos velhos tempos pensava muitas vezes em fazer o que queria com ela. Enfiá-la dentro do carro, aproveitar-se dela e enterrá-la onde ninguém a pudesse encontrar. Mas o pai de Dawson interviu, dizendo que a miúda tinha dono, e nessa altura Ted pensava que Tommy Cole sabia o que fazia.

Mas a verdade é que Tommy Cole não sabia nada. Ted chegou a essa conclusão na prisão, e quando por fim saiu em liberdade, odiava Tommy Cole quase tanto quanto odiava Dawson. Tommy nada fizera depois de o filho os ter humilhado aos dois. Tornara-os alvo de chacota e fora por isso que Tommy acabara por ser o primeiro nome na sua lista negra quando saiu da prisão. Não foi difícil fazer com parecesse que ele bebera até à morte naquela noite. Só precisara de lhe injetar álcool de cereais nas veias depois de ele desmaiar e ele acabara por sufocar no próprio vômito.

E agora Dawson também seria finalmente riscado da sua lista negra. Enquanto esperava que o carro de Amanda se afastasse, perguntou a si mesmo o que teriam os dois estado a fazer ali. Provavelmente, a recuperar o tempo perdido durante todos aqueles anos de separação, enrolados nos lençóis a gritar o nome um do outro. Presumiu que ela era casada e pensou com curiosidade se o marido desconfiaria do que estava a acontecer. Provavelmente, não. Não era o tipo de coisa que as mulheres gostavam de anunciar aos sete ventos, sobretudo uma mulher que conduzia um carro daqueles. Devia ter-se casado com um rico qualquer e passava as tardes no cabeleireiro a arranjar as mãos como a mãe costumava fazer. O marido devia ser um médico ou um advogado, demasiado arrogante para considerar sequer a hipótese de que a mulher podia andar a traí-lo.

Ela devia ser boa a guardar segredos, como a maioria das mulheres. Raios, ele sabia bem como era. Casadas ou não, era-lhe indiferente: se elas se ofereciam, aceitava a oferta. Também não importava que fossem da família ou não. Já estivera com a metade das mulheres que viviam na propriedade, mesmo com as que estavam casadas com os primos. E com as suas filhas também. Nos últimos seis anos, ele e Claire, a mulher de Calvin, faziam sexo algumas vezes por semana e ela nunca contara a ninguém. Era provável que Ella soubesse o que se passava, já que lhe lavava as cuecas, mas não abria a boca e continuaria de bico calado se sabia o que era bom para ela. Aquilo que um homem fazia ou deixava de fazer era da sua conta e de mais ninguém.

As luzes traseiras do carro brilharam quando Amanda fez a curva e desapareceu. Não tinha reparado na sua carrinha de caixa aberta – o que não era surpreendente pois ele parara longe da estrada e escondera-a o melhor que pudera no meio de um matagal. Decidiu esperar alguns minutos para ter a certeza de que ela não voltava atrás. A última coisa que queria era testemunhas e ainda estava a pensar na melhor maneira de fazer aquilo. Se Abee vira Dawson nessa manhã, era mais que certo que ele também o vira, o que o teria deixado de sobreaviso, e era bem possível que estivesse à espera, com a espingarda no colo. Talvez também tivesse planos, no caso de alguém da família aparecer.

Como da última vez.

Ted encostou a *Glock* à coxa, a pensar que era crucial apanhá-lo de surpresa. Aproximar-se o bastante para disparar, depois enfiar o corpo no porta-bagagens e abandonar o carro alugado algures na propriedade. Raspar o número de série e incendiá-lo, até restar apenas a estrutura metálica. Livrar-se do corpo também não seria difícil. Bastaria pôr-lhe pesos, atirá-lo ao rio e deixar a água e o tempo fazerem o resto. Ou talvez enterrá-lo algures na floresta, onde era pouco provável que alguém o encontrasse. Era difícil provar um homicídio sem um cadáver. A jeitosa chefe da claque e o xerife podiam desconfiar o que quisessem, mas desconfiar e conseguir provas eram duas coisas muito diferentes. As coisas ficariam agitadas, claro, mas acabariam por acalmar. Depois disso, seria a vez de ajustar contas com Abee. E, se Abee não tivesse cuidado, talvez acabasse por ir parar também ao fundo do rio.

Por fim preparado, Ted saiu da carrinha de caixa aberta e começou a avançar para a floresta.



Depois de terminar o arranjo do motor, Dawson pousou a chave inglesa e fechou o capô. Desde que Amanda se fora embora, não conseguia afastar a sensação de que estava a ser observado. Da primeira vez que aconteceu, segurou a chave inglesa com força enquanto espreitava ao lado do capô, mas não viu ninguém.

Agora, dirigiu-se para a entrada da oficina e inspecionou as redondezas, assimilando a paisagem. Viu os carvalhos e os pinheiros com kudzu entrelaçada nos troncos e reparou que as sombras tinham começado a alongar-se. Um falcão passou no céu e a sua sombra tremulou no caminho de acesso à casa. Estorninhos chilreavam nos ramos das árvores. Tudo o resto estava tranquilo sob o calor do princípio do verão.

Contudo, alguém estava a observá-lo. Estava ali alguém, tinha a certeza, e passou-

lhe pela mente a imagem da espingarda que enterrara há tantos anos debaixo do carvalho perto da casa – não a enterrara muito fundo, talvez a uns trinta centímetros, embrulhada num oleado e protegida dos elementos. Tuck também tinha armas em casa, possivelmente debaixo da cama, mas Dawson não sabia se estavam legalizadas. Não parecia haver nada ali, mas nesse instante apercebeu-se de um movimento indistinto perto de um maciço de árvores do outro lado do caminho de acesso.

No entanto, quando tentou focar a imagem, não viu nada. Pestanejou, à espera de mais e a tentar determinar se fora fruto da sua imaginação, quando os cabelos da nuca começaram a eriçar-se devagar.



Ted deslocava-se com cautela, sabendo que seria insensato apressar-se. De repente, desejou ter trazido Abee consigo. Teria sido bom ter Abee a avançar para a casa por outro lado. Mas pelo menos Dawson ainda estava ali, a não ser que tivesse decidido ir-se embora. Contudo, nesse caso teria ouvido o carro a ser ligado.

Perguntou a si mesmo onde estaria ele ao certo. Em casa, na oficina ou algures no exterior? Só esperava que não estivesse dentro de casa, pois seria difícil aproximar-se sem ser visto. A casa de Tuck ficava numa pequena clareira, com o riacho nas traseiras, mas tinha janelas em todas as fachadas e Dawson poderia vê-lo aproximar-se. Nesse caso, talvez fosse melhor ficar escondido e esperar que ele saísse. O problema era que Dawson podia sair pela frente ou pelas traseiras, e era impossível estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Do que precisava mesmo era de uma manobra de diversão. Depois, quando Dawson aparecesse para investigar, esperaria até ele estar suficientemente perto para premir o gatilho. Confiava na eficácia da *Glock* até cerca de dez metros de distância.

Mas que tipo de diversão poderia causar? Essa era a questão.

Avançou furtivamente, evitando os montículos de pedras soltas que se estendiam à sua frente; aquela zona do condado tinha margas por toda a parte. Simples, mas eficaz. Bastaria atirar algumas, talvez até acertar no carro ou partir o vidro de uma janela. Dawson sairia para ver o que se passava e ele estaria à sua espera.

Apanhou uma mão cheia de margas e enfiou-as no bolso.



Dawson avançou em silêncio para o local onde lhe parecera ver movimento, pensando nas alucinações que tivera desde a explosão na plataforma e pensando que aquilo parecia demasiado familiar. Chegou à orla da clareira e espreitou para a floresta, a tentar acalmar os batimentos desenfreados do coração.

Parou quando ouviu os estorninhos, uma centena a chilrear nas árvores. Milhares, talvez. Quando era criança, ficava fascinado ao vê-los levantar voo das árvores como um enxame quando batia palmas, como se estivessem amarrados uns aos outros. Estavam a chilrear agora, a chamar por alguma coisa.

Seria um aviso?

Não sabia. À sua frente, a floresta era uma coisa viva; o ar estava salgado e denso

com o cheiro de madeira podre. Os ramos mais baixos dos carvalhos rastejavam pelo chão antes de se erguerem para o céu. Kudzu e barbas-de-velho obscureciam o mundo a pouco mais de um metro de distância.

Pelo canto do olho, viu de novo um movimento e virou-se rapidamente, ficando com a respiração suspensa quando vislumbrou um homem de cabelo escuro com um impermeável azul esconder-se atrás de uma árvore. Conseguiu ouvir o latejar do coração nos ouvidos. Não, pensou, não era possível. Aquilo não era real, não podia ser real, e só podia estar a imaginar coisas.

No entanto, afastou alguns ramos e seguiu o homem para o interior da floresta.



Já estou perto, pensou Ted. Por entre a folhagem viu o cimo da chaminé e baixou-se, caminhando com cuidado. Não podia fazer qualquer ruído. Era o mais importante na caça, e ele sempre fora um bom caçador.

Homem ou animal, era tudo igual se o caçador fosse bom.



Dawson abriu caminho por entre os arbustos e contornou as árvores. Ofegava enquanto tentava encurtar a distância. Com receio de parar, mas mais assustado a cada passo que dava.

Chegou ao local onde vira o homem de cabelo escuro e continuou, à procura de algum sinal da sua presença. Estava encharcado em suor e tinha a camisa colada às costas. Resistiu ao impulso repentino de gritar, mas duvidou que conseguisse, mesmo que tentasse. A garganta estava áspera como lixa.

O solo estava seco e a caruma de pinheiro estalava sob os seus pés. Quando saltou por cima de uma árvore caída, avistou o homem de cabelo escuro a avançar por entre os ramos e esconder-se depois atrás de uma árvore, com o impermeável a esvoaçar atrás de si.

Dawson começou a correr a toda a velocidade.



Por fim, Ted chegou ao monte de lenha que se erguia na orla da clareira. A casa ficava logo atrás. Da sua posição estratégica, conseguia ver o interior da oficina. A luz continuava acesa e perscrutou o lugar durante cerca de um minuto, à procura de algum sinal de movimento. Tinha quase a certeza de que Dawson estivera ali a arranjar o carro. Mas agora não estava na oficina nem à frente da casa.

Ou estava no interior da casa ou nas traseiras. Ted baixou-se e voltou para a proteção da floresta antes contornar para as traseiras da casa. Também não estava ali. Voltou para trás, para o monte de lenha. Continuava a não haver qualquer sinal de Dawson na oficina, o que significava que só podia estar dentro de casa. Talvez tivesse ido buscar uma bebida ou fazer um xixi. Fosse como fosse, em breve sairia.

Instalou-se e esperou.

Dawson viu o homem pela terceira vez, agora mais perto da estrada. Desatou a correr atrás dele, com ramos e arbustos a baterem-lhe, mas não conseguia encurtar a distância. Ofegante, começou a abrandar gradualmente até acabar por parar à beira da estrada.

O homem tinha desaparecido. Se é que estivera ali na floresta, claro, e de repente Dawson não teve tanta certeza. O formigueiro causado pela sensação de estar a ser observado tinha desaparecido, bem como o paralisante medo; restava-lhe a sensação de calor e cansaço, à mistura com um sentimento de frustração e parvoíce.

Tuck costumava ver Clara e agora ele andava a ver um homem de cabelo escuro com um impermeável naquele calor de início de verão. Teria Tuck estado tão louco como ele? Manteve-se quieto, à espera de que a respiração voltasse ao normal. Tinha a certeza de que o homem estava a segui-lo, mas, nesse caso, quem era ele? E o que queria?

Não sabia, mas, quanto mais tentava concentrar-se no que vira de facto, mais a visão se desvanecia. Como os sonhos poucos segundos depois de a pessoa acordar, tudo começou a desvanecer-se, e Dawson já não tinha a certeza de nada.

Abanou a cabeça, satisfeito por estar quase a terminar a reparação do *Stingray*. Queria voltar à pensão para tomar um duche e deitar-se a refletir sobre tudo o que estava a acontecer. O homem de cabelo escuro, Amanda... desde aquele acidente na plataforma que a sua vida estava numa grande confusão. Olhou para onde viera e decidiu que não fazia sentido voltar pela floresta. Seria mais fácil seguir a estrada e subir o caminho de acesso à casa. Começou a caminhar no asfalto e foi então que reparou numa velha carrinha de caixa aberta estacionada fora da estrada, atrás de um matagal.

Ficou intrigado com a sua presença ali. Não havia nada naquela zona da floresta com exceção da casa de Tuck. A carrinha não tinha nenhum pneu furado e, embora supusesse que podia estar avariada, seria lógico que o condutor fosse lá a casa pedir ajuda. Dawson avançou pelos arbustos e reparou que a carrinha estava trancada. Pousou a mão no capô. Quente, mas não muito. Devia estar ali há uma ou duas horas.

Também não fazia sentido que estivesse escondida, parada atrás dos arbustos. Se tivesse de ser rebocada, teria sido melhor mantê-la na berma da estrada. Quase parecia que o condutor não queria que a vissem.

Como se alguém quisesse mantê-la escondida?

Foi então que tudo começou a encaixar-se, a começar pelo facto de ter visto Abee nessa manhã. Não era a carrinha de Abee – não era a mesma pela qual passara nessa manhã –, mas isso não queria dizer nada. Dawson avançou com cuidado do outro lado da carrinha e parou quando viu alguns ramos torcidos.

O ponto de entrada.

Alguém fora por ali e seguira na direção da casa.

Cansado de esperar, Ted pegou numa pedra, pensando que, se partisse o vidro de

uma janela enquanto Dawson estava lá dentro, ele podia decidir continuar barricado. Mas um barulho era diferente. Quando alguma coisa batia com força contra a parede de casa, qualquer um iria ver o que tinha acontecido. Dawson passaria pelo monte de lenha, a pouco mais de meio metro dele. Era impossível falhar.

Satisfeito, tirou do bolso as primeiras pedras. Com cautela, espreitou por cima do monte de lenha, mas não viu ninguém junto das janelas. Levantou-se depressa, atirou a pedra com toda a força e já estava a baixar-se quando ela bateu contra a parede com um estrondo.

Atrás dele, o bando de estorninhos levantou ruidosamente voo das árvores.



Dawson ouviu um estampido surdo e uma nuvem de estorninhos voou por cima dele antes de voltarem para as árvores. Não tinha sido um disparo. Era outra coisa. Abandonou e avançou em silêncio para a casa de Tuck.

Estava ali alguém. Tinha a certeza. Um familiar seu, sem dúvida.



Ted estava em pulgas, a pensar onde raio podia estar Dawson. Era impossível que não tivesse ouvido o barulho, mas onde estava ele? Porque é que não saía?

Tirou outra pedra do bolso e desta vez atirou-a com toda a força que tinha.



Dawson imobilizou-se ao ouvir um segundo estrondo, mais forte ainda. Desconstruiu a pouco e pouco e aproximou-se em silêncio, concentrado na origem do ruído.

Ted, escondido atrás do monte de lenha. Armado.

De costas para Dawson, Ted espreitava para a casa por cima do monte de lenha. Estaria à espera de que ele saísse? A fazer barulho, na esperança de o atrair para o exterior para investigar?

De súbito, Dawson desejou ter desenterrado a espingarda. Ou ter trazido uma arma qualquer. Na oficina havia objetos que poderiam servir, mas seria impossível chegar lá sem que Ted o visse. Ponderou voltar para a estrada, mas era improvável que ele se fosse embora a não ser que tivesse uma razão. De qualquer modo, a postura agitada do primo disse-lhe que ele começava a ficar inquieto, e isso era bom. A impaciência era o inimigo dos caçadores.

Dawson refugiou-se atrás de uma árvore, a pensar, à espera de uma oportunidade para tratar daquele assunto sem ser alvejado durante o processo.



Passaram-se cinco minutos, depois dez, e Ted continuava a ferver de raiva. Nada, absolutamente nada. Nenhum movimento na parte da frente da casa, nem sequer no

raio das janelas. Mas havia um carro alugado estacionado na entrada – até conseguia ver o autocolante no para-choques – e alguém estivera a trabalhar na oficina. E com toda a certeza não tinham sido Tuck nem Amanda. Por isso, se não estava à frente nem nas traseiras, Dawson só podia estar lá dentro.

Mas porque é que não tinha saído?

Talvez estivesse a ver televisão ou a ouvir música... ou a dormir, ou a tomar banho, ou sabia-se lá o quê. Fosse o que fosse, não ouvira nada.

Ted manteve-se agachado durante mais alguns minutos, sentindo-se cada vez mais zangado, até decidir por fim que não continuaria à espera. Saiu de trás da pilha de lenha, correu para a parte lateral da casa e espreitou para a parte da frente. Como não viu nada, continuou a avançar sem fazer barulho e subiu para o alpendre. Encostou-se à parede entre a porta e a janela.

Esforçou-se para ouvir sons de movimento no interior. Não ouviu tábuas de soalho a ranger, nem televisão aos berros, nem música alta. Depois de se certificar de que não fora visto, espreitou pela janela. Segurou a maçaneta da porta e abriu-a devagar.

Estava no trinco. Perfeito.

Destravou a arma.



Dawson viu Ted abrir a porta devagar. Mal ele a fechou atrás de si, correu para a oficina, calculando que teria um minuto ou menos. Agarrou na enferrujada alavanca para desmontar pneus que estava em cima da bancada de trabalho e correu em silêncio para a parte da frente da casa, calculando que Ted já estaria na cozinha ou no quarto. Rezou para estar certo.

Precipitou-se para o alpendre, espalmou-se contra a parede no mesmo sítio onde Ted estivera e segurou a alavanca com força, a preparar-se para o confronto. Não teve de esperar muito tempo, pois ouviu Ted praguejar enquanto avançava pesadamente para a entrada. Quando a porta se abriu, Dawson teve um vislumbre da expressão de pânico do primo ao vê-lo um instante tarde de mais.

Dawson desceu a alavanca, sentindo a vibração no braço quando esmagou o nariz de Ted. Quando ele cambaleou para trás, com sangue quente e vermelho a jorrar, Dawson lançou-se atrás dele. Ted caiu no chão e Dawson bateu-lhe com força com a alavanca no braço estendido, fazendo a pistola deslizar para longe. Ao ouvir os ossos partirem, Ted começou por fim a gritar.

Enquanto ele se contorcia no chão, Dawson apanhou a *Glock* e apontou-lha.

– Eu disse-te para não voltares.

Foram as últimas palavras que Ted ouviu antes de os olhos se revirarem com a excruciante dor e ele desmaiar.



Por muito que odiasse a família, Dawson não seria capaz de matar o primo. No entanto, também não sabia o que fazer com ele. Podia chamar o xerife, mas quando saísse da cidade, com ou sem julgamento, não voltaria e nada aconteceria a Ted. Além

disso, perderia horas a relatar a sua versão dos acontecimentos, que seria sem dúvida recebida com desconfiança. Afinal de contas, ele era um Cole e tinha cadastro. Não, decidiu, não se daria a esse incómodo.

Contudo, também não podia simplesmente abandoná-lo ali. Ele precisava de cuidados médicos e deixá-lo no posto médico acabaria por envolver o xerife. Chamar uma ambulância teria o mesmo problema.

Baixou-se para vasculhar os bolsos de Ted e encontrou um telemóvel. Abriu-o, premiu alguns botões e acedeu à lista de contactos. Havia alguns nomes e reconheceu quase todos. Seria suficiente. Voltou a revistá-lo à procura das chaves da carrinha de caixa aberta. Em seguida correu para a oficina e pegou em cordas de escalada e arame para o amarrar. Depois de o sol se pôr, carregou o primo sobre o ombro.

Levou-o pelo caminho de acesso e atirou-o para a caixa da carrinha. Em seguida, sentou-se atrás do volante, ligou o motor e seguiu para a terra onde crescera. Para não chamar a atenção, desligou os faróis ao aproximar-se da entrada da propriedade dos Cole e parou junto da placa que dizia proibida a entrada. Arrastou Ted para fora da caixa da carrinha e encostou-o à placa.

Em seguida, abriu o telemóvel e premiu o contacto que dizia «Abee». O telemóvel tocou quatro vezes antes de ele atender. Dawson ouviu música muito alta.

– Ted? – gritou ele, a tentar sobrepor-se ao barulho. – Onde raio estás?

– Não é o Ted. Mas tens de o vir buscar. Ele está gravemente ferido – respondeu Dawson. Antes de Abee poder falar, explicou-lhe onde poderia encontrá-lo. Em seguida, desligou e atirou o telemóvel para o chão entre as pernas do primo.

De novo na carrinha de caixa aberta, afastou-se a grande velocidade da propriedade. Depois de se desfazer da pistola, atirando-a ao rio, decidiu ir diretamente para a pensão buscar as suas coisas. A seguir trocaria de carro, deixando a carrinha de Ted onde ele a estacionara antes, e procuraria um hotel fora de Oriental, onde poderia por fim tomar um duche e comer antes de dormir.

Estava cansado. Afinal de contas, fora um dia longo. Ainda bem que tinha terminado.



Abee Cole tinha a sensação de que alguém estava a queimar-lhe o estômago com um ferro a esquentar e a febre ainda não passara, o que o levou a pensar que talvez fosse boa ideia pedir uma opinião ao médico acerca da ferida da próxima vez que ele viesse ao quarto para ver Ted. Claro que o mais certo era quererem interná-lo também, mas não ia acontecer. Poderia dar origem a perguntas às quais não lhe apetecia responder.

Era tarde, quase meia-noite, e o hospital começava por fim a acalmar. Olhou para o irmão à luz fraca, a pensar que Dawson lhe tinha dado uma valente tarefa. Como da última vez. Abee até pensara que ele estava morto quando o encontrara. Com a cara cheia de sangue e o braço torcido de lado, e só lhe ocorria pensar que Ted fora descuidado. Ou isso, ou então Dawson estava à sua espera – o que o levou a pensar que talvez o primo tivesse planos.

Abee sentiu a dor latejar na barriga, causando-lhe ondas de náusea. O hospital também não ajudava. Parecia que estava dentro de uma maldita fornalha. Só continuava no quarto porque queria estar por perto se Ted acordasse para descobrir se Dawson andava a tramar alguma. Sentiu um arrepio de paranoia, mas presumiu que talvez não estivesse a pensar bem. O antibiótico tinha de começar a fazer efeito, e depressa.

A noite transformara-se num inferno, e não apenas por causa de Ted. Tinha resolvido passar pelo bar para ver Candy, mas quando chegara ao Tidewater, metade dos tipos que se encontravam no bar estavam amontoados à sua volta. Bastara-lhe um olhar para perceber que ela andava a tramar alguma coisa. Vestia um *top* sem mangas que exibia tudo o que tinha para mostrar e um par de calções tão curtos que mal lhe cobriam o traseiro. Quando o viu entrar, ela ficara logo muito nervosa, como se tivesse sido apanhada a fazer alguma coisa errada, e não parecera nada contente ao vê-

lo. Abee sentiu vontade de a arrastar para fora do bar naquele preciso momento, mas decidiu que não seria boa ideia com tantas pessoas à sua volta. Sabia que mais tarde teriam uma *conversa* e ela entraria nos eixos. Não tinha qualquer dúvida, mas por enquanto era melhor tentar perceber exatamente porque é que ela parecera tão culpada quando ele entrara no bar. Ou melhor, por quem é que se sentia culpada.

Porque era sem dúvida o que se passava, claro como o dia. Algum tipo que estava no bar, com certeza, e embora ainda estivesse atordoado da febre e com o estômago a arder, estava decidido a descobrir qual deles era.

Por isso, sentara-se à espera e passado pouco tempo identificara alguém que podia ser o tal. Um tipo jovem, de cabelo escuro, que se atirava demasiado a ela para que fosse uma coisa casual. Vira-a tocar-lhe no braço e mostrar-lhe o decote quando lhe levava uma cerveja. Abee tinha-se levantado naquele momento para tratar do assunto, mas o seu telemóvel começara a tocar e ouvira a voz de Dawson quando atendera. A única coisa de que se lembrava a seguir era de dar pancadas no volante a caminho do hospital, com Ted estendido no banco de trás. Enquanto acelerava em direção a New Bern, pôs-se a imaginar Candy com aquele falhado presunçoso, a despir o *top* e a gemer nos seus braços.

Naquele momento ela estaria a sair do trabalho e o pensamento encheu-o de raiva. Porque sabia muito bem quem ia acompanhá-la ao carro e não podia fazer nada. Naquele momento, o mais importante era descobrir o que andava Dawson a tramar.



Ted passou a noite inteira a alternar entre estados e consciência e inconsciência, muito zozno por causa dos medicamentos e do traumatismo craniano, mesmo quando estava acordado, mas a meio da manhã do dia seguinte a única coisa que sentia era raiva. Raiva de Abee, porque não parava de lhe perguntar se Dawson também viria atrás dele; de Ella, porque não parava de choramingar, de se preocupar e de fungar; e dos murmúrios da família no corredor, como se estivessem a decidir se deviam continuar a ter medo dele. Contudo, a sua raiva concentrava-se acima de tudo em Dawson, e continuou deitado a tentar perceber o que tinha acontecido ao certo. A última coisa de que se recordava antes de acordar no hospital era de ver Dawson parado sobre si, e demorou muito tempo até perceber o que Abee e Ella estavam a dizer-lhe. Os médicos tinham sido obrigados a imobilizá-lo e ameaçavam chamar a polícia.

Desde então, mostrava-se mais calmo porque era a única forma de conseguir sair dali. Abee estava sentado na cadeira e Ella estava na beira da cama ao seu lado. Ela não parava de se lamuriar e ele reprimiu o impulso de lhe dar uma bofetada com as costas da mão. Estava amarrado à cama e seria impossível, mesmo que tentasse. Enquanto pensava em Dawson, deu mais um puxão nas correias. Ele ia morrer, não tinha qualquer dúvida, e estava-se nas tintas para as recomendações do médico para que ficasse em observação mais uma noite ou para o seu aviso de que poderia ser perigoso mexer-se muito. Dawson poderia sair da cidade a qualquer momento. E, quando ouviu Ella começar a soluçar, disse-lhe, através de dentes cerrados:

– Vai-te embora. Preciso de falar com o Abee.

Ella limpou a cara e saiu do quarto sem dar um pio. Quando ela desapareceu, Ted virou-se para Abee e reparou que ele estava com péssimo aspeto. Com o rosto vermelho e a transpirar. Era a infeção. Era Abee quem tinha de estar no hospital, não ele.

– Tira-me daqui.

Abee estremeceu ao inclinar-se para a frente.

– Vais vingar-te dele?

– Isto ainda não terminou.

Abee apontou para o gesso.

– E como é que te vais vingar dele com o braço partido? Se não conseguiste dar cabo dele ontem, com os dois braços bons?

– Porque tu vais comigo. Primeiro levas-me a casa para ir buscar outra *Glock*. Depois, tu e eu vamos acabar com isto.

Abee recostou-se na cadeira.

– E porque é que eu faria isso?

Ted pregou os olhos nele, a pensar no monte de perguntas ansiosas que lhe fizera antes.

– Porque a última coisa de que me lembro antes de desmaiar é ele a dizer-me que tu serias o próximo.



Dawson estava a correr na areia molhada à beira-mar, a perseguir sem grande motivação as andorinhas-do-mar que entravam e saíam das ondas. Apesar de ser muito cedo, a praia estava cheia de outros corredores, de pessoas a passear os cães e de crianças já a construir castelos de areia. Do outro lado da duna viam-se pessoas a beber café nos seus terraços, com os pés apoiados nos parapeitos enquanto aproveitavam a manhã.

Tivera sorte em conseguir um quarto. Naquela época do ano, os hotéis junto à praia estavam completamente cheios e precisara de alguns telefonemas para descobrir um hotel onde houvera um cancelamento. As alternativas eram arranjar um quarto em Oriental ou num hotel em New Bern. Porém, como o hospital era em New Bern, decidiu que seria preferível ficar num sítio mais afastado. Teria de se manter escondido. Desconfiava que Ted não deixaria aquilo passar sem retaliação.

Apesar de se esforçar, não conseguia parar de pensar no homem de cabelo escuro. Se não tivesse ido atrás dele, nunca teria sabido que Ted estava escondido à sua espera. A imagem – o fantasma – fizera-lhe sinal e Dawson seguira-a, como acontecera no meio do oceano depois da explosão na plataforma.

Os dois incidentes perseguiram-se um ao outro na sua mente, numa espiral interminável. Salvar-lhe a vida uma vez poderia não passar de uma ilusão, mas duas vezes? Pela primeira vez, perguntou a si mesmo se aquelas aparições do homem de cabelo escuro serviriam um propósito maior, como se estivesse a ser salvo por alguma razão, mesmo que não soubesse qual era.

Tentando escapar aos seus pensamentos, Dawson aumentou o ritmo e a respiração tornou-se mais difícil. Despiu a camisola sem abrandar e usou-a para limpar o suor do rosto. Focou os olhos no quebra-mar distante, determinado a correr ainda mais

depressa até lá. Passados alguns minutos, os músculos das pernas ardiam. Insistiu naquele ritmo, a tentar concentrar-se apenas em levar o corpo ao limite, mas os seus olhos estavam sempre a desviar-se para os lados, a perscrutar de forma inconsciente os frequentadores da praia em busca do homem de cabelo escuro.

Quando chegou ao quebra-mar, em vez de abrandar manteve o ritmo até chegar ao hotel. Pela primeira vez em anos, terminou a corrida a sentir-se pior do que quando começara. Inclinou-se para a frente, a tentar recobrar o fôlego, e concluiu que não estava mais perto de quaisquer respostas concretas. Desde que chegara à cidade, não conseguia deixar de sentir uma maré de mudanças no seu mundo interior. Tudo à sua volta parecia indefinivelmente diferente. Não por causa do homem de cabelo escuro ou de Ted, nem por causa do falecimento de Tuck. Tudo lhe parecia diferente por causa de Amanda. Ela já não era apenas uma memória; de repente, tornara-se inegavelmente real – uma vibrante e vívida versão do passado que nunca o abandonara por completo. Mais do que uma vez, uma versão da jovem Amanda visitara-o nos seus sonhos, e perguntou a si mesmo se os sonhos em que ela aparecia se alterariam no futuro. Quem seria ela? Não sabia ao certo. A única certeza que tinha era que quando estava com ela sentia-se completo de uma forma que poucas pessoas alguma vez chegariam a sentir-se.

Aquela era a hora mais calma na praia, quando os visitantes do início da manhã voltavam para os seus carros e ainda era cedo para os veraneantes estenderem as toalhas na areia. As ondas rebentavam a um ritmo constante, com um ruído hipnótico. Dawson olhou para a água com os olhos franzidos e sentiu-se invadido pelo desespero quando pensou no futuro. Por muito que gostasse de Amanda, tinha de aceitar que ela tinha um marido e filhos. Já fora bastante difícil separar-se dela uma vez e de repente a ideia de voltar a afastar-se foi insuportável. Levantou-se uma brisa, que parecia sussurrar-lhe que o seu tempo com ela estava a chegar ao fim e Dawson dirigiu-se para o hotel, exausto com a consciência desse facto e a desejar do fundo do coração que tudo pudesse ser diferente.



Quanto mais café bebia, mais fortalecida Amanda se sentia para lidar com a mãe. Estavam no terraço das traseiras, com vista para o jardim. A mãe estava sentada numa cadeira de verga branca, com uma postura impecável e vestida como se estivesse à espera da visita do governador, a dissecar os acontecimentos da noite anterior. Parecia deliciar-se a encontrar conspirações intermináveis e a procurar juízos escondidos nos tons e nas palavras das amigas durante o jantar e o jogo de *bridge*.

Graças ao prolongamento do jogo, o serão que Amanda esperava que durasse uma ou duas horas estendera-se até às dez e meia. E mesmo a essa hora, ficou com a impressão de que nenhuma das outras mulheres queria ir para casa. Nessa altura, Amanda começara a bocejar e a verdade é que não se lembrava das coisas de que a mãe estava a falar. Pelo que percebera, as conversas não eram diferentes das do passado, nem das de qualquer outra cidade pequena. Os temas iam desde os vizinhos aos netos, quem estava a ministrar o mais recente estudo bíblico, como pendurar cortinas na perfeição ou a subida do preço do entrecosto, tudo apimentado com alguns

inofensivos mexericos. Por outras palavras, conversas mundanas, mas a mãe elevava qualquer conversa ao nível de relevância nacional, por muito disparatada que fosse. A mãe conseguia encontrar defeitos e dramas em tudo e Amanda ficou satisfeita por já ter terminado a primeira chávena de café quando ela começou a sua litania de queixas.

O facto de não conseguir deixar de pensar em Dawson dificultava-lhe ainda mais a concentração. Tentou convencer-se de que tinha tudo sob controlo, mas se assim era porque razão estava sempre a visualizar a forma como o grosso cabelo dele caía sobre o colarinho da camisa, ou o modo como lhe assentavam as calças de ganga, ou a naturalidade com que se tinham abraçado naqueles primeiros momentos depois de ele chegar? Estava casada há tempo suficiente para saber que essas coisas eram menos importantes do que simples amizade ou confiança, criadas através de interesses comuns; alguns dias juntos depois de terem estado mais de vinte anos separados não eram o suficiente para começarem sequer a criar laços. É preciso tempo para fazer um velho amigo e a confiança é construída momento a momento. Por vezes, pensava que as mulheres tinham tendência para ver o que queriam nos homens, pelo menos num primeiro momento, e perguntou a si mesma se estaria a cometer o mesmo erro. Entretanto, enquanto pensava nestas questões sem resposta, a mãe era incapaz de se manter em silêncio. Tagarelava sem parar...

– Estás a ouvir-me? – perguntou-lhe a mãe, interrompendo os seus pensamentos.

Amanda pousou a chávena.

– Claro que sim.

– Estava a dizer que tens de melhorar os teus leilões.

– Já não jogo há bastante tempo.

– Foi por isso que disse que devias inscrever-te num clube ou começar um – incitou-a. – Ou não ouviste essa parte?

– Desculpa. Hoje tenho muito em que pensar.

– Sim. É por causa daquela pequena cerimónia, não é?

Amanda ignorou o comentário mordaz porque não estava com disposição para argumentar. Que era exatamente o que a mãe queria. A mãe estivera a manhã inteira exaltada, usando os imaginários conflitos da noite anterior como justificação para a inevitável invasão.

– Eu disse-te que o Tuck queria que as suas cinzas fossem espalhadas – explicou, mantendo um tom firme. – A mulher dele, a Clara, também foi cremada. Talvez ele visse isso como uma forma de voltarem a estar juntos.

A mãe não pareceu estar a ouvi-la.

– O que se veste para uma ocasião dessas? Parece-me tão... sujo.

Amanda voltou-se para o rio.

– Não sei, mãe. Não pensei nisso.

A expressão da mãe estava rígida e artificial como a de um manequim.

– E os miúdos? Como estão?

– Ainda não falei com o Jared nem com a Lynn esta manhã. Mas, tanto quanto sei, estão ótimos.

– E o Frank?

Amanda bebeu um gole de café para ganhar tempo. Não queria falar sobre ele. Sobre tudo depois da discussão que tinham tido na noite anterior, a mesma que já se

tornara quase uma rotina entre os dois e que Frank já teria esquecido. Os casamentos, bons e maus, caracterizavam-se pela repetição.

– Está bem.

A mãe acenou com a cabeça, à espera de mais. Amanda não disse nada.

Perante o silêncio, a mãe endireitou o guardanapo no colo antes de continuar.

– Então, como vai ser isso hoje? Vais só despejar as cinzas onde ele queria?

– Uma coisa desse género.

– Precisas de autorização para fazer isso? Seria horrível se as pessoas pudessem fazê-lo onde quisessem.

– O advogado não disse nada, por isso tenho a certeza de que está tudo resolvido. Sinto-me honrada por o Tuck ter querido que eu fizesse parte dos seus planos.

A mãe inclinou-se um pouco para a frente e esboçou um sorriso afetado.

– Oh, é verdade – disse. – Porque vocês eram amigos.

Amanda virou-se, de repente farta de tudo aquilo – da mãe, de Frank, de todos os enganos que tinham acabado por caracterizar a sua vida.

– Sim, mãe, porque éramos amigos. Eu gostava da sua companhia. Era uma das melhores pessoas que já conheci.

Pela primeira vez, a mãe pareceu ficar atrapalhada.

– Onde é que vai ser realizada a cerimónia?

– O que te interessa isso? É mais do que evidente que não aprovas.

– Estava só a fazer conversa. – Ela fungou. – Não é razão para seres insolente.

– Talvez pareça insolente porque estou a sofrer. Ou talvez seja porque ainda não me disseste uma única palavra de apoio em relação a isto. Nem sequer «Lamento a tua perda. Sei que ele era muito importante para ti.» É o que as pessoas costumam dizer quando alguém morre.

– Talvez tivesse dito, se soubesse dessa tua *relação* com ele. Mas tu mentiste-me a respeito disso durante este tempo todo.

– Alguma vez paraste para pensar que foste tu que me obrigaste a mentir?

A mãe revirou os olhos.

– Não sejas ridícula. Eu não pus as palavras na tua boca. Não era eu que vinha para cá às escondidas. Foste tu que tomaste a decisão, não eu, e todas as decisões têm consequências. Tens de aprender a assumir a responsabilidade pelas escolhas que fazes.

– Achas que não sei isso? – Amanda sentiu-se corar.

– Acho que às vezes – disse a mãe, a escolher as palavras – consegues ser demasiado egoísta.

– Eu? – Amanda pestanejou. – Achas que *sou* egoísta?

– Claro que és – replicou a mãe. – Toda a gente é, até certo ponto. Só estou a dizer que por vezes exageras um pouco.

Amanda fitou-a do outro lado da mesa, demasiado atónita para conseguir falar. Que a mãe, logo ela – *a sua mãe!* –, estivesse a insinuar aquilo só aumentou a revolta que sentia. No mundo da mãe, as outras pessoas nunca tinham sido mais do que espelhos. Amanda escolheu as palavras seguintes com cuidado.

– Acho que não é boa ideia falarmos sobre isto.

– Eu acho que é – replicou a mãe.

– Porque não te falei sobre o Tuck?

– Não – respondeu a mãe. – Porque acho que isto está relacionado com os problemas que andas a ter com o Frank.

Amanda sentiu-se retrair por dentro ao ouvir aquele comentário e teve de reunir todas as suas forças para manter firmes a expressão do rosto e o tom de voz.

– O que te leva a pensar que tenho problemas com o Frank?

A mãe falou num tom neutro, mas com pouco afeto.

– Conheço-te melhor do que pensas e o facto de não teres negado só prova que tenho razão. Não me incomoda que não queiras falar sobre o que se passa entre vocês. Só diz respeito aos dois e não há nada que eu possa fazer ou dizer para ajudar. Ambas sabemos isso. O casamento é uma parceria, não uma democracia. E isto, é claro, leva à questão de saber o que contaste ao Tuck durante todos estes anos. Suponho que não querias apenas visitá-lo. Também sentias necessidade de *partilhar* coisas com ele.

A mãe deixou o comentário pairar entre as duas, com as sobranceiras arqueadas numa expressão inquisitiva, e no silêncio Amanda tentou esconder o choque que sentia. A mãe endireitou uma vez mais o guardanapo.

– Calculo que voltas para o jantar. Preferes comer fora ou em casa?

– Então é isso? – retorquiu Amanda. – Atiras-me as tuas suposições e acusações e depois dás o assunto por encerrado?

A mãe entrelaçou as mãos no colo.

– Eu não encerrei assunto. Tu é que te recusas a falar. Mas, se queres saber a minha opinião, acho que devias pensar no que queres realmente, porque quando voltares para casa vais ter de tomar algumas decisões em relação ao teu casamento. No fim de contas, vai funcionar ou não. E isso depende em grande parte de ti.

Aquelas palavras encerravam uma cruel verdade. No fundo, não se tratava apenas dela e de Frank; tratava-se também dos filhos que ambos estavam a criar. De repente, Amanda sentiu-se exausta. Ao pousar a chávena no pires a fúria abandonou-a, deixando apenas uma sensação de derrota.

– Recordas-te da família de lontras que costumava brincar junto do nosso embarcadouro? – perguntou por fim, sem esperar uma resposta. – Quando eu era pequena? Sempre que elas apareciam, o pai pegava em mim e levava-me para lá. Ficávamos sentados na relva a vê-las chapinhar e perseguirem-se umas às outras. Na altura, pensava que eram os animais mais felizes do mundo.

– Não percebo o que tem isso a ver com o que quer que seja...

– Voltei a ver lontras – continuou Amanda, interrompendo a mãe. – No ano passado, quando passámos férias na praia, visitámos o aquário de Pine Knoll Shores. Eu estava muito empolgada. Devo ter falado uma dúzia de vezes à Annette sobre as lontras que havia atrás da nossa casa, e ela mal podia esperar para as ver, mas quando chegámos lá não foi como quando eu era criança. As lontras estavam lá, claro, mas estavam a dormir sobre uma saliência. Apesar de termos passado horas no aquário, elas nunca se mexeram. À saída, a Annette perguntou-me porque é que elas não brincavam e eu não soube responder-lhe. No entanto, depois de sairmos de lá senti-me... triste. Porque sabia muito bem porque é que aquelas lontras não brincavam.

Calou-se e passou o dedo pelo rebordo da chávena de café antes de olhar para a mãe.

– Não eram felizes. As lontras sabiam que não estavam a viver num rio de verdade. Provavelmente, não compreendiam como aquilo tinha acontecido, mas pareciam perceber que estavam numa gaiola e que não podiam sair dali. Não era a vida que estavam destinadas a viver, nem a que queriam viver, mas não podiam fazer nada para alterar aquela situação.

Pela primeira vez desde que se sentara à mesa, a mãe pareceu insegura quanto ao que dizer. Amanda afastou a chávena para o lado antes de se levantar. Enquanto se afastava, ouviu a mãe pigarrear. Voltou-se para trás.

– Calculo que querias chegar a algum lado com essa história? – perguntou-lhe a mãe.

Amanda esboçou um sorriso cansado.

– Sim – respondeu suavemente. – Queria.



Dawson baixou a capota do *Stingray* e encostou-se ao porta-bagagens enquanto esperava por Amanda. O ar estava abafado e pesado, pressagiando uma tempestade para essa tarde, e ele perguntou a si mesmo se Tuck teria algum chapéu de chuva algures em casa. Duvidava. Era tão difícil imaginar Tuck a usar um chapéu de chuva como imaginá-lo de vestido, mas quem sabia? Percebera que Tuck era uma caixinha de surpresas.

Uma sombra escureceu o chão e Dawson contemplou uma águia-pesqueira a desenhar lentos e preguiçosos círculos no céu até o carro de Amanda aparecer por fim no caminho de acesso. Ouviu o som da gravilha a ser esmagada por baixo dos pneus quando ela estacionou na sombra, ao lado do seu carro.

Amanda saiu do carro, surpreendida com as calças pretas e a camisa branca que ele vestia, mas não havia dúvida de que aquele conjunto resultava. Com o casaco descontraidamente pendurado no ombro, Dawson estava quase perigosamente atraente, o que só tornou as palavras da mãe ainda mais prescientes. Inspirou fundo e perguntou a si mesma o que ia fazer.

– Estou atrasada? – perguntou, começando a dirigir-se para ele.

Dawson observou-a enquanto ela se aproximava. Mesmo a alguma distância, a luz matinal iluminava-lhe o profundo azul-claro dos olhos como a luz do sol a refletir-se nas cristalinas águas de um lago. Vestia um fato de calças e casaco preto com uma blusa de seda sem mangas e um medalhão de prata ao pescoço.

– De modo algum – respondeu. – Vim cedo porque queria certificar-me de que o carro estava pronto.

– E?

– Quem o arranjou sabia exatamente o que estava a fazer.

Amanda sorriu ao chegar junto dele e, agindo por impulso, beijou-o na face. Dawson pareceu não saber bem como interpretar aquilo e a sua confusão espelhou a de Amanda quando ela ouviu de novo o eco das palavras da mãe. Apontou para o carro, a tentar escapar-lhes.

– Baixaste a capota? – perguntou.

Aquela pergunta trouxe Dawson de volta para o presente.

– Pensei que podíamos levá-lo para Vandemere.

– O carro não é nosso.

– Eu sei – replicou ele. – Mas é preciso dar umas voltas com ele para ter a certeza de que está a funcionar bem. Acredita em mim, o proprietário vai querer saber que está tudo em ordem antes de decidir passear pela cidade à noite.

– E se avariar?

– Não vai acontecer.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

Um sorriso bailou-lhe nos lábios.

– Então, porque é que temos de o testar?

Dawson ergueu as mãos, apanhado.

– Está bem, talvez só queira dar uma volta nele. É quase um pecado deixar um carro destes parado na garagem, sobretudo tendo em conta que o dono não vai saber e as chaves estão aqui.

– Deixa-me adivinhar... quando voltarmos vamos pô-lo sobre tijolos e fazer marcha-atrás para o conta-quilómetros retroceder, certo? Para o dono não saber?

– Isso não resulta.

– Eu sei. Aprendi isso no filme *O Rei dos Gazeteiros*. – Amanda esboçou um sorriso afetado.

Dawson inclinou-se um pouco para trás e observou-a.

– A propósito, estás linda.

Ao ouvir aquelas palavras, Amanda sentiu o calor subir pelo pescoço e perguntou a si mesma se alguma vez deixaria de corar na sua presença.

– Obrigada – disse, prendendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha e observando-o enquanto mantinha alguma distância entre ambos. – Acho que nunca te vi de fato. É novo?

– Não, mas não o uso muito. É só para ocasiões especiais.

– Acho que o Tuck teria aprovado – declarou ela. – O que fizeste ontem à noite?

Dawson pensou em Ted e em tudo o que acontecera, incluindo a mudança para um hotel junto à praia.

– Nada de especial. Como correu o jantar com a tua mãe?

– Nem vale a pena falar nisso – disse Amanda. Enfiou o braço dentro do carro e passou a mão pelo volante antes de olhar de novo para ele. – Mas esta manhã tivemos uma conversa interessante.

– Sim?

Amanda acenou com a cabeça.

– Deixou-me a pensar sobre estes dois últimos dias. Sobre mim, sobre ti... sobre a vida. Tudo. E quando vinha para cá percebi que foi bom o Tuck nunca te ter falado a

meu respeito.

– Porquê?

– Porque ontem, quando estávamos na oficina... – Hesitou, a tentar encontrar as palavras certas. – Acho que passei dos limites. Como me comportei, quero dizer. E quero pedir desculpa.

– Pedir desculpa porquê?

– É difícil explicar. Quero dizer...

Quando Amanda se calou, Dawson olhou-a antes de se aproximar dela.

– Estás bem, Amanda?

– Não sei – respondeu ela. – Já não sei nada. Quando éramos jovens, as coisas eram muito mais simples.

Dawson hesitou.

– O que estás a tentar dizer?

Amanda olhou-o.

– Tens de compreender que já não sou a rapariga que era – começou. – Sou casada e sou mãe, e, como toda a gente, não sou perfeita. Debato-me com as escolhas que fiz, cometo erros e passo metade do tempo a interrogar-me sobre quem sou na verdade, sobre o que estou a fazer e se a minha vida tem algum significado. Não sou uma pessoa especial, Dawson, e tens de perceber isso. Tens de compreender que sou apenas... uma pessoa comum.

– Tu não és comum.

O olhar de Amanda foi pesaroso, mas inflexível.

– Sei que acreditas nisso. Mas sou. E o problema é que não há nada de comum nisto. Estou completamente fora do meu elemento. Quem me dera que o Tuck me tivesse falado em ti, pois poderia estar mais preparada para este fim de semana. – Sem se dar conta, levou a mão ao medalhão de prata. – Não quero cometer um erro.

Dawson passou o apoio de um pé para o outro, compreendendo perfeitamente o motivo que a levava a dizer aquilo. Era um dos motivos porque sempre a amara, embora soubesse que não devia dizer aquelas palavras em voz alta. Não era o que ela queria ouvir. Em vez disso, manteve a voz o mais suave possível.

– Falámos, comemos, recordámos – referiu. – Nada mais. Não fizemos nada errado.

– Eu fiz. – Amanda sorriu, mas não conseguiu esconder a tristeza. – Não disse à minha mãe que estás cá. E também não disse ao meu marido.

– E queres dizer-lhes? – perguntou Dawson.

A questão era essa, não era? Sem sequer ter consciência disso, a mãe fizera-lhe a mesma pergunta. Amanda sabia o que devia responder, mas, naquele momento e naquele lugar, as palavras não saíram. Em vez disso, deu por si a abanar lentamente a cabeça.

– Não – sussurrou por fim.

Dawson parecia ter sentido o medo que se apoderara dela ao admitir aquilo, porque lhe pegou na mão.

– Vamos a Vandemere – disse. – Vamos prestar homenagem ao Tuck, está bem?

Amanda acenou com a cabeça e entregou-se à doce insistência do seu toque, sentindo mais um pedaço de si fugir e começando a aceitar o facto de que já não

controlava totalmente o que pudesse acontecer a seguir.

Dawson levou-a para o outro lado do carro e abriu-lhe a porta. Amanda sentou-se, ainda atordoada, e ele foi ao carro alugado buscar a caixa com as cinzas de Tuck. Antes de entrar, pousou-a no espaço atrás do banco do condutor e pôs o seu casaco em cima. Depois de tirar a folha com as indicações, Amanda também colocou a carteira atrás do banco.

Dawson carregou na embraiagem antes de rodar a chave na ignição e o motor despertou com um rugido. Ele aumentou as rotações, acelerando algumas vezes, e as rodas trepidaram um pouco. Quando o carro aguentou por fim em ponto morto, saiu da oficina em marcha-atrás e conduziu devagar para a estrada principal, evitando os buracos. O ruído do motor só diminuiu quando atravessaram Oriental e começaram a entrarem na tranquila estrada nacional.

Amanda começou a adaptar-se e descobriu que podia ver tudo o que precisava pelo canto do olho. Dawson tinha uma mão no volante, uma postura dolorosamente familiar desde os tempos em que costumavam dar grandes passeios de carro. Era nessas alturas que ele estava mais relaxado e Amanda percebeu essa mesma descontração enquanto ele engrenava as mudanças, com os músculos do antebraço a contraírem-se e relaxarem.

O cabelo esvoaçou à volta do seu rosto quando o carro ganhou velocidade e ela torceu-o num rabo de cavalo. O motor do carro era demasiado ruidoso para poderem falar, mas ela não se importou. Gostou de estar a sós com os seus pensamentos, a sós com Dawson, e à medida que os quilómetros passavam sentiu que a inquietação anterior começava a dissipar-se, como se estivesse a ser levada pelo vento.

Dawson mantinha uma velocidade constante, apesar da grande extensão de estrada vazia. Não tinha pressa, e ela também não. Amanda estava num carro com o homem que amara em tempos, rumo a um lugar que ambos desconheciam, e ocorreu-lhe que aquela ideia lhe teria parecido absurda há apenas alguns dias. Era uma loucura e inimaginável, mas também tinha algo excitante. Pelo menos durante algum tempo, não era esposa, nem mãe, nem filha, e sentia-se quase livre pela primeira vez desde há muitos anos.

Mas Dawson sempre a fizera sentir-se assim, e quando apoiou um cotovelo na janela olhou-o de relance, a tentar pensar em alguém que se assemelhasse ainda que remotamente a ele. Havia dor e tristeza nas linhas nos cantos dos olhos, mas também inteligência, e deu por si a pensar em como ele teria sido como pai. Desconfiava que teria sido bom. Era fácil imaginá-lo como o tipo de pai que passaria horas atirar e a apanhar uma bola de baseball ou a tentar fazer uma trança à filha, mesmo que não fizesse a mínima ideia de como se fazia. Havia algo de tentador e proibido naquela ideia.

Quando Dawson a olhou, Amanda soube que ele estava a pensar nela e perguntou a si mesma quantas noites fizera o mesmo na plataforma. Dawson, como Tuck, era uma daquelas raras pessoas que só conseguiam amar uma vez na vida, e a separação só fortalecera os seus sentimentos. Dois dias antes, aquela ideia teria sido desconcertante,

mas agora compreendia que Dawson não tivera outra alternativa. Afinal, o amor dizia sempre mais acerca de quem o sentia do que acerca das pessoas que eram amadas.

Levantou-se uma brisa de sul que trouxe consigo o cheiro do oceano e Amanda fechou os olhos e entregou-se ao momento. Quando chegaram por fim aos arredores de Vandemere, Dawson desdobrou a folha com as indicações que Amanda lhe dera e olhou-a rapidamente antes de acenar para si mesmo.

Vandemere era mais uma vila do que uma cidade e tinha poucas centenas de habitantes. Amanda viu casas dispersas, afastadas da estrada, e uma pequena loja com uma bomba de gasolina à frente. Passado um minuto, Dawson virou para um acesso de terra batida cheio de sulcos junto da estrada nacional. Amanda não fazia ideia de como ele o vira, pois os arbustos tornavam-no quase invisível da estrada, e começaram a avançar, fazendo as curvas com cuidado, contornando os troncos em decomposição de árvores derrubadas por tempestades e seguindo os suaves contornos da paisagem. O motor, tão ruidoso na estrada principal, parecia agora quase mudo, abafado pela luxuriante paisagem que os rodeava. O caminho tornou-se ainda mais estreito à medida que prosseguiam e os ramos baixos, cobertos de barbas-de-velho, roçaram no carro à sua passagem. Azáleas, com flores luxuriantes e selvagens, competiam com o kudzu pela luz do sol, obscurecendo a vista dos dois os lados.

Dawson inclinou-se mais sobre o volante, fazendo ligeiros ajustes enquanto avançava muito devagar, com cuidado para não arranhar a pintura do carro. No céu, o sol escondeu-se atrás de outra nuvem, escurecendo o mundo verdejante à sua volta.

O caminho alargou ligeiramente depois de algumas curvas.

– Isto é uma loucura – afirmou Amanda. – Tens a certeza de que é o caminho certo?

– Segundo o mapa, é aqui.

– Porquê tão longe da estrada principal?

Dawson encolheu os ombros, tão intrigado como ela, mas assim que fez a última curva travou o carro por instinto e de repente ambos souberam a resposta.



A parte final do caminho desembocava numa pequena casa de campo aninhada num bosque de carvalhos antigos. A estrutura gasta pelo tempo, com tinta a lascar e persianas que tinham começado a escurecer nas pontas, tinha um pequeno alpendre de pedra ladeado de colunas brancas. Com o passar dos anos, uma das colunas fora envolvida por trepadeiras que subiam para o telhado. Havia uma cadeira metálica perto da ponta do alpendre e num canto via-se um pequeno vaso com gerânios em flor.

Contudo, os olhos de ambos foram inevitavelmente atraídos para as flores silvestres. Milhares de flores, um prado cheio de cor que se estendia quase até aos degraus da casa, um mar de vermelho, cor de laranja, roxo, azul e amarelo que lhes dava quase pela cintura e que ondulava ao sabor da leve brisa. Centenas de borboletas esvoaçavam no prado em coloridas marés de cor a ondular ao sol. O terreno era delimitado por uma pequena cerca de traves de madeira que mal se via por entre os lírios e os gladiólos.

Amanda olhou para Dawson com uma expressão pasmada e contemplou de novo o campo cheio de flores. Parecia uma fantasia, uma visão do paraíso imaginada por uma pessoa. Perguntou a si mesma como e quando é que Tuck o plantara pela primeira vez, mas soube imediatamente que plantara aquelas flores silvestres para Clara. Plantara-as para mostrar o quanto ela era importante para ele.

– É incrível – disse suavemente.

– Sabias disto? – A voz de Dawson espelhou o assombro de Amanda.

– Não – respondeu ela. – Isto era uma coisa que se destinava apenas aos dois.

No instante em que disse aquilo, teve uma visão nítida de Clara sentada no alpendre e Tuck encostado a uma coluna, encantados com a extraordinária beleza do jardim de flores silvestres. Por fim, Dawson tirou o pé do travão e o carro avançou em

direção à casa. As cores turvaram-se como gotas de tinta viva a estenderem-se para o sol.

Depois de estacionarem perto da casa, saíram do carro e continuaram a contemplar a paisagem. Via-se um pequeno e sinuoso carreiro por entre as flores. Hipnotizados, entraram naquele mar de cor sob um céu salpicado de nuvens. O sol saiu de trás de uma nuvem e Amanda sentiu o seu calor espalhar o aroma perfumado que os rodeava. Todos os seus sentidos se intensificaram, como se aquele dia tivesse sido criado especialmente para si.

Ao seu lado, sentiu Dawson procurar a sua mão. Deixou que ele pegasse nela, reparando na sensação de naturalidade, e pensou que os anos de trabalho estavam marcados nos calos da mão. Feridas minúsculas marcavam-lhe as palmas, mas o seu toque era improvavelmente suave e naquele momento soube, com súbita certeza, que Dawson teria criado um jardim como aquele para ela se soubesse que ela queria um.

Para sempre. Ele gravara aquelas palavras na bancada de trabalho de Tuck. Não passava de uma promessa de adolescente, mas ele conseguira mantê-la viva. Sentiu a força daquela promessa preencher a distância entre ambos enquanto passeavam no meio das flores. Ouviu o ribombar longínquo de um trovão e teve a estranha impressão de que estava a chamar por ela, a incitá-la a ouvi-lo.

O ombro roçou no dele e o seu coração bateu mais depressa.

– Será que estas flores crescem sozinhas ou ele tinha de as semear todos os anos? – perguntou Dawson num tom sonhador.

O som da sua voz trouxe Amanda de volta para o presente.

– As duas coisas – respondeu, e pensou que a sua voz soava estranha. – Reconheço algumas delas.

– Então ele veio cá este ano? Para semear mais?

– Deve ter vindo. Vejo aqui cenoura-brava. A minha mãe tem lá em casa e as plantas morrem no princípio do inverno.

Passaram os minutos seguintes a percorrer o carreiro enquanto ela nomeava as plantas anuais que conhecia: margaridas-amarelas, estrelas ardentes, glórias-da-manhã, malmequeres-da-praia, misturadas com flores perenes como miosótis, mãe-de-milhares e papoilas-do-oriente. O jardim parecia não ter uma organização formal, como se Deus e a natureza quisessem levar a sua avante, fossem quais fossem os planos de Tuck. No entanto, aquele estado selvagem só realçava a sua beleza, e enquanto caminhavam por entre a caótica explosão de cores Amanda só conseguia pensar que estava contente por Dawson partilhar aquela experiência com ela.

Levantou-se uma brisa que arrefeceu o ar e trouxe mais nuvens. Amanda viu Dawson levantar os olhos para o céu.

– Vem aí uma tempestade – observou ele. – Acho que vou colocar a capota no carro.

Amanda concordou com um aceno de cabeça, mas não lhe soltou a mão. Uma parte de si temia que ele não voltasse a segurá-la, que talvez não surgisse outra oportunidade. Mas ele tinha razão, as nuvens estavam a ficar mais escuras.

– Já vou ter contigo lá dentro – disse Dawson, parecendo tão relutante como ela e soltando os dedos muito devagar.

– Achas que a porta está no trinco?

– Aposto que sim – respondeu ele com um sorriso. – Não demoro.

– Podes trazer a minha carteira?

Ele acenou com a cabeça e, enquanto o via afastar-se, Amanda lembrou-se de que antes de o amar estava enfeitiçada por ele. Tudo começara com uma paixoneta infantil, daquelas que a fazia escrevinhar o nome dele nos cadernos quando devia estar a fazer os trabalhos de casa. Ninguém, nem sequer Dawson, sabia que não fora por acaso que tinham ficado juntos nas aulas de química. Quando o professor mandara os alunos formarem pares, ela pedira para ir à casa de banho e quando voltara Dawson era, como sempre, o único que estava sozinho. As suas amigas tinham-lhe lançado olhares de compaixão, mas ela ficara encantada por poder passar tempo com aquele rapaz sossegado e enigmático que, por alguma razão, parecia demasiado ajuizado para a sua idade.

Agora, enquanto ele se aproximava do carro, pensou que a história parecia estar a repetir-se e sentiu o mesmo entusiasmo. Havia alguma coisa em Dawson que a atraía, uma ligação de que sentira falta durante os anos em que tinham estado separados. E, de certa forma, sabia que estivera à espera dele, do mesmo modo que ele estivera à espera dela.

Não conseguia imaginar não o voltar a ver; não podia libertá-lo e deixá-lo transformar-se numa simples memória. O destino – sob a forma de Tuck – interviera, e enquanto começava a dirigir-se para a casa de campo percebeu que tinha de haver uma explicação para aquilo. Tudo aquilo tinha de ter um significado. Afinal, o passado já passara e tudo o que lhes restava era o futuro.



Como Dawson previra, a porta principal estava no trinco. Amanda entrou na pequena casa e o seu primeiro pensamento foi que tinha sido o refúgio de Clara.

Embora tivesse o mesmo chão de pinho gasto, as mesmas paredes de cedro e a mesma disposição geral da casa de Oriental, aqui viam-se almofadas de cores vivas no sofá e fotografias a preto e branco habilmente expostas nas paredes. As tábuas de cedro tinham sido lixadas até ficarem bem lisas e estavam pintadas de azul-claro, e as grandes janelas inundavam a sala de luz natural. Havia duas estantes brancas embutidas na parede, cheias de livros e decoradas com figuras de porcelana que Clara obviamente colecionara ao longo dos anos. Uma linda colcha de retalhos feita à mão cobria as costas de uma poltrona e não havia o menor indício de pó nas mesas de apoio rústicas. De ambos os lados da sala havia candeeiros de pé e no canto, ao lado do rádio, via-se uma versão mais pequena da fotografia do aniversário de casamento que havia em Oriental.

Atrás de si, ouviu Dawson entrar em casa. Ele parou em silêncio à porta, com o casaco e a carteira na mão, aparentemente sem saber o que dizer.

Amanda não conseguiu esconder o espanto.

– É fantástica, não é?

Dawson observou a sala sem pressa.

– Pergunto-me se não viemos parar à casa errada.

– Não te preocupes – disse Amanda, a apontar para a fotografia. – Estamos no sítio certo. Mas é muito óbvio que esta casa era da Clara, não dele. E que ele nunca mudou

nada.

Dawson dobrou o casaco nas costas de uma cadeira e pendurou a carteira de Amanda ao lado.

– Não me recordo de a casa do Tuck estar tão limpa como esta. Ele deve ter contratado alguém para ter a casa pronta para nós.

É claro que sim, pensou Amanda. Lembrou-se de Tanner dizer que tinha de lá ir e das instruções para virem um dia depois da reunião. A porta no trinco só confirmou as suas suspeitas.

– Já viste o resto da casa? – perguntou-lhe Dawson.

– Ainda não. Estava demasiado ocupada a tentar perceber onde é que a Clara deixava o Tuck sentar-se. É evidente que ela nunca o deixou fumar aqui dentro.

Dawson apontou com o polegar por cima do ombro na direção da porta aberta.

– Isso explica a cadeira no alpendre. Provavelmente, era ali que ela o obrigava a sentar-se.

– Mesmo depois de ela morrer?

– Ele devia ter medo de que o seu fantasma aparecesse e o repreendesse se acendesse um cigarro aqui dentro.

Amanda sorriu e deram uma volta pela casa, roçando um no outro enquanto exploravam a sala de estar. Tal como na casa de Oriental, a cozinha ficava nas traseiras e estava voltada para o rio, mas também nela tudo fazia lembrar Clara, desde os armários brancos e os elaborados arabescos nas sancas até aos azulejos azuis e brancos por cima das bancadas. Havia um bule sobre o fogão e uma jarra com flores silvestres na bancada, sem dúvida apanhadas no jardim. Uma mesa aninhada por baixo da janela tinha duas garrafas de vinho, tinto e branco, e dois copos reluzentes.

– Ele começa a tornar-se previsível – comentou Dawson ao ver as garrafas.

Amanda encolheu os ombros.

– Há coisas piores.

Admiraram a vista do rio Bay pela janela, nenhum deles voltando a falar mais. Amanda adorou o silêncio, que lhe trouxe uma reconfortante familiaridade. Sentia o peito de Dawson subir e descer enquanto ele respirava e teve de reprimir o impulso de procurar de novo a sua mão. Num acordo tácito, afastaram-se da janela e continuaram a ver a casa.

Do outro lado da cozinha havia um quarto com uma acolhedora cama de quatro colunas no centro. As cortinas eram brancas e a cómoda não tinha nenhuma das mossas e riscos dos móveis de Tuck em Oriental. Nas mesas de cabeceira havia candeeiros de vidro iguais e na parede em frente ao armário estava pendurado um quadro com uma paisagem impressionista.

O quarto tinha ligação a uma casa de banho com uma banheira de pés, o género de banheira que Amanda sempre quisera. Sobre o lavatório havia um espelho, e ela viu o seu reflexo ao lado do de Dawson, a primeira vez que via uma imagem dos dois juntos desde que tinham regressado a Oriental. Ocorreu-lhe que durante a adolescência nunca tinham sido fotografados como um casal. Era algo que tinham falado em fazer, mas nunca acontecera.

Agora arrependia-se, mas o que teria acontecido se tivesse uma fotografia? Tê-la-ia enfiado numa gaveta e esquecido que ela existia, para a redescobrir de tantos em

tantos anos? Ou tê-la-ia guardado num lugar especial, um lugar que só ela conhecesse? Não sabia dizer, mas ver o rosto de Dawson ao lado do seu no espelho da casa de banho trouxe-lhe uma nítida sensação de intimidade. Há muito tempo que ninguém a fazia sentir-se atraente, mas era como se sentia agora. Sabia que se sentia atraída por Dawson. Adorava a forma como o seu olhar a percorria e o gracioso à-vontade do seu corpo; estava plenamente consciente da compreensão quase essencial um do outro. Embora se tivessem passado apenas alguns dias, confiara instintivamente nele e sabia que poderia contar-lhe qualquer coisa. Era verdade que tinham discutido naquela primeira noite ao jantar, e depois sobre os Bonner, mas também houvera uma honestidade natural no que tinham dito. Não houvera segundos sentidos nem tentativas dissimuladas de fazer juízos de valor. Os ânimos tinham-se inflamado tão depressa como se tinham acalmado.

Amanda continuou a observar Dawson no espelho. Ele virou-se e apanhou-a a fitar o seu reflexo. Sem desviar o olhar, estendeu a mão com delicadeza para afastar uma rebelde madeixa de cabelo que lhe caíra sobre os olhos. E depois foi-se embora, deixando-a com a certeza de que, fossem quais fossem as consequências, a sua vida já estava irrevogavelmente alterada, de formas que nunca imaginara.



Depois de ir buscar a carteira à sala de estar, Amanda encontrou Dawson na cozinha. Ele tinha aberto uma garrafa de vinho e enchera os dois copos. Estendeu-lhe um e dirigiram-se em silêncio para o alpendre. As nuvens escuras tinham-se aproximado, trazendo uma ligeira neblina. Na encosta arborizada que descia até ao rio, a folhagem adquiriu uma intensa tonalidade verde-escura.

Amanda pousou o copo e procurou na carteira. Tirou dois dos envelopes, passando a Dawson aquele que tinha o nome dele e deixando no colo o que deviam ler antes da cerimónia. Viu-o dobrar o envelope e enfiá-lo no bolso de trás das calças.

Amanda estendeu-lhe o envelope sem destinatário.

– Estás preparado para isto?

– Tanto como alguma vez estarei.

– Queres abri-lo? É suposto lermos a carta antes da cerimónia.

– Não, abre tu – disse ele, aproximando mais a cadeira. – Eu leio daqui.

Amanda descolou a abertura e abriu-a. Quando desdobrou a carta, ficou comovida com os gatafunhos nas folhas. Aqui e ali havia palavras riscadas e as linhas irregulares exibiam uma caligrafia trémula que refletia a idade de Tuck. Era uma longa carta, três folhas escritas na frente e no verso, e Amanda perguntou a si mesma quanto tempo teria ele demorado a escrevê-la. Estava datada de 14 de fevereiro daquele ano. O dia de São Valentim. De certa forma, pareceu-lhe apropriado.

– Estás pronto? – perguntou.

Quando Dawson acenou com a cabeça, Amanda inclinou-se para a frente e ambos começaram a ler.

Obrigado por terem vindo. E obrigado por fazerem isto por mim. Não sabia a quem pedir.

Não sou grande escritor, por isso acho que a melhor maneira de começar é dizendo-vos que se trata de uma história de amor. A minha e da Clara, isto é, e embora pudesse aborrecer-vos com todos os pormenores do nosso namoro ou dos primeiros anos do casamento, a nossa verdadeira história – a parte que vão querer saber – começou em 1942. Nessa altura, estávamos casados há três anos e ela já tinha sofrido o primeiro aborto espontâneo. Eu sabia como ela estava a sofrer e também sofria, porque não podia fazer nada. Há pessoas que se afastam quando surgem adversidades. Outras, como nós, aproximam-se ainda mais.

Mas estou a divagar. Devo avisar-vos que acontece muito quando envelhecemos. Esperem e verão.

Estávamos em 1942, dizia eu, e para celebrar o nosso aniversário de casamento nesse ano fomos ver O Prémio do Teu Amor, com o Gene Kelly e a Judy Garland. Era a primeira vez que eu e ela íamos ao animatógrafo e tivemos de nos deslocar a Raleigh. Quando acabou, ficámos sentados depois de as luzes se acenderem, a pensar no que tínhamos visto. Duvido que alguma vez o tenham visto e não vos vou aborrecer com os pormenores, mas é sobre um homem que se mutila para não ser mandado para a Grande Guerra e depois tem de reconquistar a mulher que ama, que acredita que ele é um covarde. Nessa altura, eu já tinha recebido a convocatória do exército e houve partes do filme que me afetaram um pouco porque também não queria deixar a minha miúda para ir para a guerra, mas nenhum de nós queria pensar nisso. Em vez disso, falámos sobre a canção, que tinha o mesmo título do filme. Era a coisa mais apelativa e mais bonita que já tínhamos ouvido. Enquanto voltávamos para casa de carro, cantámo-la vezes sem conta. E uma semana depois alistei-me na marinha.

Foi um pouco estranho pois, como disse, estava prestes a ser incorporado no exército, e sabendo o que sei agora o exército teria sido mais adequado para mim, tendo em conta a minha experiência com motores e o facto de não saber nadar. Talvez tivesse acabado por ir parar à secção de manutenção de veículos, para assegurar que os camiões e os jipes podiam circular pela Europa. Nenhum exército consegue fazer grande coisa se os veículos não estiverem a funcionar, pois não? Embora eu não passasse de um rapaz do campo, sabia que o exército põe-nos onde quer e não onde nós queremos ir, e nessa época as pessoas sabiam que era apenas uma questão de tempo até irmos para a Europa. O Ike tinha acabado de chegar ao Norte de África. Precisavam de infantaria, de homens no terreno, e, por muito entusiasmado que eu estivesse com a perspectiva de enfrentar Hitler, a ideia de me juntar à infantaria não me agradava.

Na parede do posto de recrutamento havia um cartaz. Pela marinha. Carregar as Armas, dizia. Mostrava um marinheiro de tronco nu a carregar uma bomba e houve alguma coisa que me atraiu. Consigo fazer aquilo, pensei, por isso fui para o balcão da marinha e não do exército e alistei-me ali mesmo.

Quando voltei para casa, a Clara chorou durante horas. Depois, fez-me prometer que voltava para ela. E eu prometi-lhe que voltaria.

Fiz a recruta e a escola de artilharia naval. Depois, em novembro de 1943, fui destacado para o USS Johnston, um contratorpedeiro no Pacífico. Não acreditem se alguém vos disser que estar na marinha era menos perigoso que estar no exército ou nos fuzileiros. Ou menos assustador. Estávamos à mercê do navio e o nosso engenho não servia para grande coisa porque, se o navio se afundasse, morríamos. Se caíssemos à água, morríamos, porque nenhum dos navios de escolta corria o risco de parar para nos salvar. Não podíamos fugir, não podíamos esconder-nos, e saber que não temos controlo nenhum entra-nos na cabeça e não sai de lá. Nunca tive tanto medo na vida como quando estive na marinha. Havia bombas e fumo por toda a parte, e incêndios no convés. Entretanto, as armas ribombam e o barulho não se compara a nada que já tenham ouvido. É como um trovão, dez vezes mais alto, mas isso não é uma boa descrição. Nos grandes combates, os Zeros Japoneses metralhavam continuamente o convés e as balas faziam ricochete por todo o lado. Enquanto isso, tínhamos de continuar a cumprir o nosso dever como se nada de anormal estivesse a acontecer.

Em outubro de 1944, estávamos a passar perto de Samar, a prepararmonos para ajudar a invadir as Filipinas. Tínhamos treze navios no nosso grupo, o que pode parecer muito, mas, tirando o porta-aviões, eram sobretudo contratorpedeiros e navios de escolta, por isso não tínhamos grande poder de fogo. Foi então que vimos no horizonte o que parecia ser toda a armada japonesa a aproximar-se de nós. Quatro couraçados, oito cruzadores e onze contratorpedeiros, decididos a mandarem-nos para o fundo do mar. Soube mais tarde que alguém disse que era uma luta entre David e Golias, mas nós nem sequer tínhamos uma físga. E era verdade. Os nossos canhões nem sequer conseguiriam alcançá-los quando eles abrissem fogo. Então, o que fazemos? Sabendo que não tínhamos qualquer hipótese? Atacámos. Agora chamam-lhe a batalha do golfo de Leyte. Fomos direitos a eles. O nosso navio foi o primeiro a começar a disparar, o primeiro a lançar fumo e torpedos, e enfrentámos um cruzador e um couraçado. Fizemos-lhes bastantes estragos. Contudo, como íamos à frente, fomos os primeiros a ficar sem motor. Dois cruzadores inimigos cercaram-nos e começaram a disparar, e afundámo-nos. Havia 327 homens a bordo e nesse dia morreram 186, alguns deles bons amigos. Eu fui um dos 141 que conseguiram sobreviver.

Aposto que devem estar curiosos para saber porque é que estou a contar-vos isto – devem estar a pensar que divago outra vez –, por isso o melhor é ir direto ao assunto. No bote salva-vidas, com aquela enorme batalha a decorrer à nossa volta, percebi que já não tinha medo. De repente, tive consciência de que ia ficar tudo bem porque a minha história com a Clara ainda não tinha chegado ao fim e fui invadido por um sentimento de paz. Podem chamar-lhe trauma de guerra, se quiserem, mas sei muito bem o que foi, e naquele momento, sob daquelas explosões e um céu cheio de fumo de armas, lembrei-me do nosso aniversário de casamento alguns anos antes e comecei a cantar a

canção O Prémio do Teu Amor, como eu e a Clara tínhamos feito no carro quando voltávamos de Raleigh. Cantei-a a plenos pulmões, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo, porque sabia que a Clara conseguiria ouvir-me de algum modo e compreenderia que não havia motivo para se inquietar. Eu fizera-lhe uma promessa. E nada, nem sequer um naufrágio no Pacífico, me impediria de a cumprir.

Parece uma loucura, eu sei. Mas, como disse, fui resgatado. Voltei a ser destacado, desta vez para um navio de transporte, e levei fuzileiros para Iwo Jima na primavera seguinte. Quando dei por mim, a guerra tinha terminado e estava de volta a casa. Depois de regressar, não falei sobre a guerra. Não conseguia. Nem uma palavra. Era demasiado doloroso e a Clara compreendeu isso, por isso fomos retomando a nossa vida a pouco e pouco. Em 1955, começámos a construir esta casa de campo. Fui eu que fiz a maior parte do trabalho. Certa tarde, quando terminei o que estava a fazer, fui ter com a Clara, que estava a tricotar à sombra. E ouvi-a cantar O Prémio do Teu Amor.

Fiquei paralisado e as memórias da batalha voltaram em força. Há anos que não pensava naquela canção e nunca lhe tinha contado o que acontecera no bote salva-vidas naquele dia. Mas ela deve ter reparado na minha expressão, porque olhou para mim.

«É a canção do nosso aniversário de casamento», disse, antes de voltar para o seu tricô. «Nunca te contei, mas uma noite, quando estavas na marinha, tive um sonho», acrescentou. «Estava num campo de flores silvestres e, embora não te conseguisse ver, ouvia-te cantar esta canção para mim e quando acordei já não tinha medo. Porque até àquele momento estava sempre com receio de que não voltasses.»

Fiquei sem palavras. «Não foi um sonho», disse-lhe por fim.

A Clara limitou-se a sorrir e fiquei com a impressão de que ela já esperava aquela resposta. «Eu sei. Como te disse, ouvi-te.»

Depois disso, a ideia de que havia algo poderoso – uma coisa espiritual, diriam algumas pessoas – entre a Clara e eu nunca mais me abandonou. Por isso, anos mais tarde decidi plantar o jardim e trouxe-a aqui no nosso aniversário de casamento para lho mostrar. Naquela altura, não era grande coisa, mas ela jurou que era o lugar mais lindo do mundo. Assim, no ano seguinte lavrei mais terra e semeei mais sementes, sempre a cantar a nossa canção. Até ela falecer, fiz o mesmo todos os anos do nosso casamento. Espalhei as suas cinzas aqui, no lugar que ela adorava.

No entanto, fiquei destruído quando ela morreu. Estava zangado, bebia de mais e fui-me perdendo. Deixei de lavrar, de plantar e de cantar porque a Clara tinha partido e não via razão para o continuar a fazer. Odiava o mundo e não queria continuar a viver assim. Pensei em suicidar-me mais do que uma vez, mas depois apareceu o Dawson. Era bom tê-lo por perto. De certa forma, ajudou-me a perceber que ainda pertencia a este mundo, que o meu trabalho aqui não tinha terminado. Mas depois ele também me foi tirado. Depois disso, vim cá e vi este lugar pela primeira vez em anos. Não era a estação certa, mas ainda havia algumas flores, e não sei porquê quando cantei a nossa canção

vieram-me lágrimas aos olhos. Chorei pelo Dawson, suponho, mas também chorei por mim. E chorei acima de tudo pela Clara.

Foi então que começou. Nessa noite, quando voltei para casa, vi a Clara através da janela da cozinha. Embora numa voz ténue, ouvi-a cantarolar a nossa canção. Contudo, era uma visão indistinta, não estava verdadeiramente ali, e quando entrei em casa já tinha desaparecido. Voltei à casa de campo e recomecei a lavar. Preparei tudo, por assim dizer, e vi-a de novo, desta vez no alpendre. Algumas semanas mais tarde, depois de ter lançado as sementes à terra, ela começou a aparecer com regularidade, talvez uma vez por semana, e eu conseguia aproximar-me antes de ela desaparecer. Mas depois, quando o jardim começou a florir, vim cá e andei por entre as flores, e ao voltar para casa consegui vê-la com uma extraordinária nitidez. Parada no alpendre, à minha espera, como se não percebesse porque é que eu demorara tanto tempo a perceber. Tem sido assim desde então.

Ela faz parte das flores, percebem? As suas cinzas ajudaram-nas a crescer e, quanto mais cresciam, mais viva ela se tornava. E enquanto eu cuidasse delas a Clara encontraria uma forma de voltar para mim.

É por isso que vocês estão aqui e é por isso que vos pedi para fazerem isto por mim. Este é o nosso lugar, um cantinho no mundo onde o amor pode tornar tudo possível. Penso que vocês, mais do que ninguém, compreenderão isso.

Mas está na hora de me juntar a ela. Está na hora de cantarmos juntos. Chegou a minha hora e não me arrependo de nada. Estarei de novo com a Clara e é o único lugar onde sempre quis estar. Espalhem as minhas cinzas ao vento e nas flores e não chorem por mim. Pelo contrário, quero que sorriam por nós dois, que sorriam de alegria pelo prémio do nosso amor.

Tuck

Dawson inclinou-se para a frente, apoiou os antebraços nas coxas e tentou imaginar Tuck a escrever aquela carta. Não parecia ter sido escrita pelo homem lacónico e pouco refinado que o acolhera. Este era um Tuck que nunca conhecera, uma pessoa com quem nunca privara.

Amanda tinha uma expressão de ternura quando dobrou a carta com um cuidado especial para não a rasgar.

– Conheço a canção de que ele fala – disse depois de guardar a carta na carteira. – Ouvi-o cantá-la uma vez quando estava sentado na cadeira de baloiço. Não me respondeu quando lhe perguntei o que era. Limitou-se a pô-la a tocar no gira-discos para eu ouvir.

– Lá em casa?

Amanda acenou com a cabeça.

– Recordo-me de pensar que ficava no ouvido, mas o Tuck tinha fechado os olhos e parecia simplesmente... perdido nela. Quando a canção terminou, levantou-se e arrumou o disco, e nessa altura não soube o que pensar daquilo. Mas agora compreendo. – Voltou-se para ele. – Estava a chamar a Clara.

Dawson rodou levemente o copo de vinho.

– Acreditas nele? Acreditas que ele via a Clara?

– Não acreditava. Não propriamente. Mas agora não tenho tanta certeza.

Os trovões que se ouviam ao longe recordaram-lhes o que tinham ido ali fazer.

– Acho que está na hora – disse Dawson.

Amanda levantou-se, endireitou as calças e desceram juntos para o jardim. O vento acalmara, mas o nevoeiro estava ainda mais cerrado. A manhã soalheira dera lugar a uma tarde cujo tempo refletia o lúgubre peso do passado.

Dawson foi buscar a caixa e seguiram pelo carreiro que ia até ao centro do jardim. O cabelo de Amanda esvoaçava ao sabor da brisa e Dawson observou-a enquanto ela passava os dedos por ele, a tentar controlá-lo. Chegaram ao centro do jardim e pararam.

Dawson estava consciente do peso da caixa nas mãos.

– Devíamos dizer alguma coisa – murmurou. Quando Amanda acenou, foi o primeiro a falar, prestando homenagem ao homem que lhe oferecera um teto e amizade. Por sua vez, Amanda agradeceu-lhe por ter sido o seu confidente e disse-lhe que o amara como a um pai. Quando terminaram, a intensidade do vento aumentou, quase como se estivesse à espera da sua deixa, e Dawson retirou a tampa da caixa.

As cinzas voaram e rodopiaram sobre as flores. Enquanto observava, Amanda não conseguiu deixar de pensar que Tuck estava à procura de Clara, a chamá-la uma última vez.



Voltaram para casa e passaram algum tempo a alternar entre reminiscências de Tuck e um sociável silêncio. No exterior, começara a chover. A chuva era constante, mas não forte, uma delicada chuva de verão que parecia uma bênção.

Quando ficaram com fome, aventuraram-se a sair para a chuva e percorreram de novo o sinuoso caminho de terra batida no *Stingray* até à estrada principal. Embora pudessem ter voltado para Oriental, foram a New Bern. Perto do centro histórico, descobriram um restaurante chamado Chelsea. Estava quase vazio quando chegaram, mas todas as mesas estavam ocupadas quando terminaram a refeição.

A chuva parou durante algum tempo e aproveitaram essa pausa para caminhar pelos passeios pouco movimentados e visitar as lojas que ainda estavam abertas. Enquanto Dawson explorava um alfarrabista, Amanda aproveitou para sair e telefonar para casa. Falou com Jared e com Lynn antes de ligar para Frank. Também telefonou à mãe, deixando uma mensagem no atendedor de chamadas a dizer que talvez chegasse tarde e a pedir-lhe que deixasse a porta no trinco. Desligou no preciso momento em que Dawson se aproximava e sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que a noite estava quase a terminar. Como se lhe lesse os pensamentos, Dawson ofereceu-lhe o braço e Amanda aceitou-o enquanto voltavam sem pressa para o carro.

Já na estrada, recomeçou a chover. O nevoeiro adensou-se quando atravessaram o rio Neuse e os galhos das árvores estendiam-se da floresta como dedos fantasmagóricos. Os faróis mal iluminavam a estrada e as árvores pareciam absorver a pouca luz que ainda havia. Dawson abrandou a velocidade no meio daquela escuridão húmida e carregada.

A chuva batia na capota a um ritmo constante, como um comboio a passar ao longe, e Amanda deu por si a pensar naquele dia. Durante a refeição apanhara Dawson a olhá-la mais do que uma vez, mas não se sentira embaraçada e só queria que ele não deixasse de a fitar.

Sabia que era errado. A sua vida não permitia esse tipo de desejo e a sociedade também não o perdoava. Podia tentar ignorar aqueles sentimentos, considerando-os temporários, um subproduto de outros fatores da sua vida. Porém, sabia que não era verdade. Dawson não era um estranho qualquer com quem se encontrara por acaso; era o seu primeiro e único amor verdadeiro, o mais duradouro de todos.

Frank ficaria destroçado se soubesse o que ela estava a pensar. E, apesar dos problemas no casamento, Amanda sabia que o amava. Porém, ainda que nada acontecesse – mesmo que fosse para casa hoje –, sabia que Dawson continuaria a assombrá-la. Embora o seu casamento tivesse problemas há anos, não andava à procura de consolo noutra lado. Fora Dawson – e o *nós* que criavam sempre que estavam juntos – que tornara tudo aquilo natural e inevitável. Não conseguia deixar de pensar que a história entre eles estava inacabada; que ambos estavam à espera de escrever o final.

Dawson abrandou depois de passarem por Bayboro. Dali a pouco estaria o desvio para outra estrada, a que ia para sul, para Oriental. Em frente ficava Vandemere. Dawson entraria na estrada para Oriental, mas quando se aproximaram do cruzamento Amanda sentiu vontade de lhe pedir para continuar em frente. Não queria acordar no dia seguinte sem saber se voltaria a vê-lo. Aquele pensamento foi aterrador, mas não conseguiu dizer as palavras.

Não havia mais ninguém na estrada. A água escorria do alcatrão para pequenas valas de ambos os lados. Quando chegaram ao cruzamento Dawson travou suavemente e, surpreendendo-a, parou o carro.

Os limpa-para-brisas varriam a água de um lado para o outro. As gotas de chuva cintilavam ao refletir a luz dos faróis. Com o carro em ponto morto, Dawson voltou-se para ela, com o rosto oculto na sombra.

– A tua mãe deve estar à tua espera.

Amanda sentiu o coração bater mais depressa.

– Sim – respondeu, acenando com a cabeça sem acrescentar mais nada.

Dawson limitou-se a olhar para ela durante algum tempo, vendo toda a esperança, medo e desejo nos olhos que estavam pregados nos seus. Depois, com um sorriso súbito, virou-se para a frente. O carro começou a avançar devagar para Vandemere e nenhum deles quis ou foi capaz de o parar.



Não houve constrangimento à porta quando voltaram para a casa de campo. Amanda dirigiu-se para a cozinha enquanto Dawson acendia o candeeiro. Ela voltou a encher os copos com vinho, sentindo-se ao mesmo tempo agitada e secretamente radiante.

Na sala de estar, Dawson sintonizou o rádio até encontrar música *jazz* antiga e manteve o volume baixo. Tirou um livro da estante e estava a folhear as páginas

amarelecidas quando Amanda se aproximou com o vinho. Arrumou o livro, pegou no copo e seguiu-a para o sofá. Observou-a quando ela descalçou os sapatos.

– Isto é tão tranquilo – disse ela. Pousou o copo na mesa de apoio, ergueu as pernas e abraçou os joelhos. – Compreendo porque é que o Tuck e a Clara queriam ficar aqui.

A luz ténue da sala de estar conferia um toque misterioso às suas feições. Dawson pigarreou.

– Achas que vais voltar aqui mais alguma vez? – perguntou-lhe. – Depois deste fim de semana?

– Não sei. Se soubesse que ficaria assim, sim. Mas sei que não vai ficar, porque nada dura para sempre. E uma parte de mim quer recordar este sítio como estava hoje, com as flores todas abertas.

– E a casa limpa.

– Sim, isso também – concordou ela. Pegou no copo de vinho e rodou-o. – Há pouco, quando as cinzas foram levadas pelo vento, sabes em que estava a pensar? Estava a pensar na noite em que estivemos no embarcadouro a ver a chuva de estrelas. Não sei porquê, mas de repente foi como se estivesse lá de novo. Vi-nos deitados na manta, a sussurrar um para o outro e a ouvir os grilos, aquele eco musical perfeito. E por cima de nós o céu estava tão... vivo.

– Porque é que estás a dizer-me isso? – perguntou Dawson em voz doce.

Amanda tinha uma expressão melancólica.

– Porque foi nessa noite que percebi que te amava. Que me tinha apaixonado de verdade. E penso que a minha mãe percebeu exatamente o que tinha acontecido.

– Como assim?

– Na manhã seguinte, fez-me perguntas a teu respeito e quando lhe disse o que sentia acabámos aos gritos uma com a outra... foi uma discussão grande, uma das piores que tivemos. Ela até me deu uma bofetada. Fiquei tão chocada que nem soube como reagir. E ela não parava de dizer que o meu comportamento era ridículo e que eu não sabia o que estava a fazer. Deu a entender que estava zangada por seres tu, mas quando penso nisso agora percebo que teria ficado igualmente irritada mesmo que fosse outro qualquer. Porque aquilo não tinha nada a ver contigo, nem sequer com o teu apelido. Tinha a ver com ela. A minha mãe sabia que eu estava a crescer e tinha medo de perder o controlo. Não sabia como lidar com isso... não sabia na altura e continua a não saber. – Bebeu um pouco de vinho e pousou o copo, rodando o pé entre os dedos. – Hoje de manhã disse-me que sou egoísta.

– Está enganada.

– Eu também pensei o mesmo – replicou Amanda. – Pelo menos no início. Mas agora já não tenho tanta certeza.

– Porque dizes isso?

– Não estou a comportar-me propriamente como uma mulher casada, pois não?

Dawson observou-a em silêncio, dando-lhe tempo para refletir sobre o que estava a dizer.

– Queres que te leve para casa? – perguntou por fim.

Amanda hesitou antes de abanar a cabeça.

– Não – respondeu. – O problema é esse. Quero estar aqui contigo. Mesmo

sabendo que é errado. – Estava cabisbaixa, com as pestanas escuras contra as maçãs do rosto. – Isso faz algum sentido?

Dawson passou um dedo pelas costas da sua mão.

– Queres mesmo que te responda?

– Não – respondeu ela. – Nem por isso. Mas é... complicado. O casamento, quero dizer. – Sentiu-o fazer delicados desenhos na pele.

– Gostas de estar casada? – perguntou-lhe Dawson num tom hesitante.

Em vez de responder logo, Amanda bebeu mais um gole de vinho enquanto organizava as ideias.

– O Frank é um bom homem. Pelo menos, na maior parte do tempo. Mas o casamento não é o que as pessoas pensam. Gostamos de acreditar que todos os casamentos são um equilíbrio perfeito, mas não são. Uma das pessoas ama sempre com mais intensidade do que a outra. Eu sei que o Frank me ama e também o amo... mas não tanto. E nunca amei.

– Porque não?

– Não sabes? – Olhou para ele. – Por tua causa. Mesmo quando estava na igreja, pouco antes de proferir os votos, lembro-me de desejar que fosses tu ali ao meu lado em vez dele. Porque não só continuava a amar-te, como te amava desmesuradamente, e naquele momento desconfiei que nunca sentiria o mesmo pelo Frank.

Dawson sentiu a boca seca.

– Então, porque é que te casaste com ele?

– Porque pensei que me bastaria. E esperava conseguir mudar. Com o tempo, esperava sentir por ele o mesmo que sentia por ti. Mas não aconteceu, e à medida que os anos foram passando creio que ele também começou a aperceber-se disso. Ficou magoado e eu sabia que ele se sentia magoado, mas, quanto mais tentava mostrar-me como eu era importante para ele, mais sufocada me sentia. E fiquei ressentida por isso. Fiquei ressentida com ele. – Estremeceu ao ouvir as suas palavras. – Sei que isto me faz parecer uma pessoa horrível.

– Não és horrível – disse Dawson. – Estás a ser sincera.

– Deixa-me acabar, está bem? – pediu ela. – Preciso que compreendas isto. Tens de saber que o amo e que prezo muito a família que criámos. O Frank adora os nossos filhos. São o centro da sua vida e acho que foi por isso que a perda da Bea foi tão demolidora para o nosso casamento. Não fazes ideia de como é terrível ver uma filha ficar cada vez mais doente e sabermos que não podemos fazer nada para a ajudar. Acabamos por entrar numa montanha-russa de emoções, sentindo tudo, desde raiva por Deus e mágoa por termos sido traídos até uma frustração e uma devastação absolutas. No entanto, acabei por conseguir sobreviver à dor. O Frank nunca recuperou completamente. Porque, por baixo de todas as outras coisas, está um desespero sem fim que nos deixa... vazios por dentro. Há um buraco enorme onde costumava estar toda aquela alegria. Porque a Bea era isso mesmo. Ela era a personificação da alegria. Costumávamos dizer em tom de brincadeira que ela nascera a sorrir. Quase nunca chorava, mesmo quando era bebé. E isso nunca mudou. Estava sempre a rir e todas as coisas novas eram uma descoberta emocionante. O Jared e a Lynn costumavam competir pela sua atenção. Consegues imaginar isso?

Calou-se e a seguir prosseguiu num tom mais rouco.

– Depois começaram as dores de cabeça e ela chocava contra as coisas quando andava pela casa. Consultámos uma grande quantidade de especialistas e todos nos disseram que não havia nada a fazer. – Engoliu em seco com força. – Depois disso... só piorou. Mas ela continuava igual a si mesma, sabes? Sempre feliz. Quase no fim, quando mal se conseguia sentar sozinha, ainda se ria. Sempre que a ouvia rir, o meu coração partia-se um pouco mais. – Amanda calou-se e olhou apaticamente para a janela escura. Dawson esperou. – No fim, eu passava horas deitada ao seu lado na cama, a abraçá-la enquanto ela dormia, e quando acordava ficávamos a olhar uma para a outra. Eu não conseguia desviar os olhos dela porque queria gravá-la na memória: o nariz, o queixo, os pequenos caracóis. E, quando ela por fim adormecia, encostava-a a mim e chorava perante a injustiça de tudo aquilo.

Amanda pestanejou quando terminou, sem parecer dar-se conta das lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Não fez qualquer movimento para as limpar e Dawson também não. Manteve-se perfeitamente imóvel, atento a todas as suas palavras.

– Depois de ela morrer, uma parte de mim morreu também. E durante muito tempo eu e o Frank mal conseguíamos olhar um para o outro. Não porque estivéssemos zangados, mas porque era doloroso. Via a Bea nele e ele via-a em mim, e aquilo era... insuportável. Foi difícil mantermo-nos unidos, embora o Jared e a Lynn precisassem de nós mais do que nunca. Comecei a beber dois ou três copos de vinho todas as noites para tentar anestesiar a dor, mas o Frank bebia ainda mais. Por fim, percebi que não estava a ajudar e parei de beber. Mas para o Frank não foi tão fácil. – Parou para beliscar a cana do nariz, pois aquela recordação estava a despertar os sintomas que tão bem conhecia de uma dor de cabeça. – Ele não conseguia parar. Pensei que ter outro filho talvez o curasse, mas não resultou. É um alcoólatra e nos últimos dez anos viveu a vida pela metade. E eu cheguei a um ponto em que não sei se poderei devolver-lhe a outra metade.

Dawson engoliu em seco.

– Não sei o que dizer.

– Eu também não. Gosto de dizer a mim mesma que se a Bea não tivesse morrido nada disto teria acontecido ao Frank. Mas depois fico na dúvida se, em parte, não terá sido também por minha culpa. Porque eu já andava a magoá-lo há anos, mesmo antes do que aconteceu à Bea. Porque ele sabia que eu não o amava da mesma forma que ele me amava.

– A culpa não é tua – disse Dawson, mas as palavras pareceram-lhe inadequadas.

Amanda abanou a cabeça.

– É simpático da tua parte dizeres isso e sei que superficialmente tens razão. Mas, se agora ele bebe para fugir a alguma coisa, provavelmente é para fugir de mim. Porque sabe que estou zangada e desiludida e tem consciência de que, faça o que fizer, é impossível apagar dez anos de mágoa. E quem não quereria fugir disso? Sobretudo quando vem de uma pessoa que amamos? Quando tudo o que queremos é que essa pessoa nos ame tanto quanto a amamos?

– Não faças isso – disse ele, olhando-a nos olhos. – Não te podes responsabilizar pelos problemas do Frank e achar que são teus.

– Falas como uma pessoa que nunca foi casada. – Amanda esboçou um sorriso contrafeito. – Deixa que te diga que quanto mais tempo passa desde que me casei, mais

me apercebo de que poucas coisas são sempre lineares. E não estou a dizer que os problemas do nosso casamento são inteiramente por minha culpa. Só estou a dizer que há culpas de parte a parte. Nenhum de nós é perfeito.

– Essas palavras parecem saídas da boca de um psicólogo.

– E é bem possível que sim. Alguns meses depois do falecimento da Bea comecei a ter consultas com uma psicóloga duas vezes por semana. Não sei como teria sobrevivido sem ela. O Jared e a Lynn também foram acompanhados por ela, mas não durante tanto tempo. Acho que as crianças são mais resilientes.

– Se tu o dizes, acredito.

Amanda pousou o queixo nos joelhos e a sua expressão refletiu o turbilhão interior que a invadira.

– Nunca falei ao Frank sobre nós.

– Não?

– Ela sabe que tive um namorado no liceu, mas não lhe disse até que ponto foi sério. Acho que nem sequer lhe disse o teu nome. E, como é óbvio, a minha mãe e o meu pai fizeram de tudo para fingir que o nosso namoro nunca tinha acontecido. Tratavam-no como um tenebroso segredo de família. Naturalmente, a minha mãe suspirou de alívio quando lhe disse que estava noiva. Mas não ficou encantada. Ela nunca fica encantada com nada. Deve achar-se superior a essas emoções. No entanto, se isso te faz sentir melhor, tive de lhe recordar o nome do Frank. Duas vezes. Por outro lado, o teu nome...

Dawson riu-se e depois calou-se abruptamente. Bebeu um pouco de vinho, sentindo o calor do líquido escorrer pela garganta, quase sem se aperceber de que a música continuava a tocar baixinho.

– Aconteceram muitas coisas desde a última vez que nos vimos, não foi? – A voz de Amanda foi quase inaudível.

– Aconteceu a vida.

– Foi mais do que apenas a vida.

– Estás a falar de quê?

– De tudo isto. Estar aqui, ver-te. Faz-me lembrar o tempo em que ainda acreditava que todos os meus sonhos se realizariam. Há muito tempo que não sinto isso. – Voltou-se para ele e os seus rostos ficaram a centímetros de distância. – Achas que teríamos conseguido? Se tivéssemos ido para outro lugar e começado uma vida juntos?

– É difícil dizer.

– Mas se tivesses de dar um palpite?

– Sim. Acho que teríamos conseguido.

Amanda acenou com a cabeça e sentiu algo desmoronar-se dentro de si ao ouvir aquela resposta.

– Eu também acho que sim.

Lá fora, a tempestade começou a atirar bátegas de chuva contra as janelas como mãos cheias de seixos. No rádio, ouvia-se música de outro tempo que se fundia com o ritmo constante da chuva. O calor da sala fazia lembrar um casulo e Amanda quase conseguiu acreditar que nada mais existia.

– Tu eras tímido – murmurou ela. – Quando ficámos juntos na aula de química, quase não falavas comigo. Eu estava sempre a dar-te dicas, à espera de que me

convidasses para sair, sem saber se alguma vez o farias.

– Tu eras linda. – Dawson encolheu os ombros. – Eu era um zé-ninguém. E isso deixava-me nervoso.

– Ainda te deixo nervoso?

– Não – respondeu ele, mas depois reconsiderou. Um leve sorriso aflorou-lhe aos lábios. – Talvez um pouco.

Amanda ergueu uma sobrancelha.

– Posso fazer alguma coisa para remediar isso?

Dawson pegou-lhe na mão e virou-a de um lado para o outro, reparando como as mãos de ambos pareciam encaixar na perfeição, o que lhe lembrou uma vez mais aquilo a que renunciara. Uma semana antes, teria ficado satisfeito. Talvez não totalmente feliz, talvez um pouco isolado, mas satisfeito. Sabia quem era e qual era o seu lugar no mundo. Estava sozinho, mas fora uma escolha consciente e nem mesmo agora se arrependia de a ter feito. Sobretudo agora. Porque ninguém teria conseguido ocupar o lugar de Amanda, e ninguém conseguiria.

– Danças comigo? – perguntou por fim.

Amanda respondeu com o vestígio de um sorriso.

– Sim.

Dawson levantou-se do sofá e ajudou-a delicadamente a erguer-se. Amanda sentiu as pernas trémulas quando avançaram para o centro da pequena divisão. A música pareceu encher a sala de estar de nostalgia e durante alguns instantes nenhum deles soube o que fazer. Amanda esperou enquanto Dawson se virava para ela com o rosto impenetrável. Por fim, pousou uma mão na sua anca e puxou-a para si. Os seus corpos juntaram-se e Amanda encostou-se a ele, sentindo a solidez do seu peito enquanto o braço dele lhe envolvia a cintura. Muito devagar, começaram a rodar e a balançar.

Amanda adorou a sensação dele. Inalou o seu cheiro, fresco, real e tudo o que se lembrava. Sentiu a barriga lisa e tonificada, as pernas contra as suas. Fechou os olhos e pousou a cabeça no seu ombro, sentindo-se inundada de desejo e a pensar na primeira noite em que tinham feito amor. Tremera nessa noite e tremia agora.

A canção terminou, mas continuaram abraçados enquanto outra começava. A respiração de Dawson aquecia-lhe o pescoço e ouviu-o expirar numa espécie de libertação. O seu rosto aproximou-se ainda mais e Amanda inclinou a cabeça para trás num abandono, desejando que a dança durasse para sempre. Desejando que os dois durassem para sempre.

Os lábios de Dawson roçaram primeiro no seu pescoço e depois tocaram de leve no seu rosto, e, embora ouvisse um longínquo eco de alarme, concentrou-se no toque de borboleta.

Beijaram-se então, num primeiro momento com hesitação e depois com mais ardor, a tentar compensar uma vida longe um do outro. Amanda sentia as mãos dele no corpo, no corpo todo, e quando se separaram por fim a única coisa de que teve consciência foi que desejava aquilo há muito tempo. Desejava Dawson. Fitou-o com os olhos semicerrados, querendo-o mais do que qualquer outra pessoa que já conhecera, querendo-o por inteiro, ali e naquele momento. Também sentiu o desejo de Dawson e, num movimento que pareceu quase predeterminado, beijou-o mais uma vez antes de o levar para o quarto.



Foi um dia de porcaria. Começou uma porcaria, a tarde e a noite foram uma porcaria e até o tempo estava uma porcaria. Abee sentia-se a morrer. Chovia há horas, tinha a camisa encharcada e, por muito que tentasse, não conseguia parar os acessos alternados de arrepios e suores.

Percebeu que Ted não se sentia muito melhor. Quando saíra do hospital contra parecer médico, quase não conseguira chegar ao carro sem cair. No entanto, isso não o impedira de ir diretamente para as traseiras da sua barraca, onde guardava as armas. Carregaram a carrinha de caixa aberta e foram para a casa de Tuck.

O problema é que não estava lá ninguém. Havia dois carros estacionados diante da casa, mas nenhum sinal dos respetivos donos. Abee sabia que Dawson e a rapariga acabariam por voltar. Não poderia ser de outra maneira porque os carros estavam ali, por isso ele e Ted separaram-se e posicionaram-se para esperar por eles.

Esperaram. E *esperaram*.

Estavam ali pelo menos há duas horas quando a chuva começou a cair. Depois de mais uma hora à chuva, começaram os arrepios. Sempre que estremecia, Abee revirava os olhos com as dores que sentia na barriga. Quase podia jurar que estava a morrer. Tentou pensar em Candy para passar o tempo, mas isso só o fez cogitar se *aquele tipo* estaria outra vez no bar nessa noite. O pensamento enfureceu-o, fazendo-o tremer ainda mais, e tudo recomeçou. Perguntou a si mesmo onde raio estaria Dawson e o que andaria a fazer ali. Nem sequer tinha a certeza se acreditava no que Ted lhe dissera acerca dele – aliás, tinha quase a certeza de que não era verdade –, mas decidiu manter-se de bico calado quando viu a expressão do irmão. Ted não desistiria daquilo. E, pela primeira vez na vida, Abee estava um pouco assustado com o que ele poderia fazer se lhe dissesse que iam para casa.

Entretanto, Candy e *aquele tipo* deviam estar no bar naquele preciso momento. Os dois a rirem-se às gargalhadas, a partilhar aqueles sorrisos especiais. Só de imaginar aquilo, o seu coração disparou de fúria. Sentiu uma dor fulminante e durante alguns instantes pensou que ia desmaiar. Ia matar aquele tipo. Jurava por Deus. Quando voltasse a vê-lo, ia matá-lo e certificar-se de que Candy compreendia as regras. Só tinha de despachar aquele assunto de família, para que Ted pudesse ajudá-lo. Tinha plena consciência de que não estava em condições de fazer aquilo sozinho.



Passou-se mais uma hora e o sol continuou a descer no céu. Ted sentia vontade de vomitar. Sempre que se mexia, parecia-lhe que a cabeça ia explodir e a comichão no braço por baixo do gesso era tanta que só lhe apetecia arrancar aquela porcaria. Não conseguia respirar pelo nariz inchado e só queria que Dawson aparecesse para acabar com aquilo sem mais demora.

Nem queria saber se a jeitosa chefe de claque estava com ele ou não. No dia anterior preocupara-se com eventuais testemunhas, mas já não queria saber. Limitar-se-ia a esconder também o corpo dela. Talvez as pessoas pensassem que tinham fugido juntos.

Mas onde raio estava Dawson? Onde teria passado a porcaria do dia inteiro? E ainda por cima à chuva? Não estava a contar com aquilo. Do outro lado do caminho de acesso, Abee parecia estar a morrer. O irmão estava quase verde, mas Ted não conseguiria fazer aquilo sozinho. Apenas com uma mão disponível e com o cérebro a chocalhar de um lado para o outro dentro do crânio. Era muito doloroso respirar e sempre que se mexia ficava tão tonto que tinha de se agarrar a alguma coisa para não cair.

À medida que anoitecia e o nevoeiro invadia o lugar, Ted não parava de dizer a si mesmo que eles chegariam a qualquer momento, mas estava a ser cada vez mais difícil convencer-se disso. Não comia desde o dia anterior e as tonturas estavam a piorar.

Cerca das dez da noite ainda não havia qualquer sinal deles. Depois, vieram as onze. E a meia-noite, com as estrelas a formar um manto de luzes bruxuleantes por entre as nuvens.

Ted tinha câibras e frio, e depois começou a sentir espasmos de vômitos secos. Começou a tremer incontrolavelmente, incapaz de se manter quente.

Uma hora da manhã e ainda nada. Às duas, Abee aproximou-se por fim a cambalear, quase incapaz de se manter direito. Por essa altura até Ted percebera que eles não voltariam nessa noite, por isso voltaram aos tropeções para a carrinha de caixa aberta. Quase não se lembrava de voltarem para a propriedade nem de como ele e Abee se agarraram um ao outro enquanto se arrastavam a cambalear pelo caminho de acesso. Só conseguia lembrar-se do sentimento de raiva quando caiu na cama, e depois disso tudo ficou preto.



Quando acordou na manhã de domingo, Amanda demorou alguns segundos a perceber onde estava antes de as memórias da noite anterior voltarem em catadupa. Ouviu pássaros cantar lá fora enquanto raios de sol entravam pela pequena abertura entre as cortinas. Virou-se com cuidado na cama e sentiu uma pontada de desilusão e alguma confusão ao ver que o espaço ao seu lado estava vazio.

Sentou-se na cama, tapou-se com o lençol e espreitou para a casa de banho, sem saber onde estaria Dawson. Ao perceber que as roupas dele tinham desaparecido levantou-se, enrolou-se no lençol e dirigiu-se para a porta do quarto. Espreitou e viu que ele estava sentado nos degraus do alpendre da frente. Voltou para o interior do quarto, vestiu-se rapidamente e foi à casa de banho. Escovou o cabelo e dirigiu-se sem pressa para a porta, sabendo que precisava de falar com ele. Sabendo que ele também precisava de falar consigo.

Dawson voltou-se quando ouviu a porta chiar atrás de si. Sorriu-lhe e a mancha escura da barba por fazer acrescentou um pouco de malícia à sua aparência.

– Olá – disse, e virou-se para o lado. Pegou num copo de esferovite igual ao que tinha no colo. – Calculei que precisarias de um café.

– Onde é que arranjaste isso? – perguntou ela.

– Fui à loja de conveniência. Ao fundo da rua. Que eu saiba, é o único sítio em Vandemere que vende café. No entanto, não deve ser tão bom como o que bebeste na sexta-feira de manhã.

Observou-a enquanto ela segurava o copo e se sentava ao seu lado.

– Dormiste bem?

– Sim – respondeu ela. – E tu?

– Nem por isso. – Encolheu ligeiramente os ombros antes de se virar e concentrar-

se de novo nas flores. – A chuva parou por fim – comentou.

– Já reparei.

– Talvez seja boa ideia lavar o carro antes de o deixar na casa do Tuck – disse. – Se quiseres, posso telefonar para o Morgan Tanner.

– Eu ligo-lhe – disse Amanda. – De qualquer forma, de certeza que vamos falar. – Sabia que aquela conversa de circunstância era apenas uma maneira de evitar falar sobre o óbvio. – Não estás bem, pois não?

Os ombros de Dawson descaíram, mas ele não disse nada.

– Estás preocupado – sussurrou ela, sentindo um aperto no coração.

– Não – respondeu Dawson, surpreendendo-a. Rodeou-a com um braço. – Não estou preocupado. Porque estaria? – Inclinou-se e beijou-a com carinho antes de se afastar lentamente.

– Escuta – começou ela –, em relação à noite passada...

– Sabes o que encontrei? – interrompeu-a Dawson. – Enquanto estava aqui sentado?

Amanda abanou a cabeça, confusa.

– Encontrei um trevo de quatro folhas – disse. – Ao pé dos degraus, pouco antes de saíres. Na terra, mesmo à vista. – Ofereceu-lhe a delicada planta verde embrulhada num pedaço papel. – Dizem que dá sorte e esta manhã tenho pensado muito nisso.

Amanda detetou perturbação na sua voz e sentiu uma espécie de mau presságio.

– Em que é que tens estado a pensar, Dawson? – perguntou baixinho.

– Na sorte – respondeu ele. – Em fantasmas. No destino.

Aquelas palavras não contribuíram em nada para aliviar a sua confusão e observou-o enquanto ele bebia mais um gole de café. Dawson pousou o copo e olhou para longe.

– Quase morri – disse por fim. – Não sei. Se calhar devia ter morrido. Só a queda devia ter-me matado. Ou a explosão. Raios, se calhar devia ter morrido há dois dias...

Absorto nos seus pensamentos, calou-se.

– Estás a assustar-me – disse Amanda por fim.

Dawson endireitou-se e concentrou-se nela.

– Na primavera houve um incêndio na plataforma – começou. Contou-lhe tudo: o fogo a transformar-se num inferno no convés; a queda na água e a visão do homem de cabelo escuro; como o desconhecido o guiara até ao colete de salvação; como voltara a aparecer-lhe vestido com o impermeável azul no navio de abastecimento e desaparecera pouco depois. Contou-lhe o que acontecera nas semanas seguintes – a sensação de estar a ser observado e como voltara a vê-lo na marina. Por fim, descreveu-lhe o encontro com Ted na sexta-feira, incluindo o inexplicável aparecimento e desaparecimento do homem de cabelo escuro na floresta.

Quando acabou, Amanda sentiu o coração bater com força enquanto tentava compreender o que ouvira.

– Estás a dizer-me que o Ted tentou matar-te? Que foi à casa do Tuck com uma arma para te matar e não sentiste necessidade de me contar isso ontem?

Dawson abanou a cabeça com aparente indiferença.

– Já estava resolvido. Eu tratei do assunto.

Amanda percebeu que estava a falar mais alto.

– Largaste-o na propriedade e telefonaste para o Abee? Pegaste na arma e desfizeste-te dela? Chamas a isso resolver o assunto?

Dawson parecia estar demasiado cansado para discutir.

– É a minha família – disse. – É assim que resolvemos as coisas.

– Tu não és como eles.

– Sempre fui um deles – afirmou Dawson. – Não te esqueças de que sou um Cole. Eles vêm, lutamos, eles vêm outra vez. É o que fazemos.

– O que queres dizer com isso? Que ainda não acabou?

– Para eles, não.

– Então, o que tencionas fazer?

– O que tenho feito até agora. Tentar manter-me longe da vista e evitá-los ao máximo. Não deve ser muito difícil. Depois de lavar o carro e talvez voltar ao cemitério, não tenho mais motivos para ficar cá.

Um pensamento súbito, indistinto e pouco sólido ao início começou a cristalizar-se na sua mente e Amanda sentiu os primeiros sinais de pânico.

– Foi por isso que não voltámos ontem à noite? – quis saber. – Porque pensavas que eles podiam estar na casa do Tuck?

– Tenho a certeza de que estavam lá – respondeu ele. – Mas não, não é por isso que estamos aqui. Nem sequer pensei neles ontem. Passei um dia perfeito contigo.

– Não estás zangado com eles?

– Não particularmente.

– Como é que consegues fazer isso? Desligar dessa forma, mesmo sabendo que eles andam por aí à tua procura? – Amanda sentiu adrenalina inundar-lhe o corpo. – É mais uma daquelas tuas ideias malucas sobre o teu destino por seres um Cole?

– Não. – Dawson abanou a cabeça num movimento quase impercetível. – Não estava a pensar neles porque só pensei em ti. E desde que entraste na minha vida tem sido sempre assim. Não penso neles porque te amo e não há espaço para as duas coisas.

Amanda baixou a cabeça.

– Dawson...

– Não tens de dizer nada – disse-lhe ele.

– Claro que tenho – insistiu Amanda, inclinando-se para ele e beijando-o. Quando se separaram, as palavras fluíram de uma forma tão natural como o ar que respirava. – Amo-te, Dawson Cole.

– Eu sei – disse ele, abraçando-a delicadamente pela cintura. – Eu também te amo.



A tempestade dissipara a humidade do ar, deixando apenas um céu azul e um doce aroma floral. Uma ou outra gota ainda caía do telhado, aterrando nos fetos e na hera e fazendo-os reluzir com o reflexo cristalina luz dourada. Dawson continuava a abraçá-la e Amanda encostou-se a ele, saboreando a pressão daquele corpo contra o seu.

Depois de Amanda embrulhar de novo o trevo e o guardar no bolso, levantaram-se e começaram a passear abraçados pelo terreno. Contornaram as flores silvestres – o caminho que tinham utilizado no dia anterior estava enlameado – e dirigiram-se para

as traseiras. A casa fora construída numa pequena falésia diante da qual se estendia o rio Bay, que era quase tão largo como o Neuse. À beira da água avistaram uma garça-azul a saltitar pelos baixios; um pouco mais abaixo, um grupo de tartarugas apanhava sol em cima de um tronco.

Pararam durante algum tempo a contemplar a paisagem antes de voltarem sem pressa para casa. Quando chegaram ao alpendre, Dawson puxou-a para si e voltou a beijá-la. Amanda retribuiu o beijo, inundada pela consciência do seu amor por ele. Quando se afastaram por fim, ela ouviu o som abafado de um telemóvel. Era o seu, a lembrar-lhe a vida que continuava a ter noutro lugar. Ao ouvi-lo, baixou a cabeça com relutância e Dawson fez o mesmo. As testas de ambos tocaram-se enquanto o toque persistia, e Amanda fechou os olhos. O toque pareceu prolongar-se eternamente, mas quando finalmente parou ela abriu os olhos e fitou Dawson, esperando que ele compreendesse.

Dawson acenou com a cabeça e estendeu a mão para lhe abrir a porta. Amanda entrou e virou-se quando percebeu que ele não a ia seguir. Viu-o sentar-se nos degraus do alpendre e obrigou-se a ir ao quarto. Tirou o telemóvel da carteira e olhou para a lista de chamadas não atendidas.

De repente sentiu-se nauseada e a sua mente foi invadida por um milhão de pensamentos. Começou a despir-se enquanto se dirigia para a casa de banho. Por instinto, fez uma lista mental do que tinha de fazer, do que ia dizer. Abriu a torneira do chuveiro e procurou sabonete e champô nos armários, acabando por encontrar as duas coisas. Entrou no duche e tentou afastar aquela sensação de pânico. Em seguida limpou-se, vestiu-se e secou o cabelo o melhor que pôde. Maquilhou-se cuidadosamente com os poucos produtos que trazia sempre consigo.

Andou rapidamente pelo quarto a arrumar tudo. Fez a cama e colocou as almofadas no lugar; depois, pegou na garrafa de vinho quase vazia e esvaziou o resto no lava-loiça. Enquanto punha a garrafa no caixote de lixo por baixo da bancada, pensou duas vezes em levá-la consigo, mas decidiu deixá-la ali. Tirou os copos sujos da mesa, lavou-os e arrumou-os no armário. A esconder as provas.

Mas havia os telefonemas. As chamadas não atendidas. *As mensagens.*

Teria de mentir. A ideia de contar a Frank onde tinha estado parecia-lhe absolutamente impossível. Não suportava pensar no que os filhos poderiam pensar. Ou a mãe. Tinha de resolver aquele assunto. De certa forma, tinha de resolver tudo, mas nos recantos da sua mente havia uma voz persistente que não parava de sussurrar: *Sabes o que fizeste?*

Sim. Mas eu amo-o, respondia outra voz.

Parada na cozinha, dominada por emoções, sentiu que ia chorar. E talvez tivesse chorado, mas, como se tivesse antecipado a sua perturbação, instantes depois Dawson entrou na pequena divisão. Abraçou-a, sussurrou de novo que a amava e por momentos, por mais impossível que parecesse, Amanda sentiu que tudo iria correr bem.

Ambos permaneceram em silêncio durante a viagem de regresso a Oriental.

Dawson sentia a ansiedade de Amanda e sabia que o melhor era ficar calado, mas apertava o volante com força.

Amanda sentia a garganta completamente áspera – nervos, sabia. Ter Dawson ao seu lado era a única coisa que a impedia de chorar. Não parava de pensar em recordações, planos, sentimentos e preocupações numa sucessão vertiginosa, um caleidoscópio em constante mudança. Perdida nos seus pensamentos, quase não deu pelo passar do tempo.

Chegaram a Oriental pouco antes do meio-dia e passaram pela marina. Alguns minutos mais tarde, viraram para o caminho de acesso à casa. Amanda apercebeu-se de que Dawson estava tenso e não parava de perscrutar as árvores que se estendiam de ambos os lados do caminho, sempre debruçado sobre o volante. Cauteloso, até. Os primos, pensou de repente, e quando o carro começou a abrandar uma expressão de incredulidade estampou-se no rosto de Dawson.

Seguindo o seu olhar, Amanda virou-se para a casa. A casa e a oficina pareciam exatamente na mesma e os carros continuavam estacionados no mesmo sítio. Porém, quando viu por fim aquilo que Dawson já vira, Amanda quase não sentiu nada. Sempre soubera que o desfecho seria aquele.

Dawson parou o carro e Amanda voltou-se para ele com um ligeiro sorriso, como se estivesse a tentar dizer-lhe que conseguiria lidar com aquela situação.

– Ela deixou-me três mensagens. – Amanda encolheu os ombros com uma expressão impotente. Dawson acenou com a cabeça, sabendo que ela precisava de enfrentar aquela situação sozinha. Amanda inspirou fundo, abriu a porta e saiu do carro, nada surpreendida ao ver que a mãe demorara sem dúvida bastante tempo a arranjar-se para a ocasião.



Dawson ficou a ver Amanda avançar diretamente para a casa, deixando que a mãe decidisse se queria segui-la ou não. Evelyn parecia não saber o que fazer. Era óbvio que nunca estivera na casa de Tuck; não era um destino ideal para uma pessoa com um fato de calças e casaco bege e pérolas, sobretudo a seguir a uma tempestade com chuva torrencial. Hesitante, voltou-se para Dawson. Olhou-o fixamente, com uma expressão impassível, como se reagir à sua presença fosse de alguma forma indigno dela.

Por fim voltou-lhe as costas e seguiu a filha para o alpendre. Amanda já estava sentada numa das cadeiras de baloiço. Dawson engatou uma mudança e levou o carro para a oficina.

Depois de estacionar o carro, saiu e encostou-se à bancada de trabalho. Dali não conseguia ver Amanda e não conseguia imaginar o que ela diria à mãe. Enquanto observava a garagem de Tuck, lembrou-se de uma coisa que Morgan Tanner dissera quando ele e Amanda tinham ido ao seu escritório. Tanner dissera que tanto ele como Amanda saberiam quando deviam ler a carta que Tuck lhes escrevera e de repente soube que ele queria que lesse a sua naquele preciso momento. Era provável que tivesse previsto o que ia acontecer.

Levou a mão ao bolso de trás das calças e retirou o envelope. Desdobrou-o e passou o dedo por cima do seu nome. A caligrafia era a mesma da carta que ele e Amanda tinham lido juntos. Virou o envelope e abriu-o. Ao contrário da outra carta, esta era apenas uma folha escrita na frente e no verso. No silêncio da oficina a que um dia chamara lar, Dawson concentrou-se nas palavras e começou a ler.

Não sei bem por onde começar esta carta a não ser dizendo-te que ao longo dos anos acabei por conhecer muito bem a Amanda. Gostaria de pensar que ela não mudou desde a primeira vez que a vi, mas, com toda a franqueza, não tenho a certeza. Naquela altura vocês eram muito reservados e, como muitos outros adolescentes, ficavam calados sempre que eu aparecia. Não te preocupes porque eu não tinha qualquer problema com isso. Fiz a mesma coisa com a Clara. Nem sei se o seu pai alguma vez me ouviu falar antes de nos casarmos, mas isso é outra história.

O que estou a tentar dizer é que não sabia quem ela era, mas agora conheço-a e devo dizer que percebo porque é que nunca conseguiste esquecê-la. Aquela mulher tem muita bondade dentro dela. Muito amor, muita paciência, muita inteligência, e é sem dúvida uma das mulheres mais bonitas que alguma vez pisaram as ruas desta cidade. Porém, penso que o que mais aprecio nela é a bondade, porque já vivi o suficiente para saber como é raro encontrar uma pessoa assim.

Provavelmente não estou a dizer-te nada que não saibas já, mas durante os últimos anos passei a considerá-la quase uma filha. Isso quer dizer que tenho de falar contigo como o pai dela teria feito, porque os pais não servem para grande coisa se não se preocuparem nem que seja apenas um pouco. Sobretudo com ela. Porque, acima de tudo, tens de compreender que a Amanda está a sofrer, e penso que já sofre há bastante tempo. Apercebi-me disso a primeira vez que ela veio visitar-me e tive esperança de que fosse apenas uma fase, mas quanto mais vezes ela vinha cá maior me parecia o seu sofrimento. De vez em quando acordava e via-a remexer na oficina, e comecei a perceber que tu eras parte da razão que a fazia sentir-se assim. Estava assombrada pelo passado, assombrada por ti. Mas acredita quando te digo que as memórias são coisas curiosas. Às vezes são reais, mas outras vezes transformam-se no que queremos que sejam e, à sua maneira, acho que a Amanda estava a tentar perceber o que significava verdadeiramente o passado para ela. Foi por esse motivo que planeei o fim de semana desta forma. Tive um palpite de que só quando voltasse a ver-te é que conseguiria libertar-se da escuridão, o que quer que isso signifique.

Como disse, ela está a sofrer, e se há uma coisa que aprendi ao longo dos anos é que quem está a sofrer nem sempre vê as coisas da forma mais clara. Ela está num ponto da sua vida em que vai ter de tomar decisões e é aí que tu entras. Os dois têm de descobrir o que vai acontecer a seguir, mas lembra-te de que ela poderá precisar de mais tempo do que tu. Poderá até mudar de opinião uma ou duas vezes. No entanto, quando por fim estiver decidido, os dois terão de aceitar a decisão. E se por acaso as coisas não resultarem entre os dois, tu tens de perceber que nunca mais poderás olhar para trás. Isso vai destruir-te, e a ela também. Vocês não podem continuar a viver com arrependimento, porque suga-nos a vida e só de pensar nisso fico com o coração partido. Afinal de contas, se a Amanda é quase como se fosse minha filha, tu também és um filho para mim. E se apenas um desejo me fosse concedido antes de morrer, queria saber que vocês, os meus dois filhos, vão ficar bem.

Amanda viu a mãe experimentar as tábuas podres do alpendre, quase como se tivesse medo de que se desfizessem sob os seus pés. Voltou a hesitar junto da cadeira de baloiço, a tentar decidir se seria necessário sentar-se.

Amanda sentiu um cansaço que lhe era familiar quando a mãe se sentou com cuidado na cadeira, empoleirando-se na ponta para ocupar o mínimo espaço possível.

Depois de se instalar, a mãe voltou-se para ela, aparentemente decidida a esperar que a filha falasse primeiro, mas Amanda manteve-se em silêncio. Sabia que não poderia dizer nada para tornar aquela conversa mais fácil e desviou deliberadamente o olhar, observando os efeitos da luz do sol que passava por entre as copas das árvores.

Por fim, a mãe revirou os olhos.

– Francamente, Amanda. Para de agir como uma criança. Eu não sou tua inimiga. Sou a tua mãe.

– Eu sei o que vais dizer – respondeu Amanda num tom neutro.

– Pode ser que sim, mas de qualquer maneira uma das responsabilidades de ser mãe é chamar os filhos à razão quando eles cometem erros.

– E achas que é esse o caso? – retorquiu Amanda, a olhar fixamente para a mãe com os olhos semicerrados.

– O que lhe chamarias tu? És uma mulher casada.

– E achas que eu não sei isso?

– Não parece – declarou a mãe. – Não és a primeira mulher do mundo a sentir-se infeliz com o casamento. E também não és a primeira a fazer alguma coisa em relação a essa infelicidade. A diferença no teu caso é que continuas a pensar que a culpa é dos outros.

– Estás a falar de quê? – Amanda sentiu as mãos apertarem-se em torno dos braços da cadeira de baloiço.

– Tu culpas as pessoas, Amanda. – A mãe fungou. – Culpas-me a mim, culpas o Frank, e depois do que aconteceu à Bea até culpaste Deus. Procuras a causa dos problemas em todo o lado menos na pessoa que vês no espelho. E depois comportas-te como se fosses uma mártir. «Coitadinha da Amanda, a remar contra tudo e contra todos num mundo duro e cruel.» A verdade é que a vida não é fácil para ninguém. Nunca foi e nunca será. No entanto, se fosses honesta contigo mesma, perceberias que também não és inteiramente inocente em tudo isto.

Amanda cerrou os dentes.

– E eu com esperança de que talvez tivesses uma ponta de empatia ou de compreensão. Acho que estava enganada.

– É isso que pensas realmente? – perguntou Evelyn enquanto removia um borboto imaginário da roupa. – Então, diz-me... o que devia dizer-te? Devia pegar-te na mão e perguntar-te como te sentes? Devia mentir-te e dizer que vai correr tudo bem? Que não haverá consequências, mesmo que consigas de alguma forma manter em segredo o que aconteceu com o Dawson? – Fez uma pausa. – Há sempre consequências, Amanda. Já tens idade suficiente para saber isso. Precisas mesmo que te lembre?

Amanda esforçou-se para manter a voz controlada.

– Não percebes o meu lado.

– E tu também não percebes o meu. Não me conheces tão bem como pensas.

– Conheço-te, mãe.

– Pois, claro que sim. Mas, segundo disseste, sou incapaz de sentir uma ponta de empatia ou compreensão. – Tocou no pequeno diamante engastado no brinco. – Sim, mas então como explicas o facto de ter mentido por ti ontem à noite?

– O quê?

– Quando o Frank telefonou. Da primeira vez, fingi que não desconfiava de nada enquanto ele não parava de falar sobre uns planos de ir jogar golfe com um amigo chamado Roger. E mais tarde, quando telefonou uma segunda vez, disse-lhe que já estavas a dormir, apesar de saber muito bem o que andavas a fazer. Sabia que estavas com o Dawson e à hora de jantar já sabia que não ias voltar.

– Como é que sabias? – perguntou Amanda, a tentar disfarçar o choque.

– Ainda não percebeste como Oriental é pequena? Há um número limitado de sítios para ficar na cidade. Depois do primeiro telefonema, falei com a Alice Russell da pensão. Tivemos uma conversa muito simpática, devo dizer. Ela disse-me que o Dawson já se tinha ido embora, mas saber que ele estava na cidade foi o bastante para deduzir o que se passava. Deve ser por isso que estou aqui à tua espera e não em casa. Pensei que seria melhor deixarmo-nos de mentiras e negações. Pensei que tornaria a nossa conversa um pouco mais fácil para ti.

Amanda quase se sentiu tonta.

– Obrigada – murmurou. – Por não teres contado ao Frank.

– Não me cabe a mim contar seja o que for ao Frank ou dizer alguma coisa que cause ainda mais problemas no vosso casamento. O que dizes ao Frank é contigo. Tanto quanto sei, não aconteceu nada.

Amanda engoliu em seco para se livrar do gosto amargo na boca.

– Então, porque é que vieste cá?

A mãe suspirou.

– Porque és minha filha. Podes não querer falar comigo, mas espero que me escutes. – Amanda percebeu uma certa desilusão na voz da mãe. – Não quero saber os pormenores sórdidos do que aconteceu ontem à noite, nem te quero ouvir dizer como fui horrível por não ter aceitado o Dawson desde o início. E também não quero discutir os teus problemas com o Frank. Mas gostava de te dar um conselho. Como tua mãe. Apesar do que possas pensar às vezes, és minha filha e preocupo-me contigo. A questão é, estás disposta a ouvir?

– Sim. – A resposta de Amanda foi quase inaudível. – O que devo fazer?

O rosto da mãe perdeu toda a rígida artificialidade e a sua voz soou surpreendentemente suave.

– Na verdade, é muito simples. Não sigas os meus conselhos.

Amanda ficou à espera de que a mãe dissesse mais qualquer coisa, mas ela manteve-se em silêncio. Amanda não soube o que pensar daquilo.

– Está a dizer-me para deixar o Frank? – murmurou por fim.

– Não.

– Então que devo tentar resolver as coisas com ele?

– Também não disse isso.
– Não estou a perceber.
– Não complices o que te disse. – Evelyn levantou-se e endireitou o casaco. Dirigiu-se para os degraus.
Amanda pestanejou, a tentar perceber o que estava a acontecer.
– Espera... vais-te embora? Não me disseste nada.
A mãe voltou-se para ela.
– Pelo contrário. Disse tudo o que importa.
– Para não seguir os teus conselhos?
– Exatamente – disse a mãe. – Não sigas os meus conselhos. Nem os das outras pessoas. Confia em ti. Para o bem ou para o mal, feliz ou infeliz, a vida é tua e sempre foste responsável por decidir o que fazer com ela. – Apoiou um sapato de salto alto de pele brilhante no primeiro degrau do alpendre. – Bom, presumo que te verei mais tarde? Quando fores a casa buscar as tuas coisas?

– Sim.
– Então, vou preparar algumas sanduíches e fruta. – Dito isto, continuou a descer os degraus. Quando chegou ao carro, reparou que Dawson estava parado na oficina e observou-o por breves instantes antes de virar as costas. Entrou no carro, rodou a chave na ignição e arrancou logo.

Dawson pousou a carta, saiu da oficina e olhou para Amanda. Ela estava a contemplar a floresta, mais calma do que ele esperava, mas foi incapaz de ler a sua expressão.

Enquanto se dirigia para o alpendre, Amanda esboçou um ligeiro sorriso antes de se virar. Dawson sentiu um nó de medo no estômago.

Sentou-se na cadeira de baloiço e inclinou-se para a frente, entrelaçando as mãos com força e mantendo-se em silêncio.

– Não me vais perguntar como correu? – perguntou ela por fim.
– Pensei que mais cedo ou mais tarde acabarias por me contar – respondeu ele. – Se quisesses, é claro.

– Sou assim tão previsível?
– Não – declarou ele.
– Sou, sim. A minha mãe, por outro lado... – Puxou o lóbulo da orelha, a ganhar tempo. – Se alguma vez te disser que compreendo a minha mãe, lembra-me o que aconteceu hoje, está bem?

Dawson acenou com a cabeça.
– Certo.
Amanda inspirou fundo, devagar, e quando falou por fim a sua voz soou estranhamente distante.

– Quando a minha mãe estava a subir os degraus do alpendre, eu soube exatamente como iria correr a nossa conversa – disse. – Ela ia perguntar-me o que eu andava a fazer e dizer que estava a cometer um erro terrível. A seguir viria o sermão sobre expectativas e responsabilidades, e depois eu iria interrompê-la para lhe dizer que ela

não me compreendia. Ia dizer-lhe que te amei a vida inteira e que o Frank já não me fazia feliz. Que queria estar contigo. – Voltou-se para ele, a implorar-lhe que compreendesse. – Conseguia ouvir-me a dizer as palavras, mas depois... – Dawson viu o seu rosto contrair-se. – Ela tem uma forma de me fazer sempre questionar tudo.

– Referes-te a nós dois? – perguntou Dawson, sentindo o nó de medo a apertar-se ainda mais.

– Refiro-me a mim – respondeu ela num tom que pouco mais era do que um murmúrio. – Mas sim, também estou a falar sobre nós dois. Porque queria dizer-lhe essas coisas. Queria dizê-las mais do que tudo, porque são verdadeiras. – Abanou a cabeça, como se tentasse apagar da mente os restos de um sonho. – Porém, quando a minha mãe começou a falar, a minha vida real voltou em força e de repente dei por mim a dizer uma coisa diferente. Foi como se estivesse a ouvir dois rádios sintonizados em estações diferentes, cada uma a emitir uma versão alternativa. Na outra versão ouvia-me dizer que não queria que o Frank soubesse nada. E que tenho filhos à minha espera em casa. E que, por mais que eu dissesse ou tentasse explicar-lhes, continuaria a haver algo inerentemente egoísta em tudo isto.

Quando parou de falar, Dawson observou que ela rodava distraidamente a aliança no dedo.

– A Annette ainda é pequena – continuou ela. – Não consigo imaginar-me a abandoná-la e ao mesmo tempo também não me consigo imaginar a tirá-la ao pai. Como é que conseguiria explicar-lhe uma coisa destas? De uma forma que ela compreendesse? E o Jared e a Lynn? Eles são quase adultos, mas seria mais fácil para eles? Saberem que eu tinha destruído a família para poder estar contigo? Como se estivesse a tentar reviver a minha juventude? – Falou num tom angustiado. – Amo os meus filhos e teria um desgosto enorme ao ver a sua desilusão sempre que olhassem para mim.

– Eles amam-te – disse Dawson, engolindo o nó que sentia na garganta.

– Eu sei. Mas não quero colocá-los nessa posição – disse, arrancando fragmentos de tinta lascada na cadeira de baloiço. – Não quero que me odeiem nem que fiquem desapontados comigo. E o Frank... – O ar saiu entrecortado. – Sim, ele tem problemas, e sim, sei que estou sempre a questionar o que sinto por ele. Mas não é um homem mau e sei que uma parte de mim vai gostar sempre dele. Por vezes, sinto que é por minha causa que ele consegue funcionar tão bem como ainda funciona. Contudo, não é o tipo de homem que conseguiria compreender se eu o deixasse por outro. Acredita quando te digo que ele não conseguiria recuperar de uma coisa dessas. Iria simplesmente... destruí-lo, e depois? Começaria a beber ainda mais do que já bebe? Ou mergulharia numa enorme depressão da qual não conseguiria sair? Não sei se sou capaz de lhe fazer uma coisa dessas. – Os ombros descaíram. – E depois, claro, existes tu.

Dawson pressentiu o que ela ia dizer.

– Este fim de semana foi maravilhoso, mas não é a vida real. Foi uma espécie de lua de mel e depois de algum tempo o entusiasmo vai desaparecer. Podemos tentar enganar-nos e dizer que isso nunca aconteceria, podemos fazer todas as promessas que quisermos, mas é inevitável, e depois disso nunca mais vais olhar para mim como olhas agora. Eu deixarei de ser a mulher com quem sonhas ou a miúda que amaste em

tempos. E tu deixarás de ser o meu amor perdido, o verdadeiro amor da minha vida. Passarás a ser uma pessoa que os meus filhos detestam porque destruíste a nossa família e começarás a ver-me como sou na realidade. Dentro de poucos anos não passarei de uma simples cinquentona com três filhos que talvez a odeiem ou não e que talvez acabe por se odiar por causa de tudo isto. E no fim também vais acabar por me odiar.

– Isso não é verdade. – A voz de Dawson era resoluta.

Amanda tentou mostrar-se corajosa.

– É verdade, sim – afirmou. – As luas de mel chegam sempre ao fim.

Dawson estendeu o braço para ela e pousou-lhe uma mão pousou na coxa.

– Estarmos juntos não tem que ver com uma lua de mel. Tem que ver com as pessoas reais que somos. Quero acordar ao teu lado todas as manhãs, quero passar as noites a olhar para ti do outro lado da mesa de jantar. Quero partilhar contigo todos os pormenores mais banais do meu dia e ouvir cada pormenor do teu. Quero rir-me contigo e adormecer contigo nos meus braços. Porque não és apenas uma pessoa que amei em tempos. Eras a minha melhor amiga, trazias ao de cima o melhor que havia em mim e não me consigo imaginar a desistir disso outra vez. – Hesitou, à procura das palavras certas. – Podes não perceber, mas dei-te o melhor de mim e quando partiste nada voltou a ser igual. – Dawson sentiu as palmas das mãos húmidas. – Sei que tens medo e eu também tenho. Mas, se desistirmos disso, se fingirmos que nada disto aconteceu, então não sei se voltaremos a ter outra oportunidade. – Ergueu a mão para lhe afastar uma madeixa de cabelo dos olhos. – Ainda somos novos. Ainda temos tempo para fazer isto resultar.

– Não somos assim tão novos...

– Somos, sim – insistiu Dawson. – Ainda temos o resto das nossas vidas pela frente.

– Eu sei – sussurrou ela. – É por isso que preciso que faças uma coisa por mim.

– O que quiseres.

Amanda beliscou o nariz para tentar conter as lágrimas.

– Por favor... não me peças para ir contigo, porque se o fizeres, eu vou. Por favor, não me peças para contar ao Frank acerca de nós, porque eu conto. Por favor, não me peças para abdicar das minhas responsabilidades ou para me separar da minha família. – Inspirou fundo, engolindo o ar como alguém a afogar-se. – Amo-te, e se também me amas não podes pedir-me para fazer essas coisas. Porque não confio o bastante em mim própria para dizer não.

Quando Amanda acabou, ele não disse nada. Não queria admitir, mas sabia que havia verdade no que ela acabara de dizer. Destruir a sua família mudaria tudo; acabaria por transformá-la e, embora o assustasse, lembrou-se da carta de Tuck. Talvez ela precisasse de mais tempo, como ele dissera. Ou talvez tivesse chegado realmente ao fim e estivesse na hora de seguir em frente.

Mas não era possível. Pensou em todos os anos em que sonhara voltar a vê-la e pensou no futuro que poderiam nunca viver juntos. Não queria dar-lhe tempo, queria que ela o escolhesse agora. Contudo, também sabia que ela precisava daquilo, talvez mais do que qualquer outra coisa de que alguma vez precisara, e expirou, esperando que isso tornasse as palavras mais fáceis.

– Está bem – murmurou por fim.

Amanda começou a chorar. Debatendo-se com as emoções que o transtornavam, Dawson levantou-se. Ela fez o mesmo e ele puxou-a para si, sentindo-a cair nos seus braços. Enquanto inspirava o seu cheiro, várias imagens vieram-lhe ao pensamento – a luz do sol a incidir-lhe no cabelo quando a vira sair da oficina ao chegar à casa de Tuck; a elegância natural com que se movia por entre as flores silvestres em Vandemere; o momento silencioso e voraz em que os seus lábios se tinham tocado pela primeira vez no conforto de uma casinha de campo cuja existência ele desconhecia. E agora que o fim estava próximo era como se estivesse a ver os últimos vestígios de luz desvanecerem-se na escuridão de um infundável túnel.

Mantiveram-se abraçados durante muito tempo no alpendre. Amanda escutou o coração dele bater e sentiu que nada voltaria a fazer tanto sentido. Desejou o impossível, desejou poder recomeçar. Desta vez, faria tudo certo: ficaria com ele e nunca mais o abandonaria. Estavam destinados um para o outro, pertenciam um ao outro. *Ainda havia tempo para ambos.* Quando sentiu as mãos dele no seu cabelo, só conseguiu murmurar:

– Ainda bem que voltei a encontrar-te, Dawson Cole.

Dawson sentiu a textura macia e aveludada, quase luxuriante, do cabelo de Amanda.

– Talvez pudéssemos repetir um dia?

– Talvez – disse ela. Limpou uma lágrima que lhe escorria pela face. – Quem sabe? Talvez acabe por ganhar juízo e apareça um dia no Luisiana. Eu e os miúdos, é claro.

Dawson forçou um sorriso, sentindo uma desesperada e fútil esperança agitar-lhe o peito.

– Eu faço o jantar – disse. – Para todos.

Estava na hora de ela se ir embora. Quando desceram do alpendre, Dawson estendeu a mão e ela agarrou-a, apertando-a com tanta força que quase doeu. Foram buscar as suas coisas ao *Stingray* e dirigiram-se sem pressa para os carros. Os sentidos de Dawson estavam extremamente apurados – o sol matinal a fazer-lhe cócegas na nuca, a brisa suave como uma pena e as folhas a sussurrar, mas nada daquilo parecia real. Só sabia que tudo estava a chegar ao fim.

Amanda continuava a segurar-lhe a mão. Quando chegaram ao carro, Dawson abriu a porta e voltou-se para ela. Beijou-a suavemente antes de lhe percorrer o rosto com os lábios, acompanhando o rasto das lágrimas. Percorreu-lhe a linha do queixo e lembrou-se das palavras que Tuck escrevera. Com uma súbita certeza, soube que nunca conseguiria seguir em frente apesar do que ele lhe pedira. Amanda era a única mulher que alguma vez amara, a única mulher que alguma vez quisera amar.

Pouco depois, Amanda obrigou-se a afastar-se dele. Sentou-se ao volante, rodou a chave na ignição e fechou a porta antes de descer o vidro da janela. Os olhos de Dawson estavam brilhantes de lágrimas. Ela engrenou a marcha-atrás com relutância. Dawson desviou-se para o lado sem dizer nada, mas a dor que sentia estava gravada na expressão angustiada do rosto de Amanda.

Ela deu a volta com o carro e virou-o para a entrada. O mundo estava desfocado no meio das lágrimas. Quando fez a curva do caminho de acesso, olhou pelo espelho

retrovisor e sufocou um soluço enquanto o reflexo de Dawson ia ficando cada vez mais pequeno. Ele não se tinha mexido.

Amanda chorou ainda mais quando o carro ganhou velocidade. As árvores comprimiram-se à sua volta. Queria parar e voltar para ele, dizer-lhe que tinha coragem de ser a pessoa que queria ser. Sussurrou o seu nome e, apesar de ser impossível ouvi-la, Dawson levantou o braço, oferecendo-lhe um último adeus.

4

Quando Amanda chegou a casa, a mãe estava sentada no alpendre a beber um copo de chá gelado e a ouvir música baixinho no rádio. Amanda passou por ela sem lhe dirigir a palavra e subiu para o quarto. Abriu a torneira do chuveiro e despiu-se. Parou à frente do espelho, nua, a sentir-se completamente vazia e exausta.

O forte fluxo do chuveiro pareceu-lhe quase um castigo e quando saiu por fim vestiu um par de calças de ganga e uma blusa simples de algodão. Começou a arrumar as suas coisas na mala. Guardou o trevo num dos compartimentos com fecho da carteira. Como costumava fazer, tirou os lençóis da cama e levou-os para a lavandaria. Enfiou-os na máquina de lavar, a movimentar-se em piloto automático.

De volta ao quarto, continuou a pensar na lista das coisas que tinha para fazer. Lembrou-se que a máquina de gelo do frigorífico lá de casa precisava de ser arranjada; tinha-se esquecido de tratar disso antes de vir. Também teria de começar a planear a campanha de angariação de fundos. Há algum tempo que andava a adiar, mas o mês de setembro estava à porta. Precisava de um fornecedor de comida e bebidas e talvez fosse boa ideia começar a pedir donativos para os cabazes de oferta. Lynn tinha de se inscrever nas aulas de preparação para os exames de acesso à universidade e não se lembrava se já tinham feito o depósito para o quarto de Jared na residência universitária. Annette voltaria para casa no fim dessa semana e muito provavelmente ia querer alguma coisa especial para o jantar.

Estava a fazer planos. A tentar seguir em frente depois daquele fim de semana, a entrar de novo na sua vida real. À semelhança da água do chuveiro que lhe apagara do corpo o cheiro de Dawson, também aquilo lhe parecia uma espécie de castigo.

No entanto, mesmo quando a sua mente começou a desacelerar, apercebeu-se de que ainda não estava preparada para descer. Em vez disso, sentou-se na cama, com a luz do sol a iluminar suavemente o quarto, e de repente lembrou-se da imagem de Dawson parado no caminho de acesso da casa de Tuck. A imagem foi tão nítida e tão vívida como se estivesse a acontecer outra vez e, inesperadamente – apesar de tudo –, soube que estava a tomar a decisão errada. Ainda estava a tempo voltar para ele e, juntos, poderiam encontrar uma maneira de fazerem com que aquilo resultasse, fossem quis fossem os obstáculos. Com o tempo, os filhos acabariam por lhe perdoar; com o tempo, conseguiria até perdoar-se a si mesma.

Mesmo assim, estava paralisada, incapaz de ganhar coragem para se mexer.

– Amo-te – sussurrou no quarto silencioso, sentindo que o seu futuro estava a ser levado para longe, como grãos de areia no vento, um futuro que já lhe parecia quase um sonho.



Marylin Bonner estava parada na cozinha da casa da quinta, a observar ociosamente os trabalhadores que faziam ajustes no sistema de rega do pomar. Apesar da chuva torrencial do dia anterior, as árvores tinham de ser regadas e ela sabia que os homens passariam ali uma grande parte do dia, embora fosse fim de semana. Ao longo dos anos acabara por chegar à conclusão de que o pomar era como uma criança mimada, sempre a necessitar de mais cuidados, de um pouco mais de atenção, nunca completamente satisfeito.

Porém, o verdadeiro coração do negócio ficava depois do pomar, na pequena fábrica onde eram colocadas em frascos as compotas e as geleias. Durante a semana trabalhava lá uma dúzia de pessoas, mas ao fim de semana ficava deserta. Quando a construíra, lembrava-se das pessoas da cidade a sussurrarem que o seu negócio nunca conseguiria suportar o investimento naquela infraestrutura. E naquela altura talvez *tivesse* sido um risco, mas aos poucos os sussurros tinham sido silenciados. Nunca ficaria rica a fazer geleias e compotas, mas sabia que o negócio era bom para deixar aos filhos e permitir-lhes-ia viverem uma vida confortável. No fundo, era a única coisa que queria.

Continuava vestida com a mesma roupa que usara para ir à missa e ao cemitério. Regra geral, vestia outra coisa logo que chegava a casa, mas hoje não parecia ter energia para isso. Não tinha fome, e isso também era estranho. Qualquer outra pessoa poderia pensar que estava a ficar doente, mas Marylin sabia muito bem o que a incomodava.

Virou-se de costas para a janela e inspecionou a cozinha. Mandara renová-la alguns anos antes, bem como as casas de banho e grande parte do rés do chão, e deu por si a pensar que a velha casa começava por fim a parecer um lar – ou melhor, o tipo

de lar que sempre desejara ter. Antes da renovação, a casa lembrava-lhe mais a casa dos pais, uma sensação que começou a incomodá-la cada vez mais à medida que os anos iam passando. Muitas coisas a tinham incomodado ao longo da vida adulta, mas, por muito duros que alguns anos tivessem sido, aprendera com a experiência. Apesar de tudo, tinha menos arrependimentos do que as pessoas poderiam imaginar.

Contudo, estava preocupada com o que vira nesse dia e pensou no que devia fazer. Ou até se não devia fazer nada. Poderia fingir que não sabia o que significava e deixar que o tempo fizesse a sua magia.

No entanto, aprendera da forma mais difícil que ignorar uma situação nem sempre dava bom resultado. Pegou na carteira e de repente soube o que tinha de fazer.



Depois de enfiar os últimos caixotes no banco do passageiro, Candy entrou de novo em casa e retirou a estatueta de ouro do Buda do parapeito da janela da sala de estar. Por muito feia que fosse, sempre gostara dela e estava convencida de que lhe trouxera sorte. Também era a sua apólice de seguro e, quer lhe trouxesse sorte quer não, pretendia penhorá-la logo que pudesse porque precisava do dinheiro para poder recomeçar.

Embrulhou o Buda em papel de jornal e guardou-o no porta-luvas antes de dar um passo atrás para verificar a arrumação. Estava espantada por ter conseguido enfiar tudo dentro do *Mustang*. O porta-bagagens mal fechava, o lugar do passageiro estava tão atravancado que não conseguia ver pela janela lateral e havia coisas enfiadas em todos os cantos e recantos. Tinha de parar de fazer compras *online*. No futuro precisaria de um carro maior, caso contrário aquelas fugas repentinas seriam muito mais difíceis. Claro que podia ter deixado algumas coisas. A máquina de fazer *cappuccino* que comprara na Williams-Sonoma, por exemplo, mas precisara dela em Oriental para não sentir que estava a viver no meio do nada. Era um pequeno toque da cidade, por assim dizer.

Em todo o caso, aquela parte estava feita. Nessa mesma noite terminaria o turno no Tidewater e far-se-ia à estrada, rumando para sul quando chegasse à I95. Decidira mudar-se para a Florida. Tinha ouvido muitas coisas promissoras sobre South Beach e pareceu-lhe o tipo de lugar onde poderia ficar uns tempos. Ou talvez viver para sempre. Bem sabia que já dissera aquilo antes e ainda não dera em nada, mas uma miúda tinha de sonhar, certo?

A noite de sábado tinha sido muito generosa em gorjetas, mas sexta-feira fora uma desilusão e era por isso que decidira ficar mais uma noite. A noite de sexta-feira tinha começado bem – vestira um *top* justo e um par de calções curtos, e os tipos quase despejavam as carteiras a tentar atrair a sua atenção, mas depois Abee chegara e estragara tudo. Tinha-se sentado a uma mesa, com um aspeto muito doente e a transpirar como se tivesse acabado de sair de uma sauna, e passara a meia hora seguinte a observá-la com aquele seu olhar de louco.

Já vira aquele olhar antes – uma espécie de paranoia possessiva –, mas na noite de sexta-feira Abee levava-o a um nível nunca visto. Aquele fim de semana nunca mais chegava ao fim. Tinha a impressão de que ele se preparava para fazer alguma coisa

estúpida ou até perigosa. Tinha a certeza de que ia começar alguma coisa naquela noite, mas felizmente recebera um telefonema e saíra à pressa. Candy quase esperava encontrá-lo à porta de casa no sábado de manhã ou à sua espera no bar à noite, mas, estranhamente, ele não aparecera. Para seu alívio, também não aparecera hoje. E ainda bem, pois o carro cheio de coisas denunciava os seus planos e com toda a certeza ele não ficaria muito contente com a ideia. Apesar de não querer admitir, Abee assustava-a. E na sexta-feira também assustara metade da clientela do bar, que começara a esvaziar quando ele entrara, e fora por isso que as gorjetas tinham parado. Mesmo depois de ele sair, a maior parte dos clientes não voltara.

Todavia, estava a chegar ao fim. Mais um turno e sairia dali. Em breve, Oriental não passaria de uma simples memória, como todos os outros lugares onde vivera.



Para Alan Bonner, os domingos eram sempre um pouco deprimentes porque sabia que o fim de semana estava a chegar ao fim. Chegara à conclusão de que, afinal, trabalhar não era tão bom como diziam.

Não que tivesse grande escolha. A mãe insistia sempre que ele tinha de *seguir o seu caminho no mundo*, ou fosse lá como ela dizia, o que era uma chatice. Seria bom se o tivesse contratado para ser gerente da fábrica, onde poderia passar os dias sentado num gabinete com ar condicionado a dar ordens e a supervisionar tudo em vez de andar a entregar aperitivos e guloseimas em lojas de conveniência. Mas o que podia fazer? A mãe é que mandava e estava a guardar esse lugar para a irmã, Emily. Ao contrário dele, Emily fizera uma licenciatura.

Porém, nem tudo era mau. Tinha uma casa, graças à mãe, e as contas da água e da luz eram pagas pelo pomar, por isso ficava com a maior parte do dinheiro que ganhava. O melhor de tudo era que podia fazer o que queria, o que representava uma grande melhoria em comparação com os anos em que vivera na casa grande. Além disso, trabalhar para a mãe, mesmo num gabinete com ar condicionado, não teria sido fácil. Em primeiro lugar, se trabalhasse para a mãe, andariam sempre a chocar um com o outro e nem ele nem ela gostariam disso. Para além de a mãe ser rigorosa com a papelada – que nunca fora um dos seus pontos fortes –, sabia que as coisas estavam melhor assim. Podia fazer quase sempre o que queria, quando queria, e tinha as noites e os fins de semana por sua conta.

A noite de sexta-feira tinha sido especialmente divertida porque o Tidewater não estava tão cheio como era habitual. Pelo menos, depois de Abee chegar. Os clientes tinham começado a debandar num ápice. No entanto, ele mantivera-se ao balcão e durante algum tempo fora muito... *agradável*. Pudera conversar com Candy e ela até parecia estar interessada no que ele estava a dizer. Evidentemente, ela era simpática com todos os clientes, mas ficara com a impressão de que tinha gostado dele. Pensara repetir a dose no sábado, mas o bar estava apinhado. Havia filas intermináveis para as bebidas ao balcão e todas as mesas estavam ocupadas. Mal conseguia ouvir os seus pensamentos, quanto mais conversar com ela.

No entanto, Candy sorria-lhe sempre que ele gritava um pedido e isso deu-lhe alguma esperança para essa noite. Aos domingos à noite, o Tidewater nunca enchia e

passou a manhã a ganhar coragem para a convidar para sair. Não sabia se ela aceitaria, mas não tinha nada a perder. Afinal de contas, ela não era casada, pois não?

A três horas de distância, a oeste, Frank estava parado no relvado do décimo terceiro buraco, a beber uma cerveja enquanto Roger se preparava para colocar a bola no buraco. Roger estava a jogar bem, muito melhor que ele. Hoje, Frank não conseguia acertar uma única bola. As suas tacadas longas saíam tortas e as tacadas curtas não chegavam onde queria, já para nem falar na finalização das jogadas.

Tentou lembrar a si mesmo que não estava ali para se preocupar com a pontuação. Era uma oportunidade para sair do consultório e passar tempo com o melhor amigo; era uma oportunidade para apanhar um pouco de ar puro e descontraír. Infelizmente, os lembretes não estavam a adiantar. Todos sabiam que a verdadeira alegria do golfe era fazer aquela maravilhosa tacada, a longa bola arqueada directamente para a zona entre o *tee* e o *green*, ou a tacada curta que acabava a meio metro do buraco. Até agora, não fizera uma única tacada que valesse a pena lembrar, e só conseguira fazer o oitavo buraco ao fim de cinco tentativas. *Cinco!* Tendo em conta como estava a jogar hoje, mais valia estar no campo de minigolfe a tentar passar a bola entre as pás do moinho e a enfiá-la na boca do palhaço. Nem sequer o facto de Amanda voltar para casa lhe aliviou a irritação. Como as coisas estavam, nem sequer sabia se queria ver o jogo mais tarde. Não ia divertir-se.

Bebeu mais um gole de cerveja até esvaziar a lata e pensou que fora boa ideia trazer uma geleira bem cheia. Ia ser um dia longo.

Jared adorava o facto de a mãe estar fora, pois podia sair até às horas que lhe apetecia. Aquela ideia de ter uma hora para voltar para casa era ridícula. Andava na universidade e os estudantes universitários podiam sair até à hora que queriam, mas pelos vistos ninguém informara a mãe. Quando ela voltasse de Oriental teria de lhe fazer ver as coisas.

Mas nesse fim de semana não tivera esse problema. Quando o pai adormecia, era como se morresse para o mundo e Jared podia voltar para casa quando bem entendia. Na noite de sexta-feira estivera fora até às duas da manhã e na noite anterior só voltara para casa às três. O pai não dera por nada. Ou talvez sim, mas Jared não tinha maneira de saber. Quando se levantara nessa manhã, ele já estava no campo de golfe com o seu amigo Roger.

Todavía, as noites tinham feito estragos. Depois de procurar alguma coisa para comer no frigorífico, decidiu ir dormir uma sesta para o quarto. Às vezes não havia nada melhor do que fazer uma sesta durante a tarde. A irmã mais nova estava na colónia de férias, Lynn estava no lago Norman e os pais não estavam em casa. Ou seja, a casa estava silenciosa, ou pelo menos tão silenciosa como sempre durante o verão.

Estendeu-se na cama e perguntou a si mesmo se devia desligar o telemóvel. Por um lado, não queria ser incomodado, mas por outro Melody podia ligar-lhe. Tinham

saído na noite de sexta-feira, na noite anterior tinham ido juntos a uma festa e, embora já não namorassem há muito tempo, gostava dela. Na verdade, gostava muito dela.

Deixou o telemóvel ligado e enfiou-se na cama. Passados alguns minutos já dormia.



Quando acordou, Ted sentiu uma dor lancinante na cabeça e, embora as imagens estivessem fragmentadas, a pouco e pouco tudo começou a fazer sentido. Dawson, o nariz partido, o hospital. O braço engessado. A noite passada, à espera à chuva enquanto Dawson se mantinha longe, a brincar com ele...

Dawson. A brincar. Com ele.

Sentou-se com cuidado, com a cabeça latejar e o estômago às voltas. Estremeceu, mas até isso lhe doía, e quando tocou na cara sentiu uma dor fortíssima. Tinha o nariz do tamanho de uma batata e sentiu ondas de profunda náusea. Perguntou a si mesmo se conseguiria ir até à casa de banho para fazer um xixi.

Pensou de novo na alavanca para desmontar pneus a esmagar-lhe a cara, pensou de novo na terrível noite que passara à chuva e sentiu que a raiva começava a aumentar. Ouviu o bebé chorar na cozinha, uns guinchos agudos mais altos do que o ruído da televisão. Franziu os olhos, numa tentativa falhada de bloquear os sons, e por fim conseguiu levantar-se da cama a cambalear.

Não via nada no canto dos olhos e estendeu uma mão para se apoiar à parede e não cair. Inspirou fundo, cerrou os dentes quando o bebé continuou a chorar e perguntou a si mesmo porque é que Ella ainda não calara o raio do miúdo. E porque raio estava a televisão tão alta.

Tropeçou a caminho da casa de banho, mas quando levantou o braço engessado de depressa de mais para não cair sentiu uma dor tão forte que foi como se tivesse um fio elétrico ligado ao braço. Quando gritou, a porta do quarto abriu-se de rompão atrás de si. Os guinchos do bebé eram como uma faca espetada nos seus ouvidos e quando se voltou viu duas Ellas e dois bebês.

– Cala-me já esse miúdo, se não calo-o eu – rosnou. – E desliga a porcaria da televisão!

Ella recuou para fora do quarto. Ted virou-se e fechou um dos olhos enquanto procurava a *Glock*. A visão dupla desapareceu a pouco e pouco e avistou a arma em cima da mesa de cabeceira, ao lado das chaves da carrinha de caixa aberta. Precisou de duas tentativas para conseguir pegar nela. Dawson levava a melhor durante todo o fim de semana, mas estava na hora de pôr fim àquilo.

Visivelmente preocupada, Ella olhou-o fixamente quando ele saiu do quarto, com olhos tão grandes como pires. Conseguira acalmar o bebé, mas esquecera-se da televisão. O som martelou dentro da sua cabeça. Ted cambaleou até à pequena sala de estar e deu um pontapé no aparelho, que se espatifou no chão. A filha de três anos começou a gritar e Ella e o bebé começaram a choramingar. Quando saiu de casa, Ted sentiu o estômago embrulhar-se e foi acometido por ondas de náusea.

Dobrou-se e vomitou na ponta do alpendre. Limpou a boca antes de enfiar a pistola no bolso e desceu os degraus com cuidado, agarrado ao corrimão. A carrinha não

passava de uma mancha desfocada, mas caminhou na direção do seu contorno.

Dawson não voltaria a escapar-lhe. Não desta vez.

✽

Abee estava à janela de casa e viu Ted dirigir-se a cambalear para a carrinha de caixa aberta. Sabia exatamente para onde ele ia, embora estivesse a demorar uma eternidade a chegar ao veículo. A cambalear para a direita e para a esquerda, parecia incapaz de andar em linha reta.

Por muito mal que se tivesse sentido na noite anterior, nessa manhã Abee estava muito melhor do que nos últimos dias. Os remédios do veterinário deviam ter resultado pois a febre desaparecera e, apesar de ainda doer, o corte na barriga não estava tão vermelho como no dia anterior.

Não se sentia a cem por cento. Longe disso. Mas estava muito melhor do que Ted, não tinha dúvidas, e a última coisa que queria era que o resto da família visse o estado em que o irmão se encontrava. Já ouvira algumas conversas na propriedade sobre como Dawson *voltara* a levar a melhor sobre Ted e isso não era bom. Podia levar os outros a convencerem-se de que talvez conseguissem levar a melhor sobre si e era a última coisa de que precisava naquele momento.

Alguém tinha de cortar aquele problema pela raiz. Abee abriu a porta e começou a dirigir-se para o irmão.



Depois de lavar a sujidade deixada pela chuva no *Stingray*, Dawson arrumou a mangueira e dirigiu-se para o riacho nas traseiras da casa de Tuck. A tarde aquecera tanto que os ruivos não saltavam e o ribeiro apresentava a inanimada qualidade de vidro. Não se via um único movimento na água e Dawson deu por si a recordar os últimos momentos com Amanda.

Enquanto ela se afastava no carro, tivera de se controlar para não correr atrás dela e tentar uma vez mais convencê-la a mudar de ideia. Queria voltar a dizer-lhe o quanto a amava. Em vez disso, ficara ali parado a vê-la afastar-se, sabendo que era a última vez que a via e perguntando a si mesmo porque é que a deixara escapar de novo.

Não devia ter voltado. Aquele não era o seu lugar e nunca fora. Não havia nada para si ali e estava na hora de partir. No ponto em que as coisas estavam, sabia que estava a abusar da sorte com os primos por ter ficado tanto tempo. Virou-se e percorreu a parte lateral da casa, dirigindo-se para o carro. Tinha uma última paragem para fazer na cidade e depois deixaria Oriental para sempre.



Amanda não sabia muito bem há quanto tempo estava no quarto no primeiro andar. Uma hora ou duas, talvez mais. Sempre que espreitava pela janela, via a mãe sentada no alpendre com um livro aberto no colo. A mãe tapara a comida para manter as moscas afastadas. Desde que ela voltara para casa, não se levantara uma única vez para ir ver como ela estava e Amanda não esperava que o fizesse. Conheciam-se suficientemente bem para saber que ela só desceria quando estivesse preparada.

Frank telefonara do campo de golfe. Tiveram uma conversa breve, mas Amanda

sentiu a bebida na sua voz. Dez anos tinham-lhe ensinado a reconhecer imediatamente os sinais. Embora ela não estivesse com vontade de falar, Frank não reparara. Não por estar embriagado, que era obviamente o caso, mas porque, apesar de um desastroso início de jogo, ele acabara com quatro jogadas perfeitas. Talvez pela primeira vez na vida, Amanda ficou contente por Frank estar a beber. Sabia que quando chegasse a casa estaria tão cansado que acabaria por adormecer muito antes de ela ir para a cama. A última coisa que queria era que ele estivesse a pensar em sexo. Nessa noite, não estava em condições de aguentar isso.

Ainda assim, continuava a não se sentir preparada para descer. Levantou-se da cama e foi à casa de banho, onde procurou um frasco de colírio no armário dos medicamentos. Deitou algumas gotas nos olhos vermelhos e inchados e penteou o cabelo. Não adiantou muito, mas não se importou e sabia que Frank não repararia.

Porém, Dawson teria reparado. E se estivesse com ele teria cuidado com a sua aparência.

Voltou a pensar nele, como fazia desde que voltara para casa, e tentou controlar as suas emoções. Olhou para as malas que fizera antes e reparou na ponta de um envelope a sair na carteira. Pegou nele e viu o seu nome escrevinhado na trémula caligrafia de Tuck. Sentou-se de novo na cama e retirou a carta do envelope, ocorrendo-lhe a estranha ideia de que ele tinha as respostas de que precisava.

✧

Querida Amanda,

Quando leres esta carta, é possível que estejas perante algumas das escolhas mais difíceis da tua vida e sentirás sem dúvida que o teu mundo se está a desmoronar.

Se estiveres a tentar perceber como sei, digamos apenas que durante estes últimos anos passei a conhecer-te muito bem. Sempre me preocupei contigo, Amanda. Mas não é disso que trata esta carta. Não posso dizer-te o que deves fazer e duvido que possa dizer alguma coisa para te fazer sentir melhor. Em vez disso, quero contar-te uma história. É sobre mim e a Clara, e é uma história que não conheces porque nunca consegui encontrar a forma certa de ta contar. Tinha vergonha e acho que temia que deixasses de me visitar por poderes pensar que te tinha mentido desde o início.

A Clara não era um fantasma. Oh, eu via-a, e também a ouvia. Não estou a dizer que essas coisas não aconteciam, porque aconteciam. Tudo o que escrevi na carta para ti e para o Dawson era verdade. Eu vi-a no dia em que voltei da casa de campo e, quanto mais cuidava das flores, maior era a nitidez com que a via. O amor faz-nos ver muitas coisas, mas no fundo eu sabia que ela não estava verdadeiramente ali. Via-a porque queria vê-la, ouvia-a porque sentia saudades dela. Creio que o que estou a tentar dizer é que ela não passava de uma criação minha, nada mais, por muito que quisesse convencer-me do contrário.

Talvez estejas a perguntar a ti mesma porque é que estou a contar-te isto

agora, por isso vou direto ao assunto. Casei-me com a Clara aos dezassete anos e passámos quarenta e dois anos juntos, unindo as nossas vidas e os nossos seres num todo que eu pensava que jamais seria quebrado. Quando ela morreu, os vinte e oito anos seguintes foram tão dolorosos que a maior parte das pessoas – incluindo eu – achava que eu tinha perdido o juízo.

Tu ainda és jovem, Amanda. Podes não sentir isso, mas para mim és apenas uma criança com uma longa vida pela frente. Ouve com atenção o que te digo: vivi com a verdadeira Clara e também vivi com o seu fantasma, e, das duas Claras, uma encheu-me de felicidade e a outra não passava de um ténue reflexo. Se virares as costas ao Dawson agora, viverás o resto da tua vida com o fantasma do que podia ter sido teu. Sei que nesta vida muitas pessoas inocentes acabam inevitavelmente por sofrer com as decisões que tomamos. Podes dizer que sou um velho egoísta, mas nunca quis que fosses uma delas.

Tuck

Amanda guardou a carta na carteira, sabendo que ele tinha razão. Sentiu a verdade daquelas palavras tão profundamente que quase não conseguia respirar.

Com uma urgência desesperada que não compreendeu bem, pegou nas malas e desceu as escadas. Normalmente, tê-las-ia deixado na entrada até estar pronta para sair. No entanto, abriu a porta e dirigiu-se diretamente para o carro.

Atirou as malas para o porta-bagagens antes dar a volta ao carro. Só então viu a mãe parada no alpendre a observá-la.

Amanda não disse nada e a mãe também não. Limitaram-se a olhar uma para a outra. Amanda teve a estranha sensação de que a mãe sabia exatamente para onde ela ia, mas, com as palavras de Tuck ainda a ecoarem-lhe nos ouvidos, não se importou. A única coisa que sabia era que tinha de encontrar Dawson.

Talvez ele estivesse na casa de Tuck, mas duvidava. Não teria demorado muito a lavar o carro e, com os primos por perto, ela sabia que ele não ficaria em Oriental.

Mas havia um sítio onde ele dissera que talvez fosse...

De repente lembrou-se das suas palavras, sem um pensamento consciente, e entrou no carro, sabendo exatamente onde ele poderia estar.

✧

Dawson chegou ao cemitério, saiu do carro e percorreu a curta distância até à campa de David Bonner.

No passado, sempre que vinha ao cemitério, fazia-o a horas pouco habituais e esforçava-se por passar despercebido e manter-se anónimo.

Porém, hoje não seria possível. Aos fins de semana, o cemitério costumava estar cheio e havia grupos de pessoas a caminhar por entre as campas. Ninguém pareceu reparar nele, mas ainda assim manteve a cabeça baixa.

Quando chegou por fim, reparou que o ramo de flores que deixara na sexta-feira continuava lá, mas alguém o afastara para o lado. Talvez o jardineiro, quando cortara a relva. Baixou-se e arrancou algumas ervas esquecidas junto da lápide.

Voltou a pensar em Amanda e sentiu uma solidão intensa. Sabia que a sua vida fora amaldiçoada desde o dia em que nascera e fechou os olhos para rezar uma última oração por David Bonner, sem reparar que uma segunda sombra se juntara à sua. Sem perceber que estava alguém de pé atrás de si.



Logo que chegou à estrada principal que atravessava Oriental, Amanda parou no cruzamento. Se virasse à esquerda, passaria pela marina e chegaria à casa de Tuck. Se virasse à direita, sairia da cidade e entraria na estrada rural que a levaria para casa. À sua frente, depois de uma vedação de ferro forjado, ficava o cemitério. Era o maior cemitério de Oriental, o lugar onde o Dr. David Bonner estava sepultado. Lembrava-se de Dawson lhe ter dito que talvez passasse por lá antes de se ir embora.

Os portões do cemitério estavam abertos. Amanda examinou meia dúzia de carros e carrinhas de caixa aberta no parque de estacionamento, à procura do carro que Dawson alugara, e a sua respiração ficou suspensa quando o avistou. Três dias antes ele estacionara-o ao lado do seu quando fora à casa de Tuck. Nessa manhã, estava junto do carro quando Dawson a beijara uma última vez.

Dawson estava ali.

Ainda somos novos, dissera-lhe ele. Ainda temos tempo para fazer isto resultar.

Tinha o pé no travão. Na estrada principal, uma carrinha passou em direção ao centro da cidade, bloqueando-lhe momentaneamente a vista. Tirando isso, a estrada estava deserta.

Se atravessasse a estrada e estacionasse, sabia que o encontraria. Lembrou-se da carta de Tuck, dos anos de luto que ele vivera sem a presença de Clara, e nesse momento soube que tomara a decisão errada. Não conseguia imaginar uma vida sem Dawson.

Consequia ver a cena desenrolar-se na sua mente. Surpreenderia Dawson junto da campa do Dr. Bonner e dir-lhe-ia que tinha tomado a decisão errada ao deixá-lo. Sentiu a felicidade que sentiria quando ele a abraçasse mais uma vez, sabendo que estavam destinados a ficar juntos.

Se voltasse para ele, sabia que o seguiria para qualquer lado. Ou que ele a seguiria a ela. Ainda assim, as responsabilidades continuavam a pesar-lhe na consciência e retirou lentamente o pé do travão. Em vez de continuar em frente, deu por si a virar o volante e um soluço ficou preso no seu peito enquanto conduzia para a estrada principal, em direção a casa.

Começou a acelerar e tentou convencer-se uma vez mais de que tomara a decisão certa, a única decisão realista que podia tomar. Atrás de si, o cemitério começou a ficar cada vez mais longe.

– Perdoa-me, Dawson – murmurou, desejando que ele conseguisse ouvi-la de alguma forma, desejando nunca mais precisar de dizer aquelas palavras.



Um ligeiro ruído atrás de si interrompeu-lhe os pensamentos e Dawson levantou-se

rapidamente. Surpreendido, reconheceu-a logo, mas não conseguiu falar.

– Estás aqui – declarou Marilyn Bonner. – Na campa do meu marido.

– Peço desculpa – disse ele, a olhar para o chão. – Não devia ter vindo.

– Mas vieste – disse Marylin. – E também estiveste aqui há pouco tempo. – Como Dawson não respondeu, ela apontou com a cabeça para as flores. – Faço questão de vir cá depois da missa. Aquelas flores não estavam aqui no fim de semana passado e estão demasiado frescas para terem sido deixadas no princípio da semana. Deixa-me adivinhar... sexta-feira?

Dawson engoliu em seco antes de responder.

– De manhã.

O olhar dela era inflexível.

– Também costumavas fazer isso há muito tempo. Depois de saíres da prisão? Eras tu, não eras?

Dawson não falou.

– Bem me parecia – disse ela. Suspirou e aproximou-se mais da lápide. Dawson desviou-se, dando-lhe espaço enquanto ela se concentrava na inscrição. – Muitas pessoas vinham pôr flores na campa depois de o David morrer. E assim foi durante um ano ou dois, mas depois deixaram de vir. Só vinha eu. Durante algum tempo, era a única pessoa que trazia flores, e depois, cerca de quatro anos após o seu falecimento, comecei a ver outras flores de novo. Nem sempre, mas as vezes suficientes para me deixar curiosa. Não fazia ideia de quem as deixava. Perguntei aos meus pais e aos meus amigos, mas ninguém admitia. Durante algum tempo até pensei que ele tinha uma amante, acreditas? – Abanou a cabeça e inspirou fundo. – Só quando deixei de ver flores é que me apercebi de que tinhas de ser tu. Sabia que tinhas saído da prisão e que estavas cá em liberdade condicional. Também soube que te tinhas ido embora cerca de um ano depois. Fiquei tão... *zangada* ao pensar que tinhas sido tu durante aquele tempo todo. – Cruzou os braços, como se estivesse a tentar bloquear aquela memória. – E depois, esta manhã, voltei a ver as flores e soube que isso significava que tinhas voltado. Não tinha a certeza se virias aqui hoje... mas vieste.

Dawson enfiou as mãos nos bolsos e de repente desejou estar em qualquer outro sítio menos ali.

– Não voltarei cá, nem trarei mais flores – murmurou. – Dou-lhe a minha palavra.

Marylin olhou-o.

– E achas que isso valida o facto de teres vindo cá? Tendo em conta o que fizeste? Sabendo que o meu marido está aqui em vez de estar ao meu lado? Que nunca pôde ver os filhos crescer?

– Não – respondeu Dawson.

– Claro que não – declarou ela. – Porque ainda te sentes culpado pelo que fizeste. Foi por isso que nos enviaste dinheiro durante todos estes anos, não foi?

Dawson queria mentir-lhe, mas não foi capaz.

– Há quanto tempo sabe? – perguntou-lhe.

– Desde que chegou o primeiro cheque – respondeu Marylin. – Tu tinhas ido lá a casa algumas semanas antes, lembras-te? Não foi difícil somar dois mais dois. – Hesitou. – Querias pedir desculpa, não querias? Pessoalmente. Naquele dia em que bateste à porta?

– Sim.

– Eu não te deixei. Naquele dia disse... muitas coisas. Coisas que talvez não devesse ter dito.

– Tinha todo o direito de dizer o que disse.

Um sorriso fugaz bailou nos lábios de Marilyn.

– Tu tinhas vinte e dois anos. Naquele altura vi um homem adulto à minha frente no alpendre, mas ao longo dos anos comecei a convencer-me de que as pessoas só crescem verdadeiramente quando têm pelo menos trinta anos. O meu filho é mais velho do que tu eras naquela época e continuo a pensar nele como se fosse uma criança.

– A senhora fez o que qualquer pessoa faria.

– Talvez – disse ela, encolhendo os ombros quase impercetivelmente. Aproximou-se mais dele. – O dinheiro que enviaste ajudou – disse. – Ajudou muito ao longo dos anos, mas já não preciso dele. Por isso, peço-te que não mandes mais.

– Eu só queria...

– Eu sei o que querias – interrompeu-o ela. – Mas nem todo o dinheiro do mundo pode trazer o David de volta, nem me vai fazer esquecer a perda que senti depois da sua morte. E não vai devolver aos meus filhos o pai que eles nunca conheceram.

– Eu sei.

– E o dinheiro não compra perdão.

Dawson sentiu os ombros descaírem.

– Tenho de ir – disse, virando-se para se ir embora.

– Sim – replicou ela. – Sim, é o melhor. No entanto, antes de ires, há outra coisa que devias saber.

Quando ele se virou, Marilyn desejou que ele a olhasse nos olhos.

– Sei que o que aconteceu foi um acidente. Sempre soube. E sei que farias tudo para mudar o passado. Tudo o que tens feito desde então convenceu-me disso. E sim, reconheço que estava furiosa, assustada e sozinha quando foste lá a casa, mas nunca acreditei que houvesse malícia no que aconteceu naquela noite. Foi apenas uma daquelas coisas terríveis e pavorosas que acontecem por vezes e quando foste lá a casa descarreguei em ti. – Deixou que ele assimilasse as palavras e depois continuou numa voz quase bondosa. – Agora estou bem e os meus filhos também. Conseguimos sobreviver. Estamos bem.

Dawson desviou o olhar e Marilyn esperou até ele a olhar de novo nos olhos.

– Vim aqui para te dizer que já não precisas do meu perdão – conseguiu dizer. – Mas também nada disto teve a ver connosco. Nunca teve a ver comigo nem com a minha família. Teve sempre a ver contigo. Há demasiado tempo que estás agarrado a um erro terrível e se fosses meu filho dir-te-ia que estás na hora de esqueceres tudo por fim. Por isso, esquece, Dawson. Faz isso por mim.

Marilyn olhou-o fixamente para ter a certeza de que ele a compreendera, e depois foi-se embora. Dawson continuou ali parado enquanto o seu vulto se afastava, serpenteando por entre as lápides até desaparecer.



Amanda conduziu em piloto automático, alheia ao trânsito lento do fim de semana. Famílias em carrinhas e SUVs, alguns com barcos atrelados, afluíam à estrada nacional depois de terem passado o fim de semana na praia.

Enquanto conduzia, não conseguia imaginar-se a voltar para casa e ter de fingir que aqueles últimos dois dias não tinham acontecido. Sabia que não podia contar a ninguém o que acontecera entre eles, mas, por mais estranho que parecesse, não se sentia culpada pelo fim de semana. Quando muito sentia arrependimento e deu por si a desejar ter feito as coisas de outra forma. Se soubesse de antemão como ia acabar o fim de semana, teria passado mais tempo com Dawson na primeira noite que tinham estado juntos e não se teria afastado quando desconfiara que ele ia beijá-la. Também teria estado com ele na sexta-feira à noite, por muitas mentiras que tivesse de contar à mãe, e daria tudo para ter passado todo o dia de sábado nos seus braços. Afinal de contas, se se tivesse entregado mais cedo aos seus sentimentos talvez a noite de sábado tivesse tido um desfecho diferente. Talvez as barreiras, as que vinham com os votos de casamento, tivessem sido ultrapassadas. E quase tinham sido. Enquanto dançavam na sala de estar, não conseguia pensar noutra coisa a não ser em deixá-lo fazer amor com ela; enquanto se beijavam sabia exatamente o que ia acontecer. Desejava-o, como o desejara tantos anos antes quando estavam juntos.

Acreditava que seria capaz de o fazer; acreditava que, quando chegassem ao quarto, conseguiria fingir que a sua vida em Durham já não existia, nem que fosse apenas por uma noite. Quando ele a despiu e a levou para a cama, pensou que seria capaz de esquecer a realidade do seu casamento. Porém, por muito que quisesse ser outra pessoa nessa noite, uma pessoa livre de responsabilidades e de promessas insustentáveis, por muito que desejasse Dawson, sabia que estava prestes a ultrapassar

um limite do qual não haveria regresso. Apesar da urgência do toque de Dawson e da sensação daquele corpo contra o seu, não conseguiu entregar-se aos seus sentimentos.

Dawson não tinha ficado zangado; em vez disso, abraçara-a e acariciara-lhe o cabelo. Beijara-a na face e sussurrara-lhe que ia ficar tudo bem, que aquilo não era importante, que nada mudaria jamais o que sentia por ela.

Ficaram assim até o céu começar a clarear e ambos cederem por fim à exaustão. Naquelas horas antes de o sol nascer, Amanda adormeceu por fim, aninhada nos seus braços. Quando acordou na manhã seguinte, o seu primeiro pensamento foi tocar em Dawson. Mas ele já não estava na cama.



No bar do clube de campo, muito depois de terem terminado a partida, Frank fez sinal ao empregado do bar para lhe trazer mais uma cerveja, sem reparar que este olhou para Roger com uma expressão inquisitiva. Roger limitou-se a encolher os ombros, tendo já passado para *Coca-Cola Light*. O empregado pousou a cerveja à frente de Frank, com relutância, no momento em que Roger se inclinou para ele, a tentar fazer-se ouvir acima do ruído do bar cheio de gente. Durante a última hora, o bar enchera. O jogo estava empatado no final do nono tempo.

– Lembras-te de que combinei jantar com a Susan? Não vou poder levar-te a casa. E tu também não podes conduzir.

– Eu sei.

– Queres que te chame um táxi?

– Vamos acabar de ver o jogo. Resolvemos isso mais tarde, pode ser? – Frank levou a garrafa à boca e bebeu mais um gole, sem deixar de fitar o ecrã com os olhos vidrados.



Abee sentou-se na cadeira ao lado da cama do irmão e perguntou uma vez mais a si mesmo porque razão viveria ele num pardieiro daqueles. A casa tresandava, com uma repugnante mistura de fraldas sujas, bolor e só Deus sabia que outras coisas teriam morrido por ali. Combinado com o bebé que nunca parava de chorar e Ella a deambular pela casa como um fantasma assustado, era um milagre que Ted não fosse ainda mais louco do que já era.

Não sabia muito bem porque é que continuava ali. Ted passara a maior parte da tarde inconsciente, desde que desmaiara a caminho da carrinha de caixa aberta. Ella já estava a gritar que queria levá-lo de novo para o hospital quando Abee pegara nele e o levara para dentro.

Se Ted piorasse, talvez fizesse isso, mas os médicos não podiam fazer grande coisa. Ted só precisava de descansar, e era o que faria no hospital. Tinha um traumatismo craniano e não devia ter feito esforços na noite anterior, mas fizera e agora estava a pagar por isso.

A verdade era que Abee não queria passar mais uma noite sentado ao lado do irmão no hospital, muito menos agora que se sentia melhor. Que diabo, nem sequer

queria estar ali com Ted, mas tinha um assunto para tratar, um assunto que dependia da ameaça de violência, e Ted era uma peça fundamental do seu plano. Foi uma sorte o resto da família não ter visto o que tinha acontecido e ele ter conseguido trazê-lo para dentro de casa antes que alguém reparasse.

Céus, a casa tinha um cheiro insuportável – parecia a porcaria de um esgoto – e o calor do fim da tarde intensificava ainda mais o fedor. Pegou no telemóvel, abriu a lista dos contactos e carregou no número de Candy. Já lhe tinha ligado, mas ela não tinha atendido nem lhe devolvera a chamada. Não estava nada satisfeito por ser ignorado daquela maneira. Nada satisfeito mesmo.

Pela segunda vez naquele dia, Candy não atendeu.



– Que raio se passa aqui? – resmungou Ted de repente. Tinha a voz rouca e era como se tivessem a usar um martelo pneumático na sua cabeça.

– Estás na cama – respondeu Abee.

– Que raio aconteceu?

– Não conseguiste chegar à carrinha e acabaste por cair com a cara no chão. Arrastei-te para aqui.

Ted soergueu-se devagar até ficar sentado. Esperou pelas tonturas e elas vieram, mas não foram tão violentas como nessa manhã. Assoou o nariz.

– Encontraste o Dawson?

– Não fui procurá-lo. Passei a tarde inteira aqui a cuidar desse teu coiro miserável.

Ted cuspiu para o chão, junto a uma pilha de roupa suja.

– Talvez ele ainda ande por aí.

– Talvez. Mas duvido. Deve saber que andas atrás dele. E, se for esperto, já se foi embora há muito tempo.

– Pois sim, mas talvez já não seja assim tão esperto. – Encostou-se pesadamente à coluna da cama e por fim conseguiu levantar-se e enfiar a *Glock* na cintura. – Conduzes tu.

Abree sabia que Ted não esqueceria aquilo. Mas talvez fosse bom para o resto da família saber que Ted já estava a pé e pronto para tratar do assunto.

– E se ele não estiver cá?

– Se não estiver, não está. Mas tenho de saber.

Abree observou o irmão, preocupado com as chamadas não atendidas e com o paradeiro de Candy. Começou a pensar no tipo que metera conversa com ela no Tidewater.

– Tudo bem – disse. – Mas depois talvez precise que me faças uma coisa.



Sentada dentro do carro no parque de estacionamento do Tidewater, Candy olhou para o telemóvel. Duas chamadas de Abree. Duas chamadas não atendidas e até ao momento não devolvidas. Ver aqueles registos deixou-a nervosa e sabia que devia telefonar-lhe. Só para fazer um pouco de charme e dizer as palavras certas, mas depois

ele ainda se punha com ideias de vir vê-la enquanto estava a trabalhar e era a última coisa que queria. Era muito provável que ele reparasse no carro cheio de coisas no parque de estacionamento e percebesse que ela se preparava para fugir, e nesse caso era impossível prever a reação daquele psicopata.

Devia ter carregado o carro mais tarde, a seguir ao trabalho, e sair diretamente de casa. Mas não tinha pensado bem e agora o seu turno estava prestes a começar. Embora tivesse dinheiro para cerca de uma semana num motel e para comida, precisava muito das gorjetas dessa noite para pagar a gasolina.

Nem pensar que ia deixar o carro à frente do bar – num lugar onde Abee poderia vê-lo. Engatou a marcha-atrás para sair do parque de estacionamento e fez a curva da estrada principal para o centro de Oriental. Atrás de uma das lojas de antiguidades na periferia da cidade havia um pequeno parque de estacionamento e foi ali que escondeu o carro. Melhor. Mesmo que tivesse de andar um pouco a pé.

No entanto, se Abee aparecesse e *não* visse o carro? Isso também podia ser um problema. Não queria que ele fizesse demasiadas perguntas. Pensou no assunto e decidiu que, se ele voltasse a ligar, atenderia e talvez lhe dissesse de forma casual que o carro tinha avariado e passara o dia inteiro a tentar resolver o problema. Estava preocupada, mas tentou consolar-se com a ideia de que faltavam apenas cinco horas para se ir embora daquele lugar. Nessa noite poderia pôr uma pedra sobre tudo aquilo.



Jared ainda estava a dormir às cinco e um quarto quando o telemóvel começou a tocar. Virou-se na cama e pegou nele, perguntando a si mesmo porque é que o pai estaria a ligar-lhe.

Só que não era o pai. Era Roger, o seu companheiro de golfe, a pedir-lhe para ir buscar o pai ao clube de campo. Porque ele estivera a beber e não estava em condições de conduzir.

A sério?, pensou. O meu pai? A beber?

Embora lhe apetecesse, Jared não fez nenhum comentário. Em vez disso, disse que estaria no clube dentro de vinte minutos, aproximadamente. Levantou-se, vestiu a *T-shirt* e os calções que usara antes e enfiou os chinelos nos pés. Pegou nas chaves e na carteira que estavam em cima da cómoda. Desceu as escadas a bocejar, já a pensar em telefonar para Melody.



Abee não se deu ao trabalho de esconder a carrinha de caixa aberta na estrada perto da casa de Tuck, nem foi a pé pela floresta como na noite anterior. Em vez disso, acelerou pelo caminho irregular e a grivilha saltou no ar quando parou diante da casa, como se ele fosse o líder de uma equipa da polícia de intervenção numa missão. Saiu do veículo antes de Ted com a pistola em punho, mas o irmão desceu com uma agilidade surpreendente para quem estava naquele estado. Os hematomas por baixo dos olhos já tinham adquirido uma tonalidade de roxo quase preto. Parecia um guaxinim humano.

Como Abee previra, não estava ali ninguém. A casa estava deserta e não havia qualquer sinal de Dawson na oficina. O primo era um filho da mãe escorregadio. Era uma pena que não tivesse ficado em Oriental durante aqueles anos. Abee teria feito bom uso dele, mesmo que Ted tivesse um ataque de fúria.

Ted também não estava surpreso por Dawson se ter ido embora, mas isso nada contribuiu para aliviar a raiva que sentia. Abee viu os músculos dos seus maxilares contraírem-se num ritmo esporádico enquanto acariciava o gatilho da *Glock* com o dedo. Depois de alguns minutos a ferver de raiva no caminho de acesso, avançou para a casa de Tuck e abriu a porta ao pontapé.

Abee encostou-se à carrinha de caixa aberta, decidido a deixar o irmão fazer o que lhe apetecesse. Ouviu Ted praguejar, gritar e destruir coisas dentro de casa. Enquanto Ted fazia a sua birra, uma velha cadeira saiu a voar pela janela, fazendo o vidro partir-se em mil pedaços. Ted apareceu por fim à porta, mas nem sequer abrandou e dirigiu-se furiosamente para a velha oficina.

Um *Stingray* clássico encontrava-se estacionado no seu interior. Não o tinham visto na noite anterior, mais um sinal de que Dawson estivera ali e se fora embora. Abee não teve a certeza se Ted já se apercebera desse facto, mas não importava. O melhor era deixar Ted extravasar toda aquela ira. Quanto mais depressa passasse, mais depressa as coisas voltariam ao normal. Precisava de que Ted se concentrasse menos no que queria e mais naquilo que ele próprio pretendia que ele fizesse.

Viu Ted pegar numa alavanca de ferro para desmontar pneus que estava em cima da bancada de trabalho. Ele ergueu-a bem alto por cima da cabeça e desceu-a sobre o vidro da frente do carro com um grito. Depois começou a bater na capota, amolgando-a instantaneamente. Partiu os faróis com a alavanca e arrancou os espelhos laterais, mas só estava a começar.

Durante os quinze minutos seguintes, destruiu o carro com todas as ferramentas que tinha à sua disposição. O motor, os pneus, os estofos e o painel de instrumentos foram esmagados e cortados em pedaços. Ted descarregou com uma intensidade louca toda a raiva que sentia por Dawson.

Que pena, pensou Abee. O carro era lindíssimo, um grande clássico. Porém, como não lhe pertencia e fazia o irmão sentir-se melhor, era por uma boa causa.

Quando Ted terminou por fim, voltou para junto do irmão. Caminhava com mais firmeza do que Abee esperava e estava a respirar com dificuldade, com os olhos ainda um pouco tresloucados. Passou-lhe pela cabeça que Ted poderia lembrar-se de lhe apontar a pistola e alvejá-lo por pura raiva.

Mas Abee não tinha chegado ao lugar de líder da família por recuar, mesmo quando o irmão estava no seu pior. Continuou encostado à carrinha de caixa aberta numa estudada postura de despreocupação enquanto Ted se aproximava. Abee limpou os dentes com a unha e examinou o dedo quando terminou, sabendo que Ted estava à sua frente.

– Já fizeste o que tinhas a fazer?

de ambos os lados. Tinha vindo diretamente do cemitério e sentara-se à beira-mar a ver o pôr do sol.

Era o quarto lugar onde se hospedava nos últimos quatro dias e o fim de semana deixara-o exausto, a nível físico e emocional. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar como seria o seu futuro. Amanhã, e o dia depois desse, e a interminável sucessão de semanas e anos pareciam não ter qualquer tipo de propósito. Tinha vivido uma vida específica por motivos específicos, e agora esses motivos tinham desaparecido. Amanda, e agora Marilyn Bonner, tinham-no libertado para sempre; Tuck estava morto. O que faria a seguir? Ia para outro sítio? Ficava onde estava? Mantinha o emprego? Experimentava uma coisa nova? Qual era o seu objetivo agora que os pontos cardeais da sua bússola tinham desaparecido?

Sabia que não encontraria as respostas ali. Levantou-se e regressou lentamente para o átrio. Tinha um voo na segunda-feira de manhã cedo e sabia que estaria acordado muito antes do sol nascer para entregar o carro alugado e fazer o *check-in* no aeroporto. De acordo com o seu itinerário, estaria de volta a Nova Orleães antes do meio-dia e chegaria a casa pouco depois.

Quando chegou ao quarto, deitou-se na cama ainda vestido, sentindo-se mais perdido do que nunca enquanto revivia a sensação dos lábios de Amanda colados aos seus. *Talvez ela precise de tempo*, escrevera Tuck, e antes de cair num sono inconstante agarrou-se à esperança de que ele tivesse razão.



Parado num semáforo vermelho, Jared olhou para o pai pelo espelho retrovisor. Ele devia ter estado a tentar transformar-se num *pickle*, pensou. Quando chegara ao clube de campo alguns minutos antes, encontrara-o encostado a uma das colunas, com os olhos turvos e desfocados e um hálito que seria suficiente para manter aceso o grelhador a gás do pátio das traseiras. Talvez fosse por esse motivo que ele não falava. Sem dúvida, queria esconder até que ponto estava embriagado.

Jared já estava acostumado àquele tipo de situações. O problema do pai deixava-o mais triste do que zangado. Porém, a mãe teria reagido com um dos seus maus humores – a tentar comportar-se de uma forma completamente normal enquanto o pai cambaleava pela casa com uma bebedeira de caixão à cova. Ficar zangada era um desperdício de energia, mas ele sabia que no fundo a mãe estava furiosa. Fazia os possíveis para manter um tom de voz civilizado, mas se o pai se sentava numa divisão ela ia para outra, como se fosse uma coisa completamente normal num casal.

Essa noite ia ser complicada, mas deixaria que fosse Lynn a tratar do assunto, se chegasse a casa antes de o pai desmaiar. Quanto a si, já tinha telefonado para Melody e iam para a piscina em casa de um amigo.

O semáforo ficou verde por fim e, distraído a imaginar Melody em biquíni, Jared arrancou sem se dar conta de um veículo que atravessava o cruzamento a grande velocidade.

O carro chocou contra o seu com um estrondo ensurdecedor, espalhando estilhaços de vidro e de metal por toda a parte. Uma parte da porta, amolgada e dobrada, explodiu pelo carro dentro contra o seu peito no instante em que o *airbag* abriu. Jared tentou

soltar-se do cinto de segurança, sentindo a cabeça rodar quando o carro começou a dar voltas no cruzamento. *Vou morrer*, pensou, mas não conseguiu inspirar ar suficiente para emitir qualquer som.

Quando o carro se imobilizou por fim, Jared demorou alguns segundos a perceber que continuava a respirar. Doía-lhe o peito, mal conseguia mexer o pescoço e pensou que ia asfixiar no meio daquele intenso odor a pólvora resultante da ativação do *airbag*.

Tentou mexer-se, mas sentiu uma excruciante dor no peito. A moldura da porta e o volante comprimiam-lhe o corpo e ele debateu-se para se soltar. Contorceu-se para o lado direito e de repente conseguiu soltar-se do peso que o comprimia.

Avistou diversos carros que tinham parado no cruzamento. As pessoas saíam dos seus veículos, algumas já de telemóvel na mão a ligar para o 112. Através da teia de vidro estilhaçado viu que o tejadilho do carro estava levantado como uma pequena tenda.

Ouviu pessoas gritarem-lhe para não se mexer, mas as vozes pareciam vir de muito longe. Apesar dos avisos virou a cabeça ao lembrar-se do pai e viu a máscara de sangue que lhe cobria o rosto. Só nesse instante é que Jared começou a gritar.

Amanda estava a uma hora de casa quando o seu telemóvel tocou. Esticou o braço para o banco do passageiro e teve de remexer a carteira para o encontrar, atendendo por fim ao terceiro toque.

Enquanto ouvia o abalado relato de Jared, sentiu-se invadida por uma espécie de gelada paralisia. Sem grande coerência, Jared contou-lhe que estava uma ambulância no local do acidente e que Frank estava cheio de sangue. Garantiu-lhe que estava bem, mas que queriam que ele fosse na ambulância com o pai. Disse-lhe que iam para o Hospital Universitário Duke.

Amanda apertou o telemóvel com força. Pela primeira vez desde a doença de Bea, sentiu um medo avassalador. Um verdadeiro medo que não lhe deixava espaço para pensar ou sentir mais nada.

– Estou a caminho – disse. – Chegarei o mais depressa possível...

Mas depois a chamada foi desligada. Amanda ligou-lhe logo, mas Jared não atendeu.

Guinou para a outra faixa e carregou a fundo no acelerador, ultrapassando o veículo que seguia à sua frente enquanto fazia sinais de luzes. Tinha de chegar ao hospital *o mais depressa possível*. Mas o trânsito vindo das praias continuava muito congestionado.

Depois daquela pequena excursão à casa de Tuck, Abee deu-se conta de que estava esfomeado. Desde a infeção que não tinha grande apetite, mas agora a fome voltara em força e era mais uma prova de que os antibióticos estavam a fazer muito efeito. No Irvin's, pediu um hambúrguer com queijo com acompanhamento de rodelas de cebola

e batatas fritas com queijo e malaguetas. Apesar de ainda não ter terminado a refeição, sabia que acabaria por devorar tudo o que tinha à sua frente. Calculou que mais tarde ainda teria espaço para uma fatia de tarte e uma bola de gelado.

Por outro lado, Ted não estava tão bem. Também tinha pedido um hambúrguer com queijo, mas dava pequenas dentadas e mastigava devagar. Pelos vistos, a destruição do carro esgotara-lhe as últimas reservas de energia.

Abee ligou para Candy enquanto estavam à espera da comida. Desta vez, ela atendeu ao primeiro toque e falaram durante algum tempo. Ela disse-lhe que já estava no trabalho, pediu-lhe desculpa por não ter devolvido as suas chamadas e contou-lhe que tinha tido um problema com o carro. Ao telefone pareceu contente por ouvir a sua voz e começou a falar num tom sedutor como era seu costume. Quando desligou, Abee sentiu-se muito melhor em relação àquela situação e até perguntou a si mesmo se não teria andado a exagerar o que vira na outra noite

Talvez fosse da comida ou da recuperação em geral, mas enquanto comia o hambúrguer pensou de novo na conversa, a tentar perceber o que o incomodava. Porque alguma coisa naquele telefonema estava a incomodá-lo. Em parte devia-se ao facto de Candy dizer que tinha problemas com o *carro*, não com o *telemóvel*. Mesmo que estivesse ocupada, podia ter-lhe telefonado se quisesse. Não tinha a certeza se era isso.

Ted levantou-se a meio da refeição e demorou-se algum tempo na casa de banho. Quando voltou para a mesa, Abee pensou que o irmão podia muito bem fazer parte o elenco de um daqueles filmes de terror baratos e os outros clientes do restaurante estavam a fazer um esforço visível para evitar olhar para ele, fitando os pratos que tinham à sua frente. Abee sorriu. Era bom ser um Cole.

Contudo, não conseguia deixar de pensar na conversa que tivera com Candy e continuou a matutar nisso enquanto lambia os dedos entre dentadas no hambúrguer.

O Frank e o Jared tinham tido um acidente.

As palavras ecoaram na sua cabeça como uma horrível gravação, deixando-a mais frenética a cada minuto que passava. Segurou o volante com tanta a força que os nós dos dedos ficaram brancos. Fez alguns sinais de luzes ao carro da frente, a rezar para que a deixasse passar.

Tinham sido levados numa ambulância. O Frank e o Jared estavam a ser levados de emergência para o hospital. O seu marido e o seu filho...

O carro que seguia à frente mudou por fim de faixa e Amanda ultrapassou-o a toda a velocidade, encurtando o espaço entre os carros que seguiam mais adiante.

Lembrou a si mesma que Jared parecia abalado, nada mais.

Mas o sangue...

Jared tinha mencionado num tom assustado que Frank estava coberto de sangue. Amanda pegou no telemóvel e tentou ligar outra vez para o filho. Ele não atendera há alguns minutos, mas disse a si mesma que era por estar na ambulância ou no serviço de urgência, onde os telemóveis eram proibidos. Disse a si mesma que já haveria paramédicos, médicos ou enfermeiros a tratar Frank e Jared e que quando o filho lhe

devolvesse a chamada se arrependeria daquele pânico desnecessário. De futuro, seria uma história para ser contada à mesa de jantar, sobre como a mãe conduzira que nem uma louca sem necessidade nenhuma.

No entanto, Jared não voltou a atender e Frank também não. Quando as duas chamadas foram redirecionadas para a caixa de mensagens, sentiu um buraco no estômago abrir-se num abismo sem fim. De repente, teve a certeza de que o acidente fora grave, muito mais grave do que Jared dera a entender. Não sabia bem como tinha essa certeza, mas a ideia não lhe saía da cabeça.

Deixou cair o telemóvel no banco do passageiro e carregou a fundo no acelerador até ficar a uns meros centímetros do carro da frente. O condutor afastou-se para a faixa da direita e Amanda ultrapassou-o sem sequer agradecer.



No sonho, Dawson encontrava-se na plataforma petrolífera exatamente no momento em que a série de explosões começou a sacudir a plataforma, mas desta vez tudo estava em silêncio e os acontecimentos desenrolavam-se em câmara lenta. Viu a súbita rutura no tanque de armazenamento, seguida de chamas que saltaram em direção ao céu; observou o rasto de fumo preto que criava vagarosas formas semelhantes a cogumelos. Viu a tremeluzente vibração das ondas de choque que varriam o convés, derrubando sem pressa tudo à sua passagem, arrancando postes e máquinas dos seus suportes. As explosões que se seguiram atiraram com grande violência homens borda fora e todos os movimentos dos seus braços eram visíveis. O fogo começou a consumir lentamente o convés, como num sonho. À sua volta, tudo estava a ser destruído a pouco e pouco.

Porém, Dawson permanecia pregado ao chão, imune às ondas de choque e aos detritos que voavam pelo ar e que se desviavam do seu caminho como por magia. À sua frente, perto da grua, viu um homem emergir de uma gordurosa nuvem de fumo, mas, como ele, estava imune à devastação em curso. Durante um instante, o fumo pareceu agarrar-se ao homem antes de ser afastado como se fosse uma cortina. Dawson ficou boquiaberto ao ver o homem de cabelo escuro com um impermeável azul.

O desconhecido parou, com feições indistintas devido à tremeluzente distância entre ambos. Dawson queria chamá-lo, mas dos seus lábios não saiu qualquer som; queria aproximar-se mais, mas os pés pareciam estar colados ao chão. Ficaram apenas a olhar um para o outro na plataforma e, apesar da distância, Dawson teve a impressão de que começava a reconhecê-lo.

Depois acordou e pestanejou, olhando para o que o rodeava enquanto o seu corpo se enchia de adrenalina. Estava em New Bern, no hotel à beira rio, e, embora soubesse que não passara de um sonho, um arrepio percorreu-lhe o corpo. Sentou-se na cama e passou os pés para o chão.

O relógio indicou-lhe que dormira mais de uma hora. Lá fora, o sol estava a pôr-se e as cores no interior do quarto estavam esbatidas.

Como num sonho...

Levantou-se e olhou em volta, reparando na carteira e nas chaves perto da televisão. Vê-las despertou-lhe alguma coisa na memória e procurou nos bolsos do fato. Verificou-os de novo para garantir que não estava enganado e depois procurou rapidamente na mala. Por fim, pegou na carteira e nas chaves e desceu as escadas em direção ao parque de estacionamento.

Vasculhou cada centímetro do carro alugado, procurando metodicamente no porta-luvas, no porta-bagagens, no espaço entre os bancos e no chão. Enquanto isso, começou a lembrar-se do que acontecera mais cedo nesse dia.

Tinha deixado a carta de Tuck na bancada de trabalho depois de a ler. A mãe de Amanda fora-se embora e ele concentrara-se em Amanda no alpendre, *esquecendo-se de guardar a carta*.

Ainda devia estar em cima da bancada. Podia deixá-la lá, claro... mas não conseguia imaginar-se a fazer isso. Era a última carta que Tuck lhe tinha escrito, o seu último presente, e Dawson queria levá-la consigo para casa.

Apesar de saber que Ted e Abee andariam a esquadrinhar a cidade à sua procura, pouco depois estava a atravessar a ponte de carro para voltar a Oriental. Estaria lá dali a quarenta minutos.

Depois de respirar fundo para ganhar coragem, Alan Bonner entrou no Tidewater e reparou que havia menos pessoas do que esperava. Viu alguns tipos no bar e outros ao fundo, a jogar bilhar. Apenas uma das mesas estava ocupada por um casal que contava dinheiro e parecia estar prestes a sair. Nada como na noite de sábado ou mesmo na de sexta-feira. Com a *jukebox* a tocar ao fundo e a televisão ligada perto da caixa registadora, o espaço parecia quase acolhedor.

Candy estava a limpar o balcão e sorriu-lhe antes de lhe acenar com o pano. Vestia calças de ganga e uma *T-shirt*, tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo e, apesar de não estar tão provocante como era habitual, continuava a ser a miúda mais bonita da cidade. Alan começou a sentir-se nervoso e perguntou a si mesmo se ela aceitaria jantar com ele.

Endireitou-se e pensou, *Deixa-te de desculpas*. Iria sentar-se ao balcão e seria igual a si mesmo até a conversa chegar ao ponto em que a convidaria para sair. Lembrou a si mesmo que ela andara sem dúvida a meter-se com ele e, embora ela fosse provocadora por natureza, tinha a certeza de que fora mais que isso. Sentia que sim. *Sabia que sim* e avançou para o balcão depois de inspirar fundo.

Amanda irrompeu pela porta das urgências do Hospital Universitário Duke, a olhar com uma expressão desvairada para o grupo de doentes e famílias que se encontravam na sala de espera. Tinha continuado a ligar vezes sem conta para Jared e Frank, mas nenhum deles atendera. Por fim, telefonou para Lynn num frenético desespero. A filha ainda estava no lago Norman, a algumas horas de distância. Ficou chocada com a notícia e prometeu que voltaria o mais depressa possível.

À porta, Amanda esquadrinhou a sala de espera, com esperança de encontrar Jared. Rezou para que as suas preocupações tivessem sido em vão. Depois, ficou espantada ao ver Frank no fundo da sala. Ele levantou-se e começou a aproximar-se, parecendo menos ferido do que ela esperava. Espreitou por cima do marido, a tentar localizar o filho. No entanto, não o viu em parte alguma.

– Onde está o Jared? – perguntou quando Frank parou ao pé dela. – Estás bem? O que aconteceu? O que se passa?

Continuava a fazer perguntas quando Frank lhe pegou no braço e a levou para o exterior.

– O Jared foi internado – respondeu ele. Apesar de já terem passado várias horas desde que saíra do clube, as palavras continuavam entarmeladas. Amanda percebeu que ele tentava parecer sóbrio, mas o cheiro acre da bebida saturava-lhe o hálito e o suor. – Não sei o que se passa. Ninguém parece saber. A enfermeira disse alguma coisa acerca de um cardiologista.

Aquelas palavras só aumentaram a ansiedade que a invadira.

– Porquê? O que se passa?

– Não sei.

– O Jared vai ficar bem?

– Parecia bem quando chegámos.

– Nesse caso, porque é que vai ser visto por um cardiologista?

– Não sei.

– Ele disse que tu estavas cheio de sangue.

Frank tocou na cana do nariz inchada, onde uma mancha roxo-escura rodeava um pequeno corte.

– Bati com o nariz com força, mas conseguiram estancar a hemorragia. Não é grave. Vou ficar bem.

– Porque é que não atendeste o telemóvel? Liguei-te umas cem vezes!

– O meu telemóvel ficou no carro...

No entanto, Amanda deixou de o ouvir quando começou a sentir o peso de tudo o que Frank dissera. Jared tinha sido internado. Era o filho que estava ferido. O filho, não o marido. Jared. O seu filho mais velho...

De repente foi como se tivesse levado um murro no estômago e, sentindo-se agoniada com a presença de Frank, afastou-se rapidamente e dirigiu-se para a enfermeira que estava atrás do balcão das admissões. Fazendo o possível para controlar a histeria crescente que sentia, quis saber o que se passava com o filho.

A enfermeira tinha poucas respostas para lhe dar e repetiu apenas o que Frank já lhe dissera. *O bêbedo do Frank*, pensou de novo, incapaz de conter a maré de raiva. Bateu com as duas mãos com força no balcão, sobressaltando todas as pessoas que se encontravam na sala de espera.

– Preciso de saber o que se passa com o meu filho! – gritou. – Quero respostas *já*!

Problemas com o carro, pensou Abee. Era isso que estava a incomodá-lo desde a conversa com Candy. Se o carro estava avariado, como é que ela tinha ido para o trabalho? E porque é que não lhe perguntara se podia levá-la para o bar ou para casa?

Alguém a teria levado? Teria sido o tipo do Tidewater?

Ela não seria assim tão estúpida. Podia telefonar-lhe para saber, mas havia uma maneira melhor de apurar a verdade. O Irvin's não ficava muito longe da pequena casa onde ela vivia e podia ir ver se o carro estava lá. Se estivesse era porque alguém a levava e Abee e ela teriam uma coisa muito importante para conversar, não era?

Atirou algumas notas para cima da mesa e fez sinal a Ted para que o seguisse. Ted não falara muito durante o jantar, mas Abee tinha a impressão de que ele estava um pouco melhor, apesar da falta de apetite.

– Onde vamos? – perguntou Ted.

– Quero verificar uma coisa – respondeu Abee.

A casa de Candy ficava a poucos minutos dali, quase ao fundo de uma rua pouco habitada. A casa era um bangaló decrépito, com a fachada revestida a alumínio e rodeada de arbustos demasiado crescidos. Não era grande coisa, mas Candy não parecia importar-se e não fizera grande coisa para a tornar mais acolhedora.

Quando Abee estacionou na entrada, viu que o carro dela não estava lá. Pensou que talvez tivesse conseguido pô-lo a trabalhar, mas enquanto estava parado na carrinha de caixa aberta a olhar para a casa reparou que havia alguma coisa que não batia certo. Faltava qualquer coisa, por assim dizer, e demorou alguns minutos a perceber o que era.

Faltava a estatueta do Buda, a que estava sempre no parapeito da janela da frente, enquadrada por um buraco nos arbustos. O seu amuleto da sorte, como ela lhe chamava, e não havia nenhum motivo para o ter tirado dali. A menos que...

Abriu a porta da carrinha de caixa aberta e saiu. Quando Ted o olhou, Abee abanou a cabeça.

– Não demoro.

Enfiou-se por entre os arbustos e subiu para o alpendre. Espreitou pela janela da frente e comprovou que a estatueta tinha desaparecido. O resto da casa parecia estar igual. Claro que isso não queria dizer nada, porque sabia que ela a arrendara mobilada. Contudo, o desaparecimento do Buda incomodava-o.

Deu a volta à casa e espreitou pelas janelas, mas as cortinas impediam-no de ver para o interior. Não conseguiu perceber grande coisa.

Por fim, cansou-se das tentativas e abriu a porta das traseiras com um pontapé, como Ted fizera em casa de Tuck.

Curioso para perceber o que andaria Candy a tramar, entrou em casa.

À semelhança do que fazia de quinze em quinze minutos desde que chegara,

Amanda dirigiu-se para o balcão dos enfermeiros para perguntar se havia mais informações. A enfermeira respondeu pacientemente que já lhe dera todas as informações de que dispunha: Jared tinha sido internado, estava a ser observado por um cardiologista e o médico já sabia que eles se encontravam na sala de espera. Logo que soubesse mais alguma coisa, Amanda seria a primeira a saber. O seu tom foi compassivo e Amanda acenou com a cabeça num agradecimento antes de se afastar.

Apesar da realidade do que a rodeava, Amanda continuava a não perceber o que fazia ali nem como aquilo tinha acontecido. Embora Frank e a enfermeira tivessem tentado explicar-lhe, naquele momento as palavras nada significaram para ela. Não queria que Frank ou a enfermeira lhe dissessem o que estava a acontecer, queria falar com *Jared*. Precisava de ver o filho, precisava de ouvir a sua voz para saber que estava bem, e quando Frank tentou pousar-lhe uma consoladora mão nas costas afastou-se com um sobressalto como se ela estivesse a escaldar.

Porque era por sua culpa que Jared estava ali. Se Frank não tivesse bebido, Jared teria ficado em casa, ou teria saído com uma miúda, ou estaria em casa de um amigo. Jared nunca teria estado sequer perto daquele cruzamento, nunca teria vindo para o hospital. Ele só estava a tentar ajudar. Estava a ser a pessoa responsável.

Mas Frank...

Não suportava olhar para o marido e teve de se controlar para não começar a gritar com ele.

O relógio na parede parecia marcar o tempo em câmara lenta.

Por fim, depois de uma eternidade, ouviu a porta dos internamentos abrir-se e quando se virou viu um médico com roupa do bloco. Viu-o aproximar-se da enfermeira de serviço, que acenou com a cabeça na sua direção. Amanda ficou paralisada de receio quando o médico se dirigiu para ela. Perscrutou-lhe o rosto, à procura de algum sinal do que ele ia dizer-lhe. A expressão do rosto dele não deu qualquer indicação.

Amanda levantou-se e Frank fez o mesmo.

– Sou o Dr. Mills – disse ele, fazendo-lhes sinal para o seguirem por um conjunto de portas duplas que davam acesso a outro corredor. Quando as portas se fecharam, o Dr. Mills voltou-se para eles. Apesar dos cabelos grisalhos, Amanda pensou que ele devia ser mais novo do que ela.

Seria preciso mais do que uma conversa para que ela conseguisse assimilar completamente o que ele lhes disse, mas percebeu o seguinte: apesar de parecer bem, Jared tinha ficado ferido devido ao forte impacto da porta do carro ao ser esmagada. O médico de serviço tinha detetado um sopro cardíaco provocado pelo impacto e tinham-no levado para o hospital para ser examinado. Entretanto, já no hospital, o seu estado agravara-se de forma acentuada e rápida. O médico referiu palavras como *cianose* e disse-lhes que lhe tinham colocado um *pacemaker* transvenoso, mas que a função dele cardíaca continuava a diminuir. O médico desconfiava que houvera uma rutura da válvula tricúspide e que o filho dela precisava de ser submetido a uma cirurgia para substituição da válvula. Explicou que Jared já tinha um *bypass*, mas precisavam de autorização para a cirurgia cardíaca. Sem essa cirurgia, disse-lhes sem rodeios, o filho dela morreria.

Jared ia morrer.

Amanda apoiou-se na parede para não cair quando o médico olhou para ela, para Frank e de novo para ela.

– Preciso de que assine o formulário de consentimento – disse o Dr. Mills, e naquele momento Amanda soube que ele também tinha sentido o cheiro a álcool no hálito de Frank. Naquele momento começou a odiar o marido, a *odiá-lo* verdadeiramente. A mover-se como se estivesse num sonho, assinou de forma deliberada e cuidadosa o seu nome no formulário com uma mão que mal parecia a sua.

O Dr. Mills levou-os para outra área do hospital e deixou-os numa sala de espera vazia. Amanda sentia a mente entorpecida com o choque.

Jared precisava de cirurgia, caso contrário morreria.

Jared não podia morrer. Só tinha dezanove anos. Tinha uma vida inteira pela frente.

Amanda fechou os olhos e deixou-se cair numa cadeira, a tentar sem sucesso encontrar algum sentido no mundo que se desmoronava à sua volta.

✧

Candy não precisava daquilo. Não naquela noite.

O tipo jovem na ponta do balcão, Alan ou Alvin ou lá como se chamava, parecia mortinho por convidá-la para sair. Pior ainda, havia poucos clientes no bar e provavelmente não ganharia o suficiente para encher o depósito de gasolina do carro. Fantástico. Mesmo fantástico.

– Ei, Candy? – Era outra vez o miúdo, debruçado no balcão como um cachorrinho carente. – Dás-me outra cerveja, por favor?

Candy forçou um sorriso enquanto tirava a cápsula de uma garrafa e lha levava. Ao aproximar-se da ponta do balcão ele perguntou-lhe alguma coisa, mas a porta do bar foi iluminada pelos faróis de um carro que ia a passar, ou que estava a entrar no parque de estacionamento, e Candy deu por si a olhar para a entrada. À espera.

Quando ninguém entrou, soltou um suspiro de alívio.

– Candy?

A voz do tipo trouxe-a de volta para o presente. Ele afastou o brilhante cabelo preto da testa.

– Desculpa. O quê?

– Perguntei-te como tem corrido o teu dia.

– Muito bem – respondeu ela com um suspiro. – Melhor é impossível.

✧

Frank sentou-se numa cadeira à frente de Amanda, ainda um pouco cambaleante e com o olhar desfocado. Amanda fez todos os possíveis para fingir que ele não estava ali.

Excetuando isso, não conseguia concentrar-se em mais nada a não ser no pavor que sentia enquanto pensava em Jared. No silêncio da sala, anos inteiros da vida do filho comprimiram-se como por magia. Lembrou-se de como lhe parecia minúsculo quando o segurava nos braços nas primeiras semanas de vida. Lembrou-se de lhe

pentear o cabelo e de colocar uma sanduiche numa lancheira com o tema do filme *Parque Jurássico* no primeiro dia do infantário. Lembrou-se do nervosismo que sentiu antes da sua primeira festa na escola preparatória, de como ele bebia o leite diretamente da embalagem, por mais vezes que lhe pedisse para não o fazer. De vez em quando, despertava daquelas recordações com um sobressalto devido aos barulhos do hospital e lembrava-se de onde se encontrava e do que estava a acontecer. E o pavor invadia-a de novo.

Antes de sair, o médico tinha-lhes dito que a cirurgia poderia demorar horas, que talvez se prolongasse até cerca da meia-noite, e Amanda perguntou a si mesma se alguém viria falar com eles antes disso. Queria saber o que estava a acontecer. Queria que alguém lhe explicasse de uma forma que ela percebesse, mas o que queria na verdade era que alguém a abraçasse e lhe promettesse que o seu menino – que já era quase um homem – ia ficar bem.



Abee estava no quarto de Candy e os lábios formaram uma linha rígida enquanto assimilava tudo o que estava a ver.

O armário estava vazio. As gavetas estavam vazias. O raio do toucador da casa de banho estava vazio.

Não admirava que ela não tivesse atendido o telemóvel. Candy estivera ocupada a arrumar as suas coisas. E quando atendera por fim o telemóvel? Devia ter-se esquecido de mencionar os planos de sair da cidade.

Mas ninguém deixava Abee Cole. Ninguém.

E se fosse por causa daquele namorado novo? E se estivessem a planear fugir *juntos*?

A ideia foi o bastante para o fazer sair a correr pela porta das traseiras destruída. Deu a volta à casa e entrou rapidamente na carrinha de caixa aberta, sabendo que tinha de ir *já* para o Tidewater.

Candy e o seu rapazola iam aprender uma lição nessa noite. Os dois. O tipo de lição que nenhum deles esqueceria.



Dawson não se lembrava de uma noite tão escura. Não havia lua, apenas um infundável negrume no céu, pontuado pelo ténue brilho tremeluzente de estrelas.

Estava a aproximar-se de Oriental e não conseguia livrar-se da sensação de que estava a cometer um erro ao voltar lá. Teria de atravessar a cidade para chegar à casa de Tuck e sabia que os primos estariam algures à sua espera.

Mais adiante, depois da curva onde a sua vida mudara para sempre, reparou no brilho das luzes de Oriental que se erguiam acima da linha de árvores. Se ia mudar de ideias, teria de ser agora.

Levantou o pé do acelerador sem dar por isso e, quando o carro abrandou, de repente sentiu que estava a ser observado.



Abee apertou o volante com força enquanto a carrinha de caixa aberta atravessava ruidosamente a cidade com os pneus a chiar. Virou repentinamente à esquerda para o parque de estacionamento do Tidewater, fazendo o veículo derrapar ao travar bruscamente num lugar para deficientes. Pela primeira vez desde que destruíra o *Stingray*, até Ted dava sinais de vida e no interior do veículo sentia-se uma forte antecipação de violência.

No momento em que parou a carrinha, Abee saltou para o chão e Ted seguiu-o de perto. Abee não conseguia conformar-se com a ideia de que Candy andava a mentir-lhe. Era óbvio que já planeava aquela fuga há algum tempo e convencera-se de que ele não descobriria. Estava na hora de lhe ensinar quem ditava as regras por ali. *Porque sabes, Candy, com toda a certeza que não és tu.*

Enquanto se precipitava para a entrada, reparou que o *Mustang* descapotável de Candy não estava no parque de estacionamento, o que significava que devia tê-lo estacionado noutro sítio. Na casa de um tipo qualquer, e deviam estar ambos a rir-se nas suas costas. Imaginou Candy a rir-se de como ele era imbecil e esse pensamento deu-lhe vontade de rebentar com a porta, apontar a pistola para o balcão e desatar a disparar.

Mas não ia fazer isso. Oh, não. Porque primeiro ela tinha de *perceber* exatamente o que estava a acontecer. Tinha de *perceber* que quem ditava as regras era ele.

Ao seu lado, Ted estava surpreendentemente firme, quase excitado. Do interior do bar vinha música abafada da *jukebox*, e o tubo de néon com o nome do bar tingia-lhes o rosto com um clarão avermelhado.

Abec acenou a cabeça para Ted antes de levantar a perna para abrir a porta com um pontapé.

Com os nervos em alerta máximo, Dawson abrandou o carro para uma marcha lenta. Conseguia distinguir as luzes de Oriental ao longe. Foi invadido por uma sensação de *déjà vu*, como se soubesse o que ia acontecer, mas fosse incapaz de o impedir, mesmo que quisesse.

Inclinou-se sobre o volante. Se franzisse os olhos, conseguia ver a loja de conveniência por onde passara durante a corrida matinal. A torre da Primeira Igreja Batista, iluminada por projetores, parecia pairar acima da zona comercial. As lâmpadas de halogénio dos candeeiros de iluminação pública projetavam um clarão fantasmagórico sobre o asfalto, iluminando o caminho até à casa de Tuck e atormentando-o com a possibilidade de não conseguir chegar lá. As estrelas que vira antes tinham desaparecido e o céu sobre a cidade estava quase artificialmente preto. Mais adiante, do lado direito, viu o edifício baixo que substituíra o pinhal original, quase exatamente a meio da curva da estrada no limite da cidade.

Dawson perscrutou a paisagem com atenção, à espera de... qualquer coisa. Foi recompensado quase imediatamente com um movimento fugidio para lá do lado da janela do condutor.

Ele estava ali, posicionado fora do alcance dos faróis do carro, no prado junto à estrada. O homem de cabelo escuro.

O *fantasma*.

Aconteceu tudo tão depressa que Alan nem conseguiu perceber.

Estava a atirar-se Candy – ou, pelo menos, a tentar – enquanto ela se preparava para servir mais uma cerveja, quando de repente a porta do bar foi aberta com tanta força que a metade superior se soltou da dobradiça.

Antes de Alan ter tempo de estremecer, Candy já começara a reagir. O seu rosto expressou reconhecimento e a garrafa de cerveja parou no ar. Ela murmurou as palavras *Oh, merda* e largou a garrafa de repente.

Quando a garrafa se desfez no chão de cimento, Candy já se tinha virado e afastado a toda a velocidade, com um grito a subir-lhe na garganta.

Atrás dele, um rugido ecoou na parede.

– *MAS QUEM DIABO PENSAS QUE ÉS?!*

Alan encolheu-se enquanto Candy corria para a ponta do bar, para o gabinete do gerente. Alan frequentava o Tidewater há tempo suficiente para saber que aquele gabinete tinha uma porta de aço reforçado com fechaduras de segurança porque era ali que estava o cofre.

Encolhendo-se, Alan viu Abee correr para ela, a perseguir o seu rabo de cavalo louro para o fundo do bar. Abee também sabia para onde ela se dirigia.

– *OH, NÃO, NEM PENSES, SUA CABRA!*

Candy lançou um olhar aterrorizado por cima do ombro antes de agarrar o puxador da porta do escritório. Com um grito, atirou-se pela abertura.

A porta bateu no preciso momento em que Abee pousou uma mão no balcão e saltou por cima dele. Voaram garrafas e copos vazios. A caixa registadora caiu no chão com estrondo, mas ele conseguiu passar as pernas para a sua frente.

Quase.

Quando caiu no chão, tropeçou e derrubou as garrafas que estavam na prateleira por baixo do espelho como se fossem pinos de *bowling*.

Contudo, aquele percalço pouco o atrasou. Numa fração de segundo, levantou-se e chegou à porta do gabinete do gerente. Alan viu tudo, cada cena a desenrolar-se individualmente com uma precisão surreal e violenta. Porém, quando os seus pensamentos conseguiram acompanhar o que estava a acontecer, todos os centímetros do seu corpo foram inundados de pânico.

Isto não é um filme.

Abee começou a esmurrar a porta, atirando-se contra ela com uma voz de furacão.

– *ABRE O RAIOS DA PORTA!*

Isto é real.

Alan ouvia Candy gritar histericamente no gabinete trancado.

Oh, meu Deus...

No fundo do bar, os tipos que estavam a jogar bilhar precipitaram-se para a saída de emergência, deixando cair os tacos enquanto fugiam. Foram as pancadas dos tacos no chão de cimento que fizeram o coração de Alan saltar-lhe no peito, despertando-lhe um instinto primário de sobrevivência.

Tinha de sair dali.

Tinha de sair dali *já!*

Alan saltou do banco como se lhe tivessem espetado um picador de gelo. O banco tombou para trás e ele segurou-se ao balcão para não cair. Virou-se para a porta arrombada e viu o parque de estacionamento. A rua principal mais adiante parecia chamar por ele e precipitou-se nessa direção.

Teve apenas uma vaga noção de que Abee estava a esmurrar a porta e a gritar que ia matar Candy se ela não a abrisse. Mal reparou nas mesas e cadeiras tombadas. A única coisa que lhe importava era chegar àquela abertura e sair do Tidewater o mais depressa possível.

Ouvu as sapatilhas bater no chão de cimento, mas a porta arrombada não parecia

estar mais perto. Como se fosse a porta de uma atração de um parque de diversões...

Ao longe, ouviu Candy gritar.

– Deixa-me em paz!

Não viu Ted, nem a cadeira que ele atirou na sua direção e que se despedaçou contra as suas pernas, fazendo-o cair desamparado. Por instinto, Alan tentou travar a queda, mas não conseguiu. Bateu com a testa no chão com toda a força e ficou aturdido com o impacto. Viu explosões de luz branca antes de ficar tudo preto.

A pouco e pouco, o mundo voltou a ficar nítido.

Sentiu o gosto a sangue enquanto se debatia para libertar as pernas da cadeira e se virar. Sentiu uma bota pisar-lhe com força um dos lados da cara, com o tacão a enterrar-se no seu maxilar enquanto lhe comprimia a cabeça contra o chão.

Por cima dele, Ted Tarado Cole apontava-lhe uma pistola com uma expressão ligeiramente divertida.

– Onde é que pensas que vais?

Dawson encostou o carro na berma da estrada. Quase esperava ver o vulto desvanecer-se nas sombras quando saiu, mas o homem de cabelo escuro continuou no mesmo sítio, com erva pelos joelhos. Devia estar a uns cinquenta metros de distância, suficientemente perto para Dawson ver o impermeável a esvoaçar ao sabor da brisa noturna. Se corresse a toda a velocidade, mesmo completamente vestido e a correr no meio das ervas altas, conseguiria chegar ao pé do homem em menos de dez segundos.

Sabia que não estava a imaginar o desconhecido. *Sentia-o*, conseguia senti-lo tão bem como o bater do seu próprio coração. Sem tirar os olhos do homem, enfiou o braço dentro do carro e desligou o motor, apagando os faróis. Mesmo na escuridão, Dawson conseguia ver a mancha da camisola branca do homem, emoldurada pelo impermeável aberto. No entanto, como sempre, o rosto era demasiado vago para lhe distinguir as feições.

Dawson saiu da estrada para a estreita berma de gravilha que a ladeava.

O desconhecido não se mexeu.

Dawson entrou no prado e o vulto continuou imóvel.

Dawson manteve os olhos pregados nele enquanto encurtava lentamente a distância. Cinco passos. Dez. Quinze. Se fosse de dia, sabia que teria visto o homem com nitidez. Teria conseguido distinguir-lhe as feições, mas na escuridão esses pormenores permaneciam obscuros.

Estava mais perto. Dawson avançou com deliberação, sentindo-se invadido por uma onda de incredulidade. Estava mais perto do que nunca da figura fantasmagórica, suficientemente perto para o alcançar com uma corrida.

Continuou a observar, a avaliar quando devia começar a correr. Mas o desconhecido pareceu ler-lhe os pensamentos. Deu um passo atrás.

Dawson parou. A figura também parou.

Dawson deu mais um passo e viu-o recuar um passo. Deu dois passos rápidos e o seu movimento foi espelhado na perfeição pelo homem de cabelo escuro.

Deixando-se de cuidados, Dawson desatou a correr. O homem de cabelo escuro

virou-se e também começou a correr. Dawson acelerou, mas a distância entre ambos manteve-se estranhamente constante, com o impermeável a esvoaçar como se estivesse a provocá-lo.

Dawson ganhou velocidade e o desconhecido desviou-se, mudando de direção. Em vez de se afastar da estrada, começou a correr paralelamente a ela, e Dawson seguiu-o. Estavam a dirigir-se para Oriental, para o edifício baixo depois da curva.

A curva...

Dawson não estava a conseguir aproximar-se, mas o homem de cabelo escuro também não estava a afastar-se. Tinha deixado de mudar de direção, e pela primeira vez Dawson pensou que ele tinha um objetivo claro em mente enquanto o guiava. Havia algo de desconcertante em tudo aquilo, mas, concentrado na perseguição, não tinha tempo para pensar nisso.

A bota de Ted pisou com força o rosto de Alan. Ele sentiu as orelhas esmagadas dos dois lados e o tácio da bota a enterrar-se dolorosamente no seu maxilar. A pistola apontada à sua cabeça parecia enorme, obstruindo-lhe a visão de tudo o resto, e de repente sentiu as suas entranhas liquefazem-se. *Vou morrer*, pensou subitamente.

– Sei que já viste isto – disse Ted, acenando com a pistola, mas mantendo-a apontada. – Se eu te deixar levantar não vais tentar fugir, pois não?

Alan tentou engolir, mas a garganta não estava a funcionar.

– Não – respondeu em voz rouca.

Ted pisou-o com mais força ainda. A dor foi intensa e Alan gritou. Tinha as orelhas em fogo e parecia que tinham sido achatadas até ficarem reduzidas a discos com a espessura de papel. Olhou para Ted com os olhos franzidos enquanto implorava misericórdia e reparou que o outro braço do homem estava engessado e que ele tinha o rosto negro e roxo. Alan deu por si a pensar vagamente no que teria acontecido.

Ted recuou.

– Levanta-te – disse.

Alan tentou libertar a perna que estava presa na cadeira e levantou-se devagar, quase caindo quando sentiu uma dor lancinante no joelho. A porta aberta estava a pouca distância.

– Nem penses – rosnou Ted. Fez-lhe sinal na direção do balcão. – Mexe-te.

A coxear, Alan voltou para o balcão. Abee continuava à porta do escritório, a praguejar enquanto tentava arrombá-la. Por fim, voltou-se para eles.

Abee inclinou a cabeça para o lado, com o olhar fixo e tresloucado. As entranhas de Alan fraquejaram de novo.

– Tenho aqui o teu namorado! – berrou.

– Ele não é meu namorado! – gritou Candy em resposta, mas o som da sua voz saiu abafado. – Vou chamar a polícia!

Abee já estava a dirigir-se para ele, contornando o balcão. Ted mantinha-o sob a mira da pistola.

– Pensavas que podiam pitar-se os dois sem mais nem menos? – perguntou.

Alan abriu a boca para responder, mas o terror roubou-lhe a voz.

Abee inclinou-se para pegar num dos tacos de bilhar caídos no chão. Alan viu-o apertar o taco como um batedor a preparar-se para bater a bola, tresloucado e incontrolável.

Oh, meu Deus, por favor, não...

– Pensavas que eu não ia descobrir? Que não sabia o que andavam a planear? Vivos na sexta-feira à noite!

A poucos passos de distância, Alan estava petrificado, incapaz de se mexer enquanto Abee levantava o taco. Ted deu meio passo atrás.

Oh, Deus...

Com grande dificuldade, Alan conseguiu dizer:

– Não sei do que está a falar.

– Ela deixou o carro na tua casa? – perguntou Abee. – É lá que está?

– O que... eu...

Abee avançou para ele, a rodar o taco, antes de Alan poder terminar. O taco atingiu-o na cabeça, fazendo o mundo eclodir em ofuscantes explosões de estrelas antes de ficar tudo preto de novo.

Alan caiu no chão e Abee continuou a agredi-lo com o taco. Alan tentou proteger-se debilmente e ouviu o horrível som do seu braço a partir. Quando o taco se partiu ao meio, Abee deu-lhe um pontapé no rosto com a bota de biqueira de aço. Ted começou a pontapeá-lo nos rins, provocando-lhe explosões de profunda agonia.

Quando Alan começou a gritar, o espancamento começou a sério.

✧

A correr no meio das ervas do prado, ambos estavam a aproximar-se do edifício baixo e feio. Dawson viu alguns carros e carrinhas de caixa aberta parados no parque de estacionamento em frente e pela primeira vez reparou num pálido brilho vermelho por cima da entrada. A pouco e pouco, tinham começado a desviar-se naquela direção.

Enquanto o desconhecido de cabelo escuro deslizava sem esforço à sua frente, Dawson sentiu uma incómoda sensação de reconhecimento. A posição relaxada dos ombros, o ritmo constante dos braços, a cadência da passada longa... Dawson já tinha visto aquela postura e não fora apenas na floresta atrás da casa de Tuck. Ainda não a conseguia identificar com precisão, mas o reconhecimento estava cada vez mais perto, como bolhas a emergir à superfície da água. O homem olhou por cima do ombro, como se lesse todos os seus pensamentos, e Dawson teve o primeiro vislumbre nítido das suas feições, sabendo que já o tinha visto antes.

Antes da explosão.

Dawson tropeçou e ao endireitar-se foi percorrido por um calafrio.

Não era possível.

Tinham passado vinte e quatro anos. Desde então, tinha sido preso e libertado. Tinha trabalhado em plataformas petrolíferas no golfo do México. Tinha amado e perdido esse amor, amado e perdido de novo, e o homem que o acolhera em tempos morrera de velhice. Mas o desconhecido – porque ele era, e sempre fora, um desconhecido – não tinha envelhecido nem um pouco. Tinha exatamente a mesma aparência do que na noite em que saíra para a sua corrida habitual depois das consultas

no consultório, num dia de chuva. Era ele, e naquele momento conseguiu vê-lo: o rosto surpreendido que vira quando o carro se despistara. Trazia os pneus de que Tuck precisava e voltava para Oriental...

Foi aqui, recordou-se Dawson de novo. Foi aqui que o Dr. David Bonner, marido e pai, foi morto.

Dawson respirou fundo e tropeçou de novo, mas o homem parecia ter-lhe lido os pensamentos. Ao chegar ao caminho de gravilha do parque de estacionamento acenou uma vez com a cabeça, sem sorrir. Virou-se de novo para a frente e correu paralelamente à fachada do edifício. Dawson sentiu o suor escorrer enquanto entrava aos tropeções no parque de estacionamento atrás dele. Mais adiante, o desconhecido – o Dr. Bonner – tinha parado de correr e estava parado perto da entrada do edifício, banhado pela fantasmagórica luz vermelha da placa de néon.

Dawson aproximou-se, concentrado no Dr. Bonner, quando o fantasma se virou e entrou no edifício.

Dawson estugou o passo, precipitando-se segundos depois pela porta de um bar pouco iluminado, mas nessa altura o Dr. Bonner já tinha desaparecido.

Dawson precisou apenas de um instante para registar a cena: mesas e cadeiras tombadas, o som abafado de uma mulher a gritar algures e a televisão com o volume muito alto. Os primos Ted e Abee inclinados por cima de alguém que estava caído no chão, a espancá-lo selvaticamente, de uma forma quase ritual, até pararem de repente para olharem para si. Dawson viu de relance a figura ensanguentada no chão e reconheceu-o logo.

Alan...

Dawson observara o rosto do rapaz em inúmeras fotografias ao longo dos anos, mas também reparou na semelhança notável com o pai. O homem que Dawson vira durante aqueles meses, o homem que o levava até ali.

Enquanto assimilava aquela cena, fez-se silêncio total. Ted e Abee ficaram imóveis, aparentemente incapazes de acreditar que alguém – fosse quem fosse – tinha chegado de repente. Olharam para Dawson, ofegantes como lobos interrompidos durante um frenético festim alimentar.

O Dr. Bonner salvara-o por uma razão.

Aquele pensamento invadiu-lhe a mente no mesmo instante em que os olhos de Ted brilharam de súbita compreensão. Ted começou a erguer a pistola, mas quando apertou o gatilho Dawson já se tinha afastado da trajetória da bala, abrigando-se atrás de uma mesa. De repente, percebeu por que razão fora trazido para ali – e talvez até qual tinha sido o seu objetivo desde o primeiro momento.



Sempre que respirava, quase asfixiado, Alan tinha a sensação de que estava a ser esfaqueado.

Não conseguia mexer-se, mas apercebeu-se vagamente do que estava a acontecer.

Desde que aquele desconhecido entrara a correr no bar, a esticar desvairadamente o pescoço como se viesse a perseguir alguém, Ted e Abee tinham parado de lhe bater, não sabia porquê, concentraram-se no recém-chegado. Alan não percebeu, mas quando

ouviu tiros enrolou o corpo numa bola e começou a rezar. O desconhecido tinha-se atirado para trás de umas mesas e Alan não o conseguia ver, mas pouco depois viu garrafas voar por cima da sua cabeça direitas a Ted e Abee enquanto ricocheteavam tiros à volta do balcão. Ouviu Abee gritar e o som abafado de madeira a partir-se enquanto à sua volta choviam pedaços de uma cadeira. Ted tinha desaparecido do seu ângulo de visão, mas Alan continuava a ouvir os disparos descontrolados.

Alan tinha a certeza de que estava a morrer.

Dois dos seus dentes estavam no chão e a sua boca estava cheia de sangue. Sentira as costelas partirem-se quando Abee o pontapeara. Tinha a parte da frente das calças molhada: ou se mijara todo ou estava a sangrar devido aos golpes que lhe tinham desferido nos rins.

Ouviu o som de sirenes ao longe, mas, convencido de que o seu fim estava próximo, não conseguiu reunir forças suficientes para se importar. Ouviu o estrondo de cadeiras e garrafas a partirem-se. Algures ao longe, ouviu Abee soltar um grunhido quando uma garrafa bateu em alguma coisa sólida.

Os pés do desconhecido passaram por ele a correr em direção ao balcão. Logo em seguida, ouviram-se gritos seguidos de um tiro que estilhaçou o espelho atrás do balcão. Alan sentiu os fragmentos de vidro caírem-lhe em cima e picarem-lhe a pele. Outro grito e mais ruídos de luta. Abee começou a soltar um uivo agudo, mas o guincho foi interrompido de forma abrupta pelo som de alguma coisa a ser esmagada contra o chão.

A cabeça de alguém?

Mais barulho de luta. Da sua posição estratégica no chão, Alan viu Ted cambalear para trás, por pouco não lhe pisando um pé. Ted gritou alguma coisa enquanto recuperava o equilíbrio, mas Alan julgou ouvir sinais de alarme na sua voz quando outro tiro ecoou no pequeno bar.

Alan fechou os olhos com força e voltou a abri-los no momento em que outra cadeira voava pelo ar. Ted disparou mais uma vez para o teto e o homem desconhecido atacou-o como um touro, atirando-o contra a parede. Uma pistola caiu no chão com um estrondo quando Ted foi atirado para o lado.

O desconhecido estava em cima de Ted enquanto este tentava deslocar-se para fora da sua linha de visão, mas Alan não conseguia mexer-se. Atrás de si, ouviu o som de um punho contra um rosto, uma e outra vez... ouviu Ted gritar e o martelar de punhos contra o seu queixo fazia o som subir e descer ao ritmo dos socos. Depois, Alan ouviu apenas os golpes e Ted calou-se por fim. Ouviu outro soco, e depois mais outro e ainda outro, a abrandar.

A seguir não ouviu mais nada a não ser o som da respiração pesada de um homem.

O uivo das sirenes estava mais próximo, mas Alan, caído no chão, sabia que o socorro chegaria demasiado tarde.

Eles mataram-me, foi o pensamento que lhe ocorreu enquanto a sua visão ia ficando escura na periferia. De súbito, sentiu um braço agarrá-lo pela cintura e começar a levantá-lo.

A dor foi excruciante e ele gritou ao sentir-se levantado por um braço à sua volta. Milagrosamente, sentiu as pernas mexerem-se como se tivessem vontade própria enquanto o homem o levava meio arrastado, meio amparado para a porta. Viu a

mancha de céu escuro à sua frente, mas mal conseguiu distinguir a porta arrombada de que se aproximavam.

E, apesar de não haver um motivo, deu por si a dizer em voz rouca.

– Sou o Alan. – Deixou-se cair contra o homem. – Alan Bonner.

– Eu sei – respondeu o homem. – Vim para te tirar daqui.

✦

Vim para te tirar daqui.

Quase inconsciente, Ted não conseguiu perceber totalmente as palavras, mas soube por instinto o que estava a acontecer. *Dawson ia escapar outra vez.*

A raiva que sentiu foi vulcânica, mais forte do que a própria morte.

Obrigou-se a abrir um olho ensanguentado enquanto Dawson cambaleava em direção à porta, a segurar o namorado de Candy. Com Dawson de costas, Ted olhou em volta à procura da pistola. *Ali*. Muito perto, debaixo de uma mesa partida.

As sirenes tinham-se tornado mais ruidosas.

Reunindo as últimas reservas de energia, Ted atirou-se para junto da pistola e sentiu o seu gratificante peso quando a apertou na mão. Apontou-a para a porta, para Dawson. Não fazia ideia de quantas balas lhe restavam, mas sabia que seria a sua última oportunidade.

Concentrou-se e fez pontaria. E depois premiu o gatilho.



Cerca da meia-noite, Amanda sentia-se entorpecida. Esgotada a nível mental, físico e emocional, estivera simultaneamente exausta e inquieta durante horas enquanto estava sentada na sala de espera. Tinha folheado páginas de revistas sem ver nada e andara compulsivamente de um lado para o outro, a tentar lutar contra o pavor que sentia sempre que pensava no filho. Porém, à medida que a meia-noite se foi aproximando, sentiu aquela enorme ansiedade desaparecer por fim, deixando apenas uma espécie de casca vazia.

Lynn chegara uma hora antes, num pânico evidente. Abraçada a Amanda, enchera-a de perguntas intermináveis às quais ela não sabia responder. Depois virara-se para o pai, pressionando-o implacavelmente para que lhe desse pormenores sobre o acidente. Alguém entrara no cruzamento a grande velocidade, disse Frank com um impotente encolher de ombros. Naquela altura já estava sóbrio e, apesar da preocupação com o filho ser aparente, não disse porque é que Jared estava a atravessar aquele cruzamento nem por que motivo ele estava a dar-lhe boleia.

Amanda não dirigira a palavra a Frank durante as horas que tinham passado na sala de espera. Sabia que Lynn devia ter percebido o silêncio entre ambos, mas a filha também se manteve calada, absorta nas preocupações com o irmão. A certa altura, perguntou a Amanda se devia ir buscar Annette à colónia de férias. Amanda disse-lhe para esperar até terem uma melhor noção do que estava a acontecer. Annette era demasiado jovem para compreender aquela crise e, com toda a franqueza, naquele momento não se sentia capaz de cuidar da filha mais nova. Mal conseguia aguentar-se.

À meia-noite e vinte daquele que tinha sido o dia mais longo da sua vida, o Dr. Mills entrou por fim na sala de espera. Estava notoriamente cansado, mas tinha vestido roupa limpa antes de vir falar com eles. Amanda levantou-se do seu lugar e Lynn e

Frank fizeram o mesmo.

– A cirurgia correu bem – disse de imediato. – Estamos bastante confiantes de que o Jared vai ficar bem.

Jared esteve várias horas no recobro, mas Amanda só pôde vê-lo quando ele foi transferido por fim para a Unidade de Cuidados Intensivos. Apesar de a unidade não ter visitas durante a noite, o Dr. Mills abriu uma exceção para ela.

Nessa altura, Lynn já tinha levado Frank para casa. Ele declarou que estava com uma forte dor de cabeça devido à pancada no rosto, mas prometeu voltar na manhã seguinte. Lynn tinha-se oferecido para voltar para o hospital, para lhe fazer companhia, mas Amanda recusou. Passaria a noite inteira com Jared.

Sentou-se à cabeceira do filho durante as horas seguintes, a escutar os bipes digitais do monitor cardíaco e o estranho sibilar do ventilador que introduzia e extraía lentamente ar dos pulmões dela. A sua pele tinha a cor de plástico velho e as bochechas pareciam ter colapsado. Não se parecia com o filho de que se lembrava, o filho que tinha criado; era um desconhecido para ela naquele ambiente estranho, tão distante das suas vidas quotidianas.

Apenas as mãos pareciam não ter sido afetadas e Amanda pegou numa, indo buscar forças ao seu calor. Quando a enfermeira lhe mudou o penso, viu de relance o enorme corte que lhe rasgava o peito e teve de se virar.

O médico tinha-lhe dito que era provável que Jared acordasse mais tarde nesse dia e, parada à sua cabeceira, Amanda perguntou a si mesma até que ponto ele se recordaria do acidente e da chegada ao hospital. Teria ficado assustado quando o seu estado piorara de repente? Teria desejado que ela estivesse ali? Aquele pensamento foi como um golpe físico e Amanda jurou que ficaria com o filho enquanto ele precisasse dela.

Não dormira desde que chegara ao hospital. À medida que as horas foram passando sem sinal de Jared acordar, Amanda começou a ficar sonolenta, embalada pelo som regular e ritmado do equipamento. Inclinou-se para a frente e pousou a cabeça na grade da cama. Uma enfermeira acordou-a vinte minutos depois e sugeriu-lhe que fosse para casa durante algum tempo.

Amanda abanou a cabeça e olhou de novo para o filho, a tentar transmitir a sua força àquele corpo ferido. Para se consolar, pensou na certeza com que o Dr. Mills lhe dissera que Jared levaria uma vida quase normal depois de recuperar. Podia ter sido pior, dissera-lhe o médico, e Amanda repetiu aquelas palavras como se fossem um encantamento para afastar um desastre maior.

Quando o céu começou a clarear do outro lado das janelas da UCI, o hospital começou a ganhar vida de novo. Os enfermeiros mudaram de turno, os carrinhos do pequeno-almoço foram abastecidos e os médicos começaram a fazer as suas rondas. O nível de ruído aumentou para um zumbido constante. Uma enfermeira informou Amanda num tom seco de que precisava de verificar o cateter e ela saiu com relutância da UCI e foi ao café. Talvez um pouco de cafeína lhe desse a dose de energia de que necessitava; tinha de estar ao lado de Jared quando ele finalmente acordasse da

anestesia.

Apesar de ser cedo, a fila já era comprida com pessoas que, como ela, tinham passado a noite acordadas. Um jovem com vinte e muitos anos parou atrás dela.

– A minha mulher vai matar-me – confessou enquanto alinhavam os tabuleiros.

Amanda ergueu uma sobrancelha.

– Porquê?

– Ela teve um bebé ontem à noite e mandou-me vir buscar café. Disse-me para me despachar porque estava a ficar com dor de cabeça por falta de cafeína, mas eu tive de passar pelo berçário para espreitar mais uma vez.

Apesar de tudo, Amanda sorriu.

– Menino ou menina?

– Um menino – respondeu ele. – Gabriel. Gabe. É o nosso primeiro filho.

Amanda pensou em Jared. Pensou em Lynn e Annette, e pensou em Bea. Tinha vivido os dias mais felizes e mais tristes da sua vida no hospital.

– Parabéns – disse.

A fila avançava devagar enquanto os clientes se demoravam a escolher e a pedir complicadas combinações de pequenos-almoços. Amanda olhou para o relógio depois de pagar o café. Saía de junto do filho há quinze minutos. Tinha a certeza de que não poderia levar o café para a UCI, por isso sentou-se a uma mesa junto à janela e viu o parque de estacionamento começar a encher-se lentamente.

Depois de beber o café, foi à casa de banho. O rosto refletido no espelho estava transtornado e com falta de sono, quase irreconhecível. Molhou as faces e o pescoço com água fria e passou os minutos seguintes a fazer todos os possíveis para ficar apresentável. Apanhou o elevador para cima e voltou para a UCI. Quando se aproximava da porta, uma enfermeira levantou-se e intercetou-a.

– Desculpe, mas não pode entrar – disse.

– Porque não? – perguntou Amanda, parando. A enfermeira não respondeu e a sua expressão era inflexível. Amanda voltou a sentir as molas de pânico apertarem-se de novo dentro de si.

Esperou à porta da UCI durante quase uma hora, até que o Dr. Mills saiu por fim para falar com ela.

– Lamento – disse –, mas houve uma complicação grave.

– M-m-mas estive com ele ainda agora – gaguejou ela, incapaz de se lembrar de mais alguma coisa para dizer.

– Ele teve um enfarte – continuou o médico. – Isquemia no ventrículo direito. – Abanou a cabeça.

Amanda franziu a testa.

– Não sei o que está a tentar dizer-me! Diga-me de uma maneira que eu perceba!

A expressão do Dr. Mills foi compassiva e a voz, suave.

– O seu filho – disse por fim –, o Jared... teve um ataque cardíaco fulminante.

Amanda pestanejou e sentiu o corredor a fechar-se sobre si.

– Não – disse. – Não é possível. Ele estava a dormir... estava a recuperar quando saí.

O Dr. Mills não disse nada e Amanda sentiu-se tonta, quase incorpórea, quando balbuciou:

– O senhor disse que ele ia ficar bom. Disse que a cirurgia correu bem. Disse que ele ia acordar hoje, mais para o fim do dia.

– Lamento...

– Como é que o meu filho pode ter tido um ataque cardíaco? – perguntou, incrédula. – Ele só tem dezanove anos!

– Não tenho a certeza. Deve ter sido um coágulo. Pode estar relacionado com o trauma original ou com o trauma da cirurgia, mas não há maneira de saber ao certo – explicou o Dr. Mills. – É invulgar, mas tudo pode acontecer quando o coração sofre uma lesão tão grave. – Tocou-lhe no braço. – Na verdade, a única coisa que lhe posso dizer é que se não tivesse acontecido na UCI talvez não tivesse sobrevivido.

A voz de Amanda começou a tremer.

– Mas sobreviveu, certo? Vai ficar bem, não vai?

– Não sei. – O rosto do médico fechou-se de novo.

– Não sabe? Como assim?

– Estamos a ter dificuldade em manter um ritmo sinusal.

– Pare de falar como um médico! – exclamou Amanda. – Diga-me só o que preciso de saber! O meu filho vai ficar bem?

Pela primeira vez, o Dr. Mills desviou o olhar.

– O coração do seu filho está a falhar – disse. – Sem uma... intervenção, não sei bem quanto tempo lhe resta de vida.

Amanda sentiu-se atordoada, como se as palavras fossem golpes reais. Apoiou-se contra a parede, a tentar perceber o que o médico queria dizer.

– Não está a dizer que ele vai morrer, pois não? – sussurrou. – Ele não pode morrer. É jovem, saudável e forte. Tem de fazer alguma coisa.

– Estamos a fazer tudo o que podemos – respondeu o Dr. Mills numa voz cansada.

Outra vez não, foi a única coisa em que Amanda conseguiu pensar. Não como a Bea. Não pode acontecer a mesma coisa ao Jared.

– Então, faça mais! – insistiu ela, a meio a suplicar, meio a gritar. – Leve-o para o bloco operatório e faça o que tem de fazer!

– Neste momento, uma cirurgia não é opção.

– Faça o que tiver de fazer para o salvar! – A sua voz subiu e rachou.

– Não é assim tão simples...

– Porque não? – O seu rosto refletia incompreensão.

– Tenho de convocar uma reunião de emergência com a comissão de transplantes.

Amanda sentiu os últimos fragmentos de compostura cederem quando ele proferiu aquelas palavras.

– Transplantes?

– Sim – respondeu ele. Olhou para a porta da UCI e voltou-se para ela. – O seu filho precisa de um coração novo.

Depois, Amanda foi levada para a mesma sala de espera onde estivera durante a primeira cirurgia de Jared.

Desta vez, não estava sozinha. Havia mais três pessoas na sala, todas com a mesma

expressão tensa e desamparada que ela. Amanda deixou-se cair numa cadeira, a tentar em vão reprimir uma horrível sensação de *déjà vu*.

Não sei bem quanto tempo de vida lhe resta.

Oh, Deus...

De repente, não conseguiu suportar o confinamento daquela sala de espera. Os cheiros a desinfetante, as hediondas luzes fluorescentes, os rostos exaustos e ansiosos... era uma repetição das semanas e dos meses que tinham passado em salas idênticas àquela durante a doença de Bea. A impotência, a ansiedade – tinha de sair dali.

Levantou-se, pôs a carteira ao ombro e percorreu em passos rápidos os corredores revestidos a azulejos até encontrar uma saída. Saiu para um pequeno terraço, sentou-se num banco de pedra e inspirou fundo o ar do início da manhã. Em seguida, pegou no telemóvel. Apanhou Lynn em casa, no momento em que a filha e Frank estavam a sair para o hospital. Amanda relatou o que tinha acontecido e Frank ouviu noutra extensão. Lynn encheu-a de novo de perguntas para as quais não tinha respostas, mas Amanda interrompeu-a para lhe pedir que telefonasse para a colónia de férias onde estava Annette e que fosse buscar a irmã. A viagem de ida e volta demoraria três horas e Lynn protestou que queria ver Jared, mas Amanda disse com firmeza que precisava que fizesse isso por ela. Frank não falou.

Depois de desligar, Amanda telefonou para a mãe. Explicar-lhe o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas tornou o pesadelo ainda mais real e foi-se abaixo antes de conseguir terminar.

– Vou já para aí – disse a mãe simplesmente. – Estarei aí o mais depressa que puder.



Quando Frank chegou, reuniram-se com o Dr. Mills no seu gabinete no segundo andar para discutir a possibilidade de Jared receber um transplante de coração.

Embora Amanda ouvisse e percebesse tudo o que o Dr. Mills disse sobre o processo, houve apenas dois pormenores que conseguiu recordar mais tarde.

O primeiro foi que Jared podia não ser aprovado pela comissão de transplantes – que, apesar da gravidade do seu estado, não havia precedentes para pôr na lista um doente que sofrera um acidente de viação. Não havia garantias de que cumprisse os requisitos.

O segundo foi que, mesmo que fosse aprovado, seria uma questão de pura sorte – e uma possibilidade remota – aparecer um coração compatível.

Por outras palavras, as hipóteses eram reduzidas em ambos os casos.

Não sei bem quanto tempo de vida lhe resta.

Enquanto voltavam para a sala de espera, Frank parecia tão aturdido como ela. A raiva de Amanda e a culpa de Frank formaram um muro impenetrável entre os dois. Uma hora mais tarde, uma enfermeira veio fazer uma atualização da situação, dizendo-lhes que o estado de Jared estabilizara por enquanto e que, se quisessem, podiam ir vê-lo.

Estabilizado. Por enquanto.

Amanda e Frank pararam ao lado da cama de Jared. Ela conseguia ver a criança

que ele fora e o jovem adulto que se tinha tornado, mas quase não conseguia associar aquelas imagens à figura inconsciente que estava deitada de bruços naquela cama. Frank murmurou um pedido de desculpas e pediu a Jared para «se aguentar», e aquelas palavras desencadearam em Amanda uma torrente de raiva e incredulidade que se esforçou por controlar.

Frank parecia ter envelhecido dez anos desde a noite anterior; desganhado e abatido, era a personificação do desgosto, mas Amanda não conseguiu sentir qualquer empatia com a culpa que sabia que ele estava a sentir.

Passou os dedos pelo cabelo de Jared, marcando o tempo com os bipes digitais dos monitores. Havia enfermeiros debruçados sobre outros doentes na UCI, a verificar cateteres e a ajustar manípulos, comportando-se como se fosse um dia completamente normal. Um dia normal na vida de um concorrido hospital, mas nada havia de normal em tudo aquilo. Era o fim da vida tal como a conhecia, para si e para a sua família.

A comissão de transplantes reunir-se-ia em breve, mas não havia precedentes de um doente como Jared ser incluído na lista de espera. Se recusassem, o seu filho ia morrer.

Lynn chegou ao hospital com Annette agarrada ao seu boneco de peluche preferido, um macaco. Abrindo uma rara exceção, os enfermeiros deixaram as irmãs entrarem juntas na UCI para verem Jared. Lynn empalideceu e beijou-o no rosto. Annette colocou o boneco ao lado do irmão na cama de hospital.

Numa sala de reuniões vários andares acima da UCI, a comissão de transplantes reuniu-se para uma decisão de emergência. O Dr. Mills apresentou o perfil e o caso clínico de Jared, bem como a urgência da situação.

– Diz aqui que ele sofre de insuficiência cardíaca congestiva – declarou um dos membros da comissão, franzindo a testa enquanto olhava para o relatório que tinha à sua frente.

O Dr. Mills acenou com a cabeça.

– Como referi no relatório, o enfarte danificou com gravidade o ventrículo direito do doente.

– Um enfarte que deve ter sido causado por alguma lesão sofrida no acidente – contrapôs o membro da comissão. – A regra é que não se dão corações a vítimas de acidentes de viação.

– Apenas porque em geral não vivem o suficiente para beneficiar disso – referiu o Dr. Mills. – Mas este doente sobreviveu. É um jovem saudável, com excelentes perspetivas se resolvermos isto. A causa real do enfarte ainda é desconhecida e, como sabemos, a insuficiência cardíaca congestiva enquadra-se nos critérios para transplantação. – Pousou o processo e inclinou-se para a frente, olhando para cada um dos colegas. – Sem um transplante, duvido que o doente consiga sobreviver mais de vinte e quatro horas. Temos de o incluir na lista. – Na sua voz transpareceu um tom

suplicante. – Ele ainda é jovem. Temos de lhe dar uma oportunidade de viver.

Alguns membros da comissão trocaram olhares céticos. O Dr. Mills sabia o que estavam a pensar: não apenas que aquele caso não tinha precedentes, como o prazo era demasiado curto. As probabilidades de encontrar um dador a tempo eram quase nulas, o que significava que era provável que o doente acabasse por morrer, independentemente da decisão que tomassem. O que não referiram foi um cálculo mais frio, que ninguém na comissão expressou. Tinha que ver com dinheiro. Se Jared fosse incluído na lista, o doente seria contabilizado como um sucesso ou um fracasso no programa nacional de transplantes, e uma taxa de sucesso mais alta significava uma melhor reputação para o hospital. Significava mais fundos para investigação e cirurgias. Significava mais dinheiro para transplantes no futuro. Num cenário mais vasto, significava que mais vidas poderiam ser salvas a longo prazo, ainda que tivesse de ser sacrificada uma vida agora.

Porém, o Dr. Mills conhecia bem os colegas e no seu íntimo sabia que eles também compreendiam que cada doente e cada conjunto de circunstâncias eram únicos. Compreendiam que os números nem sempre contavam a história toda. Eram profissionais que por vezes corriam riscos para ajudar um doente. Para uma grande maioria, era o motivo pelo qual tinham decidido ser médicos, como acontecera com ele. Queriam salvar pessoas e nesse dia decidiram tentar de novo.

No fim da reunião, a recomendação da comissão de transplantes foi unânime. Foi atribuído ao doente o estatuto de 1A, que lhe concedia prioridade máxima – se, por milagre, aparecesse um dador.



Quando o Dr. Mills lhes comunicou a notícia, Amanda deu um salto e abraçou-o com uma força desesperada.

– Obrigada – murmurou. – Obrigada. – Repetiu a palavra vezes sem conta. Tinha demasiado medo de dizer mais alguma coisa, de desejar em voz alta o milagre de um dador.



Quando Evelyn entrou na sala de espera, bastou-lhe um olhar para a família em estado de choque para saber que alguém teria de cuidar deles. Alguém que os apoiasse e não alguém que precisasse de apoio.

Abraçou um de cada vez, demorando-se mais em Amanda. Em seguida, inspecionou o grupo e perguntou:

– Muito bem, quem precisa de comer alguma coisa?

Evelyn levou Lynn e Annette para o café, deixando Frank e Amanda sozinhos. Amanda nem sequer conseguia pensar em comer. Quanto a Frank, não se importava. Só conseguia pensar em Jared.

E esperar.

E rezar.

Quando uma das enfermeiras da UCI passou pela sala de espera, Amanda correu

atrás dela e apanhou-a no corredor. Com voz trémula, fez a pergunta óbvia.

– Não – respondeu-lhe a enfermeira –, lamento. Até ao momento não há notícia de um possível dador.



Ainda parada na entrada, Amanda levou as mãos ao rosto.

Sem que ela se apercebesse, Frank saíra da sala de espera e parou ao seu lado quando a enfermeira se afastou apressadamente.

– Eles vão encontrar um dador – disse Frank.

Quando lhe tocou, hesitante, Amanda virou-lhe as costas.

– Vão encontrar um – insistiu.

Os olhos de Amanda chisparam.

– Tu és a única pessoa que não me pode *prometer* isso.

– Não, claro que não...

– Então, cala-te – disse ela. – Não digas coisas sem sentido.

Frank tocou na cana do nariz inchada.

– Estou apenas a tentar...

– O quê? – retorquiu ela. – Fazer-me sentir melhor? O meu filho está a morrer! – A sua voz ecoou no corredor de mosaicos e fez virar cabeças.

– Ele também é meu filho – disse Frank num tom calmo.

Reprimida durante muito tempo, a ira de Amanda explodiu de repente.

– Então porque é que o fizeste ir lá buscar-te? – gritou. – Porquê? Porque estavas demasiado embriagado para conduzir?

– Amanda...

– Foste tu que fizeste isto! – gritou-lhe. Dos dois lados do corredor, doentes esticaram-se para espreitar pelas portas e enfermeiros pararam para ver o que se passava. – Ele não devia estar no carro! Não havia razão nenhuma para estar lá! Mas tu ficaste tão bêbedo que não podias tomar conta de ti! Outra vez! Como sempre!

– Foi um acidente – tentou Frank argumentar.

– Não foi, não! Não percebes? Foste tu que compraste a cerveja, foste tu que a bebeste... foste *tu* que provocaste tudo isto. Foste tu que puseste o Jared na trajetória daquele carro!

Amanda estava ofegante, alheia a quem estava no corredor.

– Pedi-te para deixares de beber – sibilou. – Implorei-te que parasses. Mas tu nunca paraste. Nunca te importaste com o que eu queria nem com o que era melhor para os miúdos. A única coisa em que pensaste foi em ti próprio e no que sofreste depois do falecimento da Bea. – Inspirou com força. – Bem, mas sabes que mais? Eu também fiquei destroçada. Fui eu que a dei à luz. Fui eu que lhe dei colo, que a alimentei e lhe mudei as fraldas enquanto tu estavas a trabalhar. Fui eu que estive sempre à sua cabeceira enquanto esteve doente. Fui eu, não tu. *Eu*. – Espetou o dedo no próprio peito. – Mas, seja como for, tu tornaste-te no que não conseguia aguentar. E sabes o que aconteceu? Acabei por perder o marido com quem me casei juntamente com a minha bebé. No entanto, ainda assim consegui continuar a lutar e a tirar o melhor partido das coisas. – Amanda virou-lhe as costas, com o rosto contorcido de

amargura.

– O meu filho está ligado a uma máquina de suporte de vida e o seu tempo está a esgotar-se porque nunca tive coragem de te deixar. Mas é o que devia ter feito há muito tempo.

A meio da sua explosão, Frank baixou os olhos e pregou-os no chão. Exausta, Amanda começou a afastar-se pelo corredor.

Parou um instante, voltou-se e acrescentou:

– Eu sei que foi um acidente. Sei que estás arrependido. Mas arrependimento não chega. Se não fosse por tua causa não estaríamos aqui, e ambos sabemos isso.

Aquelas últimas palavras foram uma provocação que ecoou pela enfermaria do hospital e Amanda quase esperou que ele lhe respondesse. Todavia, Frank ficou calado e ela saiu dali.



Quando a família foi autorizada a visitar de novo a UCI, Amanda e as filhas revezaram-se junto de Jared. Amanda esteve com ele durante quase uma hora. No momento em que Frank chegou, foi-se embora. Evelyn entrou a seguir para ver o neto e ficou apenas alguns minutos.

Depois de Evelyn levar o resto da família, Amanda voltou para a cabeceira de Jared e ficou com ele até à mudança de turno dos enfermeiros.

Continuava a não haver novidades em relação a um dador.



Veio a hora do jantar e mais tempo passou. Evelyn apareceu por fim, arrastou-a à força para fora da UCI e levou-a para o café. Embora a ideia de pôr alguma coisa no estômago a fizesse sentir-se quase nauseada, a mãe obrigou-a a comer uma sanduíche em silêncio. Engolindo cada dentada sem sabor com um esforço mecânico, Amanda obrigou o último pedaço a descer pela garganta e amachucou o embrulho de celofane.

Depois, levantou-se e voltou para a UCI.



Às oito da noite, quando o horário das visitas terminou oficialmente, Evelyn determinou que seria melhor as miúdas irem para casa durante algum tempo. Frank concordou em acompanhá-las, mas o Dr. Mills abriu de novo uma exceção para Amanda e deixou-a ficar com o filho.

A atividade frenética do hospital abrandou com o cair da noite. Amanda continuou sentada à cabeceira de Jared, sem se mexer. Aturdida, assistia à rotação de enfermeiros, incapaz de se recordar dos seus nomes logo que saíam do quarto. Implorou repetidamente a Deus que salvasse o seu filho, do mesmo modo que em tempos lhe suplicara que salvasse Bea.

Só lhe restava esperar que desta vez Deus a ouvisse.

Pouco depois da meia-noite, o Dr. Mills entrou no quarto.
– Devia ir para casa descansar um pouco – disse-lhe. – Eu ligo-lhe se souber alguma coisa. Prometo.

Amanda recusou-se a largar a mão de Jared e ergueu o queixo num obstinado desafio.

– Não o vou deixar.

Eram quase três da manhã quando o Dr. Mills voltou à UCI. Nessa altura, Amanda estava demasiado exausta para se levantar.

– Temos novidades – anunciou ele.

Amanda voltou-se para o médico com a certeza de que ele ia dizer-lhe que se tinha esgotado a última esperança. *É agora*, pensou, sentindo-se entorpecida. *É o fim*.

Em vez disso, viu algo parecido com esperança na sua expressão.

– Encontrámos um compatível – disse ele. – Uma hipótese num milhão que se concretizou.

Amanda sentiu uma onda de adrenalina percorrer-lhe os membros e todos os seus nervos despertaram enquanto tentava compreender o que ele estava a dizer.

– Um compatível?

– O coração de um dador. Está a ser trazido para o hospital neste preciso momento e a cirurgia já está marcada. A equipa está a ser reunida.

– Isso quer dizer que o Jared vai viver? – perguntou Amanda em voz rouca.

– O plano é esse – respondeu o Dr. Mills, e, pela primeira vez desde que chegara ao hospital, Amanda começou a chorar.



Por insistência do Dr. Mills, Amanda foi por fim para casa. Tinham-lhe dito que Jared ia ser levado para o pré-operatório, onde seria preparado para a cirurgia, e que ela não poderia ficar com ele. Depois disso, a cirurgia demoraria de quatro a seis horas, dependendo se houvesse complicações ou não.

– Não – disse-lhe o Dr. Mills antes de ela ter hipótese de perguntar. – Não há nenhum motivo para antever complicações.

Apesar da raiva que continuava a sentir, telefonou para Frank depois de receber a notícia e antes de sair do hospital. Frank não estava a dormir e, apesar de esperar ouvir a voz entaramelada a que se tinha acostumado, ele estava sóbrio quando atendeu. O seu alívio em relação a Jared foi notório e agradeceu-lhe por ter telefonado.

Amanda não o viu quando chegou a casa e desconfiou que ele estava a dormir no sofá do escritório, já que a mãe se tinha instalado no quarto de hóspedes. Apesar de estar exausta, precisava muito de tomar um duche e passou muito tempo debaixo do forte jato de água antes de se deitar por fim.

Ainda faltava uma ou duas horas para o sol nascer e, enquanto fechava os olhos, disse a si mesma que não ia dormir muito, apenas uma pequena sesta antes de voltar para o hospital.

O sono sem sonhos durou seis horas.

A mãe tinha uma chávena de café na mão quando Amanda se precipitou para a entrada, frenética para voltar para o hospital e a esforçar-se para se lembrar onde deixara as chaves.

– Liguei há alguns minutos – disse-lhe Evelyn. – A Lynn disse que ainda não sabem nada, além de que o Jared está a ser operado.

– Mesmo assim, tenho de ir – balbuciou Amanda.

– Claro que sim. Mas só depois de beberes um café. – Evelyn estendeu-lhe a chávena. – Fi-lo para ti.

Amanda remexeu as pilhas de correspondência publicitária e outras coisas que estavam em cima das bancadas, ainda à procura das chaves.

– Não tenho tempo...

– Demoras cinco ou dez minutos a beber o café – disse-lhe a mãe num tom que não aceitava protestos. Pôs-lhe a fumegante chávena na mão. – Não vai mudar nada. Quando chegares ao hospital, ambas sabemos que a única coisa que vais fazer é esperar. A única coisa que é importante para o Jared é estares lá quando ele acordar, e isso só vai acontecer daqui a várias horas. Por isso, para alguns minutos antes de saíres. – Sentou-se numa das cadeiras da cozinha e apontou para o lugar ao seu lado. – Bebe um café e come alguma coisa.

– Não consigo tomar o pequeno-almoço enquanto o meu filho está a ser operado! – argumentou Amanda.

– Eu sei que estás preocupada – declarou Evelyn num tom surpreendentemente meigo. – Eu também estou preocupada. Mas, como tua mãe, também me preocupo contigo porque sei que o resto da família depende de ti. Ambas sabemos que funcionas muito melhor depois de comeres e beberes um café.

Amanda hesitou e levou a chávena aos lábios. *Estava bom.*

– Achas mesmo que não faz mal? – perguntou, franzindo a testa na dúvida quando se sentou ao lado da mãe à mesa da cozinha.

– Claro que não. Tens um dia longo pela frente. O Jared vai precisar que sejas forte quando te vir.

Amanda apertou a chávena com força.

– Estou assustada – reconheceu.

Para seu espanto, a mãe esticou-se e cobriu-lhe as mãos com as suas.

– Eu sei. Eu também.

Amanda fixou o olhar nas mãos ainda entrelaçadas à volta da chávena, rodeadas e apoiadas pelas minúsculas mãos muito bem arranjadas da mãe.

– Obrigada por teres vindo.

Evelyn permitiu-se um pequeno sorriso.

– Não tive outra alternativa – disse. – És minha filha e precisavas de mim.



Amanda e a mãe foram no mesmo carro para o hospital e encontraram o resto da família na sala de espera. Annette e Lynn correram para lhe dar um abraço e enterraram os rostos no seu pescoço. Frank limitou-se a acenar com a cabeça e a balbuciar um cumprimento. Pressentindo imediatamente a tensão entre eles, a mãe dela saiu com Lynn e Annette para irem almoçar cedo.

Quando ficaram a sós, Frank voltou-se para ela.

– Lamento muito – disse ele. – Por tudo.

Amanda olhou para ele.

– Eu sei.

– Sei que devia ser eu ali dentro em vez do Jared.

Amanda não falou.

– Se quiseres, posso deixar-te sozinha – disse ele para o silêncio. – Posso encontrar outro sítio para me sentar.

Amanda suspirou e abanou a cabeça.

– Não faz mal. Ele é teu filho. O teu lugar é aqui.

Frank engoliu em seco.

– Deixei de beber, se isso significar alguma coisa. Desta vez é a sério. Nunca mais.

Amanda acenou com a mão para o calar.

– Não digas nada... está bem? Não quero falar sobre isso agora. Não é o momento nem o lugar certo e só vai acabar por me deixar ainda mais zangada do que já estou. Já ouvi essa conversa antes e neste momento tenho outras preocupações muito maiores.

Frank acenou com a cabeça. Afastou-se e voltou para o seu lugar. Amanda sentou-se numa cadeira encostada à parede oposta e nenhum deles disse mais nada até Evelyn voltar com Lynn e Annette.

✧

Pouco depois do meio-dia, o Dr. Mills entrou na sala de espera e todos se levantaram. Amanda observou-o, à espera do pior, mas os seus receios foram quase imediatamente afastados pelo ar exausto, mas satisfeito, do médico.

– A cirurgia correu bem – começou ele, antes de lhes descrever os passos do procedimento.

Quando terminou, Annette puxou-lhe a manga.

– O Jared vai ficar bom?

– Vai – respondeu o médico com um sorriso. Estendeu a mão para lhe tocar na cabeça. – O teu irmão vai ficar bem.

– Quando podemos vê-lo? – perguntou Amanda.

– Neste momento, ele está no recobro, mas talvez dentro de algumas horas.

– Ele vai estar acordado nessa altura?

– Sim – respondeu o Dr. Mills. – Vai estar acordado.

✧

Quando a família foi informada de que podiam entrar para ver Jared, Frank abanou a cabeça.

– Vai tu – disse para Amanda. – Nós esperamos. Vamos vê-lo depois quando tu saíres.

Amanda seguiu a enfermeira até à sala de recobro. O Dr. Mills esperava-a mais adiante.

– Ele está acordado. – Acenou com a cabeça e começou a caminhar ao seu lado. – No entanto quero avisá-la de que ele fez muitas perguntas e não recebeu muito bem a notícia. Só lhe peço que faça tudo o que puder para não o perturbar.

– O que devo dizer?

– Fale apenas com ele – respondeu o médico. – A senhora saberá o que dizer. É a mãe dele.

À entrada da sala do recobro, Amanda inspirou fundo e o Dr. Mills abriu-lhe a porta. Ela entrou na sala muito iluminada e avistou logo o filho numa cama com as cortinas abertas.

Jared estava pálido como um fantasma e as bochechas continuavam encovadas, mas rodou a cabeça para um lado e um breve sorriso iluminou-lhe o rosto.

– Olá, mãe – sussurrou, com as palavras ainda indistintas devido aos efeitos da anestesia.

Amanda tocou-lhe no braço com cuidado para não mexer nos inúmeros fios, tiras de adesivo e instrumentos que estavam ligados ao corpo dele.

– Olá, querido. Como te sentes?

– Cansado – murmurou ele. – Dorido.

– Eu sei – disse ela. Afastou-lhe o cabelo da testa antes de se sentar na dura cadeira de plástico ao seu lado. – E provavelmente vais ficar dorido durante algum tempo. Mas não tens de ficar aqui muito tempo. Só uma semana, mais coisa menos coisa.

Jared pestanejou e as pálpebras mexeram-se devagar. Como costumava fazer quando era pequeno antes de ela apagar a luz à hora de dormir.

– Tenho um coração novo – disse ele. – O médico disse que não havia outra alternativa.

– Sim – disse ela.

– E o que quer isso dizer? – O seu braço estremeceu, agitado. – Que vou ter uma vida normal?

– Claro que sim – respondeu ela a tentar acalmá-lo.

– Eles tiraram-me o *coração*, mãe. – Apertou o lençol com as mãos. – Disseram-me que vou ter de tomar medicação até ao fim da vida.

As suas feições juvenis encheram-se de confusão e apreensão. Percebia que o seu futuro fora irrevogavelmente alterado e, embora Amanda desejasse protegê-lo dessa nova realidade, sabia que não podia fazer nada.

– Sim – confirmou com um olhar firme. – Fizeste um transplante cardíaco. E sim, vais tomar medicamentos para sempre. Mas isso também significa que estás vivo.

– Durante quanto tempo? Nem os médicos são capazes de me dizer.

– E achas que isso é importante neste momento?

– Claro que é importante – retorquiu Jared com brusquidão. – Disseram-me que um transplante dura, em média, entre quinze a vinte anos. E que depois é possível que precise de outro coração.

– Nesse caso, arranjas outro. E entretanto vais viver e depois disso viverás ainda mais anos. Como toda a gente.

– Não percebes o que estou a tentar dizer. – Jared voltou o rosto para a parede do outro lado da cama.

Amanda viu a sua reação e tentou encontrar as palavras certas para chegar a ele, para o ajudar a aceitar aquele novo mundo para o qual tinha despertado.

– Enquanto esperava no hospital nestes últimos dois dias, sabes no que pensava? – começou. – Pensava em como havia tantas coisas que ainda não fizeste, coisas que ainda não experimentaste. A satisfação de terminares o curso, a emoção de comprares uma casa, o entusiasmo de conseguires o emprego perfeito, conheceres a mulher dos

teus sonhos e apaixonares-te.

Jared não deu mostras de a ter ouvido, mas Amanda percebeu pela sua atenção silenciosa que estava a escutá-la.

– Continuarás a poder fazer todas essas coisas – continuou. – Vais cometer erros e ter problemas como toda a gente, mas quando estiveres com a pessoa certa sentirás uma alegria quase perfeita, como se fosses a pessoa mais afortunada que já viveu. – Estendeu a mão para lhe tocar no braço. – E, no fim de contas, um transplante cardíaco não tem nada a ver com nenhuma destas coisas. Porque continuas vivo. E isso significa que vais amar e ser amado... e, no fundo, é a única coisa que importa verdadeiramente.

Jared manteve-se deitado sem se mexer durante tanto tempo que Amanda pensou que ele adormecera devido ao cansaço do pós-operatório. Depois, virou-se lentamente para ela.

– Acreditas em tudo o que me disseste? – perguntou em voz hesitante.

Pela primeira vez desde que soubera do acidente, Amanda pensou em Dawson Cole. Aproximou-se mais do filho.

– Em todas as palavras.



Morgan Tanner estava parado na oficina de Tuck, com as mãos juntas à frente do corpo enquanto examinava os destroços do que fora o *Stingray*. Fez uma careta, a pensar que o proprietário não ia ficar satisfeito.

Os danos eram sem dúvida recentes. Havia uma alavanca para desmontar pneus espetada num painel que fora parcialmente arrancado da estrutura e tinha a certeza de que nem Dawson nem Amanda o teriam deixado assim, se tivessem visto. Também não podiam ser responsáveis pela cadeira que fora atirada pela janela para o alpendre. Tudo aquilo devia ser obra de Ted e Abbee Cole.

Embora não tivesse nascido em Oriental, adaptara-se aos ritmos da cidade. Ao longo do tempo tinha aprendido que, se prestasse atenção suficiente no Irvin's, podia aprender bastante sobre a história daquela parte do mundo e das pessoas que ali viviam. Claro que, num lugar como o Irvin's, era preciso dar algum desconto ao que se ouvia. Rumores, coscuvilhices e insinuações eram tão comuns como a verdade. Ainda assim, sabia mais sobre a família Cole do que a maior parte das pessoas esperaria. Incluindo bastantes coisas acerca de Dawson.

Depois de Tuck lhe ter falado sobre os seus planos para Dawson e Amanda, Tanner ficara suficientemente preocupado com a sua própria segurança para descobrir tudo o que fosse possível a respeito dos Cole. Apesar de Tuck lhe ter dado garantias quanto ao caráter de Dawson, Tanner tinha-se dado ao trabalho de falar com o xerife que o prendera, bem como com o advogado do Ministério Público e com o advogado de defesa. A comunidade jurídica do condado de Pamlico era pequena e foi muito fácil pôr os colegas a falar sobre um dos crimes mais famosos de Oriental.

Tanto o advogado do Ministério Público como o advogado de defesa acreditavam que havia outro veículo na estrada naquela noite e que Dawson tinha guinado para a

berma para o evitar. No entanto, como o xerife e o juiz da época eram amigos da família de Marilyn Bonner, não tinham podido fazer grande coisa. Aquilo foi o suficiente para fazer Tanner revoltar-se com as realidades da justiça de uma cidade pequena. Depois disso, falou com o diretor reformado da prisão de Halifax, que o informou que Dawson tinha sido um recluso exemplar. Também telefonou para alguns antigos patrões de Dawson no Luisiana, para confirmar se o seu carácter era sólido e fiável. Só então aceitou ajudar Tuck.

Agora, para além de finalizar os pormenores em relação aos bens de Tuck – e de resolver o problema do *Stingray* –, o seu papel em tudo aquilo estava terminado. Tendo em conta tudo o que acontecera, incluindo as detenções de Ted e Abbee Cole, sentia-se com sorte por o seu nome não ter sido arrastado para nenhuma das conversas que ouvira no Irvin's. E, como bom advogado que era, não contara nada.

Mesmo assim, aquela situação perturbava-o mais profundamente do que deixava transparecer. Chegara ao ponto de fazer alguns telefonemas pouco ortodoxos nos últimos dois dias, que o fizeram sair totalmente da sua zona de conforto.

Afastou-se do carro e observou a bancada à procura da ordem de serviço, esperançado de que incluísse o número de telefone do proprietário do *Stingray*. Encontrou-a no bloco de notas e uma leitura rápida proporcionou-lhe todas as informações de que necessitava. Estava a pousá-lo na mesa de trabalho quando reparou numa coisa que reconheceu.

Pegou nela, sabendo que já a tinha visto, e examinou-a durante alguns instantes. Ponderou nas implicações antes de tirar o telemóvel do bolso. Percorreu a lista de contactos até encontrar o número que pretendia e ligou.

Do outro lado, o telemóvel começou a tocar.

✦

Amanda tinha passado a maior parte dos últimos dois dias no hospital com Jared e estava com muita vontade de dormir na sua cama nessa noite. Não só a cadeira ao lado da cama era extremamente desconfortável, como o próprio Jared tinha insistido para que fosse para casa.

– Preciso de ficar algum tempo sozinho – dissera-lhe.

Sentada no pequeno jardim a apanhar um pouco de ar fresco, Amanda pensou com grande alívio que Jared estava no quarto a falar pela primeira vez com a psicóloga. Sabia que ele estava a fazer excelentes progressos a nível físico. Porém, a nível emocional era outra questão. Embora quisesse convencer-se de que a sua conversa com ele tinha aberto pelo menos uma fenda para uma nova maneira de ver o seu estado, a verdade era que Jared continuava a sofrer porque sentia que lhe tinham sido roubados anos de vida. Queria o que tinha antes, um corpo perfeitamente saudável e um futuro relativamente descomplicado, mas isso já não era possível. Estava a tomar imunossuppressores para que o organismo não rejeitasse o novo coração e, como o tornavam vulnerável a infeções, também tomava grandes doses de antibióticos. Além disso, fora-lhe receitado um diurético para prevenir a retenção de líquidos. E, apesar de ter alta na semana seguinte, teria de ir a consultas regulares em ambulatório para monitorização da evolução durante pelo menos um ano. Também ia fazer fisioterapia e

disseram-lhe que teria de seguir uma dieta restritiva. Tudo isso para além de ter sessões semanais com a psicóloga.

O futuro próximo seria difícil para toda a família, mas onde antes houvera apenas desespero agora Amanda sentia esperança. Jared era mais forte do que pensava. Demoraria algum tempo, mas acabaria por encontrar uma forma de superar tudo aquilo. Naqueles últimos dois dias houvera momentos em que notara nele sinais da sua força, ainda que ele próprio não tivesse consciência disso. E Amanda sabia que a psicóloga também o ajudaria.

Frank e a mãe traziam Annette ao hospital e levavam-na para casa; Lynn vinha no seu carro. Amanda sabia que não estava a passar tanto tempo como devia com as filhas. Também estava a ser difícil para elas, mas o que podia fazer?

Decidiu que nessa noite iria buscar uma pizza quando fosse para casa. E depois talvez vissem um filme juntas. Não era muito, mas naquele momento era o que podia fazer. Quando Jared saísse do hospital, as coisas começariam a voltar à normalidade. Ocorreu-lhe que devia ligar à mãe para lhe falar sobre os seus planos...

Procurou o telemóvel na carteira e viu um número que não conhecia no visor. O ícone da caixa de mensagens também estava a piscar.

Intrigada, ativou a caixa de mensagens de voz e ouviu a voz lenta e arrastada de Morgan Tanner a pedir-lhe que lhe ligasse quando pudesse.

Amanda marcou o número. Tanner atendeu quase imediatamente.

– Obrigado por ligar – disse com a mesma formalidade cordial que manifestara quando ela e Dawson se tinham reunido com ele. – Antes de mais, queria dizer-lhe que lamento muito estar a telefonar num momento tão difícil para si.

Amanda pestanejou, confusa, sem fazer ideia de como teria ele sabido.

– Obrigada... mas o Jared está muito melhor. Estamos todos muito aliviados.

Tanner manteve-se calado, como se estivesse a tentar interpretar o que ela dissera.

– Bem, nesse caso... só liguei porque fui a casa do Tuck esta manhã cedo e enquanto estava a examinar o carro...

– Oh, é verdade – interrompeu-o Amanda. – Tencionava ligar-lhe por causa disso. O Dawson acabou por terminar a reparação antes de se ir embora. Deve estar pronto para ser entregue.

Mais uma vez, Tanner hesitou alguns segundos antes de continuar.

– O que eu queria dizer-lhe é que encontrei a carta que o Tuck escreveu para o Dawson – continuou. – Ele deve ter-se esquecido dela lá e eu não tinha a certeza se queria que eu lha enviasse, Amanda.

Amanda passou o telemóvel para o outro ouvido, sem perceber porque razão Tanner estava a ligar-lhe.

– Era do Dawson – disse. – Se calhar devia enviar-lha e ele, não?

Ouviu-o expirar.

– Presumo que ainda não sabe o que aconteceu? – perguntou ele numa voz arrastada. – No domingo à noite? No Tidewater?

– O que aconteceu? – perguntou Amanda com a testa franzida, agora muito confusa.

– Detesto ter de lhe dizer isso ao telefone. Será que pode vir ao meu escritório esta noite? Ou amanhã de manhã?

– Não – respondeu ela. – Já estou em Durham. O que se passa? O que aconteceu?
– Acho mesmo que isto devia ser feito pessoalmente.
– Não vai ser possível – replicou ela com alguma impaciência. – Diga-me o que se passa. O que aconteceu no Tidewater? E porque é que não pode enviar a carta para o Dawson?

Tanner hesitou antes de pigarrear.

– Houve uma... alteração no bar. Ficou praticamente tudo destruído e foram disparados inúmeros tiros. O Ted e o Abbee Cole foram presos e um jovem chamado Alan Bonner ficou ferido com gravidade. O Bonner ainda está no hospital, mas segundo sei vai ficar bem.

Ouvir aqueles nomes, um após outro, fez com que o sangue lhe latejasse nas têmporas. Claro que sabia qual era o nome que os ligava todos. A sua voz soou quase num sussurro.

– O Dawson estava lá?

– Estava – disse Morgan Tanner.

– O que aconteceu?

– Pelo que consegui apurar, o Ted e o Abbee Cole estavam a espancar o Alan Bonner quando o Dawson entrou de repente no bar. Nesse momento, o Ted e o Abbee Cole atiraram-se a ele. – Tanner fez uma pausa. – Como deve compreender, o relatório final da polícia ainda não foi divulgado...

– O Dawson está bem? – perguntou ela. – Só quero saber isso,

Ouviu Tanner respirar do outro lado.

– O Dawson estava a ajudar o Alan Bonner a sair do bar quando o Ted conseguiu disparar os últimos tiros. O Dawson foi alvejado.

Amanda sentiu todos os músculos do corpo ficarem tensos e preparou-se para o que sabia que ele ia dizer. Aquelas palavras, como tantas outras naqueles últimos dias, pareciam impossíveis de compreender.

– Foi... alvejado na cabeça. Não teve qualquer hipótese, Amanda. Estava em morte cerebral quando chegou ao hospital.

Enquanto Tanner falava, Amanda perdeu a força na mão que segurava o telemóvel e o aparelho caiu ruidosamente no chão. Ficou a olhar para ele, caído na gravilha, até se baixar por fim e desligar a chamada.

O Dawson. O Dawson não. Ele não podia estar morto.

No entanto, na sua cabeça ouviu de novo o que Tanner lhe dissera. Dawson tinha ido ao Tidewater. Ted e Abbee estavam lá. Ele salvara Alan Bonner e agora estava morto.

Uma vida por outra vida, pensou. A cruel brincadeira de Deus.

De repente viu-se com Dawson a passear de mãos dadas num campo de flores silvestres. E, quando as lágrimas vieram por fim, chorou por ele e por todos os dias que nunca viveriam juntos. Até ao dia em que, como Tuck e Clara, as suas cinzas talvez se encontrassem num campo cheio de sol, longe do caminho batido das vidas comuns.

Epílogo



Dois anos mais tarde

Amanda colocou dois tabuleiros de lasanha no frigorífico antes de espreitar para o forno para ver como estava o bolo. Embora Jared só completasse vinte e um anos dali a dois meses, para ela o dia 23 de junho passara a ser uma espécie de segundo aniversário do filho. Nesse mesmo dia, dois anos antes, Jared tinha recebido um coração novo; nesse dia, fora-lhe dada uma segunda vida. Se isso não era digno de uma comemoração, não sabia o que seria.

Estava sozinha em casa. Frank estava a trabalhar, Annette ainda não voltara para casa depois de passar a noite em casa de uma amiga e Lynn estava ocupada com o seu emprego de verão na *Gap*. Entretanto, Jared tinha planeado passar um dos últimos dias livres antes de começar um estágio numa empresa de gestão de capitais a jogar *softball* com um grupo de amigos. Amanda avisara-o de que ia estar calor e obrigou-o a prometer que beberia muita água.

– Eu vou ter cuidado – garantiu-lhe Jared antes de sair para o campo de *softball*. Agora, talvez por estar a ficar adulto ou talvez devido a tudo o que acontecera, Jared parecia compreender que a preocupação fazia parte da maternidade.

No entanto, nem sempre fora tão tolerante. Depois do acidente, tudo parecia irritá-lo. Se ela o olhava com uma expressão preocupada, dizia-lhe que estava a sufocá-lo, e se tentava começar uma conversa, respondia-lhe muitas vezes com brusquidão. Amanda compreendia as razões subjacentes àquele mau humor. A convalescença era dolorosa e os medicamentos faziam-no sentir-se muitas vezes nauseado. Os músculos, que em tempos tinham sido fortes, começaram a atrofiar apesar da fisioterapia, intensificando ainda mais a sensação de impotência. A recuperação foi complicada pelo facto de que, ao contrário de muitos doentes transplantados que esperavam e

desejavam uma possibilidade de acrescentar mais anos às suas vidas, Jared não conseguia evitar a sensação de que lhe tinham roubado anos de vida. Por vezes, era verbalmente agressivo com os amigos que o vinham visitar, e Melody, a miúda em quem estava tão interessado naquele fatídico fim de semana, informou-o algumas semanas depois do acidente de que namorava com outro. Visivelmente deprimido, Jared decidira interromper os estudos durante um ano.

Era um caminho longo e por vezes desencorajador, mas com a ajuda da psicóloga Jared começou a recuperar a pouco e pouco. A psicóloga também sugeriu que Frank e Amanda se reunissem regularmente com ela para conversarem sobre as dificuldades do filho e para encontrarem estratégias para reagir e o apoiar. Tendo em conta o estado do seu casamento, por vezes era difícil esquecerem os conflitos pessoais para proporcionarem a Jared a segurança e o encorajamento de que ele necessitava, mas, no fim, o amor pelo filho foi mais forte do que tudo o resto. Fizeram o que estava ao seu alcance para o apoiar durante períodos de tristeza, mágoa e raiva, até ele chegar a um ponto em que começou a aceitar por fim as suas novas circunstâncias.

No início do verão anterior matriculara-se num curso de economia no instituto politécnico local e, para grande orgulho e alívio de Amanda e Frank, pouco tempo depois anunciou que decidira voltar para a universidade de Davidson no outono. Mais tarde nessa mesma semana, comentou inesperadamente durante o jantar que lera sobre um homem que vivera trinta e um anos depois de um transplante cardíaco. Como havia progressos na medicina todos os anos, pensava que talvez conseguisse viver mais tempo ainda.

Assim que voltou para a universidade, o seu ânimo continuou a melhorar. Depois de se aconselhar com os médicos, começou a correr e aumentou gradualmente a distância até aos dez quilómetros por dia. Começou a ir ao ginásio três a quatro vezes por semana e, a pouco e pouco, foi recuperando o físico que tinha antes. Fascinado com o curso que fizera no verão, decidiu concentrar-se na área da economia quando voltou para a Davidson. Algumas semanas depois de voltar às aulas conheceu outra futura economista, uma rapariga chamada Lauren. Apaixonaram-se loucamente e até começaram a falar em casamento quando se licenciassem. Nas duas últimas semanas ambos tinham participado numa missão ao Haiti organizada pela igreja que ela frequentava.

Para além de tomar escrupulosamente a medicação e não consumir bebidas alcoólicas, Jared fazia a vida de um jovem de vinte e um anos. Ainda assim, não ficava melindrado com o desejo da mãe de fazer um bolo para comemorar o transplante. Passados dois anos, tinha chegado a um ponto em que, apesar de tudo, se considerava uma pessoa com sorte.

Contudo, recentemente Jared tivera uma ideia à qual Amanda ainda não sabia como reagir. Algumas noites antes, quando ela estava a colocar a loiça na máquina, o filho fora ter com ela à cozinha e encostara-se à bancada.

– Então, mãe? No outono vais fazer aquela coisa de beneficência para a Duke?

Jared sempre se referira aos almoços de angariação de fundos como *coisas*. Por motivos óbvios, desde o acidente que ela deixara de organizar aquele evento e também não voltara a fazer trabalho de voluntariado no hospital. Acenou com a cabeça para responder à pergunta do filho.

- Sim. Convidaram-me para voltar a ser presidente.
 - Porque nos últimos dois anos sem ti estragaram tudo, não foi? Foi o que a mãe da Lauren disse.
 - Não estragaram nada. Só não correu tão bem como tinham planeado.
 - Fico contente por voltares a fazer isso. Por causa da Bea, quero dizer.
- Amanda sorriu.
- Eu também.
 - E o hospital também agradece, não é? Porque vais angariar dinheiro?
- Amanda pegou num pano e limpou as mãos enquanto observava o filho.
- A que se deve esse interesse repentino?
- Jared coçou distraidamente a cicatriz no peito por baixo da *T-shirt*.
- Tinha esperança de que pudesses usar os teus contactos no hospital para descobrir uma coisa – disse. – É uma coisa em que tenho andado a pensar.

Com o bolo a arrefecer na bancada, Amanda saiu para o pátio das traseiras e inspecionou o relvado. Apesar dos aspersores de rega automática que Frank mandara instalar no ano anterior, a relva estava a morrer nos sítios onde as raízes tinham murchado. Antes de sair para o consultório nessa manhã, Amanda vira-o debruçado sobre uma das manchas castanhas com o semblante carregado. Nos últimos dois anos, Frank tornara-se fanático pelo relvado. Ao contrário da maior parte dos vizinhos, insistia em ser ele a cortar a relva, dizendo a quem lhe perguntava que o ajudava a relaxar depois de um dia de trabalho no consultório a tratar cáries e a colocar implantes. Apesar de ela pensar que havia alguma verdade naquelas palavras, também havia algo de compulsivo nos seus hábitos. Chovesse ou fizesse sol, Frank cortava a relva dia sim dia não, fazendo um padrão de xadrez no relvado.

Apesar de estar cética no início, Frank nunca mais bebera cerveja ou vinho desde o dia do acidente. No hospital jurara que ia parar de vez e tinha de lhe reconhecer o mérito de ter cumprido a promessa. Passados dois anos, Amanda já não esperava que ele voltasse aos velhos hábitos a qualquer momento e era uma grande parte da razão por que as coisas entre ambos tinham melhorado. Não era de forma alguma uma relação perfeita, mas também não era tão terrível como fora. Nos dias e semanas a seguir ao acidente, discutiam quase todas as noites. Dor, culpa e raiva tornavam as palavras cortantes como lâminas e eles ofendiam-se com frequência. Frank dormiu no quarto de hóspedes durante meses, e de manhã os olhares de ambos raramente se cruzavam.

Por mais difíceis que esses meses tivessem sido, Amanda nunca conseguiu dar o último passo e pedir o divórcio. Dada a fragilidade do estado emocional do filho, não conseguia imaginar-se a traumatizá-lo ainda mais. O que não percebia era que a sua decisão de manter a família não estava a surtir o efeito pretendido. Alguns meses depois de Jared voltar do hospital, Frank estava a conversar com ele na sala de estar quando ela entrou. Como era hábito naquela altura, Frank levantou-se e saíra da sala. Jared ficou a vê-lo sair antes de se voltar para a mãe.

- A culpa não foi dele – disse. – Era eu que ia a conduzir.

– Eu sei.

– Então, para de o culpar – replicou ele.

Ironicamente, tinha sido a psicóloga de Jared a convencer Amanda e Frank a procurarem aconselhamento para a sua conturbada relação. Declarou que a tensão em casa estava a afetar a recuperação de Jared e que, se se preocupavam verdadeiramente com o filho, tinham de considerar a hipótese de fazer terapia de casais. Sem um ambiente familiar estável, seria difícil para Jared aceitar e ultrapassar as suas novas circunstâncias.

Amanda e Frank foram em carros separados para a primeira sessão com o conselheiro matrimonial que lhes tinha sido recomendado pela psicóloga de Jared. A primeira sessão degenerou no tipo de discussão que tinham há meses. Na segunda sessão, conseguiram conversar sem levantar a voz. E, por insistência suave, mas firme, do conselheiro matrimonial, Frank começou a frequentar reuniões dos Alcoólicos Anónimos, para grande alívio de Amanda. No início ia cinco noites por semana, mas ultimamente passara a ir apenas uma vez e há três meses tornara-se padrinho de outro membro. Tomava o pequeno-almoço regularmente com um banqueiro de trinta e quatro anos, recém-divorciado, que ao contrário de Frank não conseguira manter-se sóbrio. Até esse momento, Amanda não quisera acreditar que o marido seria bem sucedido a longo prazo.

Não havia dúvida de que Jared e as miúdas tinham beneficiado da melhoria da atmosfera em casa. Recentemente, até houvera momentos em que Amanda pensara que era um recomeço para si e Frank. Agora, quando conversavam, o passado raramente era a questão central. De vez em quando, até conseguiam rir-se na companhia um do outro. Saíam juntos todas as sextas-feiras – outra recomendação do conselheiro matrimonial – e, apesar de por vezes ainda parecer forçado, sabiam que era importante. Em muitos aspetos, estavam a conhecer-se de novo pela primeira vez em anos.

Havia algo de gratificante nisso, mas Amanda tinha consciência de que o seu casamento nunca seria apaixonado. Frank não era, e nunca fora, dado a manifestações românticas, e isso não a incomodava. Afinal de contas, conhecera o tipo de amor pelo qual valia a pena arriscar tudo, o tipo de amor que era tão raro como um vislumbre do paraíso.



Dois anos. Tinham-se passado dois anos desde aquele fim de semana com Dawson Cole, dois longos anos desde o dia em que Morgan Tanner lhe telefonara e lhe dissera que ele tinha morrido.

Amanda guardou as cartas, juntamente com a fotografia de Tuck e Clara e o trevo de quatro folhas, no fundo da gaveta dos pijamas, um sítio onde Frank nunca mexeria. Quando a dor da perda era especialmente forte, tirava tudo da gaveta. Relia as cartas e rodava o trevo de quatro folhas entre os dedos, perguntando a si mesma quem teriam sido eles verdadeiramente um para o outro naquele fim de semana. Estavam apaixonados, mas não tinham sido amantes; eram amigos e ao mesmo tempo também eram dois desconhecidos depois de tantos anos sem se verem. Porém, a paixão era real, tão inegável como o chão que pisava.

No ano anterior, dois dias depois do aniversário do falecimento de Dawson, fora a Oriental. Entrara no cemitério da cidade e dirigira-se para o fundo, onde um pequeno outeiro estava voltado para um aglomerado de frondosas árvores. Era ali que Dawson estava enterrado, longe dos Cole e ainda mais longe dos talhões dos Bennett e dos Collier. Parada junto da singela lápide, a contemplar os lírios que alguém deixara ali há pouco, imaginou que, se por ironia do destino fosse enterrada no talhão dos Collier, as suas almas acabariam por se encontrar – como se tinham encontrado em vida, não uma, mas duas vezes.

Antes de sair, fez um desvio para prestar homenagem em nome de Dawson no túmulo do Dr. Bonner. E foi ali, diante da lápide, que viu um ramo de lírios idênticos. Pensou que só podia ter sido Marilyn Bonner a pôr as flores nas duas campas, por causa do que Dawson fizera por Alan, e esse pensamento encheu-lhe os olhos de lágrimas enquanto voltava para o carro.

A passagem do tempo nada fizera para atenuar as memórias de Dawson. Quando muito, os seus sentimentos por ele tinham-se intensificado. Estranhamente, o seu amor dera-lhe a determinação de que necessitava para ultrapassar as dificuldades daqueles últimos dois anos.

Agora, sentada no alpendre com o sol do fim da tarde a passar por entre as árvores, fechou os olhos e enviou-lhe uma mensagem silenciosa. Recordou o seu sorriso e o toque da sua mão na dela, recordou o fim de semana que tinham passado juntos e soube que no dia seguinte recordaria aquilo de novo. Esquecê-lo, a ele ou qualquer pormenor daquele fim de semana que tinham passado juntos, seria uma traição, e se havia uma coisa que Dawson merecia era lealdade – o mesmo tipo de lealdade que lhe manifestara durante os anos que tinham estado longe um do outro. Ela amara-o uma vez e voltara a amá-lo, e nada alguma vez mudaria o que sentia. Afinal de contas, Dawson renovara a sua vida de uma maneira que ela nunca teria imaginado possível.

Amanda colocou a lasanha no forno e estava a temperar a salada quando Annette chegou a casa. Frank entrou alguns minutos depois, deu-lhe um beijo fugaz e contou-lhe as novidades do dia antes de ir mudar de roupa. A tagarelar sem parar sobre a festa em casa da amiga, Annette pôs a cobertura no bolo.

Jared entrou a seguir, com três amigos a reboque. Depois de beber um copo com água, foi tomar um duche enquanto os amigos se instalavam no sofá da sala a jogar videojogos.

Lynn chegou meia hora mais tarde e Amanda ficou surpreendida quando ela entrou com duas amigas. Os rapazes migraram logo para a cozinha e começaram a conversar com as amigas de Lynn, perguntando-lhes o que iam fazer mais tarde e insinuando que não se importariam de as acompanhar. Annette abraçou o pai, que entrara na cozinha, e suplicou-lhe que fosse com ver um filme de adolescentes com ela. Frank estava a beber a sua *Diet Snapple* e disse-lhe em tom de provocação que veriam um filme com tiros e explosões, o que lhe arrancou pequenos guinchos de protesto.

Amanda olhou para o que se passava à sua volta como um observador casual, com um sorriso divertido a iluminar-lhe rosto. Não era propriamente uma raridade reunir a

família toda ao jantar, mas também não era muito comum. O facto de estarem mais pessoas não a incomodou. O jantar seria ainda mais animado para todos.

Serviu-se de um copo de vinho e saiu para o pátio das traseiras, onde parou a observar um par de cardeais que saltitavam de ramo em ramo.

– Vens? – chamou Frank da porta. – Os nativos estão a ficar inquietos.

– Vai andando e diz-lhes para se servirem – disse ela. – Dá-me um minuto.

– Queres que te sirva um prato?

– Boa ideia – respondeu Amanda, acenando com a cabeça. – Obrigada. Mas deixa os miúdos servirem-se primeiro.

Frank afastou-se da porta e pela janela Amanda viu-o juntar-se ao resto do grupo na sala de jantar.

A porta abriu-se de novo atrás de si.

– Estás bem, mãe?

O som da voz de Jared fê-la voltar ao presente e virou-se.

– Estou ótima.

Jared saiu para o alpendre, fechando a porta devagar.

– Tens a certeza? – perguntou. – Pareces preocupada com alguma coisa.

– Só estou cansada – tranquilizou-o ela, esboçando um sorriso convincente. –

Onde está a Lauren?

– Chega daqui a pouco. Quis ir a casa tomar um duche.

– Ela divertiu-se?

– Acho que sim. Pelo menos, acertou na bola. Ficou muito entusiasmada.

Amanda olhou para ele, percorrendo a linha dos ombros, o pescoço, a curva do rosto, ainda capaz de ver a sua imagem quando ele era uma criança.

Jared hesitou.

– A propósito... queria perguntar-te se sempre podes ajudar-me. Na outra noite não chegaste a responder-me. – Com a biqueira, raspou uma marca minúscula no alpendre.

– Quero mandar uma carta à família. Para lhes agradecer. Eu não estaria aqui se não fosse aquele dador.

Amanda baixou os olhos para o chão, a lembrar-se da pergunta que o filho lhe fizera algumas noites antes.

– É natural queres descobrir quem te doou o coração – disse por fim, escolhendo as palavras com cuidado. – Mas há bons motivos para o processo ser anónimo.

Havia verdade nas suas palavras, mas não era a verdade toda.

– Oh. – Os ombros de Jared descaíram. – Mas já esperava essa resposta – afirmou. – Só me disseram que ele tinha quarenta e dois anos quando morreu. Eu só queria... descobrir mais sobre que tipo de pessoa ele era.

Eu podia dizer-te mais, pensou Amanda. *Muito mais.* Desconfiara da verdade quando Morgan Tanner lhe telefonara e fizera algumas chamadas para confirmar as suas suspeitas. Segundo soube, Dawson tinha sido desligado das máquinas no Centro Médico Regional da Carolina Oriental a meio da noite de segunda-feira. Como era dador de órgãos, tinham-no mantido vivo mesmo depois de os médicos terem declarado que o seu estado era irreversível.

Amanda sabia que Dawson salvara a vida de Alan – mas também acabara por salvar a vida de Jared. E para ela isso significava... tudo. *Dei-te o melhor de mim,*

dissera-lhe ele certa vez, e sempre que o coração do filho batia Amanda sabia que fora precisamente o que Dawson fizera.

– Que tal um abraço rápido – disse ela – antes de entrarmos?

Jared revirou os olhos, mas abriu os braços.

– Amo-te, mãe – murmurou, apertando-a contra si.

Amanda fechou os olhos e sentiu o ritmo regular no peito do filho.

– Eu também te amo.

Agradecimentos

Alguns romances representam um desafio maior do que outros e *Dei-te o Melhor de Mim* enquadra-se nessa categoria. Foi um romance difícil de escrever – não vos aborrecerei com pormenores –, e sem o apoio das pessoas que menciono a seguir é provável que ainda não estivesse terminado. Assim, sem mais demora, quero agradecer.

À Cathy, a minha mulher: quando nos conhecemos foi *Amor à Primeira Vista* e nada mudou ao longo dos anos em que estamos juntos. És a melhor, e considero-me sempre um homem de sorte por poder chamar-te minha mulher.

Ao Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah: vocês trazem alegria à minha vida e orgulho-me de todos. Como meus filhos, são, e serão sempre, *O Melhor de Mim*.

À Theresa Park, a minha agente: depois de terminar o primeiro esboço do romance, fiz *Uma Promessa para Toda a Vida* e mereces a minha gratidão não apenas por tudo o que fizeste para me ajudar a melhorar o romance, mas também pela tua paciência enquanto tentava terminá-lo. Tenho a sorte de te ter como agente. Obrigado.

À Jamie Raab, a minha editora: com *Corações em Silêncio*, fizeste, como sempre, um trabalho surpreendente neste livro e as tuas sugestões foram «certeiras». És uma editora fabulosa e uma pessoa maravilhosa. Obrigado.

Ao Howard Sanders e à Keya Khayatian, os meus agentes cinematográficos: para mim a honra, a inteligência e a paixão constituem as bases de qualquer boa relação de trabalho e penso que *Quem Ama Acredita*. Vocês ilustram estes atributos – sempre – e estou muito grato por tudo o que têm feito. Tenho a sorte de trabalhar convosco.

À Denise DiNovi: a produtora de *As Palavras que Nunca te Direi* – e de outras adaptações cinematográficas dos meus livros, claro – e que se tornou mais do que uma relação profissional. Tu tornaste-te minha amiga e a minha vida é melhor por causa disso. Muito obrigado por tudo.

Ao Marty Bowen: fizeste um trabalho maravilhoso como produtor de *Juntos ao Luar* e agradeço não apenas o que fizeste por mim, mas também a tua amizade.

Obrigado por tudo e fico contente por voltarmos a trabalhar juntos.

Ao David Young, diretor-geral da Hachette Book Group: sem dúvida, tornaste-me *Um Homem com Sorte* e agradeço-te por tudo o que fazes. Obrigado.

À Abby Koons e à Emily Sweet, da Park Literary Group: os meus sinceros agradecimentos por todo o trabalho que fazem em meu benefício. Ambas se excedem para me ajudar e não tenho palavras para expressar a gratidão que sinto. Oh, e Emily? Parabéns pela *Alquimia do Amor*...

À Jennifer Romanello, a minha agente publicitária: *Laços que Perduram* na minha vida... *Grazie* por tudo, como sempre. És a melhor.

À Stephanie Yeager, a minha assistente: depois de trabalhares no *set* de *O Sorriso das Estrelas*, desde então tens mantido a minha vida sobre rodas. Estou-te reconhecido – e agradecido – por tudo o que fazes.

À Courtney Valenti e ao Greg Silverman, da Warner Bros.: obrigado por apostarem em mim, e neste romance, sem o lerem primeiro. Não foi uma decisão fácil, mas foi *Uma Escolha por Amor*. Acima de tudo, estou encantado por poder trabalhar mais uma vez convosco.

Ao Ryan Kavanaugh e ao Tucker Tooley, da Relativity Media, e ao Wyck Godfrey: estou incrivelmente entusiasmado com a adaptação cinematográfica de *Um Refúgio para a Vida* e quero agradecer-vos por me darem a oportunidade de voltar a trabalhar convosco. É uma honra que não esquecerei e sei que farão um trabalho maravilhoso.

Ao Adam Shankman e à Jennifer Gibgot: obrigado pelo fantástico trabalho que fizeram na versão cinematográfica de *A Melodia do Adeus*. Confiei em vós e fizeram... uma coisa que nunca esquecerei.

À Lynn Harris e ao Mark Johnson: trabalhar convosco, há tanto tempo, foi uma das melhores decisões da minha carreira. Sei que fizeram muitos, muitos filmes desde então, mas quero que saibam que vos estarei para sempre grato pela versão cinematográfica de *O Diário da Nossa Paixão*.

Ao Lorenzo DiBonaventura: obrigado pela adaptação de *Um Momento Inesquecível*. A passagem do tempo em nada diminui o meu amor por esse filme.

Ao David Park, Sharon Krassney, Flag, e toda a equipa da Grand Central Publishing e da United Talent Agency: embora tenha passado *Três Semanas com o Meu Irmão*, há já quinze anos que trabalho convosco. Obrigado por tudo!